

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

MILLYANE MAGNA MOURA MOREIRA

**Os nomes do “lado de baixo da linha do trem”:
Uma análise toponímica do
Jardim Lapena, Vila Nair e Vila União,
em São Miguel Paulista, São Paulo/SP**

(Versão corrigida)

São Paulo
2015

MILLYANE MAGNA MOURA MOREIRA

Os nomes do “lado de baixo da linha do trem”: uma análise toponímica do Jardim Lapena, Vila Nair e Vila União, em São Miguel Paulista, São Paulo/SP

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua e Portuguesa

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patricia de Jesus Carvalhinhos

São Paulo
2015

Nome: MOREIRA, Millyane Magna Moura

Título: Os nomes do “lado de baixo da linha do trem”: uma análise toponímica do Jardim Lapena, Vila Nair e Vila União, em São Miguel Paulista, São Paulo/SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais, que me levaram para São Miguel, e a todos os moradores que, como eles, amam o “lado de baixo da linha do trem”.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que me concedeu vida, inspiração e condições para realizar este trabalho e tudo o mais que vier pela frente.

À Prof.^a Dr.^a Patricia de Jesus Carvalhinhos, pela caminhada de quase dez anos em Toponímia, desde a época da graduação, passando pela concepção da ideia, elaboração do projeto e realização deste trabalho, que, com seu olhar experiente e sempre atento, tornou-se possível.

Ao Prof. Dr. Erasmo D'Almeida Magalhães e ao Prof. Dr. Júlio César Suzuki, pelos comentários e observações no Exame de Qualificação, que muito ajudaram no encaminhamento desta pesquisa.

Aos meus informantes, que gentilmente abriram as portas de suas casas e se dispuseram a colaborar neste trabalho, compartilhando comigo suas memórias sobre o bairro.

Aos funcionários do PROCEDU, que me apresentaram aos seus usuários e possibilitaram que eu entrevistasse algumas moradoras da Vila União; e às informantes que lá se voluntariaram a participar da pesquisa.

Ao Tarsílio, meu marido e companheiro de todas as horas, por todo o amor traduzido em apoio, compreensão e auxílio durante o processo de realização deste trabalho.

A meus pais, Belmiro e Marinalva, que viram além das dificuldades e limitações ao redor e sempre me incentivaram a cursar a trajetória do estudo e do conhecimento, por, neste trabalho, terem agendado e me acompanhado em algumas das entrevistas.

Ao meu irmão Jayne, pela cumplicidade da vida inteira e por todos os telefonemas atendidos ao longo desta pesquisa para tirar dúvidas sobre essa região que conhece melhor que eu.

Aos meus sogros, Marli e Ronaldo, pelo carinho e atenção com que me acompanharam ao longo desta pesquisa.

À minha equipe de trabalho nas Edições SM, Ana Álvares, Ana Spinola, Andreia Tenório, Andressa Paiva, Liliane Pedroso, Luciana Silva, Maurício Vieira, Rogério Ramos e Talita Mochiute, por toda a amizade, apoio e carinho, especialmente na fase final de realização deste trabalho.

A Maria Angélica Pereira Lau Soares, Cláudia Carvalho, Emilio Satoshi Hamaya, Gisele Reis, Jaqueline Martinho, Renata Paiva, Roberta Martins, Robson Rocha, Valéria Vaz e a todos os meus amigos e colegas das Edições SM que, ao longo desses anos, torceram para que este projeto se concretizasse.

A Heloísa Moura, Maria Eduarda, Luiz José Dias, Nicole Dias, Ana Caperuto, Lúcia Leal Ferreira, Gláucia Ueta, Hadassa e Paulo Nishihara, Samara e André Luiz Geske, Igino Martins, Rogério Liberal, Jaqueline Souza, Mariana Chagas, Karina Perugini, Denise de Assis, Allana Vianna, Elenice e Rubens Ribeiro, Naira e Jorge Pinheiro, José Januário da Silva Filho (Nino), por todo o apoio, mesmo que à distância, e pela compreensão das minhas ausências durante a realização desta pesquisa.

As lembranças que ouvimos de pessoas idosas têm assento nas pedras da cidade presentes em nossos afetos, de uma maneira bem mais entranhada do que podemos imaginar.

Ecléa Bosi

RESUMO

MOREIRA, Millyane M. Moura. **Os nomes do “lado de baixo da linha do trem”:** **uma análise toponímica do Jardim Lapena, Vila Nair e Vila União, em São Miguel Paulista, São Paulo/SP.** 2015. 242f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Nesta dissertação, estudamos topônimos referentes a bairros paulistanos de ocupação recente (menos de cinquenta anos) no distrito de São Miguel Paulista, em São Paulo/SP. Nos bairros Jardim Lapena, Vila Nair e Vila União, buscamos analisar as políticas públicas relativas à nomeação de logradouros e a forma como a comunidade a recebe, além de identificar a origem desses topônimos, tanto os oficiais quanto os paralelos. Para isso, não realizamos a análise do modo tradicional (com base nas taxionomias toponímicas), mas entrevistamos oito pessoas idosas moradoras da região desde o início de sua ocupação e analisamos os conteúdos dessas entrevistas juntamente com outras fontes, como cartografia e legislação de diferentes épocas, de acordo com a metodologia do projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro*, no qual este trabalho se insere tematicamente. Também esteve presente em nossa análise o papel das lembranças dos velhos para a recuperação da memória toponímica da cidade e a problemática da delimitação dos bairros em São Paulo. Ao término da pesquisa, pudemos observar a importância dos antigos moradores dos bairros para o resgate de topônimos espontâneos que se perderam com o tempo. Oficiais ou não em outros tempos, esses logradouros foram posteriormente nomeados pelo poder público com antropotopônimos ou com topônimos originários do Banco de Nomes da Prefeitura Municipal de São Paulo, em ambos os casos sem nenhuma consulta aos cidadãos moradores da localidade. Desse modo, os resultados dessa pesquisa apontam a urgente necessidade de se rediscutir as formas de nomeação de logradouros na cidade.

Palavras-chave: São Miguel Paulista. Toponímia urbana. Memória toponímica.

ABSTRACT

MOREIRA, Millyane M. Moura. **The names in the “side under the railway”: a toponymic analysis of Jardim Lapena, Vila Nair and Vila União, in São Miguel Paulista, São Paulo/SP.** 2015. 242f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

In this dissertation, we study toponyms in neighborhoods of recent occupation (less than fifty years) in the district of São Miguel Paulista, São Paulo. In Jardim Lapena, Vila Nair, and Vila União neighborhoods, we aimed at analysing public policies concerning official naming of public places and how the community experiences it, as well as at identifying the origins of both official and parallel toponymy. To that end, we did not perform the analysis in the traditional way (based on toponymic taxonomies), but interviewed eight elderly people who have lived in the region since the beginning of its occupation and analysed the contents of these interviews as well as other sources, such as cartography and legislation from different eras, in accordance with the project methodology *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro*, in which this work fits thematically. Our work also presented the role of the elderly reminiscences for the recovery of toponymic memory of the city as well as the problem of neighborhood delimitation in São Paulo. At the end of the study, we observed the importance of the neighborhood former residents to the retaking of spontaneous place names that have been lost over time. Official or not in the past, these public places were subsequently renamed by the government either with anthropotoponyms or with toponyms from the Banco de Nomes da Prefeitura Municipal de São Paulo, in both cases without any consultation with the local resident citizens. Thus, the results of this research point to the urgent need to reconsider the ways of naming public places in the city.

Keywords: São Miguel Paulista. Urban toponymy. Toponymic memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do município de São Paulo com as subdivisões de subprefeituras e distritos, com destaque para a Subprefeitura de São Miguel Paulista e seus distritos (Vila Jacuí, São Miguel e Jardim Helena).

Figura 2. Mapa da Zona Leste de São Paulo.

Figura 3. Mapa da região por nós estudada neste trabalho, com destaque para seus limites (Guarulhos ao norte, a linha férrea ao sul, a empresa Nitro Química a leste e o bairro Ermelino Matarazzo a oeste); para os bairros que compõem essa região (Jardim Lapena, Vila Nair e Vila União); e para a conhecida capela seiscentista do bairro.

Figura 4. Mapa da capitania de São Vicente e adjacências (1553-1597), com a indicação dos aldeamentos e povos indígenas.

Figura 5. Foto da capela de São Miguel anterior à restauração de 1938.

Figura 6. Foto da capela de São Miguel posterior à restauração de 2011.

Figura 7. Habitações em bairro operário em São Miguel.

Figura 8. Área entre o rio Tietê e a estrada de ferro Central do Brasil, em São Miguel (Sara-Brasil).

Figura 9. Mapa da área no entorno da Nitro Química, em São Miguel, elaborado por João Soukup sob orientação de Aroldo de Azevedo.

Figura 10. Fotografia do “lado de baixo da linha do trem” em 1958.

Figura 11. Área entre o rio Tietê e a estrada de ferro Central do Brasil, em São Miguel (Gegran).

Figura 12. Área entre o rio Tietê e a estrada de ferro Central do Brasil, em São Miguel (Emplasa).

Figura 13. Área entre o rio Tietê e a estrada de ferro Central do Brasil, em São Miguel (Google Maps).

Figura 14. Meandros do rio Tietê em área que, atualmente, corresponde à Vila União.

Figura 15. Projeto de retificação do rio Tietê, por Saturnino de Brito (1924).

Figura 16. Intervenções físicas na Vila União.

Figura 17. Detalhe de um formulário de cadastro no Portal da PMSP.

Figura 18. Mapa “A região de São Miguel”, elaborado por João Soukup sob orientação de Aroldo de Azevedo.

Figura 19. Exemplos de altitudes de São Miguel.

Figura 20. Distrito de São Miguel, extraído do mapa “Uso e ocupação do solo do distrito de São Miguel”.

Figura 21. Detalhe de mapa “Uso e ocupação do solo do distrito de São Miguel”.

Figura 22. Proximidades da casa do sr. OPR.

Figura 23. Proximidades da casa de OBL.

Figura 24. Proximidades da casa do sr. JR.

Figura 25. Proximidades da casa do sr. LRR.

Figura 26. Proximidades da casa do sr. JSM.

Figura 27. Localização do PROCEDU (Projeto Cultural Educacional Novo Pantanal).

Figura 28. Rua Santa Catarina, onde mora a sra. JMM.

Figura 29. Rua das Andorinhas, onde mora a sra. RRS.

Figura 30. Conjunto habitacional onde mora a sra. MRS.

Figura 31. Recorte em que podemos ver os arruamentos da região à época (1974).

Figura 32. Localização da Vila Nair e da casa do sr. OPR e do sr. JSM.

Figura 33. Detalhe da carta em que a Vila Nair é identificada, assim como o Jardim Lapena.

Figura 34. Edificações na Vila Nair e no Jardim Lapena em 1958.

Figura 35. Localização aproximada da Vila Mara, Jardim Lapena e Jacuí.

Figura 36. Localização da casa do sr. LRR e da região por ele identificada como Vila Gabi.

Figuras 37, 38, 39 e 40. Fotos relativas ao Esporte Clube Vera Cruz Vila Gabi.

Figura 41. Fotografia de premiação ao time Vera Cruz Vila Gabi.

Figura 42. Delimitação do Jardim Lapena, conforme os Correios.

Figura 43. Imagem aérea das ruas do Jardim Lapena.

Figura 44. Localização da rua Rafael Zimbardi (Gegran).

Figura 45. Localização da rua Rafael Zimbardi (Emplasa).

Figura 46. Imagem de satélite mostrando a rua Rafael Zimbardi, à beira da linha do trem.

Figura 47. Imagem de satélite mostrando a passarela sobre a linha do trem e a localização do Buraco, à direita.

Figura 48. Fotografia aérea do buraco sendo utilizado e pessoas atravessando a linha do trem.

Figuras 49 e 50. Cenas de videoclipe gravado no Buraco.

Figura 51. Vista da passarela construída em 2007.

Figura 52. Localização da rua Serra do Salitre.

Figura 53. Destaque do local onde hoje é a rua Serra do Salitre.

Figura 54. Detalhe da carta Emplasa em que é possível ver a rua (92) identificada na legenda da carta com o nome Serra do Salitre.

Figura 55. Localização da rua da Balsa.

Figura 56. Fotografia da rua da Balsa de 1958.

Figura 57. Região da rua da Balsa em 1930.

Figura 58. Imagem de satélite mostrando, ao centro, a praça Padre Aleixo Monteiro Mafra e a rua Salinas do Açú.

Figura 59. À esquerda, detalhe da carta Emplasa com a rua da Balsa e a estrada da Balsa; à direita, a legenda da carta.

Figura 60. Ficha de Dorval José Svizzero no DOPS.

Figura 61. No centro da imagem, a rua Petrônio, paralela à rua Dorval José Svizzero.

Figura 62. A rua Petrônio não aparece nomeada.

Figura 63. Localização do conjunto habitacional Jardim Lapena e da rua Petrônio .

Figura 64. Destaque para a rua “1” e suas transversais ruas “A” e “B”.

Figura 65. Destaque para a travessa Gomes Cardim.

Figura 66. Contorno da atual rua Doutor Almiro dos Reis, em 1930 (em verde).

Figura 67. Atual rua Doutor Almiro dos Reis em 1958.

Figura 68. Lei n. 1075, de 18 de março de 1908.

Figura 69. Rua Pascoal Zimbardi em 1974.

Figura 70. Caminho entre a rua Pascoal Zimbardi em São Paulo e em Guarulhos.

Figura 71. A Escola Estadual Pedro Moreira Matos, no Jardim Lapena.

Figura 72. Ruas transversais à rua Doutor Almiro dos Reis.

Figura 73. Localização da rua “A”.

Figura 74. Localização da rua Isaura da Fonseca.

Figura 75. Localização distinta da rua Cabo Wagner Soares.

Figura 76. Rua Papiro do Egito.

Figura 77. Mapa da Vila União com algumas ruas com os nomes antigos e outras com os nomes novos.

Figura 78. Rua Servaia.

Figura 79. Destaque para as ruas Rio Benedito (antiga rua Núbia) e Rio Araçá (antiga rua Santa Catarina).

Figura 80. Foto de placa confeccionada pelos próprios moradores da Vila União.

Figura 81. Destaque na rua das Andorinhas.

Figura 82. Arruamentos na região onde hoje é a Vila União.

Figura 83. Destaque para a rua Rio Castelo e a praça Um.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. As taxionomias toponímicas.

Tabela 2. Subprefeituras de São Paulo – Divisão distrital. Recorte referente ao distrito de São Miguel.

Tabela 3. A forma como cada informante conhece o bairro Vila União.

Tabela 4. Designação de nomes de logradouros na Vila União conforme *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* de 28 de outubro de 2010 (p. 14-16).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos

DAEE – Departamento de Águas e Energia Elétrica

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

GESP – Governo do Estado de São Paulo

ONU – Organização das Nações Unidas

PROCEDU – Projeto Cultural Educacional Novo Pantanal

PMSP – Prefeitura Municipal de São Paulo

RMSP – Região Metropolitana de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução.....	17
1 O bairro de São Miguel	24
1.1 Os primeiros séculos: nascimento e estabelecimento de São Miguel.....	24
1.1.1 São Paulo de Piratininga e São Miguel de Ururáí.....	24
1.1.2 São Miguel como aldeamento indígena	25
1.1.3 O esvaziamento de São Miguel.....	33
1.2 Século XX: crescimento e desenvolvimento	36
1.2.1 A Nitro Química.....	37
1.2.2 Ocupação do “lado de baixo da linha do trem”	42
1.3 Século XXI: situação atual.....	49
2 Metodologia.....	51
2.1 Toponímia.....	51
2.1.1 Projeto <i>Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro</i>	53
2.1.1.1 Ficha lexicográfico-toponímica.....	55
2.2 História Oral	56
2.2.1 As entrevistas	59
3 Os moradores e o bairro.....	61
3.1 O nome do bairro	61
3.1.1 O bairro e seus limites.....	61
3.2 O nome da rua.....	69
3.2.1 Políticas de nomeação de logradouros	69
3.2.1.1 Nomes de logradouro em São Paulo	72
3.3 O “lado de baixo da linha do trem”	76
3.4 As entrevistas	83
3.4.1 A memória.....	83
3.4.2 A memória dos informantes	89

3.4.2.1 Sr. OPR.....	90
3.4.2.2 OBL.....	91
3.4.2.3 Sr. JR.....	92
3.4.2.4 Sr. LRR.....	92
3.4.2.5 Sr. JSM.....	93
3.4.2.6 O PROCEDU	94
3.4.2.6.1 Sra. JMM.....	95
3.4.2.6.2 Sra. RRS.....	96
3.4.2.6.3 Sra. MRS	96
3.5 Os nomes do bairro	97
3.5.1 São Miguel	97
3.5.2 Jardim Lapena e Vila Nair	99
3.5.2.1 Vila Central	108
3.5.2.2 Vila Gabi	110
3.5.3 Vila União / União de Vila Nova / Vila Nova União.....	115
3.5.3.1 Pantanal	118
3.5.3.2 Brocolândia	121
3.6 As ruas do “lado de baixo da linha do trem”	124
3.6.1 As ruas do Jardim Lapena	124
3.6.1.1 Avenida / rua Rafael Zimbardi.....	125
3.6.1.1.1 Beira da linha	128
3.6.1.1.2 Buraco	129
3.6.1.2 Rua da Bosta / Serra do Salitre.....	132
3.6.1.3 Rua da Balsa / Salinas do Açú	136
3.6.1.4 Passagem Particular “1”/rua Dorval José Svizzero.....	141
3.6.1.5 Rua Petrônio.....	145
3.6.1.6 Rua Um/travessa Gomes Cardim/rua Doutor Almiro dos Reis	149
3.6.1.7 Rua Pascoal Zimbardi	154
3.6.1.8 Outras ruas do Jardim Lapena.....	157
3.6.1.8.1 Rua “A”/Isaura Fonseca	158
3.6.1.8.2 Rua “B”/Maria Zilio Augusto	159
3.6.1.8.2 Rua “C”/Cabo Wagner Soares	160
3.6.1.8.2 Rua Serra da Juruoca.....	161

3.6.2 As ruas da vila União	162
3.6.2.1 Rua Beta / Servaia / Rio Abunã	167
3.6.2.2 Rua Santa Catarina/Rio Araçá e rua Núbia/Rio Benedito.....	169
3.6.2.3 Rua das Andorinhas/travessa Rio Quati.....	173
3.6.2.4 Outras ruas e marcadores toponímicos da Vila União	174
Considerações finais	178
REFERÊNCIAS	181
<u>ANEXO A- Transcrições das entrevistas</u>	<u>190</u>
ANEXO B – Quadro-resumo das informações sobre os informantes	238
ANEXO C – Questionário semiestruturado.....	239
ANEXO D - Modelo de autorização de uso de gravação	240
ANEXO E – Modelo de ficha lexicográfica-toponímica	241

Introdução

O bairro onde cresci fica do “lado de baixo da linha do trem”, em São Miguel Paulista (figura 1), na Zona Leste do município (figura 2). É um dos bairros da área estudada neste trabalho, que é delimitada ao norte pelo município de Guarulhos, ao sul pela linha férrea da CPTM, a leste pela Nitro Química e a oeste pelo bairro de Ermelino Matarazzo (figura 3).



Figura 1. Mapa do município de São Paulo com as subdivisões de subprefeituras e distritos, com destaque para a Subprefeitura de São Miguel Paulista e seus distritos (Vila Jacuí, São Miguel e Jardim Helena). Fonte: Portal da PMSP.

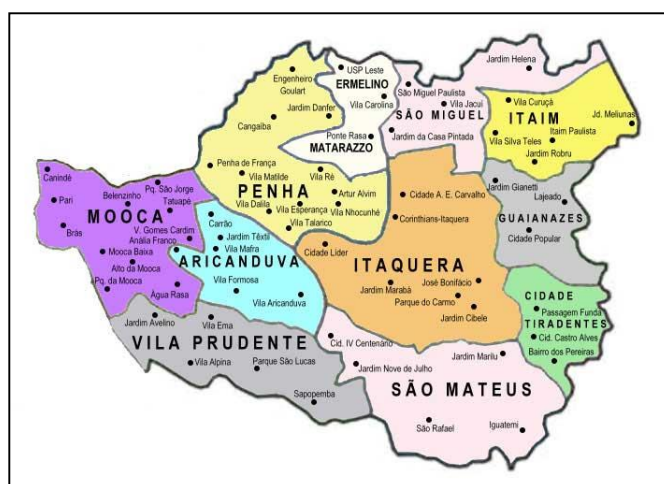


Figura 2. Mapa da Zona Leste de São Paulo. Fonte: Disponível em: Página Zona Leste de SP¹, 2015.

¹ Disponível em: <<http://www.zonalestedesp.com.br/mapa-da-zona-leste-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

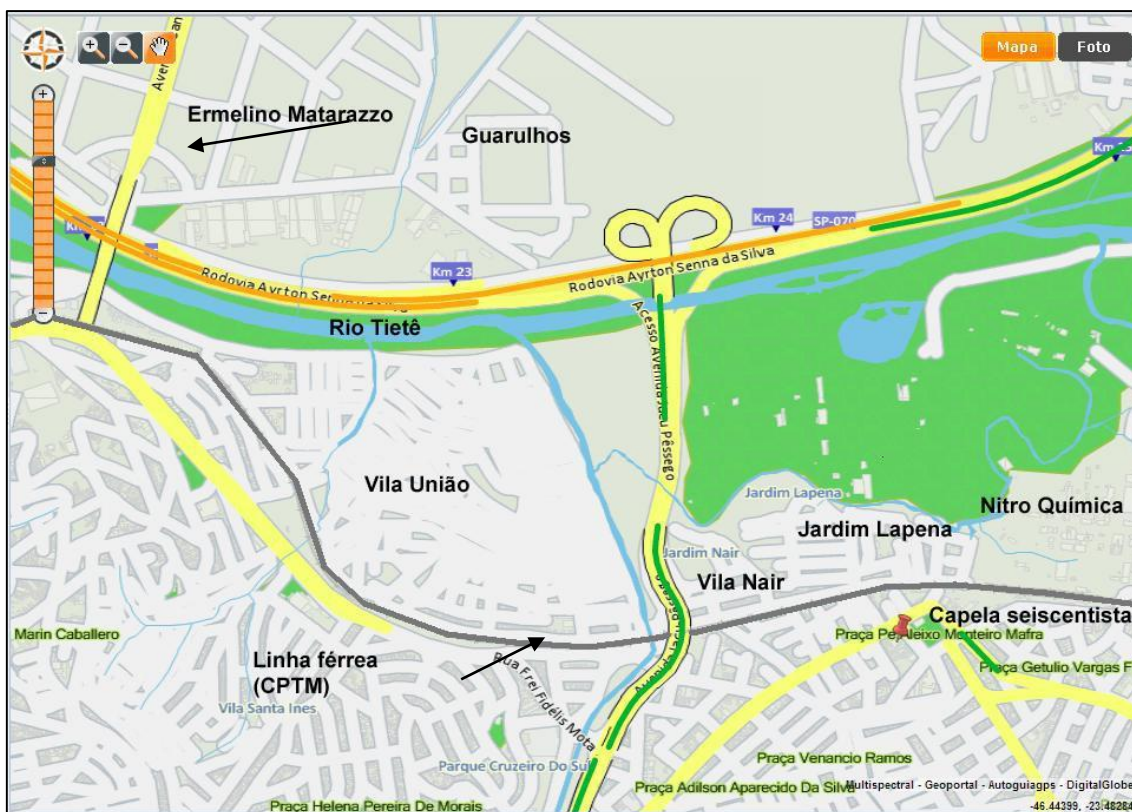


Figura 3. Mapa da região por nós estudada neste trabalho, com destaque para seus limites (Guarulhos ao norte, a linha férrea ao sul, a empresa Nitro Química a leste e o bairro Ermelino Matarazzo a oeste); para os bairros que compõem essa região (Jardim Lapena, Vila Nair e Vila União); e para a conhecida capela seiscentista do bairro². Fonte: Adaptado de Geoportal, 2015.

As ruas dessa região fazem parte de minha história desde que minha família se mudou para São Paulo, vinda do Espírito Santo, em 1991. Não moro no bairro desde 2007, mas meus pais e muitas outras pessoas queridas estão lá. É um privilégio poder estudar um lugar que traz tantas lembranças, sendo que essas lembranças, muitas vezes, se cruzam com as dos informantes desta pesquisa, e alguns deles são parte das memórias, algumas delas de infância.

A história do bairro de São Miguel Paulista começa no século XVI, com aldeamento indígena. No entanto, em parte devido à distância entre essa região e o centro da cidade, o desenvolvimento desse bairro não acompanhou o da metrópole. Sua ocupação mais massiva começou a acontecer apenas no século XX, na década de 1930, com a criação da linha de ônibus Penha-São Miguel (1930), a inauguração da estação de trem de São Miguel (1932) e a instalação da Companhia Nitro Química Brasileira (1935), dando início à fase industrial do bairro, o que impulsionou seu crescimento.

² Da qual falaremos melhor mais adiante, no capítulo 1, item 1.1.2.

Uma das consequências desse crescimento foi a vinda de milhares de migrantes para a região ao longo desse século e a habitação de áreas antes não ocupadas ou pouco ocupadas – como é o caso dos bairros do “lado de baixo da linha do trem” –, seja de forma regular ou de forma irregular, o que nos motivou a pesquisar sobre como se deu a denominação desses lugares e as mudanças toponímicas que ocorreram desde então.

O que tornou real a possibilidade desta pesquisa foi a Toponímia, com a qual tive meu primeiro contato em 2006, na graduação em Letras nesta universidade, onde ela é oferecida como disciplina optativa.

De maneira simples, podemos dizer que a Toponímia é a disciplina linguística que estuda os nomes dos lugares. A prática humana de nomear os lugares remonta aos tempos mais antigos. A partir do momento que o ser humano, ao se comunicar, precisa identificar e referenciar um lugar, ele o nomeia, ou seja, seleciona palavras para referir-se a ele e, com o passar do tempo, o grupo ao qual pertence também passa a se referir ao lugar da mesma forma.

A Toponímia, como disciplina, se insere na Onomástica, por alguns considerada uma disciplina linguística e, por outros, uma ciência, visão com a qual concordamos por esta possuir método, objeto e corpo teórico próprio. O termo *onomástica* teve origem na palavra grega *onomastiké*, que significa “arte de denominar”³, e se refere tanto ao processo de nomeação como ao estudo dos nomes próprios.

Os nomes próprios pertencem ao campo da Linguística. A Onomástica, por sua vez, surgiu como uma disciplina auxiliar de outras ciências, como Geografia, História, entre outras. Quando passou-se a aplicar métodos linguísticos no material onomástico, a Onomástica, possuindo objeto e método de estudo, tornou-se uma subdisciplina linguística capaz de analisar a estrutura linguística do nome e os fatores que o originaram. Apesar de o componente linguístico predominar na Onomástica, é o fato de ela se relacionar com outros campos de estudo que a diferencia de outras disciplinas. Dessa forma, há uma inter-relação entre a Onomástica e a Linguística e entre essas e outras disciplinas científicas, pois a Linguística auxilia a Onomástica oferecendo os princípios gerais; esta colabora com a Linguística por meio da aplicação desses princípios no estudo dos nomes próprios; e ambas se relacionam a outras disciplinas e ciências devido à necessidade da Onomástica de analisar também fatores extralinguísticos.

³ Cf. SEBASTIÁN YARZA, 1972.

A Onomástica se divide em diversos ramos, de acordo com o objeto denominado, por exemplo: Antroponímia (estudo dos nomes das pessoas), Fitonímia (estudo dos nomes das plantas) e Toponímia (estudo dos nomes dos lugares). A Toponímia se enquadra dentro da Onomástica e, assim como esta, se relaciona com a Linguística e com outras disciplinas e ciências, tais como História, Geografia, Etnografia, Sociologia, Antropologia, etc., que oferecem as informações extralinguísticas necessárias ao estudo dos nomes dos lugares. Neste trabalho, por exemplo, foi-nos necessário utilizar conhecimentos de áreas como História, Geografia, Urbanismo e Sociologia.

A interdisciplinaridade é uma das principais características da Toponímia, mas, tendo em vista que o topônimo é, antes de tudo, uma palavra da língua, a Linguística oferece suas possibilidades de estudo: no âmbito fonético, morfológico, sintático, semântico, etc., e também no âmbito da etimologia e da relação com outras línguas.

A Toponímia tem por objetivo estudar quem, quando, onde, como e por que se deu determinado nome a um povoado, rio, montanha, cidade, rua, etc. Para isso, estuda as formas linguísticas usadas pelo denominador e os fatores que intervêm no processo de denominação.

Em Toponímia, chamamos *topônimos* os nomes de lugar. Os topônimos são o objeto de estudo dessa disciplina. Numa perspectiva diacrônica, ao estudar o topônimo é possível recuperar dados de línguas que já não são faladas no local ou mesmo que já estão mortas, não são mais faladas por ninguém – o topônimo funciona como um “fóssil linguístico”, carregando em si palavras e sentidos perdidos, que já não fazem parte da cultura atual, mas que estão nele documentados. Numa perspectiva sincrônica, uma das possibilidades é estudar o conjunto dos nomes de um lugar e buscar, por exemplo, o que cada nome reflete sobre o processo de nomeação e a história do lugar.

O topônimo surge diante da necessidade humana de, na comunicação, identificar e referenciar um lugar. Determinada montanha, por exemplo, pode ser apenas *montanha*. Mas o que fazer quando há duas montanhas? Será necessário particularizar. Nesse contexto, já não há apenas *montanha*, mas *Montanha* e *montanha Grande*, por exemplo. A primeira montanha, que era nome comum, passa a ser nome próprio quando surge a necessidade de nomear uma segunda montanha. Em casos assim, como o da *montanha Grande*, a descritividade é a característica marcante na denominação e sabemos que é uma das tendências iniciais de um povo ao nomear. Ao fazer isso, e povo

estará usando palavras que fazem parte do seu léxico, que, por sua vez, já foi influenciado pelo ambiente do qual o lugar a ser nomeado faz parte.

O signo toponímico é *duplamente motivado*. Ele se diferencia do signo linguístico nesse aspecto, pois o signo linguístico, conforme Saussure, é arbitrário, ou seja, não é motivado, não há relação entre o significado e o significante, enquanto o topônimo é uma forma da língua, sujeito às características da língua e funciona como as outras palavras da língua, mas é um signo com uma função específica, com função toponímica. E, por ter essa função específica, difere de outras palavras da língua no que se refere à motivação: além de ser motivado, ele é duplamente motivado. A dupla motivação toponímica se faz presente na *intencionalidade* do denominador, que elege dentro das possibilidades da língua um nome para determinado lugar, e no *significado* revelado no nome dado. Desse modo, nos exemplos que demos anteriormente, dos topônimos fictícios *Montanha* e *montanha Grande*, podemos observar que, diante da necessidade de identificar e particularizar, optou-se por privilegiar a característica física do tamanho da montanha. O signo linguístico com função toponímica (ou simplesmente signo toponímico) foi criado de acordo com a intencionalidade do denominador – de nomear privilegiando a característica física do tamanho – e também de acordo com o significado que esse nome revela, ou seja, a expressão do tamanho da montanha. A intencionalidade desse denominador fictício poderia ser outra, como destacar algum acontecimento próximo a essa montanha, e poderia nomeá-la *montanha Feliz*, por exemplo.

Nosso objetivo, nesta pesquisa, é trabalhar com os topônimos da área de nosso interesse em São Miguel Paulista, investigando sua origem e, dada a ocupação recente desse espaço, verificar a possibilidade de identificar a motivação desses topônimos. Também pretendemos estudar as alterações toponímicas após modificações no espaço físico ou por outros motivos e a permanência de antigos topônimos (oficiais ou não) na memória de moradores que estão há mais tempo na região.

Uma de nossas hipóteses, ao iniciar este trabalho, era a de que, nas entrevistas, vários topônimos paralelos seriam mencionados, sendo que parte dessa toponímia paralela remeteria a usos passados do espaço, possibilitando a recuperação de elementos naturais e antropoculturais que já não existem. Também supúnhamos que outras formas de localização dentro do bairro, que, apesar de não serem topônimos, exercem função toponímica (como os marcadores, por exemplo), estariam presentes na fala dos informantes. Além disso, acreditávamos ser possível identificar resquícios culturais dos

migrantes que ocuparam inicialmente a região na toponímia espontânea e paralela local, como a transposição de topônimos do lugar de origem para o bairro por um determinado período (mesmo que essa nomenclatura não tenha se tornado oficial) e a associação de aspectos da paisagem a lugares da terra natal dessas pessoas.

Esta pesquisa do bairro e de suas ruas se insere na chamada *toponímia urbana*, que se dedica ao estudo da toponímia de áreas da cidade como o bairro, a praça e a rua. Alguns topônimos são universais, ou, segundo Dick, arquetípicos⁴, variando apenas a língua; outros, no entanto, existem e fazem sentido apenas num local específico e para uma comunidade específica, que são os estudados no âmbito da toponímia urbana, como ocorre neste trabalho. Especificamente, nos interessa a toponímia urbana, ainda tão pouco estudada sob a perspectiva que aqui apresentamos. Ao estudar os topônimos urbanos, deparamos com uma grande quantidade de antropotopônimos⁵, o que torna a tradicional classificação em taxionomias⁶ insuficiente para sua análise, gerando a necessidade do direcionamento metodológico distinto que adotamos neste trabalho.

Do ponto de vista linguístico, esperamos que este trabalho traga contribuições para a área de Toponímia, especialmente no que diz respeito à relação entre Toponímia e Memória. Além do nome da cidade e dos nomes presentes no centro dela, já tão bem estudados em outros trabalhos, queremos chegar às ruas e praças dos bairros – principalmente dos bairros periféricos – da cidade de São Paulo. Esse é o objetivo do projeto de pesquisa *Memória toponímica de São Paulo, bairro a bairro*, no qual este trabalho se insere e do qual trataremos detalhadamente mais adiante⁷. Numa cidade em que os antropônimos dominam a toponímia e em que os topônimos são mudados por decisão política sem consulta à população, recuperar a forma como o ser humano denomina, com o objetivo original do nomear (identificar, particularizar e referencializar), esta pesquisa se faz essencial para recuperar o que as trocas constantes de nomes e o excesso de nomes de pessoas nos logradouros tende a apagar, mas fica guardado na memória dos moradores.

Também pretendemos mostrar como opera a política municipal na doação de nomes e quais os problemas gerados para a comunidade. Entre eles, o rechaço de nomes

⁴ “Seriam estes [os arquetipos toponímicos] expressões padrões, que traduzem ou enfocam o mesmo ângulo em relação à caracterização dos acidentes geográficos. Assim, os diversos sistemas toponímicos apresentam expressões que significam, em seu universo onomástico, o mesmo fato, ou traduzem uma condição semelhante.” (DICK, 1990b, p. 8).

⁵ Topônimos que são nomes de pessoa.

⁶ As taxionomias serão apresentadas no capítulo 2, página 51.

⁷ No capítulo 2, página 53.

novos e a permanência de nomes antigos, criando-se uma bidenominação e dificuldades de comunicação em vários setores.

No primeiro capítulo, exporemos os aspectos históricos do bairro de São Miguel, do século XVI à atualidade, a fim de conhecermos melhor a realidade dessa parcela da cidade de São Paulo e de seus moradores e compreendermos os fenômenos que ocasionaram a ocupação da área de nosso interesse.

No segundo capítulo, explanaremos a metodologia utilizada neste trabalho, os mecanismos e estratégias que utilizamos nesta pesquisa. Nossa base é a metodologia clássica da Toponímia brasileira e também a do projeto *Memória toponímica de São Paulo, bairro a bairro*, que se diferencia da primeira por lidar com gravações de entrevistas⁸. Além dessas, também nos baseamos na metodologia da História Oral, que nos ajudou a lidar com as entrevistas realizadas com os antigos moradores da região estudada.

No terceiro capítulo, refletiremos a respeito das origens do elemento genérico bairro, terminológica e historicamente, e sobre a problemática da nomeação e delimitação dessa porção urbana; trataremos das políticas de nomeação de logradouros, com destaque para as do município de São Paulo; falaremos da questão da memória e apresentaremos nossos informantes; e procederemos à análise toponímica dos bairros que se situam do “lado de baixo da linha do trem” e dos topônimos oficiais e paralelos pelos quais são conhecidos, assim como à dos nomes de ruas da região que estamos estudando.

⁸ Trata-se de uma pesquisa que oferece mínimo risco para os informantes, já que seus relatos incidem apenas sobre a memória espacial. Ainda assim, todos os nomes serão preservados e siglas aleatórias serão atribuídas, a fim de resguardar a identidade dos moradores. A Comissão de Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas está desenvolvendo um regimento que deverá contemplar a análise todas as propostas do gênero, mas o Grupo de Trabalho que vem desenvolvendo o regimento só possui previsão de liberação do mesmo para análise da Congregação da FFLCH no fim de 2015. Assim, pelo mínimo risco oferecido aos informantes, a pesquisadora absteve-se de recorrer às instâncias superiores, uma vez que procurou preservar a identidade dos entrevistados.

1 O bairro de São Miguel

1.1 Os primeiros séculos: nascimento e estabelecimento de São Miguel

A história do bairro de São Miguel Paulista está intimamente ligada à história da própria cidade de São Paulo. A subida de São Vicente para o Planalto e a fundação da vila de São Paulo de Piratininga levaram, pouco tempo depois, à existência do aldeamento⁹ de São Miguel de Ururáí. Por isso, neste capítulo, começaremos tratando do nascimento do aldeamento, de sua relação com a vila de São Paulo e do posterior esvaziamento de São Miguel. Depois, enfocaremos o século XX, de maior interesse para este trabalho, e o desenvolvimento do bairro neste período, que trouxe, como consequência, a ocupação da área de nosso interesse nesta pesquisa. Por fim, trataremos especificamente da área de nosso interesse, situada do “lado de baixo da linha do trem”, e de sua ocupação.

1.1.1 São Paulo de Piratininga e São Miguel de Ururáí

O aldeamento de indígenas¹⁰ fazia parte do plano de colonização trazido de Portugal por Tomé de Sousa, o primeiro governador-geral do Brasil, em 1549. D. João III, além de rei de Portugal, era Grão-Mestre da Ordem de Cristo, cargo que o tornava responsável pela evangelização dos povos habitantes das terras descobertas por ocasião das Grandes Navegações. Dessa forma, a cristianização dos indígenas era mais que uma obrigação religiosa, era dever do governante. E no plano para a colonização já se pensava sobre que futuro dar aos indígenas que se convertessem. No Regimento trazido por Tomé de Sousa está a primeira referência aos aldeamentos:

Porque parece que será grande inconveniente, os gentios, que se tornarem cristãos morarem na povoação dos outros, e andarem misturados com eles, e que será muito serviço de Deus e meu apartarem-se de sua conversação, vos encomendo e mando que trabalheis muito por dar ordem como os que forem Cristãos morem juntos, perto das

⁹ É comum encontrar a palavra *aldeia* em vez de *aldeamento* para se referir a São Miguel. Neste trabalho usaremos a segunda, por entender, conforme Petrone (1995), que *aldeia* expressa melhor o espaço ocupado pelos indígenas de forma espontânea e, também, seguindo o uso dessa palavra em Portugal, o espaço rural, o não urbano, a não cidade. Já aldeamento “implica a própria noção de processo de criação de núcleos ou aglomerados, portanto, inclusive, a ideia de núcleo criado conscientemente, fruto de uma intenção objetiva. Nesse sentido, expressa o fenômeno dentro do processo da colonização com mais fidelidade do que poderia fazê-lo o termo *aldeia*” (p. 105, grifo do autor).

¹⁰ Em São Miguel de Ururáí estavam aldeados indígenas guaianases.

povoações das ditas Capitâneas, para que conversem com os ditos Cristãos e não com os gentios, e possam ser doutrinados e ensinados nas cousas de nossa Santa Fé. (Regimento do Governador-Geral Tomé de Sousa, 17/12/1548)

O monarca português contou, para esse trabalho, com os jesuítas, que acompanharam Tomé de Sousa rumo ao Brasil. E foram os jesuítas que subiram a serra e fundaram São Paulo de Piratininga em 1554¹¹.

Seis anos após o estabelecimento dos jesuítas em São Paulo de Piratininga, solicitaram mudança para a vila os habitantes de Santo André da Borda do Campo, vila que durou apenas sete anos por sua má localização estratégica.

A chegada dos portugueses vindos de Santo André provocou a imediata retirada dos índios, que, abandonando suas casas, foram reunir-se em dois pontos afastados, transformados depois em aldeamentos, Pinheiros e Ururá (São Miguel Paulista) (CAMPOS, 2006, p. 22)

vendo que não concorrendo portugueses, e ocupando as suas terras, desanpararão S. Paulo, e fôrão situar-se em duas aldeãs, que novamente edificarão, uma com o título de Nossa Senhora dos Pinheiros, e outra com a invocação de S. Miguel (GASPAR DA MADRE DE DEUS, 1920, p. 223)

É nesse ponto que entramos na história do aldeamento São Miguel de Ururá, embrião do que viria a ser o bairro de nosso interesse neste estudo, São Miguel Paulista.

1.1.2 São Miguel como aldeamento indígena

Assim como São Paulo de Piratininga e diversos outros aldeamentos, o aldeamento de São Miguel também se localizava sobre uma colina, muito próxima a um curso de água – nesse caso, a margem esquerda do rio Tietê. E também nesse caso o mais provável é que os indígenas não tenham ido para um lugar novo, desconhecido deles, mas que lá já houvesse uma povoação pré-cabralina.

O que houve foi um refôrço do povoamento, com a imigração dos índios cristãos e catecúmenos, e a conseqüente aquisição de um predicamento novo para essas aldeias, que passaram, nessa oportunidade, à condição de aldeamentos cristãos ou aldeias do padroado real. (VIOTTI, 1962, p. 32)

¹¹ Quanto ao ano, há outras hipóteses. Campos (2006, p. 17), por exemplo, afirma que o ano correto foi 1553.

Para Ururáí, não foram jesuítas junto com os indígenas, o que só viria a acontecer em 1562, após um ataque à vila de São Paulo de Piratininga em que os indígenas de Ururáí se juntaram ao lado contrário e perderam. Os jesuítas, depois do ataque, viram a necessidade de voltar a doutrinar esses indígenas, e resolveram fazê-lo em Ururáí. Além disso, “Ururáí constituía-se num ponto estratégico de defesa da vila porque situado entre esta e o sertão do Paraíba” (BOMTEMPI, 1970, p. 25), e os indígenas do Paraíba eram considerados ameaça naquele período, pois já haviam entrado em conflito com portugueses e os vencido.

Mas esse ajuntamento de indígenas não era, ainda, um aldeamento oficial. Para isso, foi necessário o trabalho dos jesuítas, especialmente Anchieta, no sentido de fazer cumprir o projeto de evangelização do Regimento de D. João III trazido por Tomé de Sousa e o programa de ação dos jesuítas no Brasil, o que de fato foi feito, pois já em 1580 Jerônimo Leitão, lacotente de Pedro Lopes de Sousa, que era capitão e governador da capitania de São Vicente, doava, por meio de carta de sesmaria, em 12 de outubro, terras aos indígenas de Ururáí, sendo essa sesmaria, possivelmente, o documento mais antigo relativo a esse aldeamento¹²:

esta minha carta de dada de terras de sesmarias de hoje para todo sempre virem em como a mim enviaram a dizer os indios de Piratinim da aldeia dos Pinheiros e da aldeia de Ururai por sua petição (...) e para os da aldeia de Ururay outras seis leguas em quadra começando donde se acabam as terras que se deram a João Ramalho e Antonio de Macedo (...) dou seis léguas em quadra ao longo do rio **Ururay** para os indios da aldeia do dito **Ururay** as quaes começarão a partir adonde acabar a dada de João Ramalho e de seus filhos e vão pelo dito ribo correndo tanto de uma parte como da outra e até se acabem as ditas seis leguas em quadra as quaes dou para os moradores da dita aldeia que agora são e pelo tempo em diante forem com as condições de sesmaria (grifo nosso)

A partir de então, houve progresso no aldeamento, o que foi marcado pelo reconhecimento deste como “Aldeia do Padroado Real” (1580) e consolidado pela presença do Visitador Cristóvão Gouveia (1585), a aparição do aldeamento nos Catálogos da Companhia de Jesus (1586) e o estabelecimento, por Jerônimo Leitão, representado o capitão e governador da capitania de São Vicente, de Gaspar Colaço como capitão da aldeia (1590)¹³.

¹² Segundo Petrone (1995, p. 114), há divergência com relação a essa informação. Alguns estudiosos consideram que essa primeira referência nominal em documentos só aconteceu em 1585, em ata da Câmara.

¹³ BOMTEMPI (1970, p. 33-37); PETRONE (1995, p. 114-115).

Na figura 4, podemos observar um mapa da capitania de São Vicente e adjacências (1553-1597), elaborado por Calixto em 1927, em que o aldeamento de São Miguel aparece em que é possível visualizar a localização do aldeamento na capitania.

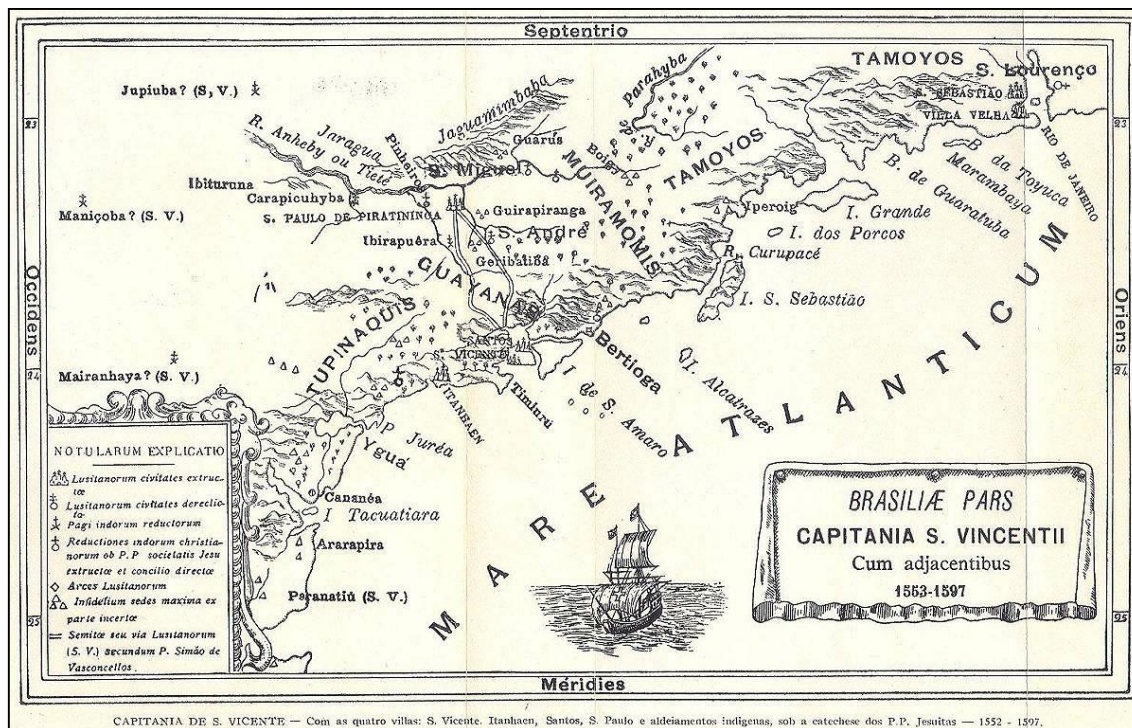


Figura 4. Mapa da capitania de São Vicente e adjacências (1553-1597), com a indicação dos aldeamentos e povos indígenas. Fonte: CALIXTO, 1927¹⁴.

Com relação ao nome do aldeamento, por mais que até aqui, neste trabalho, tenhamos usado com frequência a forma híbrida de língua portuguesa e tupi “São Miguel de Ururá”, essa forma foi pouco utilizada nos primeiros tempos da colonização¹⁵.

Conforme Stella (1992, p. 689), a localidade teria sido, antes, conhecida pelo topônimo simples *Ururay* e apenas após a visita dos jesuítas teria recebido o hierotopônimo¹⁶ cristão:

no caso de São Miguel, a localidade primitivamente era conhecida como Ururay, sendo evidente que só a partir da visita de religiosos é que as aldeias recebessem nomes com denotação cristã, marco de presença do Todo Poderoso Deus.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa17a.htm#1927>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

¹⁵ Dick (1997, p. 127) chama a atenção para o fato de, em nenhum dos documentos por ela consultados nesse trabalho, aparecer a forma “São Miguel de Ururá”. A autora destaca, ainda, que: “Nem mesmo o Pe. Anchieta, tão cioso da apreensão da realidade quinhentista, ao se referir ao aldeamento, usa o específico híbrido”.

¹⁶ Topônimo relativo a nome sagrado.

A sesmaria de Jerônimo Leitão fala do “rio Ururay”, que poderia ser uma designação antiga do rio Tietê ou de algum de seus afluentes na região, e o nome do rio poderia ter também se espalhado para a aldeia e, posteriormente, para o aldeamento. O nome do rio, Ururáí, que Dick (1997, p. 130) aponta como provavelmente originária de “guyrai: ‘pássaro pequeno’”, por sua vez, poderia ter se originado do nome de um povo indígena, conforme aponta Azevedo Marques (1952, p. 296):

URURAY (*Ururáí*) – Tribo numerosa da nação *Guaianaz*, que habitava um recanto de campos de *Piratininga*. Desta tribo, de que era chefe *Piquerobi*, formou-se depois a populosa aldeia de São Miguel¹⁷ (grifos do autor)

Já o nome São Miguel originou-se do orago escolhido para a capela construída no aldeamento e que, segundo o padre Manoel da Fonseca: “cuja devoção se paga facilmente no coração dos Índios” (1752, p. 143), o que se dá pelo espírito guerreiro atribuído a esse arcanjo. Acredita-se que tenha sido o próprio padre Anchieta que tenha escolhido o nome, por ser São Miguel Arcanjo, juntamente com Nossa Senhora da Conceição (que veio a ser orago do aldeamento de Pinheiros, contemporâneo a São Miguel), um orago de sua devoção. Viotti (1962, p. 34) explica que, perto da casa natal de Anchieta, há um templo consagrado à Imaculada Conceição e uma ermida de São Miguel, e que é provável que tenha sido iniciativa pessoal de Anchieta nomear assim esses dois aldeamentos (São Miguel e Nossa Senhora da Conceição dos Pinheiros), embora provavelmente tenha havido aprovação por parte de seus superiores.

Diferente do que aconteceu com outros nomes indígenas de aldeamentos – Embu, Itapecerica, Barueri, Carapicuíba, Guarulhos, Peruíbe –, que se mantiveram até os dias de hoje, no caso de São Miguel aconteceu o mesmo que com São Paulo, foi “incapaz de resistir à força dominante do topônimo religioso português” (DICK, 1997, p. 130). De fato, a vontade religiosa parece ter sido determinante neste caso. A primeira aparição do nome São Miguel se deu em 1585, numa carta de Anchieta, em que, se referindo aos padres jesuítas, diz que: “Tem duas aldeias de Índios a seu cargo: uma intitulada da Conceição de Nossa senhora dos Pinheiros (...) e outra intitulada de S.

¹⁷ Dick (1997, p. 126) comenta que, nessa citação, não aparece o complemento tupi Ururáí depois de São Miguel.

Miguel”¹⁸, além de, como comentamos, o sacerdote ter sempre, em suas cartas, usado o topônimo português.

Também por parte dos componentes da Câmara parece ter havido preferência pelo topônimo português em detrimento do indígena, como podemos observar em trechos de atas de 26/8/1589 e de 26/9/1592, respectivamente:

e loguo requereo o dito procurador do conselho Alonso Peres aos ditos officiaes dizendo que elle hera informado q a aldeia de são miguel e as mais alldeias ou indios dellas estavam aroinadaos (...) q lhe requeria (...) fosem a dita alldeia de são miguel donde do prezente estavam muitos indios das outras aldeias principaes (ATAS, v. 1, p. 449 apud DICK, 1997, p. 126)

um caminho novo que “os moradores de são miguel” pretendiam abrir (*Atas*, I, 372), “o que era perjuizo aos moradores desta villa asy pera socorer e qualquer necessidade que soçeder a esta vila requeria a ms. posesen cobro sobre hiso” (DICK, 1997, p. 126)

Com o passar do tempo, não apenas os indígenas habitavam as terras do aldeamento, mas também muitos brancos que a elas acorreram. Apesar do Regimento de 1596 sobre a liberdade desses primeiros, que previa que ninguém poderia ir aos aldeamentos sem autorização dos jesuítas nem escravizar os indígenas¹⁹, a escravização acontecia²⁰. E mesmo as terras dadas aos indígenas pela sesmaria de Jerônimo Leitão “para todo sempre”²¹ estavam sendo invadidas pelos colonos, no início do século XVII, quando começou a se explorar minas de prata na região de Guarulhos, na outra margem do Tietê. Inicialmente, a ocupação dessas terras era ilegal, mas, a partir de 1608, terras pertencentes aos indígenas foram concedidas a colonos por Gaspar Conqueiro, capitão e lacotenente do governador e donatário da capitania de São Vicente, Lopo de Sousa.

Com a propagação de propriedades de colonos, houve um aumento significativo da população do aldeamento, o que levou à necessidade de construir uma capela maior. Sabe-se que desde os primórdios da povoação havia uma capela, mas, provavelmente, já nas primeiras décadas de 1600 estava em ruínas, devido aos materiais pouco duradouros com os quais fora construída. Sendo assim, por volta de 1620 deve ter começado a reconstrução da capela, que certamente foi concluída em 18 de julho de 1622, data inscrita em seu portal frontal. Essa igreja, recentemente restaurada e transformada em

¹⁸ Cf. STELLA, 1992, p. 693.

¹⁹ Registro Geral da Câmara de S. Paulo, v. III, p. 93 apud BOMTEMPI, 1970, p. 46.

²⁰ Até porque o mesmo Regimento citado acima também dizia que não era permitido servir-se do trabalho dos indígenas por tempo superior a dois meses, o que tornava ambígua a norma, pois era proibida a escravização, mas, ao mesmo tempo, era permitida por até dois meses.

²¹ Carta de sesmaria de Jerônimo Leitão de 12 de outubro de 1580.

museu, é a mais antiga de São Paulo e uma das mais antigas do Brasil. Apesar de ter passado por mais de uma restauração, ainda mantém elementos originais importantes.



Figura 5. Foto da capela de São Miguel anterior à restauração de 1938. Fonte: Acervo Histórico do jornal *Folha de S.Paulo*.



Figura 6. Foto da capela de São Miguel posterior à restauração de 2011. Fonte: Mário Rodrigues²².

Quanto à administração do aldeamento, São Miguel estava sob a Câmara de São Paulo, representada por capitães, procuradores e juízes e, posteriormente, administradores-gerais. O poder temporal ganhou especial importância a partir de 1640, após a expulsão dos jesuítas da vila de São Paulo, que até então exerciam o poder

²² Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/capela-de-sao-miguel-arcangelo>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

espiritual, mas, também, administravam o aldeamento, conforme o determinado por Provisão real de 9 de dezembro de 1633²³. Os jesuítas foram readmitidos em 1653, mas em condições muito diferentes das anteriores – sem o poder e autonomia que tinham antes –, de modo que, realmente, a partir de 1640, os indígenas ficaram sob as autoridades civis, o que significou o começo de uma fase difícil para eles.

A expulsão dos jesuítas, em 1640, trouxe como consequência imediata um período em que os aldeamentos em geral foram marcados por acentuada decadência. Até então, embora sob o clima de conflito entre moradores e jesuítas, a tendência dos aldeamentos fora sempre a de se desenvolverem. (PETRONE, 1995, p. 183)

O que acontecia é que não havia regras estabelecidas para os capitães de aldeia seguirem, de modo que cada um agia como bem lhe aprazia, e, sem os jesuítas para administrar a situação dos indígenas, muitos deles eram escravizados pelos colonos e mesmo levados para o sertão, enquanto outros, para não ter o mesmo destino, fugiam dos aldeamentos.

No começo do século XVIII houve um breve período de estabilidade nos aldeamentos, ocasionado pela ação dos administradores do período, que “deram pelo menos uma continuidade e uniformidade à administração” (PETRONE, 1995, p. 187). Sobre São Miguel, especificamente, começou a haver inclusive acréscimo em sua população, o que pode ser comprovado pelo escrito por Rendon (1842, p. 302): “em 1718 mais ou menos se recolheram par S. Miguel 200 Indios, que acompanhavam ao celebre facinoroso Bartholomeu Fernandes de Faria”.

Mas esse período de prosperidade durou pouco, pois o aldeamento voltou a se despovoar, o que ocorreu por os indígenas continuarem a servir em todo tipo de serviço, principalmente nas entradas nos sertões, onde era comum que permanecessem nas minas ou falecessem nas viagens.

A vinda dos franciscanos para São Miguel, nesse período, apenas contribuiu para a sobrevida do aldeamento, não tendo, de fato, resolvido em nada a precária situação de seus moradores.

Parece não poder haver dúvida de que, no século XVIII, o indígena aldeado se tornara um homem que conduzia um padrão de vida que pode ser considerado miserável. (...) Na verdade, o indígena aldeado passaria a maior parte do tempo fora de casa. Na roça, ou ausente, a serviço oficial ou de um morador (PETRONE, 1995, p. 324)

²³ Cf. *Registro Geral da Câmara de São Paulo*, v. 1, p. 485-487.

No final do século XVIII o aldeamento existia apenas por inércia, não cumprindo mais a função que tinham os aldeamentos, ou seja, reunir num determinado espaço os indígenas convertidos ao cristianismo e doutriná-los. A função de reunião dos indígenas não era cumprida, pois os que estavam dispersos não tinham interesse em se reunir no aldeamento, e os que ali estavam aldeados se dispersavam cada vez mais, fosse pelo apresamento dos colonos, que os levavam para o sertão, ou por fugirem de tal forma de trabalho forçado. Também a função religiosa do aldeamento estava prejudicada, pois os jesuítas, que zelavam por esse aspecto importante naquele contexto, haviam sido expulsos e, mesmo quando lhes foi permitido retornar, já não o fizeram com a mesma força e autonomia de outrora. Os franciscanos, que sucederam os jesuítas nessa função, jamais tiveram o mesmo poder e influência que seus antecessores. O objetivo da reunião dos indígenas convertidos num mesmo espaço, esboçado desde a vinda do primeiro governador de capitania ao Brasil, separá-los do convívio com os não convertidos e doutriná-los nos ensinamentos do cristianismo, também estava subvertido, pois concomitante ao enfraquecimento do poder dos religiosos na povoação foi o crescimento do poder civil, que permitiu a escravização dos indígenas, cujos serviços eram utilizados em todas as situações, inclusive nas entradas dos colonos para o sertão em busca de pedras preciosas, das quais muitas vezes não voltavam, contexto que também motivou a fuga do aldeamento de muitos dos que não tiveram esse destino. Sobre isso, Petrone (1995, p. 189) vai dizer que

A expulsão dos jesuítas teve as mais funestas consequências para seus antigos aldeamentos e *fazendas*. Todos eles passam a nivelar-se com as *aldeias do padroado*, não só porque ficaram sujeitos às mesmas condições administrativas, mas, sobretudo, porque ficaram à mercê de todos os problemas que até então praticamente haviam desconhecido. (grifos do autor)

Por “problemas que até então praticamente haviam desconhecido” podemos entender toda essa questão da possibilidade de escravização e suas consequências, isto é, a precariedade e esvaziamento da povoação, que levou ao desinteresse por sua manutenção por parte da administração da capitania, apesar de essa ter conhecimento de tais fatos, o que podemos observar pelo escrito do governador Castro e Mendonça de 1798:

o Deploravel estado, a q’ se achão reduzidas as Povoaçõens dos Indios desta Capitania, (...) entregues a Directores inhabeis, (...) deixando infringir seus privilegios, tomar as

suas terras, e levar uma vida total.²⁴ oposta as piíssimas intençoens de Sua Mag.^e, e as suas saudáveis Leys, e a nossa Santa Religião²⁴

O fato é que, ao findar o século XVIII, todos os aldeamentos, inclusive São Miguel, “viviam a mais miseravel das existencias” (MORAIS, 1935, p. 78). A extinção do aldeamento era só uma questão de tempo, e foi um processo que correu a primeira metade do século XIX.

1.1.3 O esvaziamento de São Miguel

Como vimos anteriormente, ao final do século XVIII o aldeamento já estava esvaziado demograficamente e não oferecia nenhum tipo de lucro à administração da capitania e, conseqüentemente, da província. Diante desses fatos, em 1798, o governador Castro e Mendonça nomeou José Arouche de Toledo Rendon Diretor-Geral dos Índios. Seu trabalho seria visitar todos os aldeamentos e observar “em q’ senão cumpre o Directorio; q’ artigos são applicaveis a estas Povoaçoes, e q’ melhoramento se lhes pode fazer”²⁵. Rendon, além de cumprir o que lhe fora solicitado, elaborou um plano, que apresentou ao governador em 1802, para a resolução do problema dos aldeamentos. Conforme Rendon, os diretores de aldeia, responsáveis pelo estado de opressão em que viviam os indígenas, deveriam ser extintos, e os indígenas deveriam passar a obedecer às mesmas autoridades que os não indígenas, ou seja, deveriam passar a ser civis comuns. Quanto aos aldeamentos, deveriam ser transformados em freguesias:

não só para que mais depressa se extinga o odioso nome de aldeãs, e de indios, como o mesmo director geral mostra com o exemplo da aldeã de Guarulhos, mas também para que se augmente as povoações e parochias em beneficio geral da civilidade dos povos e da prática da sã moral²⁶

Nesse caso, conforme o plano de Rendon, São Miguel não se tornaria uma freguesia, seria capela filial da freguesia de Nossa Senhora da Ajuda de Itaquaquecetuba.

²⁴ *Documentos Avulsos de interesse para História e Costumes de São Paulo*, Departamento do Arquivo do estado de São Paulo, v. 6, 1955, p. 24.

²⁵ *Documentos Avulsos de interesse para História e Costumes de São Paulo*, Departamento do Arquivo do estado de São Paulo, v. 6, 1955, p. 25.

²⁶ *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, v. 44, Diversos, 1915, p. 116.

No entanto, o plano de Rendon foi posto em prática apenas parcialmente, e enquanto os aldeamentos não fossem transformados em freguesias (o que acabou não acontecendo), o sustento dos religiosos ficaria a cargo dos aldeados, o que não era possível em São Miguel, dadas as já citadas condições precárias em que viviam os poucos aldeados que restavam. Na verdade, os aldeamentos já não traziam benefícios para os governantes. Ao contrário, sob o ponto de vista deles, traziam até prejuízo, já que tinham que sustentar os religiosos que eram responsáveis apenas por poucas ovelhas. Acontece que essas mesmas poucas ovelhas também não tinham condições de sustentar um padre, o que levou, em muitos casos, inclusive em São Miguel, à partida dos padres, o que apenas reforçou o caráter de abandono em que já viviam os aldeamentos.

Não houve nenhuma lei extinguindo oficialmente os aldeamentos, mas, em 18 de setembro de 1850, foi promulgada a Lei nº 601, que dispõe sobre as terras devolutas do Império, que foi complementada pelo Aviso de 21 de outubro de 1850, Ordem nº 44, de 21 de janeiro de 1856 e Aviso de 21 de julho de 1858, cujo conteúdo mandava incorporar as terras dos indígenas ao patrimônio nacional. Ora, tal ordem só faz sentido em um contexto em que os indígenas já não estão reunidos em aldeamentos. Também, em 1º de maio de 1852, o presidente conselheiro José Tomás Nabuco de Araújo dizia que apenas existia na província “o aldeamento de S. João Baptista no município de Itapeva da Faxina entre os rios verde e Itararé, e o pequeno aldeamento de Itariri no interior do município de Iguape”²⁷, sem nenhuma menção a São Miguel ou aos outros aldeamentos, o que indica que esses, por essa época, já não eram contados como tais.

Ao longo do século XIX, a população indígena foi diminuindo, enquanto a branca e mestiça foi aumentando. Conforme Azevedo Marques, se referindo a São Miguel: “Este arraial é habitado em sua máxima parte por descendentes dos índios aí aldeados” (1952, p. 237). O antigo aldeamento, que já havia sido habitado por fazendeiros que plantavam lavouras, ficou reduzido à insignificância durante esse século, o que se pode notar devido à falta de informações sobre esse período na literatura consultada. Saint-Hilaire, por exemplo, que visitou a região em 1822, não registra nada a respeito de São Miguel.

²⁷ *Annaes da Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo*; publicação oficial organizada por Eugênio Egas e Oscar Motta Mello. 1852-1853, Secção de Obras d’“O Estado de São Paulo”, São Paulo, 1927, p. 166.

Em 1880, a freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos foi elevada a vila e o território de São Miguel, juntamente com o da freguesia de Nossa Senhora da Penha, à qual pertencia, foi anexado a ela. Essa foi uma tentativa, por parte dos governantes, de solucionar o problema da distância de São Miguel, que levava a dificuldades na administração. Passando essa região à administração da freguesia de Guarulhos, próxima a ela territorialmente, o governo da província tirava essa responsabilidade da administração da vila de São Paulo, o que significava, na verdade, tirar um peso dessa vila, já que São Miguel não significava nada economicamente, e, ao mesmo tempo, satisfazia o âmagos desejoso de mais terras por parte da vila que estava sendo criada, Guarulhos. Mas esse arranjo durou apenas seis anos, pois já em 1886 uma lei provincial devolvia São Miguel, e também a Penha, à administração de São Paulo.

Ainda no final do século XIX, após a Proclamação da República e consequente laicização do Estado, que levou à extinção da freguesia como instância de divisão territorial, o governo já não precisava “economizar” em criação de distritos, pois deixou de haver os custos eclesiásticos que havia nos tempos das freguesias, então extintas. Sendo assim, o Decreto nº 70, de 16 de maio de 1891, “Crêa o districto de paz de São Miguel, no município da Capital”, e é nesse decreto, em seu artigo 2º, que ficam expressos os limites do distrito:

Artigo 2.º- Este districto terá as seguintes divisas:«Começando no rio Tieté no lugar denominado Barra-Grande, seguirá a rumo direito á ponte do Franquinho, na estrada que communica a Capital com Mogy das Cruzes; e seguindo pelo ribeirão do Franquinho até á cabeceira, e desta directamente á cabeira do ribeirão Jacuhy; e deste ponto a rumo direito a um serrote no rincão de Bento José, e deste seguindo pelo espigão, ficando as vertentes para a nova freguezia até o córrego próximo á casa de José Leite; daqui seguirá directamente até á porteira de Leonnor Fernandes, no rio das Três Pontes, e por este abaixo até o Tieté, e continuará por este até o lugar Barra Grande».

A promoção do antigo aldeamento a distrito, no entanto, não se relaciona a um desenvolvimento econômico da região naquele momento, mas, provavelmente, a uma questão de dimensão da área em questão. O crescimento da região somente veio a ocorrer na primeira metade do século XX, em consequência ao enriquecimento que ocorria em toda a cidade, como veremos a seguir.

1.2 Século XX: crescimento e desenvolvimento

O fim do século XIX é marcado, na cidade de São Paulo, como uma fase de grande desenvolvimento. Xavier Pereira (1988, p. 52), se referindo a São Paulo, diz que: “A trajetória da nova riqueza acompanha o final do século XIX, adentrando o século XX”. As fazendas de café do interior paulista enriquecem seus proprietários, que passam a investir em fábricas na capital. A população de São Paulo passa a ter um crescimento demográfico significativo devido aos imigrantes de diversos países que vinham trabalhar nas fazendas de café do interior e também em São Paulo. Esse desenvolvimento, que começa nas proximidades do antigo centro da vila de São Paulo de Piratininga, em bairros que vieram a ser conhecidos depois como tipicamente operários, se estende posteriormente para áreas mais distantes do centro, como ocorreu com São Miguel.

No início do século XX, São Miguel ainda não havia entrado em sua fase industrial, mas, com o aumento da população da cidade, ocorrido devido à vinda de milhares de imigrantes, o bairro começaria a crescer economicamente, o que aconteceu logo nas primeiras décadas do século XX.

Nas primeiras décadas do século XX, com o crescimento de São Paulo, imigrantes portugueses e japoneses instalaram-se em regiões rurais, então localizadas no distrito de São Miguel (...) e passaram a ter grande importância no abastecimento de hortaliças, legumes, frutas e flores para a população de toda a cidade. (FONTES, 2008, p. 91)

As matas de São Miguel, até então pouco exploradas, foram usadas tanto para a obtenção de madeira para construção civil como para o fornecimento de lenha e carvão vegetal, com os quais ajudavam a prover o restante da cidade, que, pelo crescimento populacional, muito necessitava desses materiais. Além da madeira extraída das matas, também o rio Tietê passou a ter importância econômica para o bairro, pois havia diversas olarias em sua margem. A vocação do bairro para o fabrico de tijolos não era novidade, tendo em vista que existiam ali olarias desde os tempos da Colônia, mas com o crescimento demográfico de São Paulo e a necessidade de construção de novas casas, mais que nunca eram úteis os tijolos fabricados às margens do Tietê, de São Miguel até a região da Penha²⁸. São Miguel também extraía do rio pedregulho e areia que fornecia,

²⁸ Apesar de a produção de São Miguel, provavelmente, ser menor que a da região da Penha, pois, em 1945, Azevedo afirma: “O aproveitamento das várzeas na região de São Miguel longe está de poder ser comparado ao da região da Penha” (p. 138).

juntamente com os tijolos, para a construção civil. Além disso, num período em que não havia a estrada de ferro nem era comum o uso de caminhões para transporte, o rio servia para levar esses produtos para outras regiões da cidade.

em São Miguel floresceram as olarias e produção de tijolos que abasteciam a crescente demanda da capital paulista. A proximidade do rio Tietê servia tanto como fonte de matéria-prima quanto como meio de transporte. (FONTES, 2008, p. 91)

Com a demanda de trabalhadores nas olarias, mais gente foi morar em São Miguel e o largo da capela foi reavivado com as casas comerciais que nasceram no seu entorno. Não havia transporte público no bairro, de modo que as pessoas que precisavam fazer compras no comércio local o faziam a pé, à cavalo ou em charretes, pequenos veículos de tração animal. Ir à cidade, então, era ainda mais difícil: se fazia necessário ir a uma estação de trem, Itaquera ou Lajeado (que hoje é Guaianazes). Apenas na década de 1930 essa situação melhorou, com a criação da linha de ônibus Penha-São Miguel (1930) e a inauguração da estação de trem no bairro (1932). Mas o que realmente fez diferença nessa década, e em toda a história de São Miguel, foi a instalação de uma fábrica no bairro:

A história do bairro paulistano de São Miguel foi alterada profundamente nos anos 1930, quando ali se instalou a Companhia Nitro Química Brasileira. (...) Apesar do crescimento provocado pelas olarias, São Miguel permanece como um pequeno e isolado vilarejo nos arredores da cidade. (...) Os moradores do bairro tinham imensas dificuldades de deslocamento para outras regiões e para o centro da cidade. O início das operações da irregular linha de ônibus Penha-São Miguel em 1930 e, principalmente, a construção de uma variante da Estrada de Ferro Central do Brasil, com a inauguração de uma estação ferroviária no bairro em 1932, atenuou o isolamento da região. Seria, no entanto, a instalação da Nitro Química que mudaria para sempre a face de São Miguel. (FONTES, 2008, p. 91)

1.2.1 A Nitro Química

A instalação da Companhia Nitro Química Brasileira marcou o início da fase industrial do bairro e o aumento significativo de sua população, que, devido à necessidade de contingente humano na fábrica, foi acrescida de pessoas vindas de outras partes da cidade e do país.

Organizada em termos de grande empreendimento, reunindo vastos recursos técnicos e financeiros, além de ter contribuído para a riqueza nacional, a Nitro-Química influenciou particularmente na expansão urbana da cidade. Instalada distante do centro, provocou

um deslocamento humano, que foi reforçar a população de São Miguel. (BOMTEMPI, 1970, p. 159)

A Nitro Química nasceu da associação de uma fábrica norte-americana (a Tubize Chatillon) com sérios problemas financeiros, devido à Crise de 1929, com empresários brasileiros, Horácio Lafer (da Klabin e Irmãos Cia.) e José Ermírio de Moraes (Fábrica Votorantim), que tiveram o apoio financeiro do Banco de Comércio e Indústria de São Paulo e do próprio governo brasileiro, que os isentou de diversas taxas no processo de transferência de todo o maquinário da fábrica para o Brasil. O principal produto da fábrica era o raiom, uma fibra sintética, mas havia também outros produtos:

O processo de fabricação do fio [raiom] implicava na produção de uma série de componentes químicos, muitos dos quais o Brasil carecia. (...) As instalações da Tubize Chatillon eram de grande proporção e compostas por uma fiação de raiom, usinas de ácido sulfúrico e nítrico, fábricas de línter purificado, nitrocelulose, éter, sulfureto e sulfidrato de sódio. Todos esses produtos químicos eram usados na fabricação do raiom. (FONTES, 1996, p. 28)

A escolha de São Miguel para a instalação pode ser explicada de duas formas. Uma delas, segundo o que afirmava um de seus fundadores, Horácio Lafer, diz respeito à vontade de se renovar o antigo bairro:

Quando José Ermírio de Moraes, Eduardo Sabino de Oliveira e eu tratávamos da escolha do local onde instalar a fábrica, São Miguel surgiu como um sonho do passado. A velha igreja evocava os tempos coloniais, a luta contra os índios. A vila tinha adormecido com o cansaço dos séculos – que por ela passaram. (...) São Miguel vivia na história de São Paulo antigo, divorciado do progresso do São Paulo novo. E os fundadores da Nitro Química sonharam então (...) transformar essa vila em um centro cheio de vida e atividade, onde se trabalhasse pelo progresso do Brasil e onde uma população dinâmica, encontrando conforto e meios de subsistência, mostrasse que São Miguel não era só passado, mas também uma célula viva do São Paulo de hoje. (LAFER, 1954 apud FONTES, 1996, p. 30-31)

Mas, conforme Fontes (1996), há também uma explicação menos poética e mais prática. São Miguel já possuía uma linha de ônibus e uma estação de trem que, além do transporte de passageiros, serviu para o transporte do maquinário que chegou dos Estados Unidos e, depois, para recebimento de matéria-prima e escoamento dos produtos fabricados. “Durante anos, a fábrica possuiu acesso exclusivo e direto para a estação de trens.” (FONTES, 1996, p. 31). Também a presença e proximidade do rio Tietê foi essencial, pois o curso de água servia tanto para fornecer água para a fábrica quanto para o escoamento de dejetos. O preço da terra também pode ter sido um fator

determinante, tendo em vista que num bairro tão afastado e saindo de um longo período de estagnação econômica, os terrenos eram muito baratos, o que possibilitou que a fábrica comprasse quase um milhão de metros quadrados para sua instalação. Também Azevedo, em 1945, confirma essas motivações:

O local oferecia muitas vantagens, que justificaram a preferência recebida: fáceis meios de comunicação, graças à via-férrea e à estrada de rodagem; proximidade do rio Tietê, que passou a fornecer água, consumida em grande quantidade; o baixo custo do terreno, então desvalorizado. (p. 137)

Além disso, um fator talvez um pouco mais subjetivo foi a experiência anterior de Moraes com a fábrica Votorantim, localizada num distrito isolado de Sorocaba, onde

era possível controlar e disciplinar a mão de obra procurando afastá-la da maneira mais eficiente possível de “influências externas” que de alguma forma contestassem a ordem vigente na empresa (...) Não é improvável que Moraes tenha se baseado neste seu conhecido exemplo na hora de pensar a localização da Nitro. A distância de São Miguel era, no caso, mais um fator favorável. (FONTES, 1996, p. 32).

A instalação de um empreendimento tão grande no bairro gerou, como já apontamos, um forte crescimento demográfico, ocasionado principalmente pela vinda de migrantes nordestinos e mineiros. A fábrica e os novos habitantes de São Miguel foram o estopim, o elemento motivador, do crescimento em outros aspectos, como o da construção civil, já que “Somente em seus dois primeiros anos de funcionamento (1935-1937) mais de quinhentas novas construções somaram-se às cerca de duzentas moradias anteriormente existentes” (FONTES, 1996, p. 33).

Embora possa ser considerada um fenômeno antigo, a migração de trabalhadores de outros estados brasileiros para São Paulo foi incrementada nos anos 1930, quando passou a ser oficialmente estimulada. (...) Em 1935, o então governador paulista, Armando Salles de Oliveira, iniciou gestões e contratos com empresas particulares que começaram a atuar no norte de Minas Gerais e no Nordeste gerenciando e promovendo a vinda de trabalhadores rurais para São Paulo. (FONTES, 2008, p. 43-44)

O trabalho das agências, com o passar do tempo, não foi mais necessário, pois os próprios migrantes passaram a trazer para São Paulo seus parentes e amigos:

Os depoimentos dos trabalhadores de São Miguel Paulista também revelam a existência de uma articulada rede social para a efetivação da migração. A comunidade de origem, a família e os amigos desempenhavam papel determinante nessa rede. (FONTES, 2008, p. 55)

Tal rede era importante para a instalação e bem-estar do migrante no bairro, que se sentiria melhor tendo, perto de si, familiares e outras pessoas de seu local de origem. Trazer um conhecido para São Miguel, naqueles tempos, era algo tranquilo se de fazer, pois o migrante que ali chegasse não encontraria dificuldade em arranjar trabalho ou mesmo em encontrar lugar para morar. Com a instalação da fábrica no bairro, aumentavam também os loteamentos, cujos terrenos eram vendidos em prestações a serem pagas ao longo de vários anos (figura 7).



Figura 7. Habitações em bairro operário em São Miguel. Fonte: AZEVEDO, 1945, p. 130.

Para o migrante, era uma situação confortável, levando em conta a situação do morador do interior nordestino naquele período:

a situação de miséria no campo, a concentração fundiária e o avanço do latifúndio sobre as terras dos pequenos proprietários, assim como as alterações das relações de trabalho, o alto índice de crescimento demográfico nordestino e as periódicas secas seriam alguns dos fatores que imporiam a migração como última saída ao trabalhador rural. (FONTES, 2008, p. 54)

Essa situação durou várias décadas em São Paulo. Segundo uma pesquisa de 1959, 86% dos homens e 74% das mulheres que chegavam a São Paulo conseguiam emprego até um mês após sua chegada (HUTCHINSON, 1963, p. 68). Mas, em São Miguel, não foi por tanto tempo a Nitro Química a responsável por todos esses empregos. Em pesquisa de 1962 (LANGENBUCH, 1971, p. 269), constata-se que apenas 9,6% da população de São Miguel trabalhava no bairro, e 75% desses na Nitro Química. A partir da década de 1960, o papel dessa empresa como geradora de

empregos no bairro foi cada vez menor, e o bairro foi se tornando, cada vez mais, apenas “dormitório” para seus moradores. Segundo Fontes (2008, p. 100): “Na segunda metade dos anos 1980, calculava-se que menos de 2% da população do bairro era empregada na própria região”. Mesmo assim, ainda na década de 1990 foram muitos os migrantes que chegaram a São Miguel.

Durante o período áureo de seu funcionamento, a Nitro Química prejudicou bastante o meio ambiente no bairro. Primeiramente, porque o rio Tietê, além de ser útil no fornecimento de água para a fábrica, também servia como seu depósito dos dejetos, o que colaborou para a poluição do rio.

atividades industriais, como as da Companhia Nitro Química, inaugurada em 1935, que produzia ácido sulfúrico, sulfato de sódio entre outros produtos e utilizou o Tietê para despejar seus resíduos até a década de 70, quando iniciou o controle na emissão de poluentes líquidos e atmosféricos (OLIVEIRA, 2012, p. 30)

Além da poluição do rio, como podemos observar na citação acima, havia também a questão da poluição atmosférica. Segundo Fontes, “Os famosos gases da Nitro Química extrapolavam o ambiente de trabalho e poluíam o bairro todo, causando uma série de problemas ambientais e de saúde pública.” (2008, p. 120). Esse fato foi relatado a nós por um de nossos informantes, o sr. JR:

Menina, vou te falar... o Lapena eu não sei não, tinha muita olha, tinha muita gente que falava assim, muita gente dizia: “Vocês são doidos, vocês são doidos? Comprar terreno á embaixo com o gás da Nitro Química?”. Ah, aqui, olha, muitas vezes eu mesmo não queria falar que morava aqui no Lapena porque a Nitro Química era manjada para danar por causa do gás. Ih, minha filha, ó, eu vou falar. Eu tava lá em cima, lá em cima no Itaim, lá pra os lados da Pires do Rio, lá para cima. Tinha um baile lá, uma casona lá, a gente ia tudo para lá. Ah, foi um monte. “Vocês onde moram? Vocês tá doidos? Morrer lá naquele gás?” A gente às vezes perguntavam onde a gente morava a gente inventava para dizer que não morava aqui, por causa do gás da Nitro, porque o gás da Nitro... minha esposa aqui, meus filhos eram pequenos, eu trabalhando de noite. Muitas vezes ela saiu coitada doidinha lá para a portaria achando que eu tava morrendo porque quando a ilha funcionava, quando estouravam um disco estourava e explodia DUMMMM saía todo mundo para fora, aquela aquele fogão. Aí, ali pronto, dava um gás danado aqui nessa baixada, viu, e ninguém queria descer, uma porção, Deus me livre, não queria nem de graça. Tinha gente que vocês onde mora, para não mexer com a gente. Olha, ele não quer saber. Aqui, minha filha, muita gente não queria morar aqui não, por causa do gás da Nitro.
(ENT3, INF1, linhas 252-268)

Nessa fala do informante, podemos observar que, além do incômodo devido à poluição, o gás da Nitro Química gerava, ainda, constrangimento para os moradores das

regiões localizadas mais próximas à fábrica, como é o caso do Jardim Lapena, onde mora até hoje o sr. JR. Segundo ele, essa poluição era, também, uma razão pela qual as pessoas não queriam morar na região.

A Nitro Química está em funcionamento ainda nos dias de hoje, mas bastante modestamente em comparação com o que foi no passado. Conforme a página da Prefeitura de São Paulo²⁹: “A Nitro ainda é um dos estabelecimentos de São Miguel que mais oferecem vagas de trabalho: com 401 funcionários, é responsável por quase 185 dos postos da indústria local”. Mas a maior parte da população do bairro trabalha em outros pontos da cidade ou, mesmo, em outras cidades.

1.2.2 Ocupação do “lado de baixo da linha do trem”

O “lado de baixo da linha do trem”, como é conhecida a parte de São Miguel Paulista objeto de nosso estudo, não compartilha com o restante do bairro a mesma história de organização, esvaziamento e desenvolvimento acelerado por nós analisada anteriormente neste capítulo.

Desconhecemos se indígenas habitaram essa exata região nos séculos de colonização. Apenas temos a informação de que era possível chegar de barco a São Miguel de Ururaí, o que nos faz supor que poderia, sim, haver gente morando nas imediações do rio, e que “As margens desse rio [o Tietê] já eram locais habitados pelos indígenas, antes da chegada dos portugueses.” (ZARINATO, 2011, p. 118).

Quanto ao desenvolvimento econômico, apenas temos indícios de que se localizavam na região algumas das olarias do bairro, citadas anteriormente neste capítulo. Segundo o sr. JR:

- Era cheio de olaria essas baixadas todas em sessenta, em sessenta e um sessenta e dois, era cheio
(ENT3, INF1, linhas 101-102)

Eu já vinha me divertir, não morava aqui mas já em cinquenta e nove, sessenta, não tinha vendido aqui. O que tinha era umas três ou quatro olarias aqui por baixo
(ENT3, INF1, linhas 162-164)

Em relação à ocupação dessa área, podemos observar na coleção Sara-Brasil (figura 8), de 1930, que a área de nosso interesse contava com pouquíssimas edificações

²⁹ Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/raimundodemenezes/index.php?p=5722>. Acesso em: 8 set. 2013.

– que, provavelmente, eram olarias –, sendo a maior parte da área composta por capoeiras, provavelmente áreas de plantio, conforme a legenda da carta.

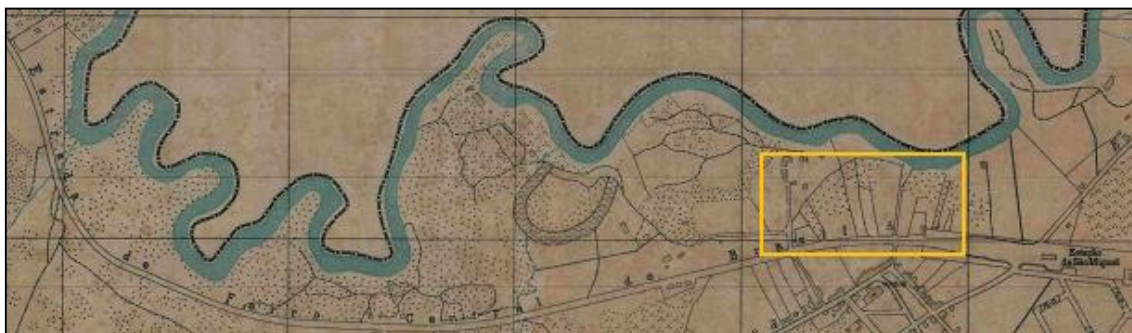


Figura 8. Área entre o rio Tietê e a estrada de ferro Central do Brasil, em São Miguel. Fonte: Sara-Brasil, 1930, folhas 28, 29 e 30.

Em sua tese de cátedra de 1945, Aroldo de Azevedo apresenta um mapa (figura 9) da região no qual podemos observar os mesmos arruamentos da carta de 1930.



Figura 9. Mapa da área no entorno da Nitro Química, em São Miguel, elaborado por João Soukup sob orientação de Aroldo de Azevedo. Fonte: AZEVEDO, 1945, p. 133.

Na fotografia a seguir, de 1958 (figura 10), podemos ver, à direita, o imenso complexo da Nitro Química e, à esquerda dele, alguns poucos arruamentos, bastante similares aos observados nas figuras 8 e 9.



Figura 10. Fotografia do “lado de baixo da linha do trem” em 1958. Fonte: Geoportal – Memória Paulista, 2015.

Alguns anos depois, na década de 1970, podemos observar, pela carta Gegrán (figura 11), que parte da região, correspondente ao chamado Jardim Lapena (também na carta) e ao que chamaremos Vila Nair, tem alguns arruamentos, embora alguns ainda não tenham nome e outros sejam nomeados com letras (rua “A”, rua “B”, etc.). De todo modo, os arruamentos indicam a presença de moradores nessa parte do bairro.

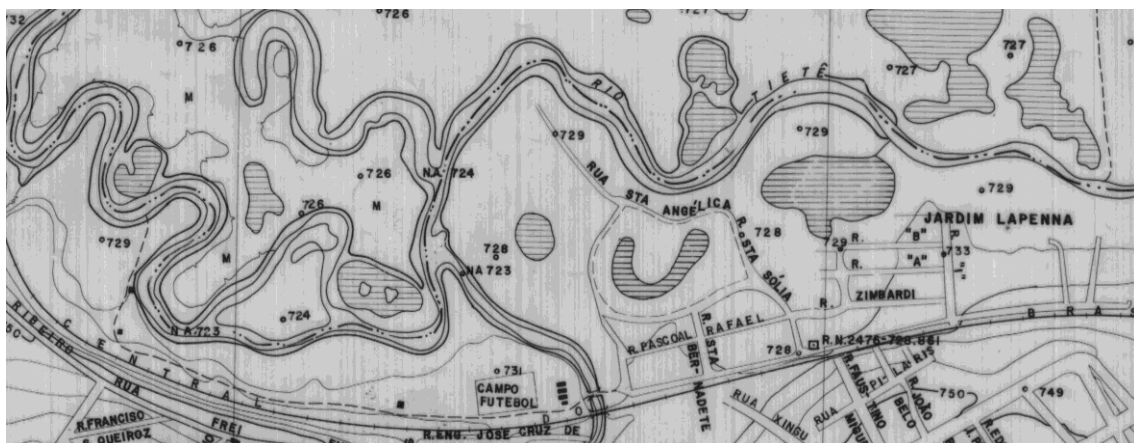


Figura 11. Área entre o rio Tietê e a estrada de ferro Central do Brasil, em São Miguel. Fonte: Gegrán, 1974, folha 101.

Menos de uma década depois, em 1981 (figura 12), vemos na carta Emplasa que há mais arruamentos e que as ruas existentes foram nomeadas. No entanto, na área à esquerda da imagem, observamos apenas um campo de futebol e alguns poucos arruamentos, um cenário bastante distinto do que podemos observar atualmente (figura

13), em que essa área, a Vila União, está mais ocupada que a parte mais antiga dessa região, o Jardim Lapena e a Vila Nair.

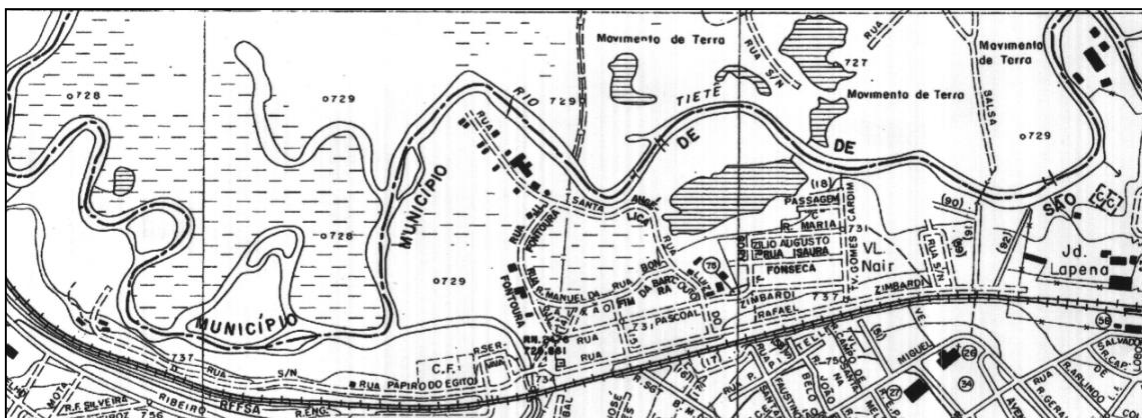


Figura 12. Área entre o rio Tietê e a estrada de ferro Central do Brasil, em São Miguel. Fonte: Emplasa, 1981, folha 4435.

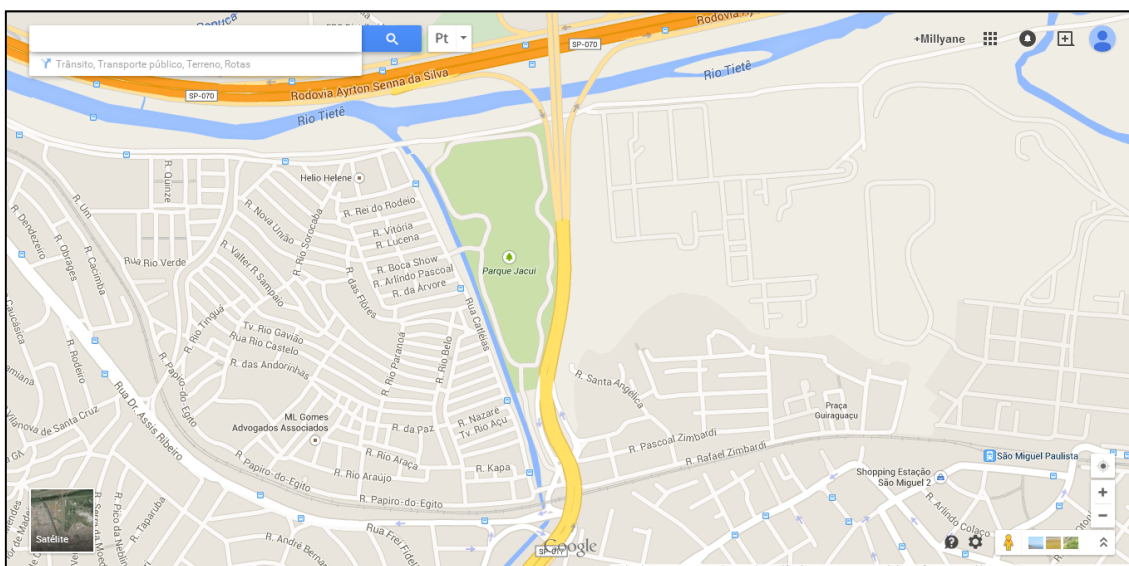


Figura 13. Área entre o rio Tietê e a estrada de ferro Central do Brasil, em São Miguel. Fonte: Google Maps, 2015.

Foi somente a partir da segunda metade da década de 1980 que a Vila União começou a ser massivamente ocupada, após um grupo de aproximadamente duzentas e cinquenta famílias ter sido conduzido, em agosto de 1987, para a região onde hoje é o bairro (OLIVEIRA, 2012, p. 40). Esse grupo estava, anteriormente, em terrenos invadidos em Guaianazes e em São Miguel. Sobre a área para onde foram transferidos, foi publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, de 30 de setembro de 1987: “A área que deverá ser ocupada, de aproximadamente dez mil metros quadrados, fica entre o rio

Tietê e a avenida Assis Ribeiro, antiga estrada São Paulo-Rio”³⁰. De duzentas e cinquenta, esse número chegou a trezentas e quarenta famílias nessa área ainda em 1987:

No ano de 1987, em meio às pressões por atendimento habitacional e processos de invasão, o então Governador do Estado, Orestes Quércia, atendeu reivindicação de reassentar cerca de 340 famílias que estavam ameaçadas de despejo de terrenos particulares da Zona Leste, região de Guaianazes, no Município de São Paulo. (DENIZO, 2007, p. 168)

Mesmo nessa época, a área desse bairro era uma APA (Área de Proteção Ambiental) por ser uma região de meandros do rio Tietê (figura 14) que, segundo os planos de retificação do rio, seria parte do Parque Ecológico do Tietê.



Figura 14. Meandros do rio Tietê em área que, atualmente, corresponde à Vila União. Fonte: Geoportal – Memória Paulista, 2015.

O assentamento provisório dessas famílias acabou se tornando definitivo, cresceu e se tornou o bairro hoje conhecido como Vila União ou União de Vila Nova.

Como solução imediata e provisória, estas famílias receberam a autorização do GESP para ocuparem um setor do Parque Ecológico, de propriedade do DAEE. Como apoio a esta ocupação foi realizado arruamento e doado a cada família 1.000 (mil) blocos de concreto para a construção de uma moradia provisória. Este assentamento provisório, promovido pelo poder público, deu origem ao núcleo habitacional União de Vila Nova, favela quem em 1997 registrava 7.500 ligações clandestinas de energia elétrica e uma população estimada de 37.500 pessoas. (DENIZO, 2007, p. 168-169)

³⁰ Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1987/09/30/2/>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

Essa região faz parte da várzea do rio Tietê. Azevedo, ao falar sobre São Miguel, cita esse elemento geográfico da região:

A várzea do Tietê ocupa mais da metade da área que estamos focalizando. Apresenta-se geralmente larga, chegando a ter 2 km, sendo recoberta por um manto vegetal ora de caráter arbustivo e bastante denso (como em Comendador Ermelino e no trecho entre São Miguel e Itaim), ora rasteiro. (...) Através dessa planície, que se amplia sobretudo a leste de São Miguel, desenvolve-se o rio Tietê, com seus já conhecidos meandros. (1945, p. 125, grifos do autor)

Ao longo do século XX, se deu a retificação do rio Tietê, devido à necessidade de urbanizar suas várzeas, que eram inundadas apenas por curtos períodos durante o ano e, por isso, eram vistas como terrenos propícios para a habitação. Essa intenção já estava presente em estudo de 1866, mas o projeto foi interrompido³¹, tendo sido retomado apenas em 1923, quando o engenheiro Francisco Saturnino R. de Brito começou a estudar a canalização e retificação do rio (figura 15).

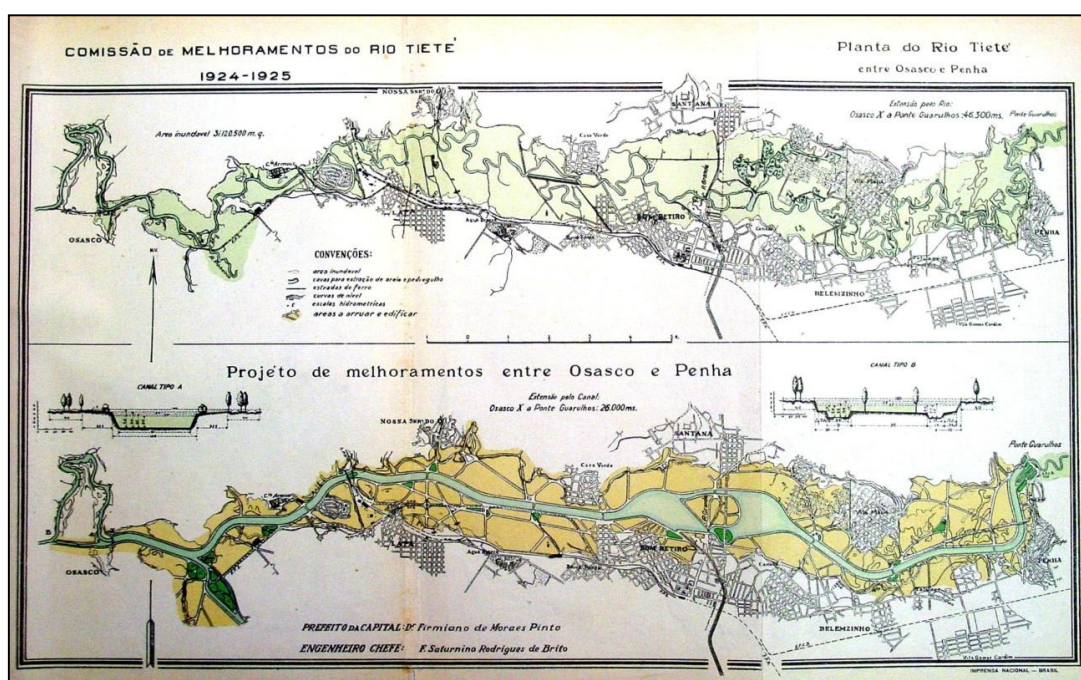


Figura 15. Projeto de retificação do rio Tietê, por Saturnino de Brito (1924). Fonte: FAU-USP, 2015³².

O projeto entregue pelo engenheiro em 1926 tinha as seguintes características³³:

³¹ “Com as epidemias de febre amarela em 1894 foram iniciados os trabalhos de retificação e saneamento dos rios, porém paralisados três anos depois” (OLIVEIRA, 2012, p. 19).

³² Disponível em: <http://www.fau.usp.br/docentes/deprojeto/c_deak/CD/5bd/1rmsp/plans/h1saturn/index.html>. Acesso em: 21 abr. 2015.

³³ Cf. OLIVEIRA, 2012.

- redução dos quarenta e seis quilômetros sinuosos do rio a penas vinte e seis entre Osasco e Guarulhos;
- haveria dois lagos para extração da terra que serviria para aterrar a várzea e se destinariam ao lazer e esporte;
- represas para regularização durante o período de estiagem;
- o rio Tietê seria navegável;
- as várzeas seriam aproveitadas para lazer e esportes;
- seriam construídas barragens, o que auxiliaria na geração de energia.

Em 1929, o engenheiro Francisco Prestes Maia foi convidado para elaborar Plano de Avenidas para o município e refazer o projeto de retificação do rio Tietê. Para este, ele se baseou no projeto de Saturnino de Brito, mas fez algumas alterações³⁴:

- reduziu a secção do canal e das avenidas marginais para diminuir desapropriações;
- suprimiu lagos e bosques;
- desenhou as pontes;
- suprimiu uma barragem.

Em 1975, a Secretaria de Obras e Meio Ambiente sugeriu a criação do Parque Ecológico nas várzeas do Tietê para regularizar o rio, irrigar e recuperar as várzeas e também para lazer. No ano seguinte, foi definido o trecho onde seria o parque, que teria aproximadamente treze quilômetros, da Penha até a Nitro Química, em São Miguel³⁵. A implantação do Centro de Lazer Engenheiro Goulart só se deu em 1982, mesmo assim sem ter sido concluído. As demais áreas, as APAs, seriam atendidas por uma lei que, em 1986, estava em projeto e que visava à preservação das várzeas.

No entanto, após os já citados acontecimentos de 1987, o próprio poder público decidiu liberar a ocupação dessas áreas com moradias, num processo, na maior parte do tempo, desordenado, e que só veio a ser organizado muitos anos depois, entre 2002 e 2010, por meio do Plano de Urbanização de União de Vila Nova.

³⁴ Cf. OLIVEIRA, 2012.

³⁵ Compreendendo, também, a região em estudo neste trabalho.

1.3 Século XXI: situação atual

Conforme a página da PMSP³⁶, São Miguel Paulista tem uma área territorial de 24,30 km², é composto por três distritos (São Miguel Paulista, Vila Jacuí e Jardim Helena) e sua população total é de 369.496 habitantes, tendo uma densidade demográfica de aproximadamente quinze habitantes por quilômetro quadrado³⁷.

No ano de 2008, por ocasião das eleições municipais, o instituto Datafolha realizou uma pesquisa nos 96 distritos da cidade de São Paulo, que originaram uma série de matérias publicadas em dez cadernos do jornal *Folha de S.Paulo* e, posteriormente, o livro *DNA paulistano*³⁸, com os dados da pesquisa. Nesse livro, encontramos informações recentes sobre o perfil do bairro, como o fato de 68% dos habitantes morar em casa própria, 14% cursar faculdade (acima dos 8% no Extremo Leste³⁹, mas abaixo dos 15,8% da média da cidade) e 23% dos moradores terem renda familiar mensal maior que cinco salários mínimos (sendo que, em todo o Extremo Leste, apenas 18% das famílias estão nesse patamar).

O comércio tem grande importância na vida econômica de São Miguel, sendo o bairro um polo de referência nessa área para outros bairros da região e mesmo para outras cidade da RMSP que estão próximas a essa região da cidade. Segundo a PMSP: “O centro de São Miguel, nos arredores da Praça do Forró⁴⁰, é atualmente um importante polo comercial e residencial⁴¹”.

A região da Vila União está, agora, urbanizada, tendo passado por diversas intervenções físicas, como a canalização de córregos, implantação de áreas verdes e de lazer, recuperação de patrimônio histórico, construção de unidades habitacionais e implantação de estrutura viária (figura 16).

³⁶ Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_miguel_paulista/historico/index.php?p=432>. Acesso em: 8 set. 2013.

³⁷ Dados de 2010.

³⁸ Publifolha, 2009.

³⁹ Foram considerados do Extremo Leste os seguintes distritos: Cidade Líder, Cidade Tiradentes, Ermelino Matarazzo, Guaianazes, Iguatemi, Itaim Paulista, Itaquera, Jardim Helena, José Bonifácio, Lajeado, Parque do Carmo, São Mateus, São Miguel Paulista, São Rafael, Vila Curuçá e Vila Jacuí.

⁴⁰ A praça do Forró, cujo nome oficial é praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, mas que já se chamou Campos Sales e também foi conhecida como praça da Matriz, é a praça onde se situa a igreja colonial. O nome praça do Forró deve ao fato de, anos atrás, pelo grande número de nordestinos no bairro, serem comuns as festas em que tocava esse estilo musical, e também pelo palco em formato de chapéu nordestino que havia na praça e que foi retirado durante reestruturação desta no início dos anos 2000. Esse assunto foi trabalhado por nós em monografia de conclusão da disciplina Toponímia Geral e do Brasil I, na graduação, em 2007.

⁴¹ Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/raimundodemenezes/index.php?p=5722>. Acesso em: 8 set. 2013.

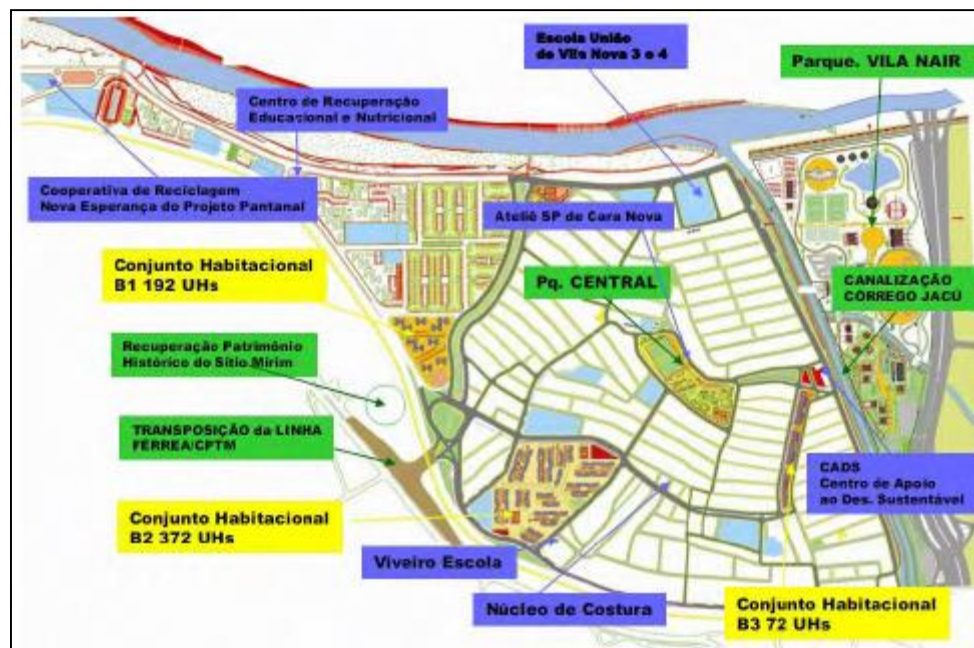


Figura 16. Intervenções físicas na Vila União. Fonte: FROST, 2010.

Além disso, atualmente, a Vila União está passando por um processo de oficialização de topônimos, provavelmente de alguma forma relacionado ao projeto de urbanização. Esse e outros aspectos relacionados à Toponímia, estudaremos mais adiante, no capítulo 3.

2 Metodologia

Neste trabalho, nossas principais fontes para análise dos topônimos são as entrevistas por nós realizadas com moradores da região e os documentos que encontramos em cada caso – cartografia, legislação, bibliografia, etc. Mas, para análise desse material, precisamos estar bem munidos metodologicamente. Nesse sentido, enquanto disciplina linguística, a Toponímia possui uma metodologia tradicional própria e outra, distinta, que vem se desenvolvendo nos últimos anos e da qual nos utilizaremos neste trabalho.

2.1 Toponímia

A metodologia tradicional dos estudos em Toponímia utilizou-se de uma importante contribuição metodológica a essa disciplina linguística, a classificação dos topônimos em taxionomias toponímicas. Essas taxionomias foram trabalhadas por Dick (1990a, 1990b), sendo a:

formulação de uma terminologia técnica, composta do elemento “topônimo”, antecedido de um outro elemento genérico, definidor da respectiva classe onomástica. (...) O primeiro membro do sintagma teria por finalidade definir a classe genérica e, o segundo, a procedência do campo de estudo específico. (1990b, p. 26)

Esse elemento genérico que antecede a palavra *topônimo* trata-se de uma palavra de raiz grega que define um campo semântico em que o topônimo se insere. Exemplo: *hidrotopônimo*, a taxionomia que classifica os nomes de lugar relativos a água, é uma palavra composta por *hidro* (água) + *topônimo*.

Os topônimos são classificados como de natureza física ou antropocultural e é analisado seu termo ou elemento específico, não o genérico. Sobre o elemento genérico, Dick (1990a) explica que:

a Toponímia, em grande número de regiões, serve-se de certos vocábulos, retirados de origens diversas e que, para nós, no conjunto desta obra, estruturam os chamados “termos” ou “vocábulos toponímicos básicos”. Na verdade, nada mais são que o *elemento genérico, definidor de um determinado estrato do ambiente*, seja botânico, hidrográfico, mineralógico ou humano propriamente dito (p. 105-106, grifos da autora)

Ou seja, a floresta, o rio, o córrego, a rua, a vila são elementos genéricos⁴². Já o termo ou elemento específico é “o topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes” (Dick, 1990b, p. 10). Em rio *Tietê*, vila *Jacuí* e rua *Ana Costa*, os elementos específicos estão em destaque.

A seguir, apresentamos um quadro com as taxionomias de natureza física e antropocultural criadas por Dick em 1975⁴³ e reformuladas em 1990:

AS TAXIONOMIAS TOPONÍMICAS	
Taxionomias de natureza física	
Astrotopônimos	Topônimos relativos aos corpos celestes.
Cardinotopônimos	Topônimos relativos às posições geográficas.
Cromotopônimos	Topônimos relativos às escala cromática.
Dimensiotopônimos	Topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos.
Fitotopônimos	Topônimos relativos aos vegetais.
Geomorfotopônimos	Topônimos relativos às formas topográficas.
Hidrotopônimos	Topônimos relativos a água.
Litotopônimos	Topônimos relativos aos minerais e à constituição do solo.
Meteorotopônimos	Topônimos relativos a fenômenos atmosféricos.
Morfotopônimos	Topônimos relativos às formas geométricas.
Zootopônimos	Topônimos relativos a animais.
Taxionomias de natureza antropocultural	
Animotopônimos ou Nootopônimos	Topônimos relativos à vida psíquica e à cultura espiritual.
Antropotopônimos	Topônimos relativos aos nomes próprios individuais.
Axiotopônimos	Topônimos relativos a títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes individuais.
Corotopônimos	Topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
Cronotopônimos	Topônimos que apresentam os indicadores cronológicos novo/nova, velho/velha.
Ecotopônimos	Topônimos relativos às habitações.
Ergotopônimos	Topônimos relativos aos elementos da cultura material.
Enotopônimos	Topônimos relativos aos elementos étnicos.
Dirrematotopônimos	Topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos.
Hierotopônimos	Topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças.
Historiotopônimos	Topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social, assim como a seus membros e datas comemorativas.

⁴² Os elementos genéricos, neste trabalho, serão escritos com letra inicial minúscula.

⁴³ Em sua tese de doutoramento.

Hodotopônimos	Topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana.
Númerotopônimos	Topônimos relativos aos numerais.
Poliotopônimos	Topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
Sociotopônimos	Topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade.
Somatotopônimos	Topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou animal.

Tabela 1. As taxionomias toponímicas. Fonte: DICK, 1990b, p. 31-34.

Como nossa intenção vai além de classificar os topônimos e analisar os resultados provenientes dessa classificação, nos voltaremos às diretrizes e orientações metodológicas de projeto mais recente, desenvolvido atualmente na área de Toponímia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como tratado a seguir. No entanto, em vários momentos de nossa análise recorreremos às taxionomias.

2.1.1 Projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro*

O projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro*, no qual este trabalho se insere tematicamente, começou em 2008⁴⁴ em nível de graduação, sendo este o primeiro trabalho em nível de pós-graduação que dele faz parte⁴⁵. Esse projeto visa “resgatar a memória toponímica de São Paulo, bairro a bairro”⁴⁶ por meio de entrevistas com antigos moradores dos bairros. Por meio dessas entrevistas, se poderá recuperar importantes dados toponímicos que podem ter ficado registrados na memória dessas pessoas, como antigos topônimos que já não são utilizados e mesmo topônimos paralelos que nunca foram oficializados.

Esse projeto tem uma metodologia própria definida, que consiste na definição da área de interesse, levantamento cartográfico, gravação e transcrição das entrevistas, classificação dos topônimos e análise em nível sincrônico e diacrônico. Todos esses passos foram seguidos por nós em nosso trabalho.

⁴⁴ 2008-2009: fase um (Tatuapé - São Paulo/SP); 2011-2012: fase dois (Instituto Previdência Butantã - São Paulo/SP); 2012-atual: fase três (Instituto Previdência/Jardim Adhemar de Barros, Caxingui, Butantã-São Paulo/SP).

⁴⁵ Na graduação não atuamos nesse projeto, apenas na pós-graduação.

⁴⁶ Aqui citamos Carvalhinhos, coordenadora do projeto, em documento de 2008 que o apresenta.

As entrevistas, realizadas no período de fevereiro de 2013 a outubro de 2014, foram feitas com pessoas que moram na região há pelo menos quarenta anos, no caso da área mais antiga, e quinze no caso da área de ocupação mais recente, seguindo um questionário semiestruturado (anexo C)⁴⁷ como guia para a entrevista. As entrevistas foram todas gravadas em formato mp3⁴⁸. Cada entrevista foi transcrita (anexo A) seguindo este padrão:

- a) Cabeçalho da transcrição da entrevista – No cabeçalho da transcrição da entrevista são encontradas as seguintes informações: número da entrevista, de acordo com a ordem que as entrevistas foram realizadas; data em que ocorreu a entrevista; nome e idade do informante (pessoa entrevistada); endereço atual do informante; nome da pesquisadora; nome da revisora da pesquisa;
- b) Padrão tipográfico – Cada fala, do informante e da pesquisadora, é indicada com traço curto no começo. As falas do informante são indicadas com tipologia em itálico; as da pesquisadora têm tipologia normal, sem destaque. As palavras que são topônimos, oficiais ou não, ou têm força de topônimo, são destacadas com sublinha.
- c) Números de linha – As linhas da transcrição estão numeradas de cinco em cinco, ou seja, apenas os múltiplos de cinco. Incluímos a numeração de linhas para facilitar a citação e localização de trechos.
- d) Normas de transcrição – Por não analisarmos neste trabalho aspectos discursivos e conversacionais, mas apenas o conteúdo da interação, optamos por não seguir, para a transcrição das entrevistas, normas consolidadas na academia, como as do projeto NURC⁴⁹, por exemplo. As gravações poderão ser usadas, posteriormente, com objetivos diferentes, que exijam um tipo de transcrição diferente. Nesse caso, outros pesquisadores ficarão responsáveis por novas transcrições dessas mesmas entrevistas.

A seleção das pessoas e serem entrevistadas foi feita a partir de três critérios: (1) moradores antigos conhecidos da pesquisadora; (2) moradores antigos indicados pelos conhecidos; (3) moradores antigos localizados a partir de busca em campo. Foram

⁴⁷ Este questionário foi adaptado do questionário usado por alunos de iniciação científica do projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro*.

⁴⁸ Formato de compressão de áudio adequado por minimizar a perda de qualidade em arquivos de áudio reproduzidos em computador ou outros dispositivos próprios.

⁴⁹ Projeto Estudo da norma urbana culta, que estuda “aspectos organizacionais, estruturais e linguísticos da língua falada, ou da norma linguística urbana culta”. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/site/index.php?option=com_content&view=article&id=87%3Aartigo-nurc&catid=14%3Acategoria-projeto&Itemid=2>. Acesso em: 2 set. 2013.

necessários esses três critérios porque tínhamos a intenção de que o maior número possível de ruas da região de nosso interesse fossem contempladas nas entrevistas⁵⁰.

Quanto à ficha lexicográfico-toponímica, explicaremos a seguir.

2.1.1.1 Ficha lexicográfico-toponímica

Com relação a cada topônimo da área de nosso interesse, preenchemos uma ficha lexicográfico-toponímica (anexo E) com as principais informações sobre o topônimo⁵¹. As informações dessa ficha foram passadas para planilha do programa Microsoft Excel e poderão ser exportadas para fichas do programa de organização de banco de dados Microsoft Access, que poderão constar, futuramente, em página na internet com mapa da área, de modo que um usuário da rede mundial de computadores, ao clicar sobre determinado topônimo, poderá ler, na ficha, informações sobre ele. Além disso, essas fichas poderão ser usadas em estudos posteriores.

As informações constantes na planilha são as seguintes:⁵²

- a) Topônimo (nome do logradouro, rio, praça, etc.). Neste campo entra apenas o termo específico.
- b) Entidade geográfica (rua, parque, córrego, etc.). Neste campo entra o termo genérico, juntamente com a indicação A.F. (acidente físico) ou A.H. (acidente humano).
- c) Nome do bairro. As contradições devem ser indicadas para análise.
- d) Nome do subdistrito ao qual pertence. As contradições devem ser indicadas para análise.
- e) Estrutura do sintagma. Se é justaposto (exemplo: rio Negro) ou aglutinado (exemplo: Parauna, “rio negro” em tupi).
- f) Lat./long. Latitude e longitude do topônimo.
- g) Denominações anteriores. Podem advir de fontes distintas.
- h) Data de alteração. Pode advir de fontes distintas.

⁵⁰ Todos os entrevistados assinaram documento autorizando o uso da transcrição da entrevista para este trabalho ou outros dentro do âmbito do projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro* (anexo D).

⁵¹ Conforme projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro*.

⁵² As orientações sobre os itens da ficha lexicográfico-toponímica foram extraídas do roteiro de pesquisa do projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro*, elaborado por Carvalhinhos, coordenadora do projeto.

- i) Leis e decretos/fonte. Leis e decretos sobre o topônimo e carta, mapa ou planta de onde se coletaram os dados.
- j) Topônimos paralelos relacionados. Outras formas pelas quais o mesmo topônimo é conhecido pelos informantes.
- k) Histórico (oficial da prefeitura). Em nosso caso, a fonte será o *site* do Dicionário de Ruas.⁵³
- l) Contexto. Transcrição de trecho de entrevista relacionado.
- m) Abonações. Informações oficiais sobre a história e motivo da denominação, inclusive nomes anteriores e datas de alteração.
- n) Análise linguística (morfológica, entrada lexical). Explicação das marcas linguísticas do topônimo e explicação do significado no caso dos que necessitam reconstrução etimológica ou o uso de dicionários.
- o) Taxionomia. Classificação do topônimo de acordo com os campos semânticos elaborados por Dick e citados anteriormente, no item 2.1.
- p) Fonte. Carta, mapa ou planta de onde se coletaram os dados.
- q) Pesquisador e data da pesquisa. Nome do aluno responsável pelos dados e data de preenchimento da ficha.
- r) Revisor e data da revisão. Nome do orientador.

Em cada análise, relacionaremos as diversas informações da ficha, de modo que o topônimo seja contemplado sob as várias perspectivas possíveis, do popular ao oficial.

2.2 História Oral

Com relação às entrevistas, uma metodologia que resolvemos utilizar foi a História Oral. Segundo Freitas (2005, p. 18), “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana.”. Esse método pode ser considerado tão antigo quanto a própria História, se pensarmos que os historiadores da Antiguidade, como Heródoto, ouviam os depoimentos de seus informantes para depois fazer o registro escrito (por esse motivo, muitos chamam esse método de “moderna História Oral”). Como método organizado, no entanto, a História Oral começou em 1948,

⁵³ Dicionário de ruas. Portal do Prefeitura do Município de São Paulo. Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acesso em: 9 set. 2013.

quando o professor Allan Navis, da Columbia University, nos Estados Unidos da América, lançou o *The Oral History Project*, que deu origem ao atual *Oral History Research Office*, um dos órgãos de pesquisa na área mais importantes da atualidade. No Brasil, as experiências com História Oral começaram na década de 1970, e “a experiência mais enriquecedora tem sido a do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, ligado à Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, que dispõe de um setor de História Oral desde a sua fundação, em 1975” (FREITAS, 2005, p. 31). Na década de 1980, a História Oral cresceu. Segundo Moraes (1994, p. 11):

Os anos 80 representaram, no campo acadêmico, a consolidação de vários programas de pós-graduação em História e Ciências Sociais, multiplicando-se as teses de mestrado e doutorado. Jovens pesquisadores autônomos passaram a produzir suas pesquisas com História Oral explorando temáticas como a classe trabalhadora brasileira, a história dos bairros, as minorias e grupos discriminados, como negros e mulheres.

Segundo Queiroz (1991, p. 1):

Não há muitos anos, o “relato”, denominado agora “história oral”, fez seu reaparecimento entre as técnicas de coleta de material empregadas pelos cientistas sociais; com tanto sucesso que, por muitos deles, foi encarado como “a” técnica por excelência, e até mesmo a única válida para se contrapor à quantitativa. Enquanto estas últimas, reduzindo a realidade social à aridez dos números, pareciam amputá-la de seus significados, a primeira encerrava a vivacidade dos sons, a opulência dos detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo fato social.

Desde 1994 há a Associação Brasileira de História Oral, que representou a consolidação desse método no país, com sua divulgação e promoção de eventos específicos sobre o assunto.

Durante muito tempo houve, e ainda há, resistência por parte de acadêmicos brasileiros com relação à História Oral, alegando que as fontes orais são falíveis. Ignoram que, “Sendo um método de pesquisa, a História Oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica” (ALBERTI, 2005, p. 29), ou seja, o método proposto pela História Oral funciona em articulação com outras fontes, as tradicionais fontes documentais. Mesmo com os que criticam, as fontes orais vêm fazendo parte, cada vez mais, das produções acadêmicas, não só na área de História, mas também na Sociologia, na Antropologia e, para citar nosso caso, na Linguística. Ao ver-se diante da

necessidade de trabalhar com fontes orais, o pesquisador pode ter dúvidas sobre como proceder, que metodologia usar. Ele sabe que “não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre suas vidas” (ALBERTI, 2005, p. 29). Desse modo, a História Oral é uma possibilidade interessante para o pesquisador lidar com textos orais.

No nosso caso, especificamente, tínhamos as contribuições da já consagrada metodologia da Toponímia, tão bem explicada por Dick em suas obras do ano de 1990, e as orientações metodológicas expressas por Carvalhinhos para o projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro*, mas nos faltava um direcionamento metodológico para a realização das entrevistas. Ao ler mais sobre o assunto, pudemos observar que essa metodologia poderia ser utilizada em nosso trabalho:

- por sua característica multidisciplinar, que possibilita que esteja sendo “sistematicamente utilizada por diversas áreas das ciências humanas, a saber: História, Sociologia, Antropologia, Linguística, Psicologia, entre outras” (FREITAS, 2004, p. 18), sendo que essa multidisciplinaridade também é comum à Toponímia;
- por nosso tema se adequar à metodologia, pois “qualquer tema, desde que seja contemporâneo – isto é, desde que ainda vivam aqueles que têm algo a dizer sobre ele –, é passível de ser investigado através da História Oral” (ALBERTI, 2005, p. 29);
- pela quantidade de entrevistas que a metodologia vê como adequada:

o que interessa é justamente a possibilidade de comparar as diferentes versões dos entrevistados sobre o passado, tendo como ponto de partida e contraponto permanente aquilo que as fontes já existentes dizem sobre o assunto. Assim, é natural que, quanto mais entrevistas puderem ser realizadas, mais consistente será o material sobre o qual se debruçará a análise. (ALBERTI, 2005, p. 35-36.

Esse ponto de vista se adéqua bastante a nossa pesquisa, pois entrevistamos antigos moradores do bairro, perguntando-lhes sobre os atuais e antigos topônimos, oficiais ou não, ao mesmo tempo que pesquisamos sobre os mesmos topônimos em outras fontes. Não nos foi possível trabalhar com tantas entrevistas (apenas oito), mas cremos que foi suficiente para termos elementos de comparação entre o que foi dito

pelos próprios entrevistados e o que aponta – ou, em muitos casos, deixa de apontar – a história oficial, como veremos mais adiante neste trabalho.

2.2.1 As entrevistas

Nesta pesquisa, apesar de trabalharmos com alguns elementos quantitativos como as taxionomias toponímicas, o caráter adotado na análise das entrevistas é muito mais qualitativo. E um dos instrumentos utilizados em pesquisas com esse caráter são os roteiros/questionários/entrevistas semiestruturados. Segundo Manzini:

a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. (2004, p. 2)

Em nossa pesquisa, tínhamos o questionário padrão, baseado no do projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro* (anexo B), mas outras perguntas eram feitas durante a entrevista, dependendo da necessidade e do encaminhamento do assunto.

No que se refere à realização das entrevistas, como dissemos anteriormente, buscamos, inicialmente, informantes entre as pessoas que conhecíamos no bairro, correspondendo à afirmação de Queiroz de que “o conhecimento prévio entre ambos [pesquisador e informante] e a simpatia se tornam importantes” (1991, p. 83) no sentido de se conseguir uma fala espontânea. De fato, pudemos observar que, quanto maior o grau de proximidade entre o informante e a pesquisadora, mais longa e profícua foi a entrevista. Infelizmente, não foi possível entrevistar apenas pessoas conhecidas, pois não tínhamos conhecidos em todas as localidades que pretendíamos estudar. Algumas entrevistas podem, pela falta de envolvimento e confiança por parte do entrevistado, ter sido menos satisfatórias que outras, sem, no entanto, ter perdido em termos de conteúdos a analisar, como veremos, mais adiante, no capítulo 3.

Ao analisar o conteúdo das entrevistas, buscamos relatar as circunstâncias em que estas ocorreram, levando em conta o afirmado por Duarte:

As situações nas quais se verificam os contatos entre pesquisador e sujeitos da pesquisa configuram-se como parte integrante do material de análise. Registrar o modo como são

estabelecidos esses contatos, a forma como o entrevistador é recebido pelo entrevistado, o grau de disponibilidade para a concessão do depoimento, o local em que é concedido (casa, escritório, espaço público etc.), a postura adotada durante a coleta do depoimento, gestos, sinais corporais e/ou mudanças de tom de voz etc., tudo fornece elementos significativos para a leitura/interpretação posterior daquele depoimento, bem como para a compreensão do universo investigado. (2002, p. 145)

Dessa forma, procuramos apresentar nossos informantes e nossa relação com eles e descrever a forma como se deu a entrevista antes de analisar o conteúdo tratado propriamente dito, de modo a oferecer “a outros a possibilidade de refazer o caminho e, desse modo, avaliar com mais segurança as afirmações que fazemos” (DUARTE, 2002, p. 141). Esperamos que, ao longo do próximo capítulo, tenhamos obtido sucesso nesse objetivo.

3 Os moradores e o bairro

3.1 O nome do bairro

3.1.1 O bairro e seus limites

O bairro é um dos elementos da toponímia das áreas urbanas, juntamente com rua, avenida, vila, cidade, etc. Ao estudá-lo, atualmente, a primeira problemática é a da delimitação territorial, que é frequentemente indicada de maneira diferente pela administração pública, empresas de distribuição de serviços (públicas ou privadas) e os habitantes do próprio bairro e os externos a ele. E, dentre os próprios moradores, é comum encontrarmos divergências, como podemos ver, por exemplo, nos trechos a seguir das entrevistas realizadas:

- E pra você assim, OBL, onde que termina o Lapena, onde começa a Vila Nair, a Vila União, pra você na sua cabeça como que é isso?
 - *Não, a Vila Nair ela começa da escola pra lá, é.*
 - E ela vai até onde?
 - *Do grupo pra lá. Vai até o (pausa) o viaduto, né. Aí do viaduto pra lá já começa a Vila União.*
- (ENT2, INF1, linhas 150-155)

- *Não tem aquelas escolas ali?*
 - Sei, o colégio.
 - *Então, ali dali pra lá já é Nair.*
 - Já é Nair. E a União?
 - *União é depois do túnel.*
 - Aí passa o primeiro ou segundo túnel?
 - *Até o túnel, o primeiro túnel, até o primeiro túnel ali é até até passar o ga,, não tem o riacho ali?*
 - Aham.
 - *Então, ali pra cá tudo é da Vila Nair, pertence à Vila Nair*
- (ENT4, INF1, linhas 259-268)

Nesses casos, os dois informantes dão indicações diferentes sobre onde começa a vila União. Enquanto o primeiro diz que é depois do viaduto, o segundo diz que é depois do túnel. E outra informante, ainda, dá uma informação completamente

diferente. Para ela, a União de Vila Nova⁵⁴ contém todos os outros bairros do lado de baixo da linha do trem dentro de si, “é tudo União de Vila Nova”:

- E para a senhora onde que onde que começa um e acaba o outro? Para a senhora União de Vila Nova acaba aonde?
 - *Eu acho que o uni..olha, o União de Vila Nova não pode começar aqui e terminar na Vila Nair porque a Vila Nair é aqui perto.*
 - Hum.
 - *Eu acho que termina lá no final.*
 - No final onde? Lá na, na pista?
 - *É lá no fim mesmo. Eu acho, não sei.*
 - Mas a senhora diz no fim onde? Na pista? No rio, aqui? Onde?
 - *Não, lá no, depois do Lapena.*
 - Ah, para a senhora é tudo União de Vila Nova?
 - *É, para mim é União de Vila Nova*
- (ENT6, INF1, linhas 92-103)

Essa dificuldade de delimitação se dá, muitas vezes, pela própria dificuldade em definir o que é o bairro. Para a sra. MRS, o bairro onde mora é um e a vila é outra, a vila está dentro do bairro:

- E para a senhora qual que é o nome do bairro aqui?
 - *Aqui é São Miguel Paulista, né.*
 - Mas aí a vila aqui não tem outro nome?
 - *Então, aqui é Vila União.*
- (ENT8, INF1, linhas 67-70)

Barros (2011), em sua tese de doutoramento sobre as definições e espacialidades do bairro, fala desses aspectos subjetivos de percepção do espaço e delimitação do bairro. Há variações entre o ponto de vista dos moradores, mas há também percepções próximas, justamente pelos referenciais comuns aos diversos moradores do lugar:

O bairro pertence àquela categoria de ‘pedaços da realidade social’ que possuem uma identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo; o bairro possui uma identidade intersubjetivamente aceita pelos seus moradores e pelos moradores dos outros bairros da cidade, ainda que com variações. Assim é que, apesar de imperceptíveis para um recém-chegado, para um antigo morador os limites entre seu bairro e os bairros vizinhos podem ser razoavelmente ‘visíveis’, familiares em razão do legado de uma forte carga intersubjetiva que lhe imprime na mente referenciais. (BARROS, 2011, p. 32)

Etimologicamente, encontramos duas possibilidades para a origem da palavra *bairro*: do árabe *barri* (de fora, exterior)⁵⁵ ou do latim *barra, barrius* (o que é separado,

⁵⁴ Mesmo que Vila União, como veremos mais adiante, neste capítulo, página 115.

delimitado, trancado)⁵⁶. Cazollato (2005, p. 114) acrescenta algumas informações, citando Houaiss e Villar:

Etimologicamente, aceitam-se duas origens possíveis para a palavra bairro: árabe ou latim. Os significados mais antigos remetem a “exterior, subúrbio”, ou a “travessa, divisória”, e, posteriormente, a “o que está do lado de fora, arrebalde, zona marginal da cidade, povoado junto a uma cidade”. Em documento do século XVII aparece a palavra *bayrro*, significando “parte de uma cidade”. (Houaiss; Villar, 2001) (p. 124)

As duas hipóteses de origem dessa palavra, que restou, além do português, apenas no castelhano (*barrio*) e no catalão (*barri*), podem ser levadas em consideração por nós, tanto pela origem latina de nosso idioma quanto pelo longo período histórico de convívio com os árabes e sua língua na península ibérica. Além disso, os significados nas duas línguas fazem sentido, já que o bairro pode ser considerado uma parte “delimitada” dentro da cidade e também uma parte afastada da cidade, o subúrbio em oposição ao centro. Uma hipótese aceitável é de que essa mesma palavra tenha tido duas origens diferentes, em momentos históricos diferentes, e que, com o tempo, tenha passado a ser utilizada com os dois sentidos.

Para melhor compreender a forma como o bairro é entendido no Brasil, usamos como fonte básica os dicionários. Dispostemos, abaixo, as definições que encontramos, separadas de acordo com as três principais acepções comuns aos dicionários consultados:

a) parte de uma cidade: “cada uma das partes em que se divide uma cidade” (Houaiss, 2009); “Cada uma das áreas habitadas de uma cidade” (Caldas Aulete on-line); “cada uma das partes principais em que se divide uma cidade” (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, 1948); “Cada uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade” (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, 1988); “Cada uma das partes principais em que se divide uma cidade” (Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1981); “Cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade ou vila” (Aurélio, 2004); “Cada uma das zonas principais em que se divide uma cidade” (Dicionário da arquitetura brasileira, 1972); “Divisão de cidade (administrativa ou não)” (Novo dicionário compacto da língua portuguesa, 1980).

⁵⁵ AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3 ed. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1948, v. 1.

⁵⁶ GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

Em alguns casos há uma justificativa sobre a utilidade de haver essa divisão nas cidades: “para facilitar a orientação das pessoas e possibilitar administração pública mais eficaz” (*Houaiss*, 2009); “facilitando a orientação das pessoas” (*Caldas Aulete on-line*); “para mais precisa orientação das pessoas e mais fácil controle administrativo dos serviços públicos” (*Aurélio*, 2004).

Caldas Aulete acrescenta que “em cidades médias e grandes, podem ter limites administrativos mais ou menos precisos, ou ser definidos e nomeados tradicionalmente, pelo uso informal dos habitantes, segundo características urbanas (geográficas, históricas, econômicas ou sociais, etc.)” (*Caldas Aulete on-line*).

E encontramos, ainda, no *Houaiss*, uma definição de cunho mais social: “área urbana ger. ocupada por pessoas de uma mesma classe social” (*Houaiss*, 2009).

b) parte de qualquer povoação: “Em geral, uma porção de território de qualquer povoação” (*Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 1948); “Porção de território de uma povoação, mais ou menos separada” (*Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, 1988); “Porção de território de uma povoação” (*Encyclopaedia Britannica do Brasil*, 1981); “Parte de uma povoação” (*Grande dicionário da língua portuguesa*, 1996).

c) parte povoada no entorno da cidade: “porção de território povoado nas cercanias de uma cidade; povoado, arraial, distrito” (*Houaiss*, 2009); “Arrabalde, subúrbio” (*Caldas Aulete on-line*); “Arrabalde, subúrbio” (*Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, 1988); “Arraial, povoação” (*Encyclopaedia Britannica do Brasil*, 1981); “uma porção de território nas proximidades de um núcleo urbano” (*Dicionário da arquitetura brasileira*, 1972). Em Minas Gerais: “acp. 1 [porção de território povoado nas cercanias de uma cidade; povoado, arraial, distrito] ainda em curso em Minas Gerais” (*Houaiss*, 2009); “MG Pequeno povoado” (*Caldas Aulete on-line*); “(Bras., Minas Gerais) Arraial, povoado” (*Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 1948); “Nome que, na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, se dá aos pequenos povoados ou arraiais dos municípios. Tem a mesma significação de comércio, comércinho, rua, etc.” (*Dicionário da terra e da gente do Brasil*, 1961).

No caso de nosso objeto, os bairros do “lado de baixo da linha do trem”, em São Miguel Paulista, as acepções expressas nos itens (a) e (b) parecem as mais adequadas,

mas também a (c) não pode ser invalidada, tendo-se em vista que, historicamente, por tanto tempo, São Miguel esteve de certo modo apartado da cidade de São Paulo, como vimos no capítulo 1.

Tratando ainda da questão das definições encontradas, ao pensar no bairro como uma das partes em que a cidade é dividida, nos deparamos com uma pergunta cuja resposta é bastante complexa: dividida por quem? Cazollato (2005) apresenta exemplos que comprovam que diferentes órgãos e empresas, tais como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e os Correios, tendem a delimitar e nomear os bairros de maneira diferente. Sobre as empresas de serviços, Cazzolato diz:

A informação que trazem relativa ao bairro em que se situa cada endereço, no entanto, apresenta os mesmos problemas encontrados nos demais cadastros: pela falta de definição oficial dos bairros e respectivos perímetros, fica sujeita a interpretações. (CAZZOLATO, 2005, p. 65)

Dessa forma, um morador de uma cidade como São Paulo (SP), por exemplo, recebe correspondências num mesmo endereço com diferentes indicações de bairro, como se pode observar no exemplo a seguir:

Maria Buragina Gallina, residente à rua Paulo José da Costa, 73, Jardim Grimaldi, distrito de Sapopemba, em entrevista durante pesquisa de campo, teve o cuidado de mostrar ao autor a diversidade de nomes de bairros na correspondência que recebe:

carnê do IPTU (prefeitura)	Vila Virgínia
conta de água (Sabesp)	(sem bairro)
conta de telefone (Telefonica)	Vila União
conta de energia (Eletropaulo)	(sem bairro)
carnê da previdência (INSS)	Sapopemba
carnê de financiamento (banco FIAT)	Parque Luís Mucciolo
extrato bancário (Banespa)	Jardim Grimaldi

(CAZOLLATO, 2005, p. 65)

Já numa das primeiras respostas que deu, nosso informante sr. OPR sinalizou a problemática dos diversos nomes pelos quais o bairro é conhecido:

- Para mim quando eu comprei aqui o terreno era Vila Central, quando eu comprei o terreno aqui era Vila Central, depois começaram a misturar com Lapena, Lapena, Lapena, Lapena, Lapena, depois misturaram com Nair, aí ficou coisa danada, ninguém sabe o que é. Então às vezes vem correspondência pro Nair, vem correspondência pro Lapena, mas não para Central. Mas nós compramos o terreno como Vila Central. (ENT1_INF1, linha 19-23)

Esse não é um fenômeno inédito desse bairro e do bairro de Maria Buragina; acontece em muitos outros. Não há critérios por parte da Prefeitura de São Paulo no sentido de nomear oficialmente e estabelecer o perímetro dos bairros da cidade. Para Cazzolato, “casos como o de Maria [e do sr. OPR, podemos acrescentar] são muito frequentes em São Paulo, e são uma das faces visíveis da omissão, por parte da municipalidade, em relação ao próprio espaço” (p. 66).

Em São Paulo, a cidade tem subprefeituras⁵⁷ constituídas por distritos⁵⁸. A subprefeitura de São Miguel, por exemplo, é constituída pelos distritos de São Miguel, Jardim Helena e Vila Jacuí. Subentende-se que dentro de cada distrito há vários bairros, como veremos na tabela 2⁵⁹ e podemos observar na reprodução abaixo (figura 17), do preenchimento de um formulário no próprio portal da PMSP na internet:

A sua Instituição está localizada na Cidade de São Paulo? Sim Não

* Selecione a Subprefeitura, Distrito e Bairro/UDH onde a sua Instituição está localizada na Cidade de São Paulo:

Subprefeitura: SÃO MIGUEL

Distrito: SÃO MIGUEL

Bairro/UDH: Seleccione

* Senha: Jardim Lajeado/Vila Danubio Azul
Jardim Lapena/Parque Sonia/Vila Aparecida
São Miguel Paulista
Vila Progresso
Vila Rosária

* Repita a Senha:

Incluir Voltar

PREFEITURA DE SÃO PAULO

Figura 17. Detalhe de um formulário de cadastro no Portal da PMSP. Fonte: Portal da PMSP⁶⁰.

Como podemos observar, é necessário selecionar a subprefeitura, o distrito e o bairro. Apesar de o bairro não ser uma divisão administrativa, é levado em conta, mesmo pela prefeitura, em outras situações, como essa que, provavelmente, é apenas

⁵⁷ As subprefeituras foram criadas e são regidas pela lei n. 13.399, de 1º de agosto de 2002, que está disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/lei_13_399_1254940922.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2015.

⁵⁸ A lista das subprefeituras e distritos do município de São Paulo pode ser visualizada em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758> (acesso em 13 out. 2014).

⁵⁹ Ver página 80.

⁶⁰ Disponível em: <http://atlas municipal.prefeitura.sp.gov.br/Usuario/CadUsuario.aspx?Tp_Log=0>. Acesso em: 25 abr. 2015.

para fins estatísticos. No entanto, não obtivemos sucesso ao procurar no portal um mapa ou documento equivalente com a divisão em bairros, mas apenas em subprefeituras e distritos.

Em termos de legislação, há leis relativas à criação e supressão de distritos, mas não há nada sobre a divisão intradistrital ou divisão do município em unidades equivalentes a bairros. Talvez por isso haja a indefinição referente a esse assunto, que permite uma variedade tão grande de topônimos para uma mesma área, como pudemos observar nos casos de Maria Buragina Gallina e do sr. OPR, citados anteriormente.

Os próprios moradores costumam ter dificuldade em identificar o nome do bairro em que vivem. Cazollato (2005, p. 67) cita trechos de conversas telefônicas em que se perguntava “Que bairro é aí?”:

- “Vila Invernada ou Santa Clara. Também Vila Diva. Pode ser os três.” (...)
- “Jardim Míriam, embora uns chamem Lajeado, Camargo Velho...” (...)
- “Pra mim é Jardim Vale Verde, mas também chamam M’Boi Mirim”

Também nós, nas falas de nossos informantes, deparamos com situações semelhantes, como neste trecho:

E seu JSM, é, para o senhor qual que é o nome do bairro aqui, dessa casa onde o senhor mora?
 - Ah, você fala o nome do bairro aqui? Aqui eles falam assim que aqui é Vila Nair e já fala União de Vila Nova mas diz que União de Vila Nova é para baixo né, mas aqui é tudo União de Vila Nova, né.
 - Fala para baixo onde?
 - Agora nos documentos de conta de luz vem como Vila Nair.
 (ENT5, INF1, linhas 35-41)

No entanto – e nesse momento já entramos no aspecto social do que vem a ser o bairro –, o que define o bairro, para seu habitante, está menos ligado a aspectos concretos, como limites físicos, do que a aspectos subjetivos, como a identificação da pessoa com o lugar.

Para Bezerra (2011, p. 27):

na identificação de um bairro, para a maioria dos seus habitantes, não interessa o seu limite imposto por um órgão gestor, porque se já o identificam físico-cognitivamente, pouco lhes importa até onde se estendem seus limites.

Ou seja, mesmo que o órgão público responsável defina os limites exatos do bairro, possivelmente seus moradores terão seus próprios limites subjetivos, que podem ou não coincidir com os oficiais, como podemos observar no caso da sra. JMM, que, dos nossos informantes, foi a única a considerar que a “*União de Vila Nova é tudo*” (ENT6, INF1, linhas 102-107), incluindo o Jardim Lapena e a Vila Nair, uma compreensão subjetiva dela a respeito dos limites do bairro. Sua explicação para isso é que “*União de Vila Nova não pode começar aqui e terminar na Vila Nair porque a Vila Nair é aqui perto*” (ENT6, INF1, linhas 94-95). Ou seja, segundo ela, o bairro onde vive seria muito pequeno se terminasse em outro tão próximo; logo, ele vai além, “*é tudo*”, uma percepção bastante particular do que é o bairro no que se refere à sua extensão, mas com forte influência da impressão pessoal sobre ele.

Rossi (1995, p. 63-67) faz uma observação a respeito da questão da cidade e do bairro que nos aponta essa mobilidade dos limites do bairro e o que cada um pensa sobre ele como uma característica própria do que é o bairro e de seu papel na identidade do cidadão:

a cidade, na sua vastidão e na sua beleza, é uma criação nascida de numerosos e diversos momentos de formação; a unidade desses momentos é a unidade urbana em seu conjunto, a possibilidade de ler a cidade com continuidade reside em seu preeminente caráter formal e espacial (...) O bairro torna-se, pois, um momento, um setor da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza, constituído por partes e à sua imagem. Para a morfologia social, o bairro é uma unidade morfológica estrutural; é caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função; portanto, uma mudança num desses elementos é suficiente para alterar o limite do bairro.

Nesse sentido, uma diferença que podemos observar entre nossos informantes do Jardim Lapena e os da Vila União é que estes chegaram ao bairro em épocas distintas: enquanto os primeiros moradores do Jardim Lapena estão no bairro desde o final da década de 1960, os mais antigos da Vila União chegaram na década de 1980. São vinte anos de diferença nesse “momento” do bairro. É possível que, por essa diferença temporal, a visão deles a respeito dos bairros em que vivem seja tão diferente.

De um lado, podemos observar que nossos informantes do Jardim Lapena, ao ser questionados sobre o bairro onde vivem, os bairros ao redor e os limites entre eles, são mais assertivos em suas respostas que os informantes da Vila União; relatam fatos da história desses bairros e de seus moradores, enquanto os da Vila União respondem com menos detalhes. Isso pode se dar porque os que estão há mais tempo na região

vivenciaram mais acontecimentos e, por isso, têm mais histórias para contar, ou mesmo porque já conheciam a pesquisadora há mais tempo e sentiram-se mais à vontade na situação de entrevista gravada. Mas também pode ser porque os moradores da Vila União vivem em um contexto socioeconômico e sociocultural diferente, em que saem pouco das proximidades do local onde vivem, por isso um maior desconhecimento em relação às ruas e bairros da região. De todo modo, podemos observar que o próprio bairro e os bairros vizinhos têm representatividades diferentes para cada um dos grupos de moradores.

3.2 O nome da rua

3.2.1 Políticas de nomeação de logradouros

Para que o nome de lugar cumpra sua função social de identificar o local não apenas perante seus habitantes, mas também diante da sociedade como um todo, possibilitando sua localização para fins de entregas em geral e mesmo de oferta dos serviços públicos de infraestrutura, por exemplo, é necessário que haja a oficialização dos topônimos, ou seja, que o poder público reconheça ou designe legalmente o nome de lugar. Esse processo se dá de formas distintas em diferentes lugares, como exemplificaremos a seguir.

Países europeus, amantes de seus costumes e tradições, como a França, Alemanha e Inglaterra, costumam manter inalterada a sua toponímia; raramente, diz Backheuser, “há crismas posteriores”. Com esse procedimento, vai-se consolidando, com segurança, o grau de cientificidade do designativo, permitindo, na conservação seja de formas de linguagem em desuso ou de fatos ligados a épocas distantes, a restauração das tendências culturais então em vigor, transformando-se, segundo a expressão francesa, em um “fóssil linguístico” (DICK, 1997, p. 207)

Na Europa, dada a longa história do continente, um topônimo pode remontar à ocupação de determinado povo em uma época muito antiga. A história do lugar pode ter se perdido com o passar do tempo, mas o topônimo mantido há tantos séculos age como *fóssil linguístico*⁶¹, ou seja, documenta a passagem de determinado povo pelo lugar e, ainda, a visão de mundo desse povo, sendo possível estudar as influências dele na cultura daquele lugar tempos mais tarde. Sendo assim, é compreensível que os países

⁶¹ Termo cunhado pelo francês Jean Brunhes na obra *La Géographie humaine*. Paris: Félix Alcan, 1910.

européus sejam resistentes às alterações toponímicas, pois os topônimos servem como registro de sua história. Recorrentes substituições toponímicas, como as que acontecem em São Paulo, ocasionam o apagamento paulatino dessa memória.

Talvez por esse motivo alguns países, como Portugal, possuam órgãos responsáveis por estabelecer critérios de preservação cultural, da nomenclatura de lugares e, principalmente, para as alterações toponímicas. No caso de Portugal:

Caracterizado como um órgão consultivo, a Comissão Municipal de Toponímia tem como atribuição servir de assessoria à Câmara Municipal e às Juntas de Freguesia em assuntos técnicos relativos à toponímia. (LIMA, 2012, p. 2)

As comissões de Toponímia em Portugal começaram a surgir no começo dos anos 2000. Antes disso, no final da década de 1990, foi criado o Regulamento Municipal de Toponímia e Numeração de Polícia, que explicita as condições para nomeação ou alteração toponímica. Com algumas pequenas diferenças textuais entre o Regulamento de um Concelho e outro, podemos ler, no preâmbulo do texto, que:

Os nomes das freguesias, localidades, lugares de morada e outros, reflectem – e deverão continuar a reflectir – os sentimentos e as personalidades das pessoas e memórias valores, factos, figuras de relevo, épocas, usos e costumes, pelo que, traduzindo a memória das populações, deverão a escolha, atribuição e alteração dos topónimos rodear-se de particular cuidado e pautar-se por critérios de rigor, coerência e isenção. **As designações toponímicas devem ser estáveis e pouco sensíveis às simples modificações de conjuntura, não devendo ser influenciada por critérios subjectivos ou factores de circunstância, embora possam reflectir alterações sociais importantes.** (REGULAMENTO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA E NUMERAÇÃO DE POLÍCIA, Concelho de Loures, 2012, grifo nosso.)

Percebe-se que os redatores do documento citado têm consciência do valor cultural e histórico do topônimo e, por isso, recomendam que “deverão a escolha, atribuição e alteração dos topônimos rodear-se de particular cuidado e pautar-se por critérios de rigor, coerência e isenção”, e ainda destacam a importância da estabilidade das designações toponímicas, que não devem ser alteradas sem a devida parcimônia. Essa realidade é muito diferente da que se vivencia em São Paulo, onde muitas das alterações toponímicas devem-se claramente às injunções políticas, pouco (ou nada) tendo relação com reais alterações sociais que pudessem gerar essas modificações.

No Brasil, não há nada organizado. O país faz parte de dois Grupos de Trabalho do grupo da ONU que se preocupa com questões onomásticas, mas, conforme Carvalhinhos (2008, p. 17), isso se dá apenas “no papel”, pois não costuma haver

representante do Brasil nas reuniões desses Grupos de Trabalho. Sobre o grupo da ONU, Carvalhinhos explica:

A Organização das Nações Unidas (ONU) mantém um grupo que se dedica aos estudos que englobam a onomástica, o **UNGEEN**, *United Nations Group of Experts on Geographical Names*, cujas divisões agrupam os países segundo as unidades linguísticas, culturais ou geográficas e cujos Grupos de Trabalho se dedicam à normatização toponímica, entre outras atividades. O Brasil participa de duas divisões, Divisão da América Latina e Divisão dos Países Lusófonos, ainda que apenas no papel: pelo que sabemos, a política neste sentido é incipiente e mesmo o IBGE está principiando, outra vez (...), a pensar ações que integrem o Brasil nessas Comissões. (CARVALHINHOS, 2007, p. 17, grifos da autora)

A participação do Brasil nos GTs, contudo, encontra-se em fase incipiente e o que se observa, na prática, é que os municípios brasileiros não têm uma norma única para a questão toponímica nas cidades (doação de nomes, alterações, substituições), tampouco critérios para as referidas situações são uniformes. (CARVALHINHOS, 2011, p. 2)

A única exceção de que temos conhecimento é o caso do município do Rio de Janeiro, que, desde 2006, constituiu a Comissão Carioca de Nomenclatura de Logradouros e Equipamentos Públicos (CCNLEP), conforme decreto n. 26.193:

DECRETO Nº 26.193, de 25 de janeiro de 2006

CONSTITUI Comissão Carioca de Nomenclatura de Logradouros e Equipamentos Públicos.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, e CONSIDERANDO a necessidade de nominar ordenadamente os logradouros públicos; CONSIDERANDO opiniões conflitivas na nomenclatura de logradouros; CONSIDERANDO a necessidade de ordenamento deste processo; e ainda, CONSIDERANDO a necessidade de homenagear adequadamente personalidades de distintas origens e por diversas razões; DECRETA:

Art. 1º Fica constituída a Comissão Carioca de Nomenclatura de Logradouros e Equipamentos Públicos, composta pelas Secretarias Municipais das Culturas que a coordenará, Urbanismo, Gabinete do Prefeito, Departamento Geral de Patrimônio Cultural e Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos.

Parágrafo Único - Fica incumbida a SMC de convidar cinco representantes da sociedade civil com notório saber sobre a história da Cidade ou formação em história, museologia e áreas afins.

Art. 2º Cabe à Comissão Carioca de Nomenclatura de Logradouros e Equipamentos Públicos:

I - receber e decidir sobre pedidos e sugestões;

II - avaliar decisões anteriores e propor - ou não - alterações;

III - fazer levantamento de personalidades de todos os ramos de atividade que marcaram a vida da Cidade, seja a nível geral ou local, e manter cadastro para os logradouros e equipamentos que queiram ser nominados;

IV - avaliar e decidir sobre nomenclaturas que guardem relação simbólica com fatos;

V - avaliar a designação de personalidades estrangeiras, seja como homenagem pelos serviços prestados à humanidade, a esta nação ou a outras nações e regiões; seja pelos serviços prestados à Cidade do Rio de Janeiro, e,

VI - eventualmente propor mudança de nomeações⁶².
(...)

No Rio de Janeiro foi criada essa comissão, composta por secretarias municipais e membros da sociedade civil a fim de decidir todos os assuntos relativos à nomeação de logradouros, mas essa nos parece ser uma iniciativa vanguardista no Brasil. De modo geral, as leis relativas a esse assunto podem variar em todo o país. A seguir, veremos como isso se dá no município de São Paulo.

3.2.1.1 Nomes de logradouro em São Paulo

A lei n. 14.454, de 27 de junho de 2007, o decreto n. 49.346, de 27 de março de 2008, e a lei n. 15.717, de 23 de abril de 2013, tratam da nomeação de logradouros no município de São Paulo. Nessa cidade, os logradouros são identificados por atos do Executivo (por meio da Secretaria de Habitação, por exemplo) e podem ser propostos pelo Legislativo por meio de projetos de lei e decretos.

Dentre outros aspectos, as leis de 2007 e de 2013 e o decreto de 2008 citados anteriormente fazem a diferenciação entre rua, avenida, viela, beco, travessa, ponte, etc. – o genérico –, indicando as especificidades de cada um e suas medidas, e apontam o que pode e o que não pode ser nome de logradouro em São Paulo:

- podem ser nomes de logradouro: nomes de pessoas (desde que já falecidas e, preferencialmente, que tenham participação relevante na história da localidade), datas ou fatos históricos, nomes de obras artísticas, personagens folclóricas, corpos celestes, topônimos (ou seja, nomes de outros lugares), acidentes geográficos e espécimes da fauna ou flora;
- não podem ser nomes de logradouros: denominações homônimas dentro da mesma cidade e denominação suscetível a expor ao ridículo os moradores do lugar;
- podem ser alterados os nomes de logradouros: no caso das situações citadas no item anterior e “quando se tratar de denominação referente à

⁶² O decreto pode ser lido na íntegra buscando-o na página Leis municipais. Disponível em: <<https://www.leismunicipais.com.br>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

autoridade que tenha cometido crime de lesa-humanidade ou graves violações de direitos humanos” (2013⁶³).

Antes dessas leis e desse decreto, ao longo do século XX houve um grande desenvolvimento da metrópole, o que ocasionou também seu crescimento populacional. Por esse motivo, proliferaram-se os loteamentos irregulares. As novas ruas que surgiam iam sendo nomeadas com letras e números ou com nomes que já existiam dentro do município, o que causava problemas para os órgãos públicos e empresas entregadoras.

Conforme o Dicionário de Ruas⁶⁴:

Problema antigo da cidade, o seu rápido e espantoso crescimento trazia como consequência a ocupação por moradores de áreas rurais e, mais grave, a proliferação de loteamentos não regulares. Ao mesmo tempo, a estrutura administrativa da Prefeitura não conseguia acompanhar a enorme velocidade com que eram abertas as novas vias e logradouros, o que redundava na grande quantidade de ruas identificadas apenas por letras ou números. Por vezes, algumas comunidades (ou mesmo os loteadores) não aceitando essa situação, resolviam por conta própria “batizar” as ruas que, dessa maneira, ficavam apenas “conhecidas”, não sendo reconhecidas pelo poder público.

Visando regularizar essa situação, na década de 1970 foram criadas estratégias e grupos de trabalho para pensar uma solução para essa demanda de organizar a nomeação de logradouros em São Paulo. Antes disso, o que a Prefeitura fazia era editar atos e decretos genéricos oficializando logradouros. Em 1977, foi finalizado e implantado o Sistema Banco de Nomes, elaborado pelo Departamento de Rendas Imobiliárias da Prefeitura de São Paulo e por três consultores contratados para essa finalidade, Benedito Lima de Toledo (arquiteto), Flávio Di Giorgi (professor) e Lauro Machado Coelho (jornalista), responsáveis por estudar e sugerir nomes que viriam a compor o banco.

Conforme o Dicionário de Ruas, de 1977 até o final da década de 1980 muitos dos 25.000 nomes que compuseram essa primeira versão do Banco de Nomes foram dados a logradouros em São Paulo, restando apenas poucos de difícil escrita e pronúncia. Desde então esse banco tem sido realimentado, tanto pela equipe da Seção de Denominação de Logradouros quanto pela população, o que foi possível graças ao projeto Participação Popular (1990).

⁶³ Modificação recente devido às manifestações de 2013 e aos trabalhos da Comissão da Verdade.

⁶⁴ Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/Introducao.aspx>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

Atualmente este banco ainda é fonte para a nomeação de novos logradouros, que é feita por meio da publicação de leis, decretos e portarias, que podem partir diretamente do Executivo ou do Legislativo, por meio de projetos de lei, conforme o decreto n. 49.346, de 27 de março de 2008:

SEÇÃO III

DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS

Art. 7º. Os logradouros poderão ser identificados com denominações oficiais atribuídas por lei ou decreto, no caso de apresentarem leito oficial, e por portaria de designação, nos demais casos, a juízo do órgão competente.

Parágrafo único. O logradouro com nome conhecido ou identificado por portaria de designação, ao ter seu leito considerado oficial, deverá ser identificado por decreto que mantenha o mesmo nome, desde que atenda os requisitos previstos neste decreto.

(PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2008)

No entanto, podemos questionar o papel a população do logradouro na escolha desses nomes; o que acontece se o logradouro já tiver um nome pelo qual a população o conhece, se isso é levado em consideração ao nomeá-lo oficialmente; e como são escolhidos os nomes que serão designados à rua *x*, *y* ou *z*. Analisaremos melhor essas questões mais adiante, neste capítulo. Por ora, apenas comentaremos um novo recurso que observamos no portal da Prefeitura de São Paulo⁶⁵, Denominação/oficialização de logradouros públicos, que, segundo as informações da página eletrônica, trata-se de:

Serviço gratuito destinado a receber e analisar indicações de nome a ser atribuído a um determinado logradouro: rua, praça, avenida, ponte, parque, etc., conforme legislação em vigor.

Não está claro, mas, pelo que compreendemos, o cidadão faz a indicação do nome que gostaria que fosse dado ao logradouro e esse será analisado (não se diz por quem) para, imaginamos, ser repassado aos responsáveis para ser incluído numa portaria.

Os documentos necessários para indicar sugestões⁶⁶ permitem observar dois fatores: (a) o primeiro item, que nos indica que apenas moradores do logradouro em questão podem fazer sugestões de nomes; e (b) o terceiro item da lista, que, por nossa

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/portal/secoes/nav-cidadao/#/MSwzMiwxMDIzLDEwMjUsMTEyMg==>>. Acesso em: 15 out. 2014.

⁶⁶ Há também informações sobre a documentação que o cidadão deve levar para fazer sua indicação:

Documentos necessários:

- cópia da notificação do IPTU;
- croqui da localização do logradouro;
- biografia e atestado de óbito da pessoa a ser homenageada.;
- requerimento disponível [aqui](#) (imprimir e preencher).

análise, coloca como única opção ao cidadão sugerir um antropotopônimo para o logradouro. Concordamos que apenas moradores do logradouro façam sugestões. No entanto, questionamos que um único morador possa fazer a indicação de nome e, caso esta seja considerada adequada, imaginamos se esse nome seria dado ao logradouro sem consultar os demais habitantes da localidade. Quanto ao terceiro item, é interessante constatar que já se suponha que um topônimo na cidade deva homenagear alguém. A cidade de São Paulo, assim como outras cidades brasileiras, tem um grande número de topônimos que homenageiam pessoas. Sobre esse fenômeno, Carvalhinhos (2011, p. 2) afirma que:

Essa massificação antropotoponímica, ou a grande quantidade de nomes de ruas referentes a pessoas e personalidades, cria uma descaracterização da função precípua do topônimo: individualizar, particularizar, identificar um lugar ou espaço.

Ainda com relação ao procedimento para indicar nome para um logradouro, há também informações sobre o local e horário para o cidadão se apresentar com a documentação:

Procedimento de solicitação: no serviço protocolos de SEL, Rua São Bento, 405, 8º andar, de 2ª a 6ª feira das 9h às 17h

A SEL é a Secretaria Municipal de Licenciamento. A Prefeitura de São Paulo nos dá as seguintes informações sobre essa Secretaria⁶⁷:

Criada em julho de 2013, a Secretaria Municipal de Licenciamento (SEL) é uma pasta plena, encarregada de inaugurar em São Paulo um novo modelo de gestão urbana. Sua principal missão é a de reorganizar o fluxo de processos para liberação de alvarás, dando um direcionamento mais racional, ágil e transparente aos pedidos.

(...)

Estrutura

A secretaria é formada por cinco coordenadorias, cada uma delas é responsável pelo licenciamento total de diferentes tipos de empreendimento.

(...)

Além das supervisões gerais:

INFO – Supervisão Geral de Informação

Responsável pelo acervo, operacionalização e atualização de cadastro de logradouros, terrenos, edificações, além da numeração e certidão, melhoramento viário, legislação sobre zoneamento, áreas de proteção.

(...)

⁶⁷ Informações disponíveis em:

<<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamentos/organizacao/index.php?p=148274>>.

Acesso em: 15 out. 2014.

Sobre a INFO – Supervisão Geral de Informação, encontramos as seguintes informações⁶⁸:

A supervisão Geral de Informação – INFO tem as seguintes atribuições:

(...)

VI – Propor a denominação e designação de logradouros públicos;

(...)

A Secretaria Municipal de Licenciamento e a INFO (Supervisão Geral de Informação) foram criadas por meio da lei n. 15.764, de 27 de maio de 2013. Antes dessa lei, eram outros os órgãos responsáveis pela nomeação de logradouros:

Art. 11. O Departamento de Cadastro Setorial - CASE da Secretaria Municipal de Habitação - SEHAB elaborará as minutas de decreto para oficialização e denominação e as minutas de portaria de designação de logradouros, devidamente embasadas em dados técnicos e obedecendo aos demais critérios estabelecidos neste decreto.

(...)

§ 3º. A aprovação ou não dos nomes sugeridos para denominação de logradouros, assim como a pesquisa de novos nomes e a atualização do cadastro de nomes, serão de competência da Divisão do Arquivo Histórico - DAH, do Departamento do Patrimônio Histórico - DPH, da Secretaria Municipal de Cultura - SMC.

Independentemente do órgão responsável pela denominação dos logradouros em São Paulo, o que podemos observar é que em nenhuma das duas gestões⁶⁹ houve a preocupação de inserir estudiosos da Toponímia no processo. Conforme vimos anteriormente sobre a nova secretaria (SEL), “Sua principal missão é a de reorganizar o fluxo de processos para liberação de alvarás”, o que não se relaciona às preocupações científicas concernentes à toponímia paulistana.

Essa postura do poder público trouxe consequências preocupantes para a vida de muitos moradores da região que estamos estudando⁷⁰.

3.3 O “lado de baixo da linha do trem”

A linha do trem é uma referência muito importante para a população que mora na área que estamos estudando, pois, para muitas dessas pessoas, atravessar a linha do trem sempre foi fundamental, desde a época dos primeiros moradores – quando não

⁶⁸ Informações disponíveis em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamentos/supervisoes/index.php?p=150774>>. Acesso em: 15 out. 2014.

⁶⁹ O decreto foi assinado na gestão do então prefeito Gilberto Kassab e a nova secretaria foi criada na gestão do atual prefeito, Fernando Haddad.

⁷⁰ A saber, os moradores da Vila União.

havia infraestrutura nenhuma – e até os dias de hoje – quando há algumas opções de comércio e serviços, mas não tantas como há do outro lado, em São Miguel⁷¹.

Em 1991, quando a família da pesquisadora se mudou para a região, atravessar a linha do trem era necessário diariamente, pois não havia ponto de ônibus, acesso à estação de trem de São Miguel, escola de Educação Infantil, posto de saúde, supermercado, farmácia nem igreja do lado de baixo da linha do trem. Isso para citar o mais básico. Apesar de a região já ser amplamente habitada, não havia nem passagem oficial para o outro lado do bairro, nem muro em volta da linha do trem, de modo que a travessia era feita diretamente sobre a linha, sem nenhuma segurança. Com o passar do tempo, a pesquisadora viu algumas mudanças acontecerem, como a construção do muro e da passarela para os pedestres atravessarem por cima da linha do trem, e o dia em que esses pedestres abriram um buraco no muro para voltar a atravessar a linha sem segurança⁷²; o asfaltamento da rua onde viveu por três anos e depois o da rua para onde se mudou e viveu por mais treze; a ampliação do mercadinho do bairro; a construção da igreja Católica e de tantas outras igrejas; a abertura da padaria pertinho de casa. Tantas outras mudanças aconteceram e a pesquisadora já não morava lá, como a inauguração da linha de ônibus que acessa essa região e vai até o metrô, a abertura de dois postos de saúde, de creches e escolas de Educação Infantil, o acesso direto da estação de trem ao bairro. Mas ainda há muito o que fazer à população dessa região desconhecida pela maioria dos conterrâneos paulistanos, no que se refere diversos aspectos de infraestrutura urbana.

Ao falar em “lado de baixo da linha do trem”, estamos fazendo uso de um marcador toponímico. Carvalhinhos (2003), define da seguinte maneira os marcadores toponímicos:

Os marcadores são termos recorrentes: altamente descritivos, surgiam nos relatos de viagem como meros marcadores de lugar, como o exemplo citado por Stewart, *the-stream-where-oak-trees-grow*. (Dick, 1995:60)

Ao longo desta análise, depararemos por diversas vezes com marcadores toponímicos⁷³, por serem espontâneos e muito comuns para referenciar lugares.

⁷¹ Trataremos dessa distinção entre os bairros que estamos estudando e São Miguel na página 98 deste capítulo.

⁷² Falaremos melhor a esse respeito mais adiante, neste capítulo, página 129.

⁷³ Na transcrição das entrevistas (anexo A), estão sublinhados juntamente com os topônimos propriamente ditos.

- Em volta era mato, debaixo da linha era um capinzal, criava carneiro, matava carneiro, porco, eh... essas coisas, era um curral.
(ENT1, INF1, linhas 43-44)

- Quando eu vim aqui era rua Um, lá em cima da linha sabe a... até hoje não mudou nome
(ENT3, INF1, linhas 195-196)

um colega até falou para mim: “JR, você não gosta lá embaixo da linha, você não se diverte lá? Compra um terreno lá!”
(ENT3, INF1, linhas 247-248)



Figura 19. Exemplos de altitudes de São Miguel. Em laranja, do lado de baixo da linha férrea, 728 metros; do lado de cima, mas próximo à linha férrea, em azul: 750 metros; um pouco mais distante, em verde: 775 metros⁷⁴; em vermelho, ainda mais distante, 800 e 803⁷⁵ metros. Fonte: Gegrán, 1974, folha 101.

No “lado de baixo da linha do trem” há vários bairros. A seguir, reproduzimos uma tabela (tabela 2) que é parte de outra bem mais extensa contendo todas as subprefeituras do município de São Paulo. Nesta, recortamos apenas o trecho referente à subprefeitura de São Miguel, para mostrar o que temos de mais oficial quanto aos bairros dentro de cada distrito. Sublinhamos e destacamos em **negrito** aqueles bairros cujos nomes foram reconhecidos por nós como parte da área que estamos estudando.

⁷⁴ Essa área é conhecida como Vila Pedroso.

⁷⁵ Essa área ainda mais alta é conhecida como Jardim *Alto* Pedroso.

Subprefeitura	Zona	Distrito	Bairros
XXVII. São Miguel		Jardim Helena E	<ol style="list-style-type: none"> 1. Chácara Três Meninas 2. Cidade Nitro Química 3. Jardim Célia 4. Jardim Dom Fernando 5. Jardim Fluminense 6. Jardim Ideal 7. Jardim Maia 8. Jardim Margarida 9. Jardim Noêmia 10. Jardim Romano 11. Jardim São Martinho (Jardim Helena) 12. Parque Paulistano 13. Vila Aimoré 14. Vila Itaim (Jardim Helena) 15. Vila Mara 16. Vila Piracicaba 17. Vila Seabra 18. Vila Vitória
		São Miguel E	<ol style="list-style-type: none"> 2. Cidade Nitro Operária 3. Cidade Nova São Miguel 4. Cidade São Miguel 5. Jardim Alto Pedroso 6. Jardim Beatriz (São Miguel) 7. Jardim Danúbio Azul 8. Jardim Ipanema (São Miguel) 9. Jardim Lajeado 10. Jardim Lapena 11. Jardim Lucinda 12. Jardim Nair 13. Jardim São Miguel 14. Jardim São Sebastião 15. Jardim São Vicente 16. São Miguel Paulista 17. Vila Americana 18. Vila Chavantes 19. Vila Danúbio Azul 20. Vila Doutor Eiras 21. Vila Giordano 22. Vila Nitro Operária 23. Vila Pedroso 24. Vila Progresso (São Miguel) 25. Vila Raquel 26. Vila Rosária 27. Vila São Silvestre (São Miguel) 28. Vila Sinhá 29. Vila Vessoni 30. Vila Xavantes

		Vila Jacuí E	<ol style="list-style-type: none"> 1. Bairro do Limoeiro 2. Jardim Casa Pintada 3. Jardim das Camélias 4. Jardim Pedro José Nunes 5. Jardim Planalto 6. Jardim Ruth 7. Jardim Santa Maria (Zona Leste) 8. Jardim Santana 9. Jardim São Carlos 10. Parque Cruzeiro do Sul (Zona Leste) 11. Vila Jacuí 12. Vila Monte Santo 13. Vila Norma 14. <u>Vila Nova União</u> 15. Vila Reis 16. Vila Santa Inês
--	--	--------------	--

Tabela 2. Subprefeituras de São Paulo – Divisão distrital. Recorte referente ao distrito de São Miguel. Fonte: PMSP.

Levando em consideração a listagem da Prefeitura e o que ouvimos de nossos informantes, podemos dividir a área de nosso interesse em três bairros: *Jardim Lapena*, *Vila Nair* (*Vila*, e não “Jardim”, como está na listagem da Prefeitura) e *Vila Nova União* (também conhecida como *União de Vila Nova*).

A seguir, na figura 20, é possível ver, na parte colorida, o traçado do distrito de São Miguel. Na figura 21, um detalhe da figura 20, temos apenas a área de nosso interesse neste estudo e assinalamos com retângulos coloridos (amarelo, azul e vermelho) a localização aproximada dos bairros Vila União, Vila Nair e Jardim Lapena, respectivamente. No mapa original, já estavam sinalizados os dois últimos, nós apenas os destacamos com cor. Já a Vila União foi sinalizada por nós.

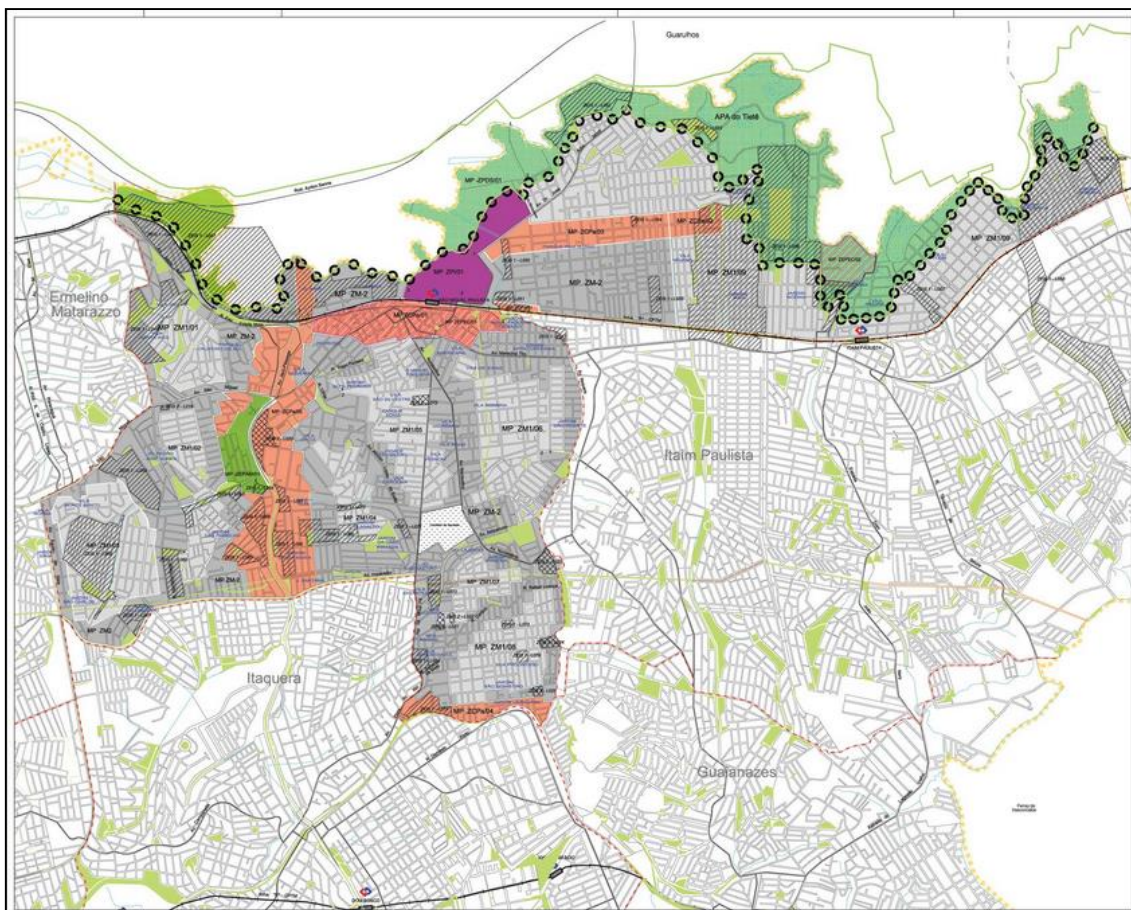


Figura 20. Distrito de São Miguel, extraído do mapa “Uso e ocupação do solo do distrito de São Miguel”. Fonte: Portal da Prefeitura de São Paulo⁷⁶.



Figura 21. Detalhe de mapa “Uso e ocupação do solo do distrito de São Miguel”. Da direita para a esquerda, o retângulo vermelho sinaliza o Jardim Lapena, o retângulo azul sinaliza a Vila Nair e o retângulo amarelo sinaliza a Vila União.

⁷⁶ Disponível em: http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/planejamento/zonamento/0001/parte_II/sao_miguel/23-MAPA-MP-04.jpg. Acesso em: 25 abr. 2015.

3.4 As entrevistas

3.4.1 A memória

Neste trabalho, usamos entrevistas como uma de nossas principais fontes de informações para a pesquisa, conforme explicitamos no capítulo 2, Metodologia. Ao trabalhar com entrevistas, o principal elemento com o qual contamos é a memória do outro. A memória, na definição de Le Goff,

remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p. 419)

Procuramos, para “atualizar impressões ou informações passadas”, pessoas de idade avançada, ou seja, velhos⁷⁷, que já vivessem no bairro há muito tempo e perguntamos a elas sobre os topônimos do bairro, sobre o bairro em si e sobre a relação delas com o bairro. Além das entrevistas, também trabalhamos com outras fontes, como mapas e legislação, mas entendemos que nem tudo que queríamos saber estava disponível na documentação oficial, e, mais ainda, nos interessava exatamente conhecer a visão dos antigos moradores do bairro sobre o assunto. Segundo Halbwachs:

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. (HALBWACHS, 2006, p. 29)

Ou seja, mesmo que tenhamos algum conhecimento sobre determinado assunto, é preciso o testemunho de alguém para confirmá-lo, derrubá-lo ou simplesmente acrescentar algo. E isso é o que buscamos neste trabalho ao realizar as entrevistas.

O trecho citado acima é o início do primeiro capítulo da obra *Memória coletiva*, de Maurice Halbwachs (1877-1945), sociólogo francês que dedicou grande parte de seus estudos à questão da memória, especialmente à chamada *memória coletiva*, ou seja, “as relações entre memória e história pública”⁷⁸. A novidade de Halbwachs em relação a estudiosos que, antes dele, se ocuparam em estudar a memória, como Bergson, seu professor, é que:

⁷⁷ Utilizaremos neste trabalho a mesma palavra utilizada por Ecléa Bosi em sua obra para se referir às pessoas de idade avançada, *velhos*.

⁷⁸ BOSI, 1994, p. 53.

Halbwachs não vai estudar a memória, como tal, mas os “quadros sociais da memória”. Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. (...)

Dando relevo às *instituições* formadoras do sujeito, Halbwachs acaba relativizando o princípio, tão caro a Bergson, pelo qual o espírito conserva em si o passado na sua inteireza e autonomia. Ao contrário, o que o sociólogo realça é a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória. Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar. (BOSI, 1994, p. 54)

Desse modo, a lembrança espontânea é considerada rara; a memória deve ser incentivada, trabalhada, é necessário que nos façam lembrar. E, quando lembramos, o que nos vem à memória não é o fato tal como foi vivido, pois

a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada (HALBWACHS, 2006, p. 91)

Quando lembramos, estamos influenciados por nossa própria percepção do fato lembrado e também por toda uma visão social, antiga e atual, a respeito dele. Sendo assim, não podemos falar de uma memória puramente individual, ignorando as “*instituições* formadoras do sujeito”. A memória individual acaba sendo, também, coletiva, pois reflete a visão de mundo de um grupo em determinada época. Sobre esse assunto, Halbwachs escreve:

Examinemos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outros, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (HALBWACHS, 2006, p. 72)

As pessoas a cujas lembranças queremos recorrer, como já dissemos, são os velhos, essas pessoas de idade avançada que já viram e viveram muitas coisas e que estão há muito tempo no bairro; que já não são economicamente ativas, mas são ainda ativas em muitos aspectos de suas vidas; que, no nosso caso, vieram de longe buscar uma vida melhor numa São Paulo que nem sempre ofereceu tão boas oportunidades a eles. Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, nos mostra um retrato do que foi e do que é a velhice em nossa sociedade.

Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice. Nas sociedades mais estáveis um octogenário pode começar a construção de uma casa, a plantação de uma horta,

pode preparar os canteiros e semear um jardim. Seu filho continuará a obra. (BOSI, 1994, p. 77)

Em nosso contexto social, o velho é desvalorizado, visto como improdutivo, já não tem as mesmas expectativas em relação à continuidade de seu trabalho:

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. (BOSI, 1994, p. 77)

A cada ano a expectativa de vida cresce, mas não se pensa suficientemente na qualidade de vida das pessoas que estão vivendo cada vez mais. Muitas vezes, os velhos, excluídos do convívio familiar, são pessoas solitárias. Em outras sociedades, conforme Bosi, o velho pode produzir até o fim da vida, sabendo que o que não der conta de terminar, outro concluirá. Não é o que acontece em uma sociedade como a nossa, em que as pessoas raramente constroem suas próprias casas ou plantam seu próprio alimento; e, mesmo que o velho resolvesse fazer isso, dificilmente um filho teria disponibilidade de tempo e/ou mesmo habilidade para fazê-lo. É difícil o velho achar seu lugar numa sociedade do lucro como a nossa.

Mas, segundo Bosi, há um papel importante para o velho exercer na sociedade, um papel que não é novo ou original para o velho, que o exerceu e ainda exerce em muitas sociedades, algo que é mais que um papel, é uma “obrigação” do velho:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (...) Haveria portanto para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem. (BOSI, 1994, p. 63)

Concordamos com Bosi que os velhos tenham muito a contribuir por meio de sua memória. Isso os ajuda a se colocar na sociedade como alguém com uma função que faz diferença para os outros e nos ajuda, aos mais jovens, a compreender melhor nossa identidade como grupo e como sociedade e a ir construindo, aos poucos, nossa própria memória, que, conforme vimos em Halbwachs, é formada também a partir das memórias que nos são passadas por outras pessoas.

Uma das formas de auxiliar o velho a ocupar esse papel é por meio da realização de pesquisas em que o registro de sua memória seja essencial para recuperar, refletir ou discutir algo. Sobre esse assunto, Queiroz diz que:

Nunca é demais lembrar que o velho, na sociedade ocidental, é via de regra um marginalizado, principalmente nas grandes metrópoles. No contato com o pesquisador, sua boa vontade pode resultar do entusiasmo por saber que alguém está desejoso de conhecer o muito que sua experiência armazenou. (1991, p. 84)

Em nossa pesquisa, não trabalhamos exaustivamente com as memórias dos velhos, ouvindo-os por longo período de tempo, como fez Bosi em seu livro (1994, p. 93 e seg.). Mas, por meio de perguntas, recuperamos algumas de suas lembranças sobre a rua e o bairro em que vivem. Acreditamos, com base em Halbwachs, que esse é um assunto propício à recuperação de lembranças, pois os ambientes, os lugares, são fatores importantes para a memória:

A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto. (HALBWACHS, 2006, p. 69)

Creemos que a alteração de um topônimo, por exemplo, pode ser considerada uma transformação num ambiente coletivo, o que pode favorecer que as pessoas se lembrem de fatos como esse. Além disso, uma lembrança assim não é marcante apenas para o indivíduo, mas para o grupo ao qual pertence como um todo:

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. (...) Mas o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável. (HALBWACHS, 2006, p. 159-160)

Conforme o trecho citado acima, extraído do capítulo intitulado “Memória coletiva e o espaço”, o lugar onde vive um grupo é considerado *estável*, ou seja, não é um aspecto da vida que sofra mudanças o tempo todo. A metáfora do quadro-negro nos faz pensar que um lugar e suas características, dentre elas o nome de lugar, não são fáceis de simplesmente apagar, não mudam constantemente. As marcas deixadas por determinado grupo social em um lugar são difíceis de apagar, assim como as marcas do lugar no grupo. Essas marcas, as do lugar e as do grupo, ocupam um espaço especial na memória do indivíduo. E se “cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo”, considerando o topônimo como um desses aspectos, ou mesmo detalhes, podemos dizer que ouvir as lembranças dos velhos sobre os topônimos da região onde vivem é fundamental para entendermos o grupo como um

todo. Nesse sentido, concordamos com o que Bouvier e Guillon dizem sobre a relação entre Toponímia, nesse caso, a urbana, que é foco deste trabalho, e a memória coletiva:

La toponymie urbaine constitue un instrument d'analyse irremplaçable em ce qui concerne la construction de la mémoire collective⁷⁹. (BOUVIER; GUILLON, 2001, p. 11)

Num artigo muito interessante e até mesmo, de certa forma, poético (Memória da cidade: lembranças paulistanas), Ecléa Bosi fala da importância das lembranças dos velhos para pensar a cidade como um todo e em seus vários níveis.

As lembranças se apoiam nas pedras da cidade. Se o espaço, para Merleau-Ponty, é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva. Em primeiro lugar, a casa materna; tal como aparece nas biografias, é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em todas as direções. Dela partem as ruas, as calçadas onde se desenrolou nossa vida, o bairro. Sons que voltam, sons que não voltam mais, pregões, cantilenas que recolhi e procurei gravar em pauta musical. (BOSI, 2003, p. 200)

Para Bosi, assim como Halbwachs (2006, p. 69), o lugar é muito importante para a memória. Ela parte da casa materna, colocando-a como “centro geométrico do mundo” a partir do qual a cidade se expande: vai para a calçada, para a rua, para o bairro e daí para outros bairros, cidades, etc. No artigo, trata da cidade de São Paulo, citando diversos locais e acontecimentos relatados a ela por seus velhos moradores, que são também moradores velhos. Mas a autora coloca como elemento central para a memória o bairro. Sobre ele, afirma:

O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade. É um *lugar nosso*, e um lugar nosso deve ter, como ensina a psicologia da *Gestalt*, fechamento e proximidade de elementos, deve ser mais denso que seu entorno e permitir a dialética da partida e do retorno. Permitir também peregrinações que são percursos sagrados a lugares mais densos de significação na cidade e, às vezes, o sentimento de estar perdido num mundo vazio, monótono, violento. E o reencontro do caminho familiar, se ele ainda existe. (BOSI, 2003, p. 204)

O bairro é, por excelência, o lugar do grupo, que traz “um sentido de identidade” ao indivíduo que até pode partir – em caráter mais definitivo por meio de uma mudança ou em caráter temporário, diário, para trabalhar, por exemplo –, mas que pode retornar seguindo o “caminho familiar”. O bairro pode não ser perfeito e, muito pelo contrário,

⁷⁹ “A toponímia urbana se constitui num instrumento de análise insubstituível no que concerne à construção da memória coletiva.” (tradução nossa)

ter limitações dos mais diversos tipos, como podemos observar em nossas entrevistas, mas tem um sentido de casa para quem ali vive ou viveu.

Quando eu cheguei aqui era, Virgem!, era muito perigoso (?) Mas eu continuei, continuei, não vendi minha casa sabe a casa (?) construí em cima, tô morando com minha filha, graças a Deus aqui está muito bom, mudou muito, eu vivo feliz. (ENT7_INF1, linhas 43-46)

Por tudo isso, o bairro tem espaço privilegiado na memória do indivíduo e também da coletividade que compartilha o bairro com ele.

Bosi conclui seu artigo sugerindo uma ação prática para os urbanistas em relação aos moradores da cidade:

Os urbanistas devem escutar os moradores, estar abertos à sua memória, que é a memória de cada rua e de cada bairro. Recuperar a dimensão humana do espaço é um problema político dos mais urgentes. A sobrevivência de um grupo liga-se estreitamente à morfologia da cidade; esta ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento.

Há nos habitantes do bairro o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ser que anima a vida das ruas e das praças, dos mercados e das esquinas. A paisagem do bairro tem uma história conquistada numa longa adaptação. (BOSI, 2003, p. 206)

De fato, se os urbanistas – e não apenas os urbanistas, mas todos que têm algum poder em relação à cidade – escutassem os moradores e estivessem abertos à sua memória, provavelmente muitos processos se dariam de forma diferente. Pensando na área que estamos estudando neste trabalho, especialmente na parte dela que está tendo os nomes de suas ruas modificados⁸⁰, podemos nos perguntar: quão diferente poderia ser o processo se a memória dos moradores de lá tivesse sido levada em consideração? A toponímia de um bairro faz parte de sua História e da memória de seus moradores. Deve-se refletir muito e analisar diversos aspectos, dentre eles a importância de determinado topônimo para o grupo que reside no bairro, antes de fazer quaisquer alterações.

A aproximação teórica entre Toponímia e memória neste trabalho não é totalmente inédita. Em 2008, teve início o projeto de pesquisa *Memória Toponímica de São Paulo, bairro a bairro*⁸¹, sob a coordenação da professora Patricia de Jesus Carvalhinhos, que o justifica da seguinte maneira:

Em uma cidade do porte de São Paulo, é muito comum que a paisagem urbana mude de modo rápido, transformando a relação das pessoas com o espaço que as circunda. A

⁸⁰ Exporemos a problemática mais adiante, neste capítulo, página 162.

⁸¹ Do qual este trabalho faz parte, conforme mencionado no capítulo 2.

maneira de referencializar este espaço na oralidade, no sentido de particularizá-lo, não acompanha a velocidade das mudanças e, por isso, essas denominações paralelas permanecem mesmo que o espaço não apresente mais nenhum traço real da antiga denominação. Este processo pode assegurar na memória do falante a permanência de nomes e de elementos de referencialização espacial que já tenham sido substituídos por outros (ou mesmo desaparecido), constituindo, deste modo, instrumento precioso para a reconstituição da memória toponímica dos espaços. (CARVALHINHOS, 2008, p. 5)

Em 2011, foi publicado o capítulo intitulado “Toponímia e memória: quando o passado não é utopia”⁸², no qual a autora demonstra preocupação em relação ao que pode estar se perdendo por não estarmos ouvindo a memória dos velhos:

Ela [memória oral] recupera o que está apagado e desaparecido e, se a intermediação entre gerações não se dá por meio da memória, o conteúdo do passado fica irremediavelmente perdido. (...)

É utopia, então, crer na possibilidade de recuperação de parte desse passado mesmo quando a memória oral não tiver sido passada de geração para geração? (CARVALHINHOS, 2011, p. 78)

A pesquisa que realizamos neste trabalho procura responder “não” à pergunta de Carvalhinhos no trecho acima. Cremos que essa é uma possibilidade real, a de recuperarmos o que não foi passado de geração em geração, pelos motivos que citamos apontados por Bosi (1994, p. 77), por meio da intervenção acadêmica que estamos fazendo nos bairros através deste e de outros trabalhos em andamento. O que tem possibilitado essa intervenção está relacionado justamente ao projeto de pesquisa *Memória toponímica de São Paulo, bairro a bairro*, do qual este trabalho faz parte e cujos detalhes tratamos anteriormente, no capítulo 2.

3.4.2 A memória dos informantes

Este trabalho não teria sido possível sem que algumas pessoas se dispusessem a conversar conosco. Algumas delas são conhecidos de longa data da pesquisadora, enquanto outras ela conheceu praticamente no momento da entrevista. De todo modo, todas são protagonistas nesta trajetória e gostaríamos, nesta seção, de apresentá-las, além de contar um pouco do processo da entrevista. A apresentação delas se dará de acordo com a ordem cronológica de ocorrência das entrevistas, a começar da primeira⁸³.

⁸² No livro *Memória e Utopia: experiências de linguagem* (Editora da Universidade Federal de Mato Grosso).

⁸³ Ver, no anexo B, quadro-resumo das informações de todos os informantes.

3.4.2.1 Sr. OPR

Foi numa manhã de sábado que a pesquisadora conversou com o sr. OPR. Já o conhecia há muitos anos, desde criança, quando ia comprar doces na lojinha da esquina que ainda pertence a ele e sua família, mas nunca havia entrado em sua casa. Dessa vez era diferente, ela já não morava no bairro há cinco anos, vinha só como visita, e seus pais haviam combinado com ele durante a semana que passaria lá no sábado para entrevistá-lo sobre o bairro.

A pesquisadora estava um pouco ansiosa, era sua primeira entrevista. Foi sozinha à casa dele, duas casas acima da casa de seus pais, do outro lado da rua, na esquina, ao lado da lojinha que lhe fazia lembrar tão bem da infância, quando aos oito anos foi morar naquela rua. Tinha em mãos a pasta, com um gravador, uma caderneta, alguns papéis e uma caneta, e em mente alguma ideia do que ouviria.



Figura 22. Proximidades da casa do sr. OPR. Rua Dorval José Svizzero vista da rua Rafael Zimbardi. Fonte: Google Maps, 2011.

O sr. OPR recebeu muito bem a pesquisadora. Sentaram-se na sala e a pesquisadora perguntou se era aquele mesmo o ambiente mais tranquilo para conversarem, ao que ele respondeu afirmativamente. Explicou que lhe faria algumas perguntas e gravaria a entrevista, que seria utilizada em sua pesquisa de mestrado. O sr. OPR, tendo morado a maior parte dos seus setenta e seis anos no bairro (aproximadamente quarenta e três, segundo ele), ficou tranquilo ao confirmar o assunto que seria tratado, o próprio bairro.

3.4.2.2 OBL

OBL é alguém que a pesquisadora conhece há muitos anos, antes mesmo de ir morar na casa ao lado da dela. OBL era a senhora mais jovial da igrejinha do Jardim Lapena. Foi um conforto para a família da pesquisadora, ao se mudar para a casa na rua Dorval José Svizzero, saber que seriam vizinhos da OBL. “OBL” mesmo, não *dona OBL* ou *sra. OBL*, porque é assim que todo mundo no bairro a conhece. A família dela e a da pesquisadora ficaram muito próximas: ela sempre amiga da mãe da pesquisadora por causa das coisas da igreja; a nora dela arranhou emprego para a mãe da pesquisadora na loja em que trabalhava; o neto dela, um pouco mais novo que a pesquisadora e seu irmão, era o grande amigo e companheiro de brincadeiras deles; e, para a pesquisadora, a OBL era a vizinha querida, com quem podiam contar sempre. Na época da graduação, quando a pesquisadora voltava tarde da noite da USP e seus pais iam todos os dias encontrá-la no ponto de ônibus, se ela ligava para casa para avisar que já estava chegando e o telefone estava ocupado ou quebrado, sabia que podia ligar a cobrar para a casa da OBL que ela corria em casa para dar o recado. E esses telefonemas nunca foram cobrados por OBL ou por sua família.



Figura 23. Proximidades da casa de OBL. Fonte: Google Maps, 2011.

Agora, conversar com a OBL – já velhinha e bastante doente – para levantar dados para esta pesquisa foi um misto de entrevista e visita a uma amiga querida que já não se vê há algum tempo. A gravação da entrevista se deu poucos meses antes de a OBL se mudar para o litoral com a nora e o neto, onde eles podem cuidar melhor dela.

OBL, com setenta e oito anos na época da entrevista, morava há aproximadamente cinquenta no bairro, desde o começo da década de 1960⁸⁴.

3.4.2.3 Sr. JR

O sr. JR também é um antigo conhecido da pesquisadora e de sua família. Quando, na década de 1980, os primeiros integrantes da família da pesquisadora vieram do Espírito Santo para São Paulo, o sr. JR foi uma das primeiras pessoas do bairro que conheceram, e todos se tornaram muito próximos. Numa época em que quase ninguém na região possuía telefone, era da casa do sr. JR que os tios da pesquisadora telefonavam para os parentes de longe. Ao chegar em São Paulo, foi natural os pais da pesquisadora também ficarem amigos dessa família.



Figura 24. Proximidades da casa do sr. JR. Fonte: Google Maps, 2011.

Morador do bairro desde 1965, o sr. JR já estava lá há quarenta e oito anos na ocasião da entrevista, tendo passado a maior parte dos seus oitenta anos no bairro.

3.4.2.4 Sr. LRR

O sr. LRR também foi, assim como o sr. OPR, um caso de entrevista marcada anteriormente pelos pais da pesquisadora. Seu pai, amigo dele há muitos anos, fez questão de acompanhá-la. O sr. LRR era fotógrafo e ainda é contador. A pesquisadora

⁸⁴ Chegamos a essa conclusão fazendo a conta relativa ao ano de nascimento de OBL (1958) e morte do filho dela (2007) e tendo como referência a informação dada por ela de que ele teria quatro anos quando se mudaram para a casa onde vivia.

sempre soube que trabalhava em casa, mas nunca havia calhado de ir até lá, até aquela tarde chuvosa de sábado.



Figura 25. Proximidades da casa do sr. LRR. Fonte: Google Maps, 2011.

Antes de conversar com ele, havia imaginado que encontraria um lugar cheio de fotografias, inclusive algumas antigas que poderíamos utilizar neste trabalho, mas não foi o que aconteceu. A esposa do sr. LRR estava muito doente, acamada, à época da entrevista, e o que se encontrou foi uma casa bastante triste, assim como seu proprietário.

Aos setenta e três anos na época, o sr. LRR disse estar há cinquenta no bairro.

3.4.2.5 Sr. JSM

Diferentemente do Jardim Lapena, onde a pesquisadora cresceu e já conhecia várias pessoas, a Vila União era, de certo modo, uma novidade. Inicialmente, não sabia nem por onde começar a procurar informantes. Pensava em bater de porta em porta para encontrar pessoas que morassem lá há bastante tempo e que estivessem dispostos a conversar sobre o bairro.

A pesquisadora já não passava pela Vila União há pelo menos dez anos. Resolveu começar, então, pelo bar de um tio, irmão de sua mãe, e perguntar se ele conhecia alguém dentro do perfil que procurava. Felizmente, ele se lembrou de um senhor que mora na mesma rua do bar e para quem o pai da pesquisadora já havia trabalhado. Fez a indicação do nome do morador e do endereço e a pesquisadora partiu.

Chegando lá, se apresentou fazendo referência ao pai e explicou o motivo da visita, perguntando se ele estaria disposto a conversar sobre o bairro por alguns minutos. Ele prontamente aceitou.



Figura 26. Proximidades da casa do sr. JSM. Fonte: Google Maps, 2011.

O sr. JSM, então com setenta e dois anos e morando há vinte e um no bairro, é considerado um morador antigo da Vila União. Como veremos mais adiante, diferentemente do Jardim Lapena e da Vila Nair, esse bairro tem uma história bem mais recente.

3.4.2.6 O PROCEDU

Depois de conversar com o sr. JSM, a pesquisadora voltou ao seu plano de bater de porta em porta. Mas foi aconselhada, pelo próprio sr. JSM e sua família, a, em vez disso, procurar o posto de saúde do bairro e pedir ajuda aos agentes de saúde, que visitam os moradores em suas casas e poderiam indicar os endereços dos mais velhos e mais antigos no bairro.

Ao chegar ao posto de saúde, fomos informados de que a coordenadora estava em férias e que, sem a autorização dela, os agentes de saúde não poderiam nos ajudar. Os funcionários do posto, então, sugeriram que fôssemos ao PROCEDU, uma instituição que até então não conhecíamos. Uma das agentes de saúde, que estava de saída, nos levou até lá.

Ao chegar, descobrimos que o PROCEDU (Projeto Cultural Educacional Novo Pantanal) é uma associação beneficente que, dentre suas várias atividades, recebe idosos da comunidade algumas vezes por semana para aulas diversas⁸⁵.



Figura 27. Localização do PROCEDU (Projeto Cultural Educacional Novo Pantanal). Fonte: Google Maps, 2011.

Ao ouvir a explicação sobre nossa pesquisa, a pessoa responsável, a funcionária Naiane dos Santos, propôs que voltássemos lá numa data em que os idosos estivessem em atividade e realizássemos a entrevista no próprio PROCEDU, no intervalo entre uma atividade e outra. No dia marcado, chegamos à instituição pela manhã e nossa pesquisa foi apresentada aos idosos que estavam numa aula de pintura. Uma das educadoras explicou que procurávamos moradores antigos do bairro para entrevistarmos e anotou os nomes das voluntárias. Depois, após o almoço das alunas, foi-nos cedido um espaço para realizarmos as entrevistas.

A seguir, apresentamos três das senhoras que se prontificaram a colaborar neste trabalho.

3.4.2.6.1 Sra. JMM

Ao saber que iríamos começar as entrevistas, a sra. JMM foi a primeira a se apresentar. Aos sessenta anos, mora há dezessete no bairro.

⁸⁵ Maiores informações podem ser encontradas na página da instituição na internet: <<http://procedunovopantanal.comunidades.net/index.php?pagina=1421810469>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

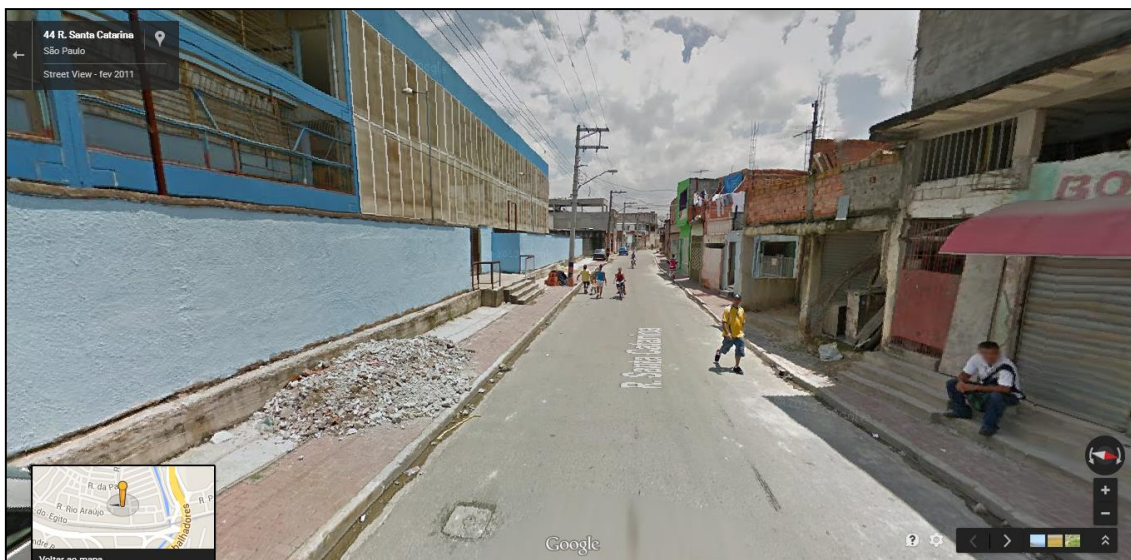


Figura 28. Rua Santa Catarina, onde mora a sra. JMM. Fonte: Google Maps, 2011.

3.4.2.6.2 Sra. RRS

A sra. RRS, então com setenta e dois anos, informou viver há aproximadamente trinta no bairro.

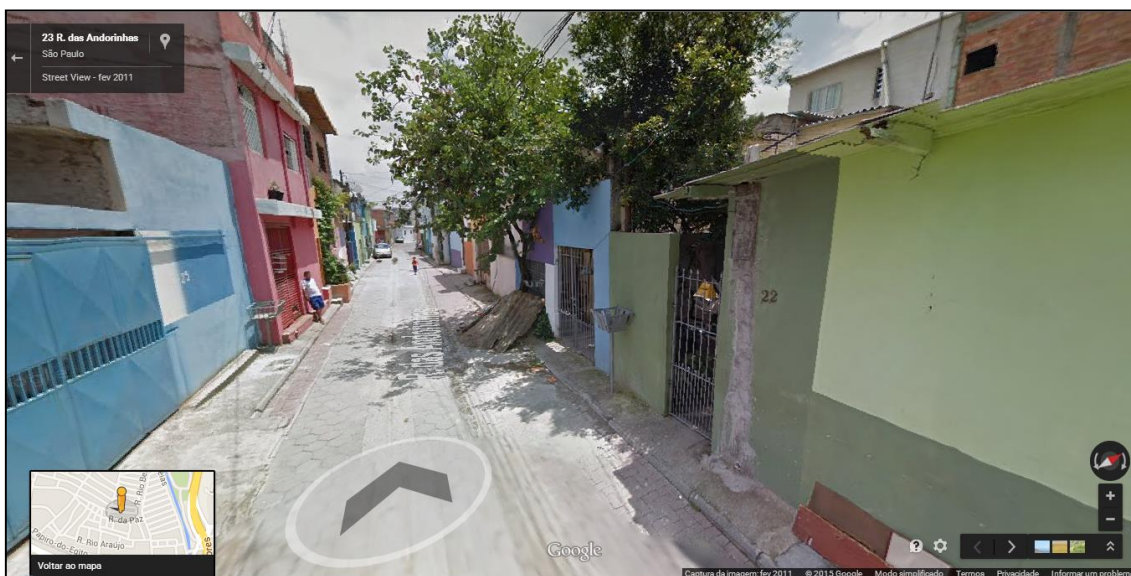


Figura 29. Rua das Andorinhas, onde mora a sra. RRS. Fonte: Google Maps, 2011.

3.4.2.6.3 Sra. MRS

A sra. MRS tinha, na ocasião da entrevista, setenta e um anos e morava há vinte e um no bairro, o mesmo tempo do sr. JSM.



Figura 30. Conjunto habitacional onde mora a sra. MRS. Fonte: Google Maps, 2011.

3.5 Os nomes do bairro

Nesta parte da análise trataremos dos nomes dos bairros que aparecem nas entrevistas. A ordem será uma tentativa de ir do maior para o menor. Começaremos por São Miguel, que, administrativamente, contém os demais bairros; depois partiremos para o Jardim Lapena e Vila Nair⁸⁶, juntamente com os topônimos indicados pelos moradores como partes do Jardim Lapena; e, depois, para a Vila União, também conhecida como União de Vila Nova, e os bairros indicados como parte dela.

3.5.1 São Miguel

O topônimo São Miguel, dependendo do contexto em que é utilizado, pode remeter a diferentes nuances e aspectos de uma mesma região:

- historicamente, trata-se do aldeamento indígena seiscentista na parte leste de São Paulo;
- administrativamente, trata-se de uma subprefeitura constituída por três distritos, dentre eles o distrito que leva o mesmo nome, São Miguel.

No capítulo 1, tratamos do bairro de São Miguel, sua história e a origem religiosa do topônimo. Neste capítulo, anteriormente, tratamos da questão

⁸⁶ Optamos por tratar o Jardim Lapena e a Vila Nair no mesmo subitem, apesar de serem claramente, segundo os moradores, bairros diferentes, por serem próximos e por terem elementos comuns de análise.

administrativa de São Miguel. Neste momento, no entanto, o que nos interessa é tratar da relação que os moradores do lado de baixo da linha do trem têm com este topônimo.

O sr. OPR, nosso primeiro entrevistado, diferencia seu bairro do bairro de São Miguel:

Não, ninguém falava sobre isso só tinha um bu.. passava em cima da linha, aquele passava em cima da linha do ferro pra passar pra São Miguel
(ENT1, INF1, linhas 57-58)

Depois é de uns anos lá pra cá é que botaram um mercado maior, mais aí comprava tudo em São Miguel.

- Tudo precisava ir pra lá.

- *Tudo era comprado pra lá. Não tinha nada aqui. Aqui tinha coisinha pequenininha, mas se queria a compra do mês era São Miguel.*

(ENT1_INF1, linhas 66-70)

Por meio dessas falas, podemos notar claramente que, para o morador, o bairro em que vive é diferente de São Miguel, o bairro que fica do outro lado da linha do trem, do lado de cima, mais desenvolvido e onde era possível fazer compras. Há uma identidade em relação a seu bairro, que o diferencia do bairro ao qual pertence administrativamente.

Da mesma forma, também o sr. JR faz essa distinção. Ao contar sobre como era o bairro onde vive em sua época de juventude, diz que:

Aqui era tudo mato. Até dia de domingo, cinquenta e nove, sessenta, a gente não tinha pra onde ir lá para São Miguel nós descia uns três, quatro, cinco passear com as namorada por aqui pelas olarias.

(ENT3, INF1, linhas 168-170)

Segundo ele, por não ter aonde ir em São Miguel, os jovens desciam para onde hoje é o Jardim Lapena. Para esse informante, o lado de baixo da linha do trem sempre foi diferente de São Miguel, do outro lado, mesmo quando, segundo ele, não havia ainda um bairro propriamente dito onde hoje ele mora.

Ao mesmo tempo, mais adiante na entrevista, o sr. JR usa o topônimo São Miguel para se referir ao todo onde estão inseridos os demais bairros:

A Vila Nair já passou na televisão, minha filha, passou na televisão ano passado, muita gente viu. A Vila Nair essa é a vila mais pobre de São Miguel, Vila Nair.

(ENT3, INF1, linhas 215-217)

Nessa fala, o sr. JR aproxima o topônimo de sua acepção administrativa. Ao dizer que a Vila Nair é a mais pobre de São Miguel, não há o distanciamento de sua fala anterior, em que São Miguel é um lugar e o Jardim Lapena, outro. Nesse caso, a Vila Nair faz parte de São Miguel.

Esse mesmo entendimento parece ter a sra. MRS, que, como citamos anteriormente, declara morar no bairro de São Miguel Paulista e, ao ser questionada sobre a vila onde mora, especifica Vila União (ENT8, INF1, linhas 67-70).

3.5.2 Jardim Lapena e Vila Nair

Ao falar sobre como era a região no passado, o sr. OPR fala de quatro bairros: o bairro em que ele mora, o Jardim Lapena, a Vila Nair e o que ele chama Brocolândia.

- E mais lá pra baixo, como que era?
- Ah, o Lapena também começou nessa época nossa aqui. O Jardim Lapena começou nessa época nossa já tinha umas casinhas, mas era poucas. Tinha mais um pouco na Nair, lá embaixo.
- Na Nair foi antes então do Lapena?
- Foi, a Nair foi a primeira. Lá perto do túnel. Tinha, a Nair tinha mais umas casinhas. Pro Lapena não tinha quase nada e havia também uma chácara.
- E pra lá do rio, tinha já alguma coisa?
- Não, ali era limpo, ali era limpo. Não tinha nada, do rio para lá não tinha nada. Não me lembro que tinha nada ali, não. Há uns anos no passado tinha o governo Quércia, foi no governo Quércia, noventa e, não sei o que, se oitenta se noventa, inventaram uma tal de Brocolândia porque tinha uns blocos, uns blocos de concreto pra construir então o pessoal diz Brocolândia.
(ENT1_INF1, linhas 71-83)

Ao falar do Jardim Lapena e da Vila Nair, no entanto, algumas vezes o sr. OPR omite os termos *jardim* e *vila*, que são os termos *genéricos* desses topônimos.

Com relação à estrutura do topônimo, podemos observar que é comum que ela se repita. Podemos encontrar essa estrutura em exemplos como “rio Verde” e “rua América”, assim como em nossos elementos de análise, *Jardim Lapena* e *Vila União*. Em todos os casos, o primeiro termo é o elemento que está sendo denominado e o segundo termo é o nome propriamente dito. Dick (1990b) explica essa estrutura do topônimo:

Dessa simbiose, depreendem-se dois dados básicos, um, que se convencionou denominar *termo ou elemento genérico*, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o *elemento ou termo específico*, ou topônimo propriamente

dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes. Atuam ambos no sintagma toponímico (DICK, 1990b, p. 10)

O termo *sintagma toponímico*, cunhado por Dick, representa esse bloco: termo genérico + termo específico. No sintagma toponímico, esses termos podem aparecer justapostos, como em “rio Negro”, em língua portuguesa, ou aglutinados, como em “Paraná”, que significa “rio Negro” em tupi. A justaposição ou aglutinação dos termos depende da língua em que estão (Dick, 1990b, p. 10). No caso de Jardim Lapena e Vila Nair, em língua portuguesa, temos justaposição.

Em alguns momentos da fala de nosso informante, ele omite o termo genérico e usa apenas o específico: “o [Jardim] Lapena também começou...” (linha 72), “tinha mais um pouco na [Vila] Nair” (linhas 73-74), “a [Vila] Nair foi a primeira” (linha 76), “a [Vila] Nair tinha mais umas casinhas” (linha 76). Também em outras entrevistas esse fenômeno ocorre. Exemplos:

- na entrevista 3, “De lá eu já vim aqui pro [Jardim] Lapena” (linha 34); “em cinquenta e nove eu cheguei aqui não existia o [Jardim] Lapena aqui” (linha 161-162); “veio fazer algum sobradinho depois com o [Jardim] Lapena” (linha 224); “o [Jardim] Lapena eu não sei não” (linha 252);
- na entrevista 4: “tinha uma sociedade amigos ali embaixo, tem da da da [Vila] Nair” (linha 209);
- na entrevista 6: “Tem Vila Nair, tem lá o [Jardim] Lapena” (linha 91); “depois do [Jardim] Lapena” (linha 101).

Nesses casos, em que os bairros eram o tópico principal da conversa, não se fazia necessário dizer o topônimo completo para que se fosse compreendido. De fato, na oralidade, é comum o uso da elipse, quando perguntamos, por exemplo: “Como chego na [avenida] Paulista?”.

Interessante notar, nesses casos em que o termo genérico do topônimo foi omitido, que a concordância ocorre com esse termo omitido, e não com o tipo de ocupação humana de que se está falando, mesmo que cause algum estranhamento, como ocorre, por exemplo, em: “a Nair tinha mais umas casinhas” (ENT1, INF1, linha 76), oração em que, por apresentar ambiguidade (Nair poderia ser uma pessoa), o

entendimento adequado depende totalmente do contexto. Não teria sido incorreto dizer “o Nair tinha mais umas casinhas”, caso em que o termo omitido não seria *vila*, mas o *bairro Vila*. De fato, em duas ocorrências nas entrevistas, o artigo utilizado para concordar com Nair foi *o*:

- entrevista 1: “às vezes vem correspondência pro [bairro Vila] Nair, vem correspondência pro Lapena, mas não para Central” (linha 22);
- entrevista 3: “O [bairro Vila] Nair, cheguei em cinquenta e nove já era mesma coisa, as casa... Olha, veio fazer algum sobradinho depois com o Lapena” (linhas 223-224).

Podemos observar que as mesmas pessoas que fazem a concordância com o artigo masculino nesses exemplos também a fazem com o feminino em outras ocorrências. É interessante notar que, nesses casos, havia uma proximidade com o Lapena, também apresentado sem termo genérico. É possível que a concordância do termo específico feminino com o artigo masculino, bem menos recorrente do que com o artigo feminino, tenha se dado, nesses casos, devido ao paralelismo com o termo específico Lapena, geralmente associado ao artigo masculino, exceto numa fala da entrevista 2 (linha 77) e em outra da entrevista 6 (linha 105), em que as informantes chamam o bairro de *Vila Lapena*, e em outra da entrevista 4 em que, provavelmente, ocorreu o mesmo tipo de assimilação citado anteriormente, devido à proximidade de outro termo específico feminino, a [Vila] Gabi: “E a [Vila] Lapena vai até na direção da divisa com a [Vila] Gabi que é próximo às escolas lá” (linha 257).

Ainda em relação aos termos genéricos, não podemos deixar de notar quão comuns são os termos *jardim* e *vila* ocupando a posição de genérico nos topônimos paulistanos. Ambas as palavras denominam, nesse contexto, aglomerados humanos. No caso de *vila*, originalmente, em Portugal, denominava uma unidade agrária. Depois, passou a denominar um aglomerado humano (CARVALHINHOS, 2007). No Brasil, desde a Colônia, o termo denomina aglomerados humanos. Inicialmente, como em Portugal: “As vilas tinham papel hierarquicamente inferior às ‘cidades’, mas superior às capelas e freguesias” (BUENO, 2009). Atualmente, conforme Dick (1999):

No enunciado “bairro de Vila Pompéia” (SP), o termo “vila”, na origem um índice de aglomeração humana, vem se enfraquecendo, paulatinamente, como portador dessa

função; tanto que é comum a referência esclarecedora a “bairro”, de sentido aproximado, cuja significação ainda é de domínio geral.

Ou seja, aqui no Brasil o termo *vila* vem adquirindo novos sentidos, de aglomerado humano com certo número de pessoas, superior ao da freguesia e inferior ao da cidade, para fazer parte de topônimos de forma mais livre e análoga a outros termos genéricos que também surgiram de forma mais específica e também vêm tendo esse sentido enfraquecido, como indicado por Dick (1999):

É provável que a *lexia* possa funcionar, no plano da língua, como um hiperônimo de outras unidades semelhantes, ou seja, de parque, **jardim**, granja, chácara, condomínio, conjunto residencial, para transmitir a noção de aglomerado. (grifo nosso)

No caso de *jardim*, destacado acima, temos um fenômeno similar. De área cultivada com flores e plantas ornamentais em propriedades particulares, passou a denominar também as áreas públicas cultivadas, os chamados jardins públicos ou praças. Podemos pensar que, num processo metonímico, em que se designa a parte pelo todo, passou a designar uma área maior, o bairro.

Acontece que, em muitos dos *jardins* nos topônimos de São Paulo, como nosso Jardim Lapena, por exemplo, não há um jardim público no bairro que possa ter ocasionado o termo genérico no topônimo. O que ocorre, nesse caso, é o mesmo que no caso de *vila*: *jardim* passou a denominar, de modo geral, um aglomerado humano.

Retomando a fala do sr. OPR sobre os quatro bairros – o que ele mora, o Jardim Lapena, a Vila Nair e a Brocolândia –, cronologicamente, ele relaciona o bairro em que mora e o Jardim Lapena à mesma época, a Vila Nair teria vindo antes destes e a Brocolândia, depois. Seu referencial é a época em que foi morar no bairro, entre o final da década de 1960 e o começo da década de 1970. Observando a carta Gegrán (1972/1974) (figura 31), podemos observar que, de fato, do lado direito do córrego Jacu há alguns arruamentos e mesmo a indicação do nome do bairro (Jardim Lapenna), enquanto do lado esquerdo do córrego, onde fica o túnel do qual falou o sr. OPR, não há indicações de arruamentos ou bairros, mas apenas um campo de futebol. Não há, nesta carta, referência à Vila Nair.

Além disso, encontramos referências e essa família no livro de Fontes sobre São Miguel Paulista, *Um Nordeste em São Paulo* (2008):

Se, segundo a memória de José Caldini Filho, em meados dos anos 1940 “o Esporte Clube São Miguel, (...) que tinha um campo de futebol de propriedade da **família Lapenna** (...) era o único time de futebol que tinha aqui em São Miguel”, os anos seguintes assistiriam a uma verdadeira proliferação de times no bairro. (p. 148, grifo nosso)

Bernardo era casado com uma das filhas da família Miragaia e contava com a simpatia do Esporte Clube São Miguel, clube da pequena elite local, e de seus principais membros, inclusive a **família Lapenna**. Nelson Bernardo, irmão de Tarcílio, recorda-se que “começaram a procurar alguém para ser vereador de São Miguel e, inclusive, houve a influência do Esporte Clube São Miguel. Foi praticamente o clube e a **família Lapenna** que lançaram meu irmão”. (p. 246, grifo nosso)

Por esses dois trechos do livro, em que antigos moradores de São Miguel Paulista fazem relatos, podemos notar não apenas a existência da família Lapenna, mas sua importância e influência na região. Tratava-se de uma família cujos integrantes eram considerados como alguns dos principais membros do clube frequentado pela “pequena elite local”, da qual fazia parte. Outro indício da importância dessa família na região é que o nome de alguns de seus integrantes e mesmo o próprio nome da família⁸⁷ foi dado a alguns logradouros no distrito de São Miguel Paulista, como podemos observar na lei e decretos abaixo, assinados durante o mandato de diferentes prefeitos:

LEI Nº 5381, DE 16 DE OUTUBRO DE 1957.

DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE VIA PÚBLICA, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Adhemar Pereira de Barros, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei, faço saber que a Câmara Municipal, em sessão de 2 de outubro de 1957, decretou e eu promulgo a seguinte Lei: Art. 1º Passa a denominar-se Rua **MIGUEL ÂNGELO LAPENA** a atual Rua Dois, situada em São Miguel Paulista.

DECRETO Nº 16.787, DE 21 DE JULHO DE 1980.

DISPÕE SOBRE OFICIALIZAÇÃO E DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Reynaldo Emygdio de Barros, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do artigo 39, itens XVIII e XIX, do Decreto-lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA: Art. 1º Passam a ter os logradouros abaixo relacionados as seguintes denominações: (...)

2 - RUA **ANGELINA LAPENA PARENTE** - código CADLOG 08.083-7 a travessa conhecida por "Gomes Cardim" (Setor 112 - Quadras 288 e 290/AR-ME). Começa na Estrada de São Miguel Paulista, entre as Ruas Campo de Santana e Tamacaciri, e

⁸⁷ Mesmo quando se trata do nome de pessoas da família, há ocorrências em que é grafado com apenas um **n** (Lapena) e com **n** duplo (Lapenna). Neste trabalho, optamos por grafar o topônimo de forma simples, com apenas um **n**.

termina na divisa do loteamento, junto à Rede Ferroviária Federal, no 7º Distrito - São Miguel Paulista.

DECRETO Nº 17.310, DE 5 DE MAIO DE 1981.

DISPÕE SOBRE OFICIALIZAÇÃO E DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Reynaldo Emygdio de Barros, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei e nos termos do artigo 39, itens XVIII e XIX, do Decreto-lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA: Art. 1º Fica denominada **RUA LAPENNA** - código CADLOG 20.162-6 - a rua conhecida pelo mesmo nome (Setor 114 - Quadra 258/AR-IG). Começa na Estrada do Jacuí, também conhecida por "Estrada de Itauera" e por "Avenida Pires do Rio", e termina na divisa de loteamento, no 3º Distrito - Itaquera (Referência: Planta AU/05/0372/80 de CASE).

DECRETO Nº 20.966, DE 4 DE JUNHO DE 1985.

DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOURO PÚBLICO.

MÁRIO COVAS, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do artigo 39, item XIX, do Decreto-Lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, decreta: Art. 1º Fica denominada **TRAVESSA ANTÔNIO LAPENNA** - código CADLOG 24.708-1 - a viela sem denominação (Setor 112 - Quadra 804/AR-ME), que começa na Rua João José Rodrigues, entre a Rua Asdrúbal e a Rua Jacinto José Fagundes, e termina aproximadamente 62 metros além do seu início, no 7º Distrito - São Miguel Paulista.

Há, ainda, uma escola municipal de Educação Infantil no distrito cujo nome é E.M.E.I.⁸⁸ Antônio Lapenna⁸⁹.

Levando em consideração essas evidências, podemos aceitar como provável a hipótese de nossos informantes de que o nome do bairro Jardim Lapena se refira a essa família. Não podemos afirmar que os terrenos tenham sido dela ou vendidos por ela, mas pode ser que o nome tenha sido dado ao bairro, ou ao loteamento, na época, como uma homenagem a essa família, provavelmente muito conhecida e prestigiada na região.

Quanto à Vila Nair, o sr. OPR supõe que o nome se deva a “alguma Nair que tinha pra lá e botaram”, mas inclusive seu riso após essa fala denuncia que nem mesmo ele tem convicção com relação a essa suposição, calcada em seu imaginário, no imaginário popular. Carvalhinhos (2012), chama a atenção para esse fenômeno:

A questão da etimologia popular não se restringe a nomes semanticamente esvaziados ou pertencentes a outro código linguístico, como o caso apresentado. “Terror dos etimólogos”, se por um lado a etimologia popular poderá apresentar interesse para o etnógrafo ou para o folclorista, para o especialista em onomástica, sobretudo toponímia, a etimologia popular deve ser excluída (ou pelo menos evitada) por sua característica ausência de rigor metodológico.

⁸⁸ Escola Municipal de Educação Infantil.

⁸⁹ Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Escolas/091138/Default.aspx>>. Acesso em 25 mar. 2015.

De acordo com nossos informantes, dependendo da correspondência, ruas distantes uma da outra são identificadas como sendo Vila Nair.

Então às vezes vem correspondência pro Nair, vem correspondência pro Lapena, mas não para Central.

(ENT1, INF1, linhas 22-23)

- Agora nos documentos de conta de luz vem como Vila Nair.

(ENT5, INF1, linha 41)

Na figura 32, em que assinalamos onde fica, aproximadamente, a casa do sr. OPR e a do sr. JSM, que proferiram essas falas, podemos observar a distância entre os dois locais que chegam a ser identificados como o mesmo bairro.

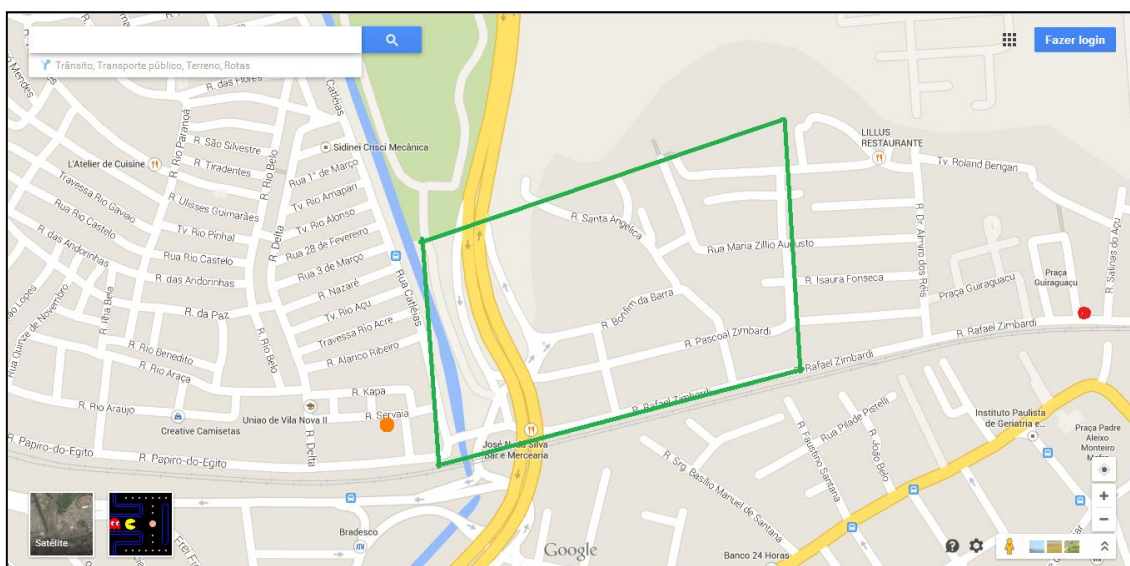


Figura 32. Localização da Vila Nair e da casa do sr. OPR e do sr. JSM. O ponto vermelho sinaliza a casa do sr. OPR e o laranja, a do sr. JSM. Fonte: Google Maps, 2015.

Mas, para a maioria dos informantes, a Vila Nair corresponderia à área demarcada por nós com o polígono verde – das proximidades da escola até as proximidades do córrego Jacu (ou do viaduto ou do túnel, para alguns, mas todos muito próximos). Como podemos observar, tanto a residência do sr. OPR quanto a do sr. JSM estão fora do polígono.



Figura 34. Edificações na Vila Nair e no Jardim Lapena em 1958. Em amarelo, área que corresponde à Vila Nair; em rosa, área onde, hoje, mora o sr. JR; em vermelho, área onde, hoje, mora o sr. OPR. Fonte: Geoportal – Memória Paulista, 2015.

Não temos como comprovar a informação de que a Vila Nair começou antes do Jardim Lapena, mas, de fato, se observarmos a figura 34, percebemos que há mais espaço construído na Vila Nair que no Jardim Lapena, seja na parte do bairro onde mora o sr. OPR ou na que o sr. JR habita, o que nos faz pensar que realmente a Vila Nair tenha começado antes.

3.5.2.1 Vila Central

A chegada do sr. OPR no bairro foi entre o final da década de 1960 e o começo da década de 1970 (há informações conflitantes nesse sentido nas linhas 12 e 28-29 da ENT1). Segundo ele, na época, o bairro era conhecido como Vila Central (linhas 19-23). Essa mesma informação também foi dada por outro informante, o sr. LRR:

- Ah, e pro senhor, seu LRR, qual que é o nome aqui do bairro?
- *Aqui pra ser sincero é Jardim Lapena mesmo, né. Jardim Lapena, mas esse Jardim Lapena, esse espaço que a gente tá contando aqui dessa rua Particular era vila Central, antiga vila Central.*
(ENT4, INF1, linhas 50-53)

Devido à proximidade do bairro com a linha férrea e a estação de trem, pertencentes à empresa Central do Brasil, cremos que o topônimo Vila Central pode ter

sido usado em algum momento por esse motivo e sofreu apagamento nas gerações subsequentes. É essa, também, a hipótese do sr. OPR quanto à origem do topônimo:

E essa Central aqui não sei porque botaram, devia ser a Central, Estrada de Ferro Central, né, mais ou menos foi isso, que antigamente aqui era Estrada de Ferro Central do Brasil. Então devia de ser a Central do Brasil, eles botaram então Central. Pode ser isso.

(ENT1_INF1, linhas 104-107)

Não encontramos indícios confiáveis de que o bairro de fato tenha sido denominado oficialmente em algum momento dessa forma, nem em cartas nem na legislação. A única referência que encontramos a uma Vila Central na região foi em uma dissertação de 1982⁹¹ em que a pesquisadora analisou seis loteamentos em São Miguel Paulista, tendo sido um deles a Vila Central.

A partir da combinação desses critérios a escolha recaiu nas seguintes áreas: 1) Vila Mara, localizada ao norte da estrada de ferro e, portanto, ao norte do Distrito; 2) Vila Central/Jacuí, no **sul do Distrito**; (...)

À exceção da Vila Central que apresenta melhores condições de acesso, um comércio diversificado e algumas casas de melhor padrão de construção, nas demais áreas escolhidas para a pesquisa a situação é bem diferente. Até mesmo no **Jacuí, área contígua à Vila Central**, que com ela constituiu uma das unidades escolhidas para a pesquisa, observam-se diferenças bem pronunciadas. (VIANA, 1982, p. 11, grifo nosso)

No entanto, nessa pesquisa quantitativa realizada por Viana, não houve preocupação maior que a expressa na citação anterior no sentido de explicitar a localização da Vila Central por ela analisada. Desse modo, não há como afirmar com certeza se a Vila Central da qual ela fala é a mesma da qual falam o sr. OPR e o sr. LRR, mas acreditamos que não, por dois motivos. Primeiramente, pela localização por ela apontada para essa vila: ao sul do distrito de São Miguel, em oposição à Vila Mara⁹², ao norte do distrito e ao norte da estrada de ferro. Ora, o Jardim Lapena não fica ao sul do distrito, mas também ao norte e ao norte da estrada de ferro, apenas um pouco mais a oeste que a Vila Mara. O outro motivo é que a pesquisadora diz que a Vila Central é contígua ao Jacuí⁹³, que é uma área distinta da que estamos estudando. Na figura 35 é possível observar melhor essas distâncias:

⁹¹ VIANA, Myrna Therezinha Rego. São Miguel Paulista – O chão dos desterrados (Um estudo de migração e de urbanização). 1982. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁹² Bairro situado no distrito do Jardim Helena, em São Miguel Paulista (cf. tabela 2).

⁹³ Atualmente, uma dos distritos de São Miguel, juntamente com Jardim Helena e São Miguel.

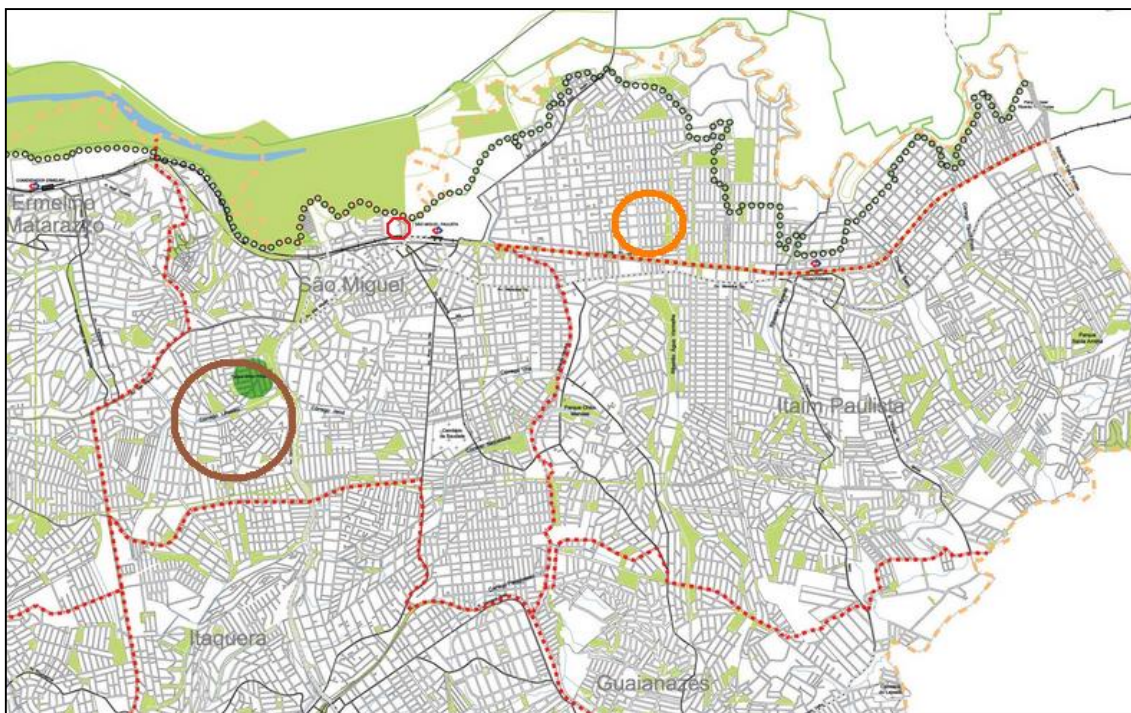


Figura 35. Localização aproximada da Vila Mara (círculo laranja), Jardim Lapena (círculo vermelho) e Jacuí (círculo marrom). Fonte: Portal da PMSP, 2004⁹⁴.

Desse modo, supomos que a Vila Central da qual falam nossos informantes não seja a mesma analisada por Viana em sua pesquisa de 1982. Provavelmente, havia os dois bairros na região conhecidos pelo mesmo nome concomitantemente ou em épocas bastante próximas.

3.5.2.2 Vila Gabi

Durante o tempo em que morou no bairro (de 1994 a 2007), vizinha ao sr. OPR, a pesquisadora sempre se identificou como moradora da Vila Gabi, apesar da consciência da confusão em relação à nomenclatura do bairro por saber que em sua casa chegavam correspondências com indicação de Jardim Lapena, Vila Nair ou São Miguel, mas nunca Vila Gabi. Por isso, não poderia ter deixado de perguntar ao sr. OPR, seu primeiro informante, sobre esse topônimo, já estranhando o fato de ele não ter surgido espontaneamente durante a entrevista.

⁹⁴ Disponível em: <http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/planejamento/zonamento/0001/parte_II/sao_miguel/23-MAPA-MP-01.jpg>. Acesso em: 25 abr. 2015.

- E o senhor já ouviu falar Gabi também aqui?
 - Gabi, tem Gabi. A Gabi é (pausa) não era Gabi? Vila Gabi, onde é Gabi mesmo? (pausa) Sabe que agora você me pegou agora, vila Gabi? Tem a Gabi. Deixa eu ver se a Neusa sabe.
 - Não, mas é o que o senhor lembrar. Se o senhor não lembra não tem problema não.
 - vila Gabi... (pausa) Eh... (pausa) Nair, Lapena, a nossa aqui (pausa) e a Gabi (pausa). Não, não tem correspondência com a vila Gabi, não, mas tem essa vila Gabi aqui.
 - E ali mais pra lá, pros lados...
 - Ali tem só uma rua, tem duas ruas daqui pra lá. É a rua Salinas do Açú... Ô Neusa, onde é a vila Gabi?
 - Aqui é vila Gabi. [Interrupção de terceiro]
 - Ah (risos) eu moro e não sei, arranjaram mais essa agora. Então quer dizer, Lapena, é... Nair, Lapena, Central que era aqui agora virou Gabi (risos)
- (ENT1_INF1, linhas 112-125)

A surpresa foi grande quando o sr. OPR não relacionou imediatamente o topônimo ao local onde mora há tantos anos, apesar de reconhecer já ter ouvido o nome. E, ainda, descumprindo o que havia sido pré-combinado, perguntou a um terceiro, sua filha Neusa, que estava em outro cômodo da casa, onde era a vila Gabi. A resposta da filha provocou uma reação interessante, com um tom de síntese, por parte do entrevistado: “Nair, Lapena, Central que era aqui agora virou Gabi” (linha 125), reforçando o que já havíamos dito sobre a não definição dos nomes dos bairros por parte do poder público.

Igualmente, também chama a atenção a ausência desse topônimo durante toda a entrevista com a informante OBL. Ela fala do Jardim Lapena, da Vila Nair e da Vila União, mas não cita a vila Gabi em nenhum momento.

O sr. JR cita a vila Gabi ao ser perguntado sobre esse bairro. Ele o relaciona à região onde tinha o curral.

- Ah, vila Gabi, tá entendendo? E... Gabi, eu, me falaram porque tinha uns uma uns carneiros que tinha lá que aquele rapaz tinha, carneiros e ele tinha um curral aí, e por causa disso dessa matança de carneiro aí nesses matos aí tudo que hoje tá tudo loteado, tem os prédios e tudo, o nome quando eu cheguei aqui já era vila Gabi
- (ENT3, INF1, linhas 148-151)

O curral também é citado por outro informante, o sr. OPR, mas sem relacioná-lo à vila Gabi:

- E em volta era mato, era como?
 - Em volta era mato, debaixo da linha era um capinzal, criava carneiro, matava carneiro, porco, eh... essas coisas, era um curral.
- (ENT1, INF1, linhas 42-44)

O sr. LRR cita a Vila Gabi espontaneamente, sem que a pesquisadora tenha perguntado sobre esse topônimo, também relacionando-a ao curral.

- E hoje em dia, tem outros nomes que é chamada qui?
 - Hoje é rua Dorval, na não, aqui ali Vila Gabi antigamente era um um, era um local de matadouro de curral de de matadouro de animais de cabrito, de (?) de tudo, eles viviam. Aquele rapaz aquele gordão que mora lá é parente do fundador daquela região ali que tinha currais e tal.
 - Uhum.
 - Ele tinha até **um time, o Gabi**, como que é o nome daquele time lá, o time que tem o, o carneirão, o bode?
 - Do, do Silvinho?
 - Do Silvinho, então, é esse.
 - Sei. E aí pro senhor Gabi é ali então.
 - Ali é Gabi. A verdadeira Vila Gabi é ali.
 - Aqui é Lapena?
 - Aqui é Jardim Lapena.
- (ENT4, INF1, linhas 56-69, grifo nosso)

Ao ser perguntado sobre outros nomes como a vila é conhecida, ele se lembra da Vila Gabi, mas relacionando-a a outra parte do bairro – apesar de muito próxima a sua casa (figura 36) –, pois, para ele, o bairro onde mora é o Jardim Lapena.



Figura 36. Localização aproximada da casa do sr. LRR e da região por ele identificada como Vila Gabi. Em vermelho, o local aproximado onde mora o sr. LRR. Em amarelo, a localização aproximada da área citada por ele, onde mora o Silvinho. Fonte: Habisp, 2008.

Dois elementos principais são interessantes de observar nessas falas referentes à Vila Gabi, a presença do curral e o time de futebol com o nome do bairro. Sobre o primeiro, não conseguimos informações sobre nenhum curral ou abatedouro de animais na localidade conhecida como Vila Gabi. Nossa hipótese é de que tenha sido fechado há algum tempo ou de que tenha sido um estabelecimento clandestino, similar a outros

existentes na região⁹⁵, por isso a falta de informações a esse respeito. Mas é muito provável que tenha mesmo existido, levando em conta que mais de um informante cita o fato.

O outro elemento, o time de futebol de várzea Vila Gabi, existe, segundo informações do próprio clube, desde 1967. Nessa época, o futebol de várzea era muito popular em São Miguel. Ao falar desse aspecto do bairro, Fontes (2008) diz que:

A grande quantidade de campos de futebol construídos no bairros naqueles anos atesta a difusão da prática do esporte. (...) Afonso José da Silva reforça: “cada vila que se formava (...) tinha que deixar uma área, e aquela área era para fazer o campo de futebol”.

Porém, mais que campos, era a enorme quantidade de times o que chamava a atenção. (...) A partir da década de 1950 os times de várzea tornaram-se uma marca de São Miguel. No final dos anos 1980, um levantamento apontava a existência de “cerca de 160 (...) clubes locais de futebol de várzea (...)” (p. 147-148)

Atualmente, o time é conhecido como Vera Cruz Vila Gabi e tem dois símbolos principais, a cruz de malta e o bode, que é também seu mascote e símbolo de sua torcida organizada, como podemos observar nas fotos a seguir (figuras 34, 35, 36 e 37):



Figura 37.



Figura 38.



Figura 39.



Figura 40.

Figuras 37, 38, 39 e 40. Fotos relativas ao Esporte Clube Vera Cruz Vila Gabi. Fonte: Página do time em rede social, 2012.

⁹⁵ Em 2010 e em 2013, foi fechado um abatedouro clandestino de carneiros na rua Luís do Couto, na região do bairro identificado pelos moradores como Vila Nair. Disponível em: <<http://www.ssp.sp.gov.br/noticia/lenoticia.aspx?id=32026>>. Acesso em: 4 abr. 2015.

Como podemos ver na primeira imagem acima, o time estava completando, em 2012, quarenta e cinco anos. Os cartazes foram elaborados para a festa de comemoração da data. Nas figuras 38, 39 e 40, podemos observar a forte presença da figura do bode, tanto nos textos não verbais quanto nos textos verbais: “torcida jovem do bode”, “bode terror” e “torcida organizada do bode”.

O morador Silvinho, que, segundo o sr. LRR, seria filho do fundador da região da Vila Gabi, era, em 2011, o técnico do time Vera Cruz Vila Gabi, segundo legenda de uma foto em que ele aparece encontrada numa página da internet (figura 41):



Figura 41. Fotografia de premiação ao time Vera Cruz Vila Gabi. Silvinho é o segundo, da esquerda para a direita. Fonte: Página Cabrabom⁹⁶.

Apesar de não podermos afirmar uma ligação direta do bairro Vila Gabi com um local de guarda de animais, especialmente caprinos e ovinos, acreditamos ser possível que houvesse ali esse estabelecimento, e que fosse uma marca forte o suficiente na região para o bode ser levado como símbolo do time de várzea ali existente.

Com relação ao topônimo Vila Gabi, ele existe na memória dos moradores do bairro, mas não obtivemos sucesso ao tentar encontrá-lo em cartografia ou na legislação. Oficializado, ele existe apenas no nome do time de futebol de várzea da região, que existe oficialmente como associação desde 2009:

Esporte Clube Vera Cruz Vila Gabi de São Miguel
 CNPJ12.259.429/0001-87
 Nome fantasia (Não tem)
 Razão social: Esporte Clube Vera Cruz Vila Gabi de Sao Miguel
 Data de abertura: 15/1/2009

⁹⁶ Disponível em: <http://www.cabrabom.com.br/futebol_final_veterano35.php>. Acesso em: 4 abr. 2015.

Endereço: R Rafael Zimbardi, 17, Letra A
 Sao Miguel Paulista, Sao Paulo
 SP, CEP 08071-130
 Brasil

Natureza jurídica: Associação Privada - Código 3999

Status da empresa: Ativa

Atividade econômica principal: Outras atividades esportivas não especificadas anteriormente - CNAE 9319199

(Fonte: Página eletrônica CNPJ Brasil⁹⁷.)

3.5.3 Vila União / União de Vila Nova / Vila Nova União

Um primeiro aspecto que chama a atenção nesse bairro é que ele é conhecido por três topônimos diferentes, apesar de serem similares entre si: Vila União, União de Vila Nova e Vila Nova União. Em Toponímia, dizemos que esses topônimos são *paralelos*, ou seja, são topônimos diferentes usados para nomear um mesmo local.

Dentre os informantes com quem conversamos, encontramos a seguinte distribuição de uso dos topônimos:

sr. OPR	não menciona
OBL	Vila União
sr. JR	não menciona
sr. LRR	Vila União, União de Vila Nova
sr. JSM	União de Vila Nova
sra. JMM	União de Vila Nova
sra. RRS	União de Vila Nova
sra. MRS	Vila União, União de Vila Nova

Tabela 3. A forma como cada informante conhece o bairro Vila União. Elaboração da pesquisadora.

Na tabela 2, que apresentamos no início deste capítulo, temos ainda uma terceira denominação similar: Vila Nova União.

Ao realizar uma busca na legislação, encontramos as três formas de se referir ao mesmo bairro em São Miguel Paulista⁹⁸:

⁹⁷ Disponível em: <<http://www.cnpjbrasil.com/e/cnpj/esporte-clubes-vera-cruz-vila-gabi-de-sao-miguel/12259429000187>>. Acesso em: 4 abr. 2015.

⁹⁸ Busca textual realizada na página Leis Municipais. Disponível em: <<https://www.leismunicipais.com.br/>>. Acesso em: 26. abr. 2015.

- Vila União está presente em diversos decretos e leis, mas a maior parte deles se refere a bairros na região de Sapopemba (decreto n. 8734, de 28 de março de 1970), Ermelino Matarazzo (decreto n. 13.254, de 16 de julho de 1976; decreto n. 15.104, de 15 de junho de 1978; decreto n. 17.854, de 10 de março de 1982; decreto n. 22.967, de 22 de outubro de 1986) – distante da Vila União de São Miguel – e Vila Prudente (decreto n. 14.769, de 24 de novembro de 1977; decreto n. 15.447, de 8 de novembro de 1978; decreto n. 15.501, de 4 de dezembro de 1978; decreto n. 15.716, de 23 de fevereiro de 1979; decreto n. 17.637, de 30 de outubro de 1981). Apenas a partir de 1991 temos leis e decretos referentes à Vila União de São Miguel Paulista: lei n. 10.967, de 6 de março de 1991; decreto n. 32.368, de 1º de outubro de 1992; lei n. 14.665 de 8 de janeiro de 2008; decreto n. 53.191, de 12 de junho de 2012.
- União de Vila Nova encontramos em quatro decretos, todos posteriores a 1991: decreto n. 30.718, de 9 de dezembro de 1991; decreto n. 50.209, de 11 de novembro de 2008; decreto n. 51.061, de 30 de novembro de 2009; decreto n. 51.062, de 30 de novembro de 2009. Interessante notar, no entanto, que em nenhum desses decretos União de Vila Nova aparece como topônimo, mas como parte do nome de instituições (Associação dos Moradores de União de Vila Nova, Escola de Educação Infantil União de Vila Nova I e Centro de Educação Infantil União de Vila Nova).
- Vila Nova União aparece em apenas um decreto (decreto n. 53.092, de 18 de abril de 2012), indicando o nome do bairro em estudo.

Nas cartas às quais tivemos acesso (coleções Sara Brasil, Gegran e Emplasa), a área à qual estamos chamando Vila União não foi identificada. Há delimitação e identificação de algumas ruas, mas não aparece o nome do bairro.

Pela observação da tabela 3, podemos perceber que, dos quatro informantes que não moram nesse bairro, dois não o mencionam, um diz apenas Vila União e um cita as duas formas, sendo que, no momento em que o faz, está se referindo justamente à forma como os outros chamam o bairro: “*aquele local lá que hoje chamam de União de Vila Nova, Vila União*” (ENT4, INF1, linhas 96-97), então ele cita as duas formas que

conhece. Em outros momentos, ele simplifica e chama o bairro simplesmente de “*União*” (linhas 220, 240, 241, 263)⁹⁹.

Dos quatro informantes que moram nesse bairro, todos usaram a forma União de Vila Nova e apenas uma usou Vila União. Na verdade, a sra. MRS usou o nome do bairro de três formas diferentes:

- *Então, aqui é Vila União.*

- *É, Vila União, União de Vila Nova.*

- *É Vila União de Vila Nova.*
(ENT8, INF1, linhas 70, 72, 80)

Nenhum de nossos informantes utilizou o topônimo Vila Nova União.

Uma hipótese que podemos levantar é de que quem está fora do bairro tenha uma tendência de usar o topônimo Vila União, enquanto quem está dentro prefere União de Vila Nova. Nesse caso, a sra. MRS seria uma exceção. Outra hipótese seria a de que as pessoas há mais tempo na região (inclusive a sra. MRS, que parece ser a mais antiga dentre os informantes da Vila União) usam o topônimo Vila União enquanto as menos antigas, chegadas a partir de 1993, preferem União de Vila Nova. No entanto, a quantidade de entrevistas em nosso *corpus* não nos permite afirmar uma coisa nem outra. Para qualquer conclusão nesse sentido, precisaríamos de uma maior representatividade quantitativa de pessoas entrevistadas.

Com relação à origem do nome, o único a nos dar uma explicação foi o sr. LRR, morador do Jardim Lapena:

- *União foi, foi o seguinte. Uma, a igreja católica tinha um padre muito amigo do povo aí, esqueci até o nome dele. E ele, ele frequentou a... os moradores lá e fez uma reunião com o grupo e fez uma solicitação pro governo ceder aquela área lá para eles fazerem um... uma **união de vila nova**. Um grupo que iriam começar a morar lá. Aí tinha uma quantidade não lembro nem o total de pessoas que foram nomeadas mas era muita gente, famílias...*
(ENT1, INF1, linhas 220-225)

Segundo ele, o topônimo seria descritivo: algumas pessoas teriam se *unido* para começar uma *nova vila* e o bairro teria começado como uma “união de vila nova”. Se

⁹⁹ Cabe observar, no entanto, que em alguns momentos a própria pesquisadora utilizou a forma simplificada (219, 244, 262), o que pode ter influenciado o informante.

essa hipótese estiver correta, o topônimo teria surgido de forma espontânea. Segundo Dick:

há um consenso unânime entre os toponimistas de pesquisar as origens da denominação em duas fontes principais, uma, reputada *espontânea* ou popular, sem uma autoria identificável à primeira vista, porque nascida no seio da população e não individualizada; e, outra, conhecida como *sistemática* ou oficial, atribuída aos descobridores, aos dirigentes ou ao poder de mando, legitimamente constituído, ou não. (DICK, 1990b, p. 49)

Nesse caso, poderíamos dizer que as formas paralelas Vila Nova União e Vila União seriam uma simplificação do topônimo surgido primeiramente. Mas não podemos afirmar isso apenas com base no que foi dito por esse informante.

3.5.3.1 Pantanal

Outro topônimo paralelo para se referir à Vila União mencionado nas entrevistas é *Pantanal*:

aquele local lá que hoje chamam de União de Vila Nova, Vila União, mas ali não era, não era assim, ali era o Pantanal
(ENT4, INF1, linhas 96-98)

pra baixo ali era Pantanal, não tinha nada não.
(ENT5, INF1, linhas 152-153)

- Mas o povo, é, o povo fala que é Pantanal, Pantanal que eu sei é lá no Itaim, aqui é União de Vila Nova.
(ENT6, INF1, linhas 29-30)

- Já era, era o povo falava que era Pantanal. Aí eu falava, mas o Pantanal não é lá no Itaim? Por que Pantanal é aqui? E eu não sei.
(ENT6, INF1, linhas 87-88)

- Filha, eu não sei, quando eu cheguei aqui eram, aqui era Pantanal. Depois de, agora, é, mudou União de Vila Nova, antes eu não sei o que era.
(ENT7, INF1, linhas 32-33)

O topônimo Pantanal aparece em quatro entrevistas. Em uma delas, a informante, sra. JMM, diz que o Pantanal não é lá, é no Itaim. Há, no distrito Jardim Helena (e não no Itaim), um bairro chamado Jardim Pantanal.

No ano de 1995, uma grande enchente alagou o Pantanal (Jardim Helena) e deixou evidente o risco na ocupação da várzea do Tietê. A enchente avançou sobre as vilas

Pantanal, São Martinho, Chácara Três Meninas, Cotovelo do Pantanal, Jardim Romano, Jardim Novo Horizonte (OLIVEIRA, 2012, p. 44)

Esse bairro aparece na mídia com certa frequência, infelizmente, devido às enchentes que o costumam acometer. A seguir, apresentamos alguns exemplos dentre tantos outros disponíveis na internet:

Moradores de bairro da Zona Leste de SP temem alagamentos

Enchente no Jardim Romano durou semanas durante verão chuvoso de SP. Vizinhos Jardim Helena, Jardim Pantanal e Vila Itaim também alagaram.

(Notícia publicada em 07/09/2009¹⁰⁰.)

Região do Jardim Pantanal volta a alagar após construção de dique

Prefeitura diz que área inundada faz parte do bairro Vila Itaim, no mesmo distrito

(Notícia publicada em 11/01/2011¹⁰¹.)

O topônimo Pantanal é bastante comum nessa região da cidade. Ele está presente no distrito Jacuí, como pudemos observar nos trechos das entrevistas transcritos, e também no distrito Jardim Helena, neste caso em mais de um topônimo: região do Pantanal, Jardim Pantanal e Cotovelo do Pantanal.

As falas de nossos informantes nos ajudam a perceber o motivo desse topônimo espontâneo:

- *Então isso era aí então enchia tudo de água, era um lamaçal tremendo aí...*
(ENT4, INF1, linha 102)

- *É porque aqui, dizem que aqui era uma... era uma é uma lagoa. Isso aqui é mato.*
(ENT6, INF1, linha 39)

O Pantanal (Vila União), assim como o Pantanal (Jardim Helena), é uma área de várzea do rio Tietê. Com a retificação desse rio na década de 1980, passou a existir terreno disponível para edificação na região¹⁰².

a retificação no trecho urbano decorreu da necessidade de urbanização do extenso trecho da várzea do rio que cruzava a cidade de São Paulo, as várzeas inundadas por

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/09/moradores-de-bairro-da-zona-leste-de-sp-temem-alagamentos.html>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

¹⁰¹ Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/jardim-pantanal-volta-a-alagar-apos-construcao-de-dique-20110111.html>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

¹⁰² No capítulo 1 (página 46 e seg.), há mais informações a respeito do processo de retificação do rio Tietê.

curtos períodos do ano eram vistas como terrenos muito aproveitáveis para edificação (OLIVEIRA, 2012, p. 19)

No projeto de retificação, a área das várzeas seria ocupada por parques e outros equipamentos que propiciassem a preservação ambiental. No entanto, o projeto foi descontinuado em 1983, devido à falta de verba, não tendo sido completadas as obras previstas nas várzeas. No final da década de 1980, famílias começaram a ocupar essas áreas alagadiças que, analogamente ao bioma do Cerrado brasileiro, começaram a ser conhecidas por topônimos incluindo a palavra *Pantanal*, fenômeno presente em diferentes áreas de São Miguel Paulista, como pudemos observar, por seu caráter descritivo da paisagem local.

Com a urbanização da Vila União na década de 2000¹⁰³, que eliminou as áreas alagadiças no bairro, foi acontecendo o apagamento desse topônimo paralelo no bairro. Como disse a sra. RRS: “*era Pantanal. Depois de, agora, é, mudou União de Vila Nova”* (linhas 32-33). Do ponto de vista da Toponímia, há alguns aspectos interessantes de serem analisados. O primeiro deles é o apagamento do topônimo paralelo, de característica descritiva, *Pantanal*. Vieira, sobre os topônimos paralelos, afirma:

A toponímia paralela, constantemente, sofre a ameaça de desaparecimento pelo desuso com o distanciamento temporal das razões motivadoras do signo toponímico, que permanecem apenas na memória de alguns de seus usuários. Isso se justifica pois o signo toponímico nem sempre é transparente a todos, especialmente quando se trata de topônimos paralelos que atendem a um grupo específico de usuários (2001, s.p.)

Ou seja, o topônimo *Pantanal*, em desuso devido ao desaparecimento da característica física da paisagem que o motivava, foi deixando de ser usado. Além disso, esse topônimo ganhou força, na mídia, para referir-se à área do Jardim Helena que sofria constantes alagamentos, o que pode ter reforçado nos moradores da Vila União o sentimento de o topônimo não identificar seu bairro, e sim o outro, tão presente na mídia. Como vimos nas falas da sra. JMM, que fez questão de reiterar que *Pantanal* não é onde mora, mas outro bairro.

- *Mas o povo, é, o povo fala que é Pantanal, Pantanal que eu sei é lá no Itaim, aqui é União de Vila Nova.*
(ENT6, INF1, linhas 29-30)

¹⁰³ No capítulo 1 (página 49), há mais informações a respeito da urbanização da Vila União.

- Já era, era o povo falava que era Pantanal. Aí eu falava, mas o Pantanal não é lá no Itaim? Porque Pantanal é aqui? E eu não sei.
(ENT6, INF1, linhas 87-88)

Outro aspecto de interesse é a diferença dos sentidos expressos pelos dois topônimos, *Pantanal* e *União de Vila Nova*. O primeiro, carregado de descritividade, não se refere às belezas naturais de seu homônimo no Centro-Oeste brasileiro, mas aos inconvenientes de morar numa região alagadiça, como descreve o sr. JSM:

- Ah, ali eu quando chovia que em dia sem ser de chuva não ficava assim tão molhado, né. Virava aquele brejo você via sapo gritando igual na roça aqui, aí eu pegava fazia uma carreira de tábua aquele de chuva que eu aterrei só aqui no rumo da casa para cima e fiz a casa né, aí eu fazia aquele pinguela para mim não passar dentro do barro. E eu saía para trabalhar amarrava um uma uns plásticos no pé, certo, até chegar ali na frente para passar (?). Era, era muito ruim mesmo.
(ENT5_INF1, linhas 132-137)

Por outro lado, o topônimo *União de Vila Nova*, independentemente de sua origem ser descritiva ou não, como já discutimos, remete a um sentido mais positivo. Tanto o substantivo *união* quanto o adjetivo *nova* têm uma carga positiva no imaginário das pessoas. Dick (1990a), fala de topônimos com essa mesma característica,

que poderiam traduzir intenções, esperanças, desejos, enfim, dos moradores, no sentido de que, realmente, tais localidades correspondam, no decurso dos dias, à expectativa comum. (p. 94)

Dessa forma, o fato de o grupo optar por esse topônimo em vez do outro, que rememora momentos tão difíceis no bairro, acaba sendo uma postura ideológica. Carvalhinhos e Lima (2014, p. 47) destacam este aspecto: “La cuestión ideológica también tiene una fuerte presencia, sobre todo hoy en día.¹⁰⁴”. A substituição do topônimo no cotidiano das pessoas, mesmo que de forma inconsciente, talvez, destaca o que há de positivo no bairro, a união e a novidade.

3.5.3.2 Brocolândia

A Brocolândia, segundo o sr. OPR, teria sido uma área em que os moradores foram beneficiados pelo Governo do Estado, quando Orestes Quércia era governador, com blocos para construção de seus imóveis. Orestes Quércia esteve no poder de 15 de

¹⁰⁴ “A questão ideológica também tem uma forte presença, sobretudo hoje em dia.” (tradução nossa).

abril de 1987 até 14 de março de 1991. O começo de seu governo, em 1987, foi marcado por diversas ocupações de terra em São Paulo, inclusive na Zona Leste e em São Miguel especificamente, como podemos observar nesta lista de manchetes do jornal *Folha de S.Paulo* daquele ano, em datas imediatamente posteriores a sua posse:

- PM desaloja 2.500 invasores de terra na Zona Leste. *Folha de S.Paulo*, 26/3/1987. p. A-10.
 - Esquerdas aliam-se nas invasões de terra em São Paulo. *Folha de S.Paulo*, 29/3/1987. p. A-15.
 - Pastotal ainda cadastra invasores na Zona Leste. *Folha de S.Paulo*, 30/3/1987. p. A-12.
 - As forças políticas envolvidas na ocupação de terras na Zona Leste. *Folha de S.Paulo*, 31/3/1987. p. A-18.
 - Quércia promete 20.000 casas aos sem-terra. *Folha de S.Paulo*, 7/4/1987. p. A-11.
 - Chuva e despejos são causas de invasão, diz Pastoral. *Folha de S.Paulo*, 15/4/1987. p. A-17.
 - Igreja diz que são cem mil invasores. *Folha de S.Paulo*, 16/4/1987. p. A-11.
 - Sem-terras pressionam Quércia durante solenidade. *Folha de S.Paulo*, 1/5/1987. p. A-11.
- (Fonte: OLIVEIRA, 2012, p. 127)

Durante o governo de Quércia, foram construídas moradias populares, embora não todas que ele havia prometido, conforme Oliveira:

o número de unidades construídas e entregues pelo Governo do Estado, não atingindo as 60.000 unidades habitacionais prometidas em abril/1987 (...). Até o final de seu segundo mandato o então governador Orestes Quércia 9...0 não conseguiu cobrir a demanda imposta pelos eventos do ano em questão. (2012, p. 38)

Mas, no caso da Vila União, foi feita a doação de blocos de concreto para que os próprios moradores construíssem. Conforme Denizo (2007):

Como apoio a esta ocupação foi realizado arruamento e doado a cada família 1.000 (mil) blocos de concreto para a construção de uma moradia provisória. Este assentamento provisório, promovido pelo poder público, deu origem ao núcleo habitacional União de Vila Nova (168-169)¹⁰⁵

Sendo assim, é possível que, devido à grande quantidade de blocos de concreto no local durante a construção das moradias populares, tenha surgido espontaneamente o topônimo paralelo Brocolândia para se referir à Vila União, o que pode ter ocorrido no início da década de 1990, ainda durante o governo Quércia, conforme dito pelo sr. OPR. Esse topônimo não surgiu em nenhuma das outras entrevistas, o que reforça o caráter

¹⁰⁵ A história do início da Vila União foi apresentada no capítulo 1, página 45.

temporário dos topônimos paralelos, que são usados por um determinado grupo durante certo tempo, mas desaparecem à medida que perdem o sentido de sua motivação. Nesse caso, o momento histórico da presença dos blocos de concreto passou, e apenas uma parte da população o vivenciou, logo, apenas para essa pequena parte o topônimo faz sentido, mesmo assim, apenas no âmbito da memória, atualmente.

O topônimo Brocolândia apresenta-se com os termos genérico e específico aglutinados: *Broco-* (termo específico) + *-lândia* (termo genérico). A ordem em que os termos se apresentam no topônimo é inversa à que ocorre em língua portuguesa, em que o termo genérico vem antes do específico, o que se dá devido ao fato de o termo genérico, *lândia*, ser uma forma aportuguesada da palavra inglesa *land*, que significa *terra*. Esse genérico aparece em diversos outros topônimos, como Disneylândia e Groenlândia, como sufixo indicativo de lugar. Segundo Dick:

É interessante notar que a função toponímica de signos da língua registra não apenas o emprego de lexias autônomas, de conteúdo e substâncias semânticas manifestas, mas também morfemas gramaticais, interiorizados no código, portanto, como os sufixos e prefixos que, muitas vezes, podem adquirir uma nova conotação morfo-semântica quando empregados sob determinadas circunstâncias históricas, em conjunto a certas categorias de nomes. (1997, p. 100)

Já o termo específico, *Broco*, é um exemplo de rotacismo, um fenômeno fonológico que, segundo Reis (2010, p. 1), pode ser assim definido:

trata-se de uma variação linguisticamente não distintiva entre os segmentos /l/ e /r/, ou seja, a permuta do primeiro pelo segundo não implica diferença de significado, mas implica, no português moderno, diferenças sociais que levam à estigmatização dos falantes.

O rotacismo, um dos vários metaplasmos do português, consiste no uso variável das consoantes líquidas /l/ e /r/.

Broco, no caso do topônimo Brocolândia, conforme as respostas dadas pelo sr. OPR, é o mesmo que *Bloco*, de modo que Brocolândia seria o mesmo que *Blocolândia*, ou seja, um lugar repleto de blocos, de material de construção para a construção das moradias populares.

3.6 As ruas do “lado de baixo da linha do trem”

3.6.1 As ruas do Jardim Lapena

O critério utilizado para tratar das ruas do Jardim Lapena foi a ordem de importância (por isso começamos pela principal, a Rafael Zimbardi) e depois a posição delas no espaço, de leste a oeste (começando pela Serra do Salitre). A seguir, reproduzimos um mapa (figura 42) e uma imagem de satélite (figura 43) com as ruas consideradas como sendo desse bairro:

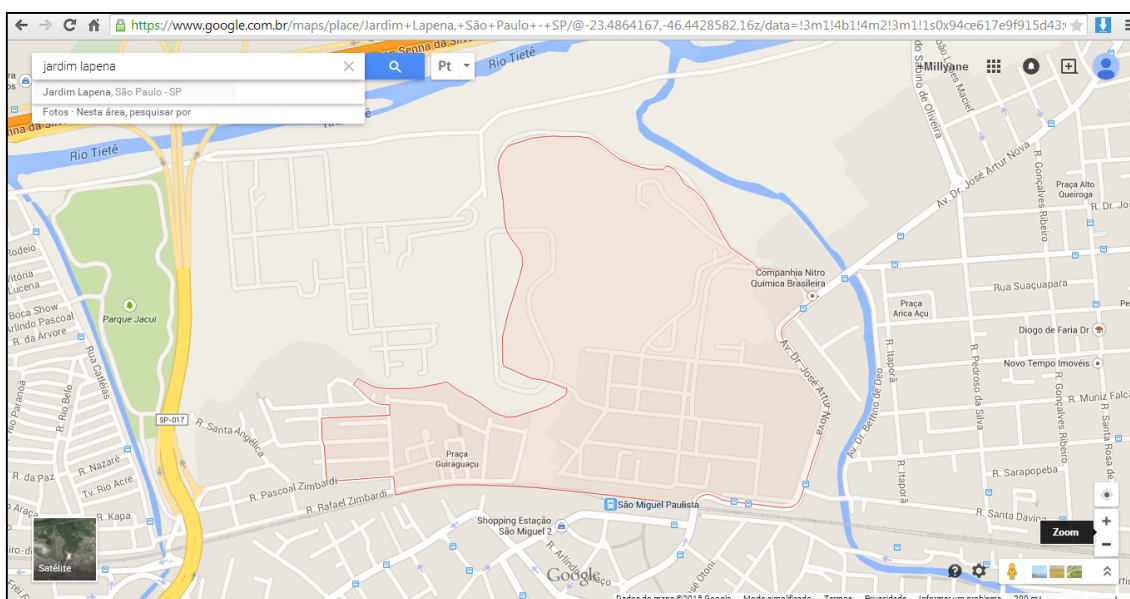


Figura 42. Delimitação do Jardim Lapena, conforme os Correios. Fonte: Google Maps, 2015.

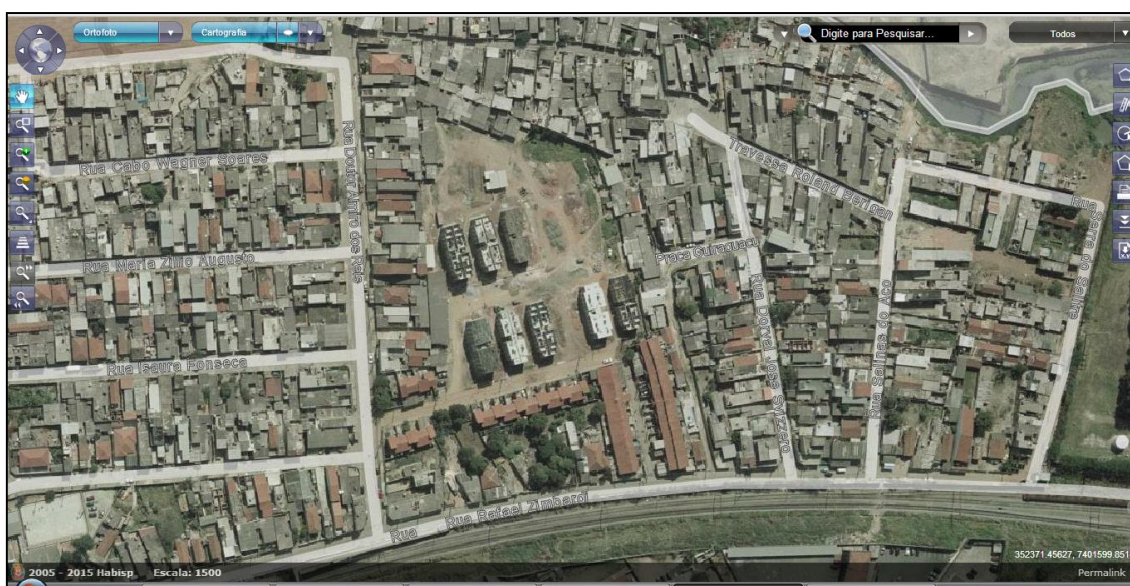


Figura 43. Imagem aérea das ruas do Jardim Lapena. Fonte: Habisp, 2008.

3.6.1.1 Avenida / rua Rafael Zimbardi

Ao descrever o bairro na época em que comprou o terreno onde construiu sua casa, o sr. OPR fala de uma área rural, uma chácara com poucas casas, “umas quatro ou cinco casas” (ENT1, INF1, linhas 39-41), com um capinzal próximo à linha férrea e animais sendo ali criados, especialmente porcos e carneiros. A rua em que mora, a Rafael Zimbardi, que fica rente à linha do trem no bairro, ainda não teria, segundo ele, esse nome na época em que se mudou:

E essa rua aqui, que o senhor mora, sempre teve esse nome?

- Não, não, não, ela não tinha esse nome, não. Eu não me lembro, não. Eu não me lembro quando é que veio essa Rafael Zimbardi. Essa rua não tinha, não. Se tinha outro nome a gente não sabia. Fica na beira da linha. Era beira da linha. (ENT1, INF1, linhas 45-48)

Conforme podemos observar na figura a seguir, da carta Gegrans (1974), desde o começo da década de 1970 a rua já tinha o nome Rafael Zimbardi, assim como o próprio bairro Jardim Lapenna, também presente na carta.



Figura 44. Localização da rua Rafael Zimbardi. Fonte: Gegrans, 1974, folha 101.

Interessante notar, no entanto, que, nessa carta, a rua Rafael Zimbardi não aparece como a paralela à linha do trem (sem nome na carta), mas como uma continuação da rua Pascoal. Na descrição da localização do logradouro presente no decreto n. 15.605, de 27 de dezembro de 1978, no entanto, temos que as ruas Pascoal Zimbardi e Rafael Zimbardi são paralelas, não continuação uma da outra.

Num documento posterior, a carta Emplasa (1981), as ruas Pascoal Zimbardi e Rafael Zimbardi já aparecem sinalizadas na localização que se conhece atualmente (figura 45).



Figura 45. Localização da rua Rafael Zimbardi. Fonte: Emplasa, 1981, folha 4435.

No trecho da entrevista citado anteriormente, em que o sr. OPR fala do nome de sua rua, um elemento interessante de analisarmos é que, diferente do que foi afirmado por ele, Rafael Zimbardi foi o primeiro nome oficial da rua, não houve outro antes desse, como podemos ver em seu decreto de denominação:

DECRETO Nº 15.605, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1978.

DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Olavo Egydio Setúbal, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do artigo 39, item XIX, do Decreto-Lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA:

Art. 1º Ficam denominados os logradouros públicos abaixo relacionados (Setor 112/AR-ME):

(...)

239 - RUA RAFAEL ZIMBARDI - código CADLOG 16.823-8 a **rua conhecida pelo mesmo nome** (Quadras: 003, 004, 007, 009 e 010). Começa na Rua Santa Maura e termina em divisa de loteamento, situando-se entre a Rua Pascoal Zimbardi e divisa de loteamento, no 7º Distrito - São Miguel Paulista. (grifo nosso)

O sr. JR, no bairro há quarenta e oito anos, apresentou uma informação correta nesse sentido:

- E essas depois mudou os nomes né, mas aquela lá da linha então sempre foi Rafael Zimbardi?

- É, sempre foi a Rafael

(ENT3, INF1, linhas 198-200)

Não sabemos quem foi Rafael Zimbardi, visto que nem mesmo o Dicionário de Ruas apresenta um histórico para esta rua, mas encontramos uma lei ordinária de 1963

referente a ela, o que nos indica que, de fato, essa rua já era conhecida por esse nome pelo menos quinze anos antes da publicação do decreto de denominação que oficializou seu nome:

Lei nº 6235, de 12 de março de 1963.

Aprova o plano de alargamento da travessa Gomes Cardim e rua **Rafael Zimbardi**, em São Miguel Paulista, e dá outras providências. (grifo nosso)

O sr. LRR tem sua própria hipótese não só sobre a rua Rafael Zimbardi como, também, sobre a Pascoal Zimbardi, da qual trataremos mais adiante. Segundo ele, seriam pessoas da mesma família e os antropotopônimos seriam uma homenagem a eles.

E aí tem esse... essa rua principal aí também que é homenagem a um ex, um ex morador da região.

- Que é a Rafael Zimbardi?

- *Zimbardi é da família Zimbardi.*

(ENT4, INF1, linhas 199-205)

Como no decreto n. 15.605, de 27 de dezembro de 1978, que oficializa o topônimo, se afirma que a rua já era conhecida por esse nome e não há informações sobre ele no Dicionário de Ruas, não temos como confirmar nem negar a informação dada pelo sr. LRR. Estamos conscientes da probabilidade de que a explicação dada por ele seja de origem de etimologia popular, mas também não encontramos nenhuma informação que prove o contrário.

Para OBL, nossa segunda informante, a Rafael Zimbardi não é rua, mas avenida:

- Nossa, aqui é assim, é Jardim Lapena todos, todos é Jardim Lapena, mas tem a avenida que é Rafael Zimbardi.

(ENT2, INF1, linhas 48-49)

Mas é o centro aqui é vila Lapena e avenida Rafael Zimbardi.

(ENT2, INF1, linhas 89-90)

- E, e quando você fala avenida, qual avenida que é?

- *É a avenida é aquela a...*

- A Zimbardi?

- A Zimbardi.

(ENT2, INF1, linhas 111-114)

Ela a considera dessa forma, provavelmente, por ser a principal rua do bairro. Rente à linha do trem, começa no muro da empresa Nitro Química e vai até o túnel que dá passagem para a avenida Assis Ribeiro, atravessando todo o Jardim Lapena e a Vila

Nair, terminando onde a maior parte de nossos informantes marca o início da Vila União, nas proximidades do túnel, do córrego Jacu e do viaduto que liga a avenida Jacu-Pêssego à rodovia Ayrton Senna.

3.6.1.1.1 Beira da linha

Quando perguntado sobre o nome da rua em que mora, se sempre foi Rafael Zimbardi, o Sr. OPR nos apresenta um interessante marcador toponímico: a *beira da linha*, uma forma paralela pela qual também é conhecida a rua Rafael Zimbardi.

Fica na beira da linha. Era beira da linha.

- Beira da linha, então.

- Beira da linha.

(ENT1, INF1, linhas 45-50)

A *beira da linha* é a forma que nosso informante reconhece como sendo o nome da rua na época em que se mudou para lá, a forma como ele a conhecia e, provavelmente, assim como ele, tantos outros moradores. Nesse marcador toponímico reconhecemos a descrição de uma característica funcional da rua, já que a Rafael Zimbardi é a rua rente à linha do trem, que se localiza à beira da linha do trem, como podemos observar na figura 46.



Figura 46. Imagem de satélite mostrando a rua Rafael Zimbardi, à beira da linha do trem. Fonte: Habisp, 2008.

Essa relação de localização entre a rua e a linha férrea trouxe para o discurso dos moradores uma nomenclatura espontânea, ou seja, que nasce da realidade e da visão de mundo dos habitantes do lugar.

De fato, a estação de trem e a linha férrea, por sua importância para a região, acabam por servir como referência para os moradores. Essa importância é tão grande que Langenbuch (1971), ao ensaiar uma tipologia para os subúrbios urbanos em São Paulo, coloca São Miguel junto aos *subúrbios-estação*:

Subúrbio-estação – São os mais numerosos, face ao papel pioneiro e amplo desempenhado pela ferrovia no processo de metropolização. (...) Em São Miguel Paulista e em Rio Grande da Serra a estação foi implantada imediatamente ao lado do antigo aglomerado, de modo a não provocar a dicotomia verificada em Itaquecetuba. Todos os núcleos citados neste parágrafo podem ser considerados “subúrbio-estação”, dado o indiscutível e capital papel desempenhado pela estação ferroviária como geradora do desenvolvimento suburbano local. (p. 261-262)

Em São Miguel, a ferrovia é tão importante que foi um dos atrativos para a implantação, no bairro, da Nitro Química, grande responsável por seu desenvolvimento e crescimento, como analisamos no capítulo 1, item 1.2.1.

Nesse caso, da *beira da linha*, o topônimo nascido espontaneamente não é o oficial, e provavelmente nunca foi. Em casos assim, é comum que o topônimo passe a fazer parte de outro fenômeno toponímico, o dos topônimos *paralelos*, que são topônimos diferentes dos oficiais e são usados por parte da população juntamente com os oficiais. O topônimo paralelo surge espontaneamente e passa ser usado por parte da comunidade por fazer sentido para esse grupo. Por, geralmente, não haver registro escrito desses topônimos e por eles não virem a se tornar oficiais, a tendência é que desapareçam com o tempo. Nesse contexto, a *beira da linha* nunca foi um topônimo oficial, mas é *espontâneo* por sua característica de ter nascido na população devido à sua localização em relação à linha do trem e é *paralelo* por ser um topônimo usado juntamente com a nomenclatura oficial, Rafael Zimbardi.

3.6.1.1.2 Buraco

Outro marcador toponímico com função de topônimo paralelo citado pelo sr. OPR foi o Buraco, citado por ele como uma forma de se referir à região da rua Rafael Zimbardi próxima à sua casa:

- Chegou a chamar de estrada [a rua Rafael Zimbardi]?
 - Não, ninguém falava sobre isso só tinha um Bu... passava em cima da linha, aquele passava em cima da linha do ferro pra passar pra São Miguel, e, o pessoal conhecia mais o Buraco, era o Buraco, mais ou menos tipo lá no Buraco, lá do Buraco. É, não tem assim aquela especificação de nome não. É.
- (ENT1_INF1, linhas 56-60)

Ao citar a forma como as pessoas se referiam à sua rua, “lá no Buraco, lá no Buraco”, o sr. OPR faz uso de outro topônimo paralelo, o *Buraco*, em forma de marcador toponímico. O Buraco era uma abertura feita pelos próprios moradores no muro que cercava a linha férrea e que ficava próximo à casa do sr. OPR. Atravessar a linha do trem era uma necessidade para se ter acesso aos diversos serviços que só existiam do outro lado da linha, como transporte público, serviços de saúde, comércio, etc., como o próprio sr. OPR relata:

- Depois é de uns anos lá pra cá é que botaram um mercado maior, mais aí comprava tudo em São Miguel.*
- Tudo precisava ir pra lá.
 - Tudo era comprado pra lá. Não tinha nada aqui. Aqui tinha coisinha pequenininha, mas se queria a compra do mês era São Miguel.
- (ENT1_INF1, linhas 66-70)

A única passagem oficial para atravessar a linha do trem no Jardim Lapena, na época, era uma passarela que fica perto da rua Doutor Almiro dos Reis, como podemos ver na figura 47.



Figura 47. Imagem de satélite mostrando a passarela sobre a linha do trem e a localização do Buraco, à direita (marcações nossas, em laranja e vermelho). Fonte: Habisp, foto aérea de 2003.

De fato, o Buraco, como o sr. OPR e os demais moradores do bairro chamavam a passagem não oficial, era muito utilizado pelos moradores e se constituía como um ponto de referência e um topônimo espontâneo que surgiu para nomear a passagem amplamente utilizada. Abaixo, uma imagem do Buraco sendo utilizado em 2003:



Figura 48. Fotografia aérea do Buraco sendo utilizado e pessoas atravessando a linha do trem. Fonte: Habisp, 2003.

As figuras 49 e 50 são cenas do videoclipe da música *Ruas de São Miguel*, do cantor e compositor Edvaldo Santana¹⁰⁶. Parte do videoclipe foi gravada no Buraco.



Figura 49.



Figura 50.

Figuras 49 e 50. Cenas de videoclipe gravado no Buraco em que aparece a entrada do Buraco e sua saída em direção a São Miguel, para o lado de cima da linha do trem. Fonte: Edvaldo Santana, *Ruas de São Miguel*, 2007¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u8ogN1pSxHM>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

¹⁰⁷ O vídeo foi colocado na internet em 2007, mas é possivelmente anterior.

Em 2007¹⁰⁸, a parte do muro onde havia o buraco foi refeita e foi construída uma passarela de madeira no lugar, como podemos ver na imagem abaixo, em que é possível visualizar, à esquerda, a passarela, com comércio informal em sua entrada/saída, e a lojinha do sr. OPR à direita, na esquina.



Figura 51. Vista da passarela construída em 2007. Fonte: Google Maps, 2011.

Atualmente – após a construção da nova estação da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) em São Miguel, operando desde 29 de julho de 2013¹⁰⁹ –, há um acesso à estação de trem e ao outro lado da linha próximo à casa do sr. OPR, inaugurado em 21 de outubro de 2014¹¹⁰. É provável que outros topônimos paralelos surjam em decorrência dessa novidade na região, o que só poderá ser constatado em alguns anos.

3.6.1.2 Rua da Bosta / Serra do Salitre

O curioso topônimo *rua da Bosta* foi citado pela informante OBL, quando lhe foi perguntado a respeito da localização das casas da fábrica onde ela havia morado:

¹⁰⁸ Conforme noticiado no *blog* <<http://notasdesaomiguel.blogspot.com.br/2007/12/passarela-big-brother.html>> (acesso em: 27 mar. 2015).

¹⁰⁹ CPTM. Disponível em: <http://www.cptm.sp.gov.br/webnoticias/one_news.asp?IDNews=9210> (acesso em: 27 mar. 2015).

¹¹⁰ CPTM. Disponível em: <http://www.cptm.sp.gov.br/webnoticias/one_news.asp?IDNews=9910> (acesso em: 27 mar. 2015).

- Essas, quando você fala dessas casas da fábrica, onde que elas ficavam?
 - *Era... não tem a rua da Bosta, assim que o povo fala, rua da Bosta?*
 - Sei...
 - *Tá gravando rua da Bosta? Então, ficava lá dentro assim da Nitro mesmo.*
 - Do muro da fábrica?
 - *Do muro da fábrica, ela ficava lá dentro.*
- (ENT2, INF1, linhas 69-74)

A rua da Bosta (figura 52), a primeira transversal da rua Rafael Zimbardi, rente ao muro da Nitro Química, é uma forma paralela usada pela informante para se referir à rua Serra do Salitre.



Figura 52. Localização da rua Serra do Salitre (em amarelo). Fonte: Geoportal, 2015.

Essa rua não aparece na carta Gegrans (1974), mas aparece na carta Emplasa (1981), como podemos observar nas figuras 53 e 54, a seguir.



Figura 53. Destaque do local onde hoje é a rua Serra do Salitre. Fonte: Gegran, 1974, folha 101.



- | | |
|----|--------------------------------|
| 86 | TV. JOANA CATARINA ROSA RIBOLI |
| 87 | TV. ANTONIO LAPENA |
| 88 | RUA ANTONIO BERTALI |
| 89 | RUA ATIGUA |
| 90 | RUA ROLAND BERIGAN |
| 91 | RUA SALINAS DO AÇU |
| 92 | RUA SERRA DO SALITRE |
| 93 | RUA EREMIAS DE LIZAICOV |
| 94 | RUA LOPES MERINO |

Figura 54. Detalhe da carta Emplasa em que é possível ver a rua (92) identificada na legenda da carta com o nome Serra do Salitre. Fonte: Emplasa, 1981, folha 4435.

A rua que nem estava demarcada em 1974 aparece na carta de 1981 e, como veremos abaixo, nesta época já tinha sua denominação oficial:

DECRETO Nº 15.605, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1978.

DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Olavo Egydio Setúbal, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do artigo 39, item XIX, do Decreto-Lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA: Art. 1º Ficam denominados os logradouros públicos abaixo relacionados (Setor 112/AR-ME):

(...)

258 - **RUA SERRA DO SALITRE** - código CADLOG 07.156-0 a rua conhecida por "Firmiano Pinto" (Quadras: 010 e 011). Começa na Rua Rafael Zimbardi e termina em divisa de loteamento, situando-se entre a Rua da Balsa (agora com denominação de

Salinas do Açú) e divisa de loteamento, no 7º Distrito - São Miguel Paulista. (grifo nosso)

No Dicionário de Ruas, há apenas a indicação de que Serra do Salitre é um município no estado de Minas Gerais. Nossa hipótese é de que a origem desse topônimo nomeando a rua em questão tenha sido o Banco de Nomes.

O mais interessante, contudo, é a forma como OBL se refere à rua, *rua da Bosta*. Pelo nome da rua, ela inclusive se preocupa de que fique registrado o topônimo: “*Tá gravando rua da Bosta?*” (ENT2, INF1, linha 72). A origem desse topônimo paralelo remonta, provavelmente, à época do curral, do qual já tratamos no item 3.5.2.2, sobre a Vila Gabi. De acordo com a localização da Vila Gabi indicada por nossos informantes que a mencionam (sr. JR e sr. LRR), a rua Serra do Salitre, limítrofe entre o Jardim Lapena e a Nitro Química, fazia parte dessa vila. Como já vimos, uma das principais características da Vila Gabi é o curral que se localizaria em suas proximidades. Nossa hipótese é de que o topônimo paralelo rua da Bosta tenha surgido devido à passagem dos animais por ela, deixando ali excrementos, mas não encontramos dados que confirmassem essa hipótese, que pode ter origem em etimologia popular.

Há, na História de São Paulo, ocorrências de outros topônimos espontâneos com sentido pejorativo que acabaram por não permanecer na toponímia da cidade:

os locais designados para o depósito de lixo eram denominados becos, buracões, ribanceiras, termos que possuíam uma carga pejorativa: “Beco do Mosquito”, “Beco da Cachaça”, “Beco do Inferno”, “Beco Sujo” – essas localidades eram das mais frequentadas da cidade: “de dia era uma aglomeração de negros, à tarde, burros de carga, compradores e uma nuvem de meretrizes de baixa renda” (DICK, 1996, p. 271-299). Logo, porém, a nomenclatura desses locais foi mudada, numa tentativa de apagar os ‘nomes grosseiros’ criados pela população. E, com a ameaça dos surtos epidêmicos, esses locais de despejo passaram a ser vistos como causa de insalubridade pelo poder público e pelos higienistas. (MIZIARA, 2008, p. 4)

Nos casos citados por Miziara, os locais onde o lixo era depositado, com seus topônimos espontâneos que caracterizavam essa função do local, foram nomeados de outras formas e, além disso, por questões de higiene, perderam seu papel, de modo que, de fato, os topônimos perderam seu sentido. No caso da rua da Bosta, o mesmo ocorreu: há um evidente constrangimento por parte da informante em pronunciar o topônimo espontâneo e, além disso, ao que tudo indica, a rua também já não cumpre mais a função que antes cumpria e que motivou a denominação.

3.6.1.3 Rua da Balsa / Salinas do Açú

Com a interrupção da filha, momentaneamente convidada pelo sr. OPR a participar da pesquisa, outro topônimo paralelo foi citado, a rua da Balsa:

- Rua da Balsa, né... (*Interrupção de terceiro*)
 - É, rua da Balsa é lá embaixo, era lá embaixo.
 - Lá perto da lagoa...
 - É, é, aí é rua da Balsa.
- (ENT1, INF1, linhas 127-130)

Conforme decreto a seguir, a rua da Balsa é a atual Salinas do Açú:

DECRETO Nº 15.605, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1978.

DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Olavo Egydio Setúbal, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do artigo 39, item XIX, do Decreto-Lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA:

Art. 1º Ficam denominados os logradouros públicos abaixo relacionados (Setor 112/AR-ME):

(...)

251 - RUA SALINAS DO AÇU - código CADLOG 02.747-2 a rua conhecida por "**da Balsa**" (Quadras: 009 e 010). Começa na Rua Rafael Zimbardi e termina em divisa de loteamento, situando-se entre a Rua Firmiano Pinto (agora com denominação de Serra do Salitre) e a Passagem Particular "1", no 7º Distrito - São Miguel Paulista. (grifo nosso)

Não parece haver, por parte do poder público, interesse em oficializar os topônimos paralelos, que são verdadeiros testemunhos da memória e da história do bairro. Apesar desse decreto de 1978, no detalhe da carta Emplasa de 1981, a seguir (figura 55), vemos essa rua assinalada e identificada como *estrada* da Balsa, em vez de *rua*. Oficialmente, o topônimo havia mudado, mas na identificação na carta permaneceu o antigo, que provavelmente também estava em uso pelas pessoas da região. O sr. OPR, ao ser perguntado sobre a rua Salinas do Açú, não a relaciona com a rua da Balsa nem sabe informar sobre o motivo do nome, mas apenas diz que “arrumaram” esse nome para a rua (ENT1_INF1, linha 149). De fato, o nome foi “arrumado” para a rua no decreto, sem prévia consulta à população, como costuma ser o processo de nomeação em nosso município.

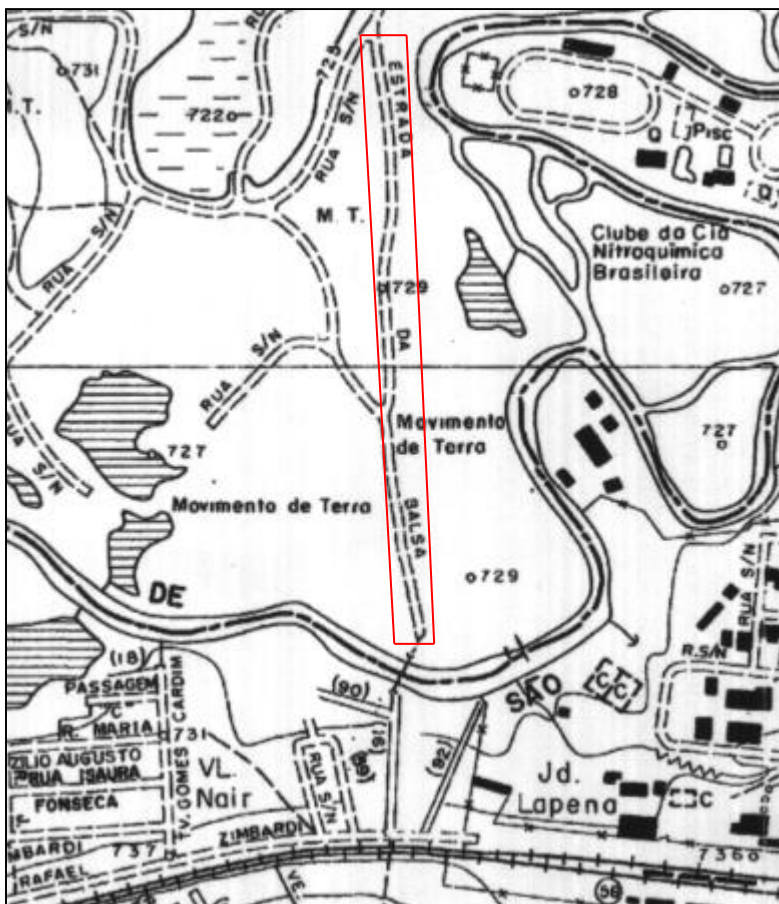


Figura 55. Localização da rua da Balsa (em vermelho). Fonte: Emplasa, 1981, folha 4435.

Outro entrevistado, o sr. LRR, também fala da rua da Balsa:

E a rua principal de São Miguel era essa rua da Balsa, que é essa rua do lado aqui.

- A aqui que agora é a Salinas do Açú?

- Salinas do Açú.

- Que chamava rua da Balsa?

- Rua da Balsa oficialmente que ele ali até a balsa ali a gente passava de balsa em cima do Tietê.

- Pra ir lá pra Guarulhos?

- Pra ir lá pro outro lado, é, pra Guarulhos.

- Olha só, isso eu não sabia...

- Passava por uma balsa, é uma balsa mesmo. Ela, ela ficava boiando em cima de um negócio assim... boiando a balsa ficava ali em cima.

(ENT4_INF1, linhas 125-136)

Não encontramos referências documentais ao uso de balsa como meio de transporte naquele local para atravessar o rio Tietê e ir para Guarulhos, como relatado pelo sr. LRR, mas, como pudemos observar pela carta e pelo decreto, de fato a rua teve esse nome por um período, provavelmente uma denominação espontânea e descritiva da

função do caminho, a rua que leva até a balsa, o que nos leva a crer que, em algum momento, pode ter havido esse meio de transporte ali.

Na figura 56, podemos observar uma fotografia da rua da Balsa em 1958, em que podemos observar a rua da Balsa chegando ao rio Tietê, uma elemento a mais que nos leva a crer que houvesse, ali, embarcações.



Figura 56. Fotografia da rua da Balsa de 1958. Fonte: Geoportal – Memória Paulista, 2015.

Segundo Oliveira (2012):

A principal atividade do bairro no século XX era a indústria cerâmica e as olarias. São Miguel fornecia tijolos, pedregulho e areia extraída das margens do Tietê para a cidade que se erguia. A produção era escoada pelo rio que possibilitava o transporte de carga, mas não o humano. (p. 32)

A presença das olarias também foi relatada por um de nossos informantes, o sr.

JR:

- Não, eu comprei o lote. Olha isso aqui eu conheço isso aqui... que por aqui não existia aqui onde eu moro era uma olaria.
 - Aham.
 - Era cheio de olaria essas baixadas todas em sessenta, em sessenta e um sessenta e dois, era cheio.
- (ENT3_INF1, linhas 98-102)

Na figura 57, podemos observar, na região da várzea do rio Tietê, algumas edificações que, provavelmente, eram as olarias. Também podemos perceber que, partindo da praça da Matriz, hoje praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, há uma via que cruza a linha férrea e chega ao rio Tietê.

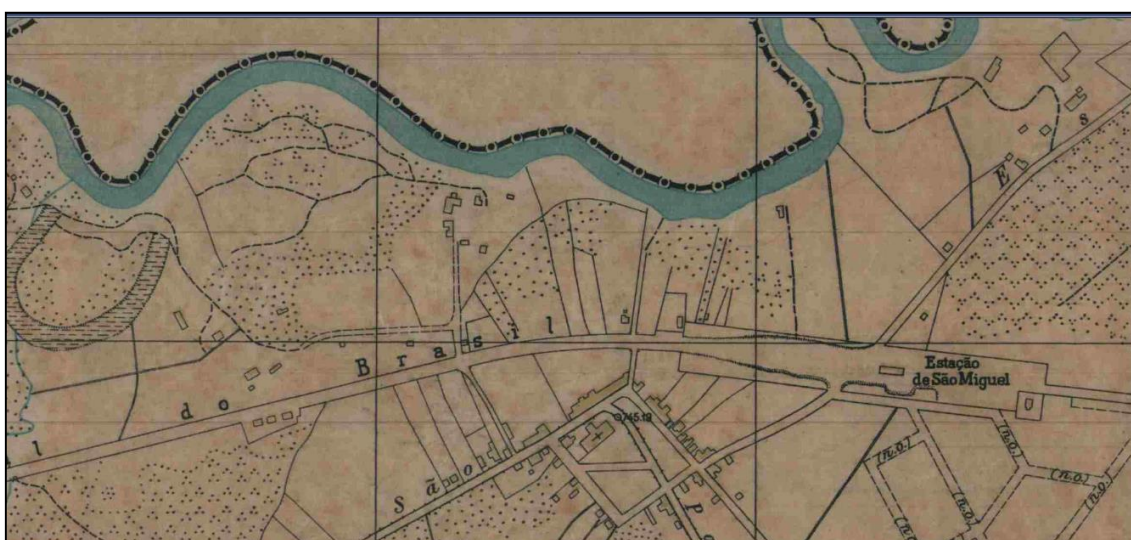


Figura 57. Região da rua da Balsa em 1930. Fonte: Sara Brasil, 1930, folhas 28-30.

A figura 58, uma imagem de satélite de 2008, mostra, numa perspectiva similar à da carta de 1930, a mesma praça e o meio não oficial que os moradores do Jardim Lapena utilizaram nas décadas de 1990 e 2000 para atravessar a linha do trem, o Buraco (sobre o qual falamos no item 3.6.1.1.2), que, ao ser transposto, dava em frente à rua Salinas do Açú, antiga rua da Balsa.

Não sabemos quem foram as pessoas que abriram o buraco no muro da linha do trem na década de 1990, nem quem deu essa ideia, mas este foi aberto exatamente no mesmo lugar por onde se costumava atravessar a linha no começo do século XX. De alguma forma, parecia estar na memória daquela coletividade que aquele era o melhor lugar para abrir-se a passagem.

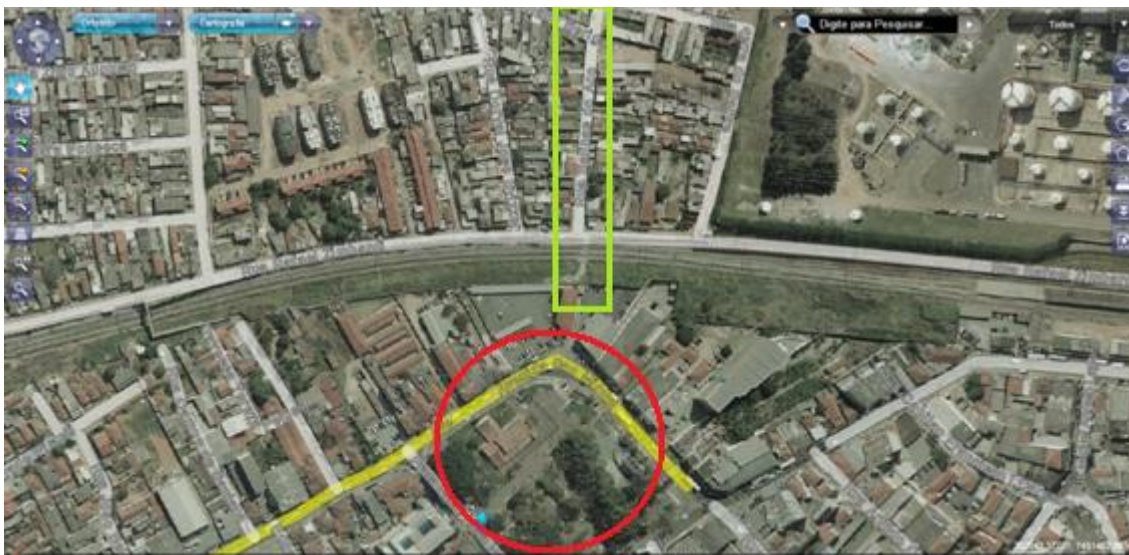


Figura 58. Imagem de satélite mostrando, ao centro, a praça Padre Aleixo Monteiro Mafra (círculo vermelho) e a rua Salinas do Açú (retângulo verde). Fonte: Habisp, 2008.

Atualmente, devido à retificação do rio Tietê na década de 1980, essa rua não desemboca mais no rio, mas era o que acontecia na década de 1930 e até posteriormente, como observamos na figura 56.

Na carta Emplasa (1981), anterior à retificação do rio, vemos que a rua da Balsa termina no rio Tietê, sobre o qual há uma pinguela que, ao ser atravessada, conduz a uma via sem pavimentação, em Guarulhos, chamada *estrada da Balsa*, um topônimo, também, de caráter provavelmente descritivo. Havia, então, uma *rua da Balsa* e uma *estrada da Balsa*, uma em cada margem do rio, o que nos leva a crer que, em algum momento, houve uma balsa.

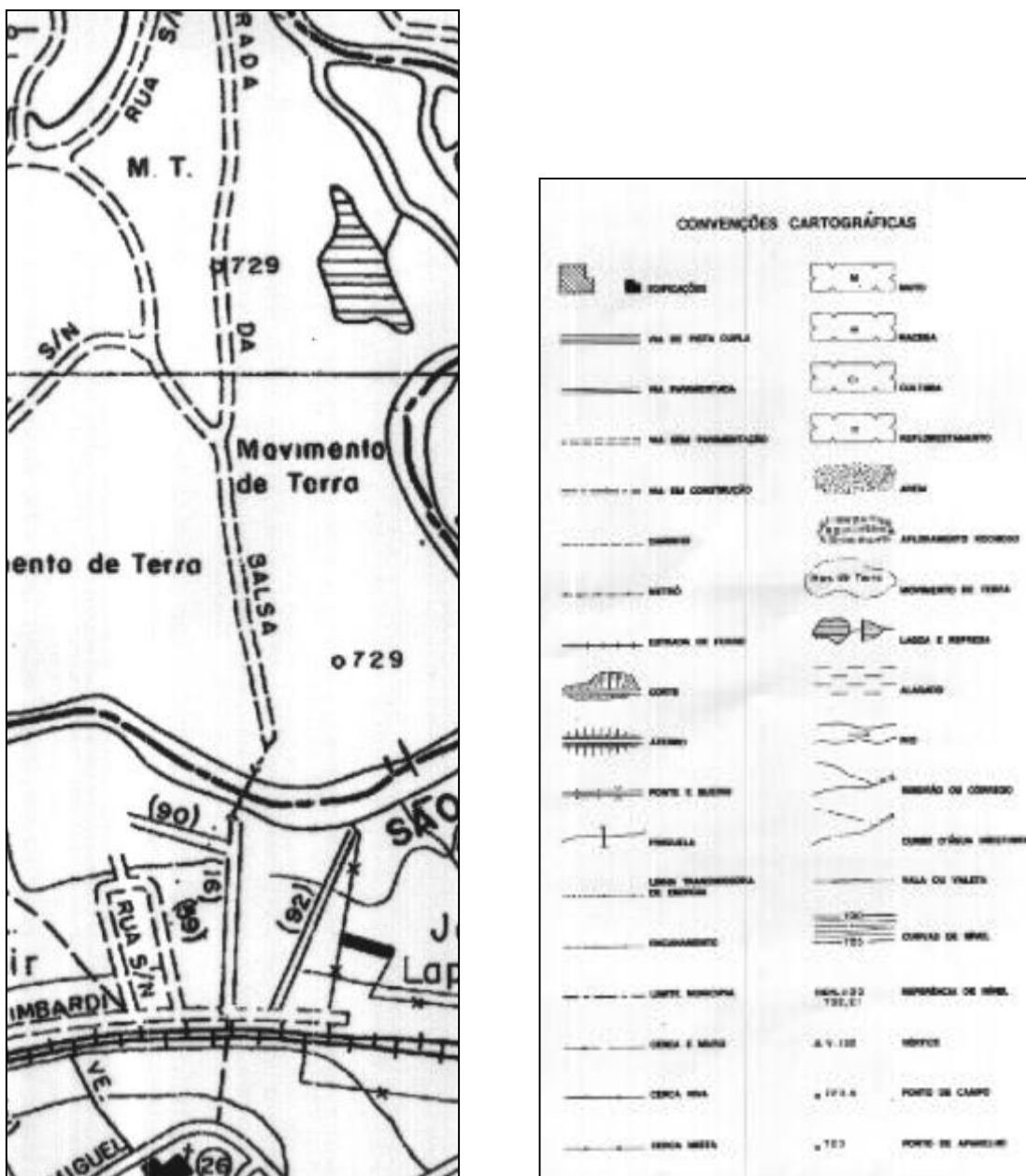


Figura 59. À esquerda, detalhe da carta Emplasa com a rua da Balsa e a estrada da Balsa; à direita, a legenda da carta. Fonte: Emplasa, 1981, folha 4435.

3.6.1.4 Passagem Particular "1"/rua Dorval José Svizzero

A rua Dorval José Svizzero, um antropotônimo como tantos outros no município e no bairro, recebeu esse nome em 3 de junho de 1986, por meio do decreto n. 22.271, expedido pelo então prefeito Jânio da Silva Quadros. Conforme os entrevistados (ENT2_INF1, linha 94, 100-101; ENT4_INF1, linhas 52-53, 73-74, 106, 109, 142-147), a rua, antes, era conhecida por “passagem Particular”. O decreto fornece

uma informação a mais, diz que a rua se chamava Passagem Particular “1”. Esse número não apareceu nas entrevistas com antigos moradores da rua.

Com relação à pessoa que se chamou Dorval José Svizzero, o decreto não disponibiliza nenhuma informação. Mas o Dicionário de Ruas apresenta como histórico a biografia de Svizzero:

Nasceu em Santos Dumont - Minas Gerais, em 25 de fevereiro de 1922. Estudou em São Miguel Paulista e com 12 anos, já era funcionário da empresa Nitro-Química Brasileira, onde permaneceu no período de 1934 a 1939. Em 1939, ingressou na Central do Brasil. Trabalhou no Laticínios União. Abriu em Jaboticabal um armazém, onde permaneceu de 1950 a 1952. Em 1953, voltou para São Miguel Paulista, onde fundou a Comercial Vavá de Cereais Ltda. Permanecendo na cidade por longo tempo, recebendo as seguintes condecorações: medalha Anchieta, Câmara Municipal; comenda Marechal Rondon, da Sociedade Geográfica Brasileira; título de comendador da Ordem da Solidariedade; troféu e medalha do Sesquicentenário, pela Assembléia Legislativa de São Paulo; título de Grande Oficial da Academia Brasileira de História; Láurea Pero Vaz de Caminha; Cartão de Prata da imprensa de São Miguel e o diploma de Comerciante do Ano de 1974. Faleceu em 01 de fevereiro de 1986, com 73 anos de idade.

Como podemos notar, pela data de falecimento de Svizzero (1º de fevereiro de 1986) e pela data do decreto (3 de junho do mesmo ano), a homenagem se deu poucos meses depois de sua morte. Pela biografia, vemos que Svizzero foi ilustre morador do bairro, tendo trabalhado na Nitro Química na década de 1930 e se tornado comerciante no bairro anos depois. Ao ser perguntado sobre quem teria sido Dorval José Svizzero, o sr. OPR nos diz:

- (...) *Durval, Durval Svizzero, Durval Svizzero, eu na minha cabeça, eu pus na minha cabeça que era um senhor que tinha aqui na... perto do farol, chamava, a gente chamava ele de Vavá mas parece que era Durval, e ele era muito amigo do Jânio Quadros, Jânio Quadros era muito amigo dele. E eu acho que foi Jânio Quadros que deu esse nome.*

- Da Dorval José?

- *Quando ele foi prefeito, por causa do Vavá. Eu acho. Pus na cabeça que era porque a gente chamava ele de Vavá, e depois eu, eu, li, como é que é, liguei as coisas, Vavá com Dorval.*

- Dorval.

- *É, então eu acho que foi Jânio Quadros que mandou dar esse nome pra essa rua.*

(ENT1_INF1, linhas 137-148)

Também o sr. LRR relaciona o Dorval do nome da rua com o “Vavá”, além de citar que este teria sido comerciante na região:

- Mudou porque o Dorval era o Vavá o dono de um de um comércio que tinha ali na na avenida aqui São Miguel ali na próximo à Doutor Américo ali em cima e tudo tinha uma padaria e ele tinha um comércio muito forte, o Vavá e o nome dele era Dorval Svizzero. Durval José Svizzero. Em homenagem a ele porque ele contribuiu bastante com ajuda, com o pessoal aqui da região e tudo, assim, com a sociedade e tudo ele ajudou dando prefer... dando ajuda.

(ENT4, INF1, linhas 114-119)

Não foi possível comprovar se Dorval José Svizzero teria mesmo sido “muito amigo do Jânio Quadros”, como nos informou o sr. OPR, mas o fato é que o então prefeito Jânio Quadros deu seu nome a uma rua no bairro de São Miguel, onde residia, quatro meses após seu falecimento.

Jânio Quadros tinha em São Miguel grande parte do seu eleitorado. Em 1954, quando foi eleito prefeito de São Paulo, obteve 88,4% dos votos de São Miguel e, durante suas gestões, na Prefeitura e no Governo do Estado, trouxe muitos benefícios à região:

Eleito pelo apoio recebido nos bairros periféricos, Jânio procurou aprofundar ainda mais sua relação com as SABs (Sociedades de Amigos do Bairro] e tentou desenvolver um programa de ampliação da iluminação e da pavimentação pública, além de alguma forma, responder às inúmeras demandas de bens e serviços urbanos da população suburbana. São Miguel parece ter sido um dos bairros beneficiados com algumas melhorias na gestão municipal de Jânio. (FONTES, 2008, p. 254)

Segundo Fontes (2008, p. 228), Svizzero também esteve envolvido com política. Em 1947, foi candidato a vereador pelo PST (Partido Social Trabalhista), que, nessa época, acolheu em sua legenda os comunistas do PCB (Partido Comunista Brasileiro), que havia sido declarado ilegal pelo Governo Dutra¹¹¹. Nesse ano:

Em São Miguel o mineiro Durval José Svizzero, “que durante seis anos trabalhou como simples guarda-chaves na estrada de ferro Central do Brasil e que, quando criança, trabalhou na Cia. Nitro Química como transportador de água para os trabalhadores que estavam construindo os prédios para instalação da mesma empresa,” foi o candidato do partido, obtendo 847 votos, não se elegendo, mas obtendo uma expressiva votação. (FONTES, 2008, p. 228).

Depois disso, Svizzero continuou ligado ao comunismo por meio de um sindicato paralelo da Nitro Química, a Comissão Central de Reivindicações da Nitro, e chegou a ser preso, em 1949, pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social),

¹¹¹ Informação disponível na página eletrônica do partido: <<http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>>. Acesso em 7 abr. 2015.

por participar e ter sido orador de um comício (Fontes, 2008, p. 231-232). Abaixo, reproduzimos a ficha dele no DOPS:

Foto nº 49 SN8692

S V I Z Z E R O - Durval José

RESIDENCIA: - Rua Xingú, s/n - (Baquirivú)

ASSUNTO: - Ex-funcionário da Nitro Química. Ex-ferroviário da Central do Brasil. Elemento comunista. Candidato à vereança pela legenda do P.S.T. Tem tomado parte em reuniões comunistas que têm se realizando na residência de um elemento comunista de Vila Nitro Química, em São Miguel Paulista. Vide rel. 651. (Doc. 1931) - Pasta de Comunismo.

- Filho de José Emilio Svizzero e de Maria Dpieve, com 27 anos de idade (1949), solteiro, natural de Santos-Dumond, Minas Gerais, comerciante. Em 6 de abril de 1949, compareceu na Delegacia de Ordem Social onde prestou declarações. Trabalha atualmente como vendedor da firma "Rodrigues & Cia.", estabelecida à rua Francisca Miquelina, nesta Capital. Foi detido em companhia de Antonio de Oliveira Marques quando fazia propaganda da Campanha da Paz. Encaminhado ao A.Geral. Em 1/10/1951.

Em 27.08.76, o Juízo da primeira Zona Eleitoral solicitou informações do nominado.
informação nº 334/08/76

Figura 60. Ficha de Dorval José Svizzero no DOPS. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.

Não podemos afirmar que Svizzero e Jânio Quadros tenham se conhecido nessa época, nem que tenham se conhecido em algum momento, mas sabemos que em 1957, quando Jânio Quadros era governador de São Paulo e os funcionários da Nitro Química entraram em greve e houve conflito com a polícia, o então governador

ao tomar conhecimento da situação, substituiu o comandante responsável pela ação e mandou prender o temido tenente Valério, chefe da segurança da empresa, que havia

agredido vários operários. Além disso, o governo forneceu mantimentos para os trabalhadores em greve. Jânio ainda teve um papel decisivo na negociação com a direção da empresa que, após vários dias de paralisação, concordou em conceder um aumento salarial. A greve, então, foi considerada amplamente vitoriosa e Jânio consolidaria ainda mais seu prestígio na região. (FONTES, 2008, p. 254-255)

Ou seja, Svizzero e Jânio tinham posições políticas semelhantes no que se referia aos operários da Nitro Química e podem ter chegado a se conhecer em algum momento, levando Jânio a fazer-lhe a homenagem nomeando uma rua do bairro após sua morte.

3.6.1.5 Rua Petrônio

Em duas das entrevistas, com OBL e com o sr. LRR, foi mencionada a rua Petrônio. Essa é uma rua paralela à rua Dorval José Svizzero (figura 61).

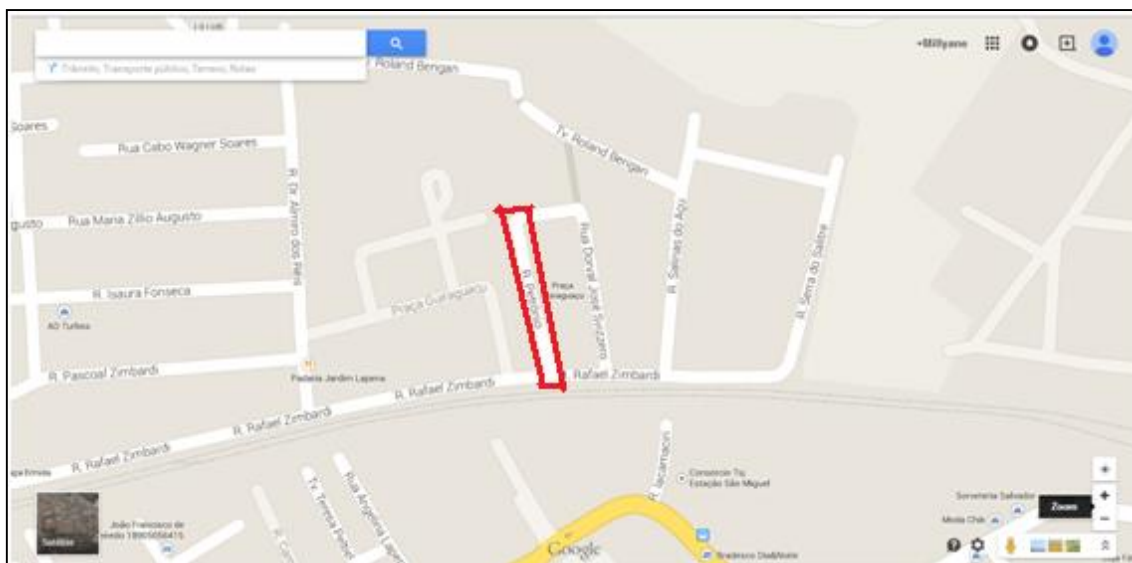


Figura 61. No centro da imagem, a rua Petrônio (em vermelho), paralela à rua Dorval José Svizzero. Fonte: Google Maps, 2015.

Reproduzimos a imagem do Google Maps por ser a única que encontramos em que essa rua está nomeada. Mesmo assim, como podemos ver, o espaço entre ela e a Rua Dorval José Svizzero é identificado como uma praça, o que não corresponde à realidade, como podemos observar na figura 62.

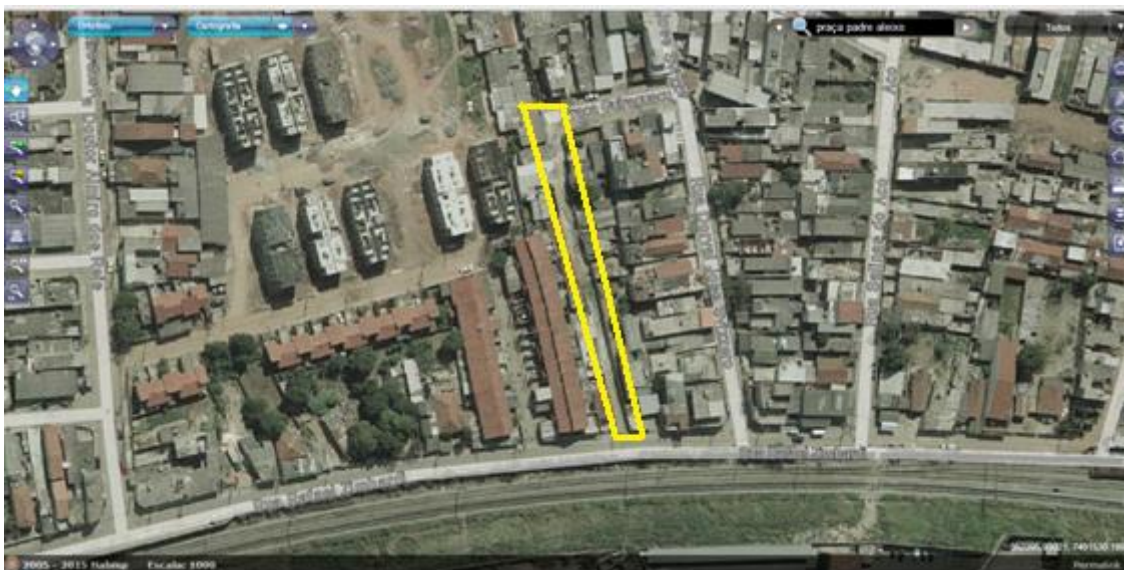


Figura 62. A rua Petrônio (em amarelo) não aparece nomeada. Fonte: Habisp, 2008.

O sr. LRR, ao falar da rua diz que o nome da rua teria sido em homenagem a um Petrônio que era uma pessoa destacada na região, talvez proprietário de casas:

E a de lá qual que...

- Não, essa ruazinha não tem a rua ainda lá do lado ainda, é um nomezinho agora...

- Não tinha ainda, que agora é Petrônio?

- Petrônio.

- Isso.

- Petrônio também é homenagem a um Petrônio.

- Que morou lá?

- Não, ele é da região que devia ter casa aí ou ou, né, na época esse pessoal era mais destacados né porque tinha poucos moradores e donos de propriedades aqui na região, então foi por isso que botaram.

(ENT4, INF1, linhas 190-199)

A rua Petrônio não consta em nenhuma das cartas que consultamos, nem no Dicionário de Ruas, nem há nenhuma lei ou decreto oficializando essa denominação, o que nos faz pensar que possa realmente ser uma área de ocupação não oficial, conforme informado por OBL.

- Sabe assim, nessa rua ali pro outro lado ali onde a Márcia mora a... do outro lado, na... tem a nossa rua e tem a outra.

- A Salinas do Açú ou a... ou a outra, do outro lado?

- Não, do outro lado, não na avenida, na rua...

- A Petrônio?

- É, tudo foi invadido, tudo.

- Aquela parte ali é invadida.

- Ali embaixo foi tudo invadido.

- Agora a...

- Porque nós chamava a mulher de... que invadiu muito, fez muita casa alugou, e família dela fez casa, nós chamava ela de Erondina. É eu e o Luis Alberto começou a chamar ela de Erondina.
(ENT2, INF1, linhas 126-137)

Além de afirmar que a rua está numa área invadida, OBL dá informações sobre uma mulher à qual ela e o marido apelidaram de *Erondina*, numa referência a Luiza Erundina, que foi prefeita de São Paulo de 1989 a 1992. A mulher teria ganhado esse apelido por haver invadido muitos terrenos e ter feito muitas casas na rua Petrônio. A relação entre essa atividade da mulher e a ex-prefeita está no fato de haver no Jardim Lapena um conjunto habitacional construído em regime de mutirão na época da gestão de Erundina. OBL parece associar o ato de a mulher ter invadido terrenos e construído várias casas na rua Petrônio ao incentivo de Erundina à prática dos mutirões¹¹² e, inclusive, ao mutirão construído tão próximo a essa rua (figura 63).

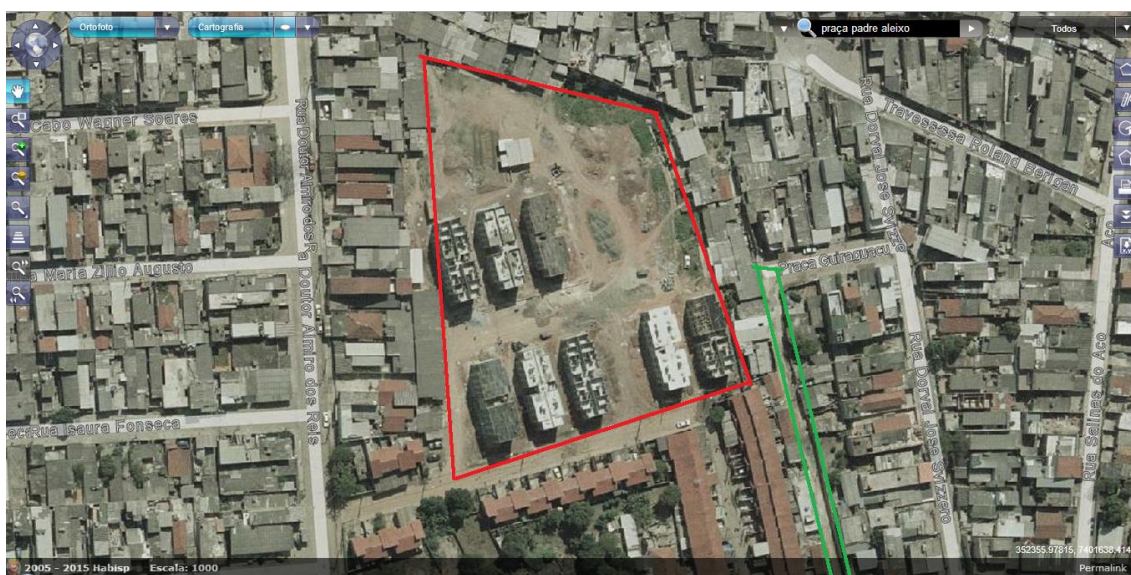


Figura 63. Localização do conjunto habitacional Jardim Lapena (vermelho) e da rua Petrônio (verde). Fonte: Habisp, 2008.

O sr. OPR considera que também a área onde foi construído o conjunto habitacional, em regime de mutirão, com o material cedido pela Prefeitura, teria sido uma área invadida:

Então esse Mutirão aqui, esse conjunto aí ele começou de noventa pra cá. Invadiram a área. Eu me lembro quando invadiram a área. E depois já o... mas foi a Erundina, se

¹¹² Cf. MUÇOÇA, ALMEIDA, 1991; NAKASHIGUE, 2008.

não me engano foi a Erundina que prometeu a Cohab, né, prometeu material pra gente construir. E eles construíram e tão aí.
(ENT1, INF1, linhas 95-98)

É possível que a área tenha sido inicialmente invadida, mas deve ter sido posteriormente adquirida oficialmente de alguma forma, pois isso era condição obrigatória para a realização do mutirão com financiamento público:

Para se candidatar a um financiamento, cada associação deve dispor previamente do terreno para a construção das casas. As formas de aquisição do terreno têm sido as mais variadas: desapropriações promovidas pela HABI, a partir de prioridades de atendimento estabelecidas em instâncias regionais de participação dos movimentos de moradia, compra com recursos dos próprios participantes do empreendimento, obtenção de áreas de propriedade da COHAB e do CDHU, doações da Igreja. (MUÇOUÇA, ALMEIDA, 1991, p. 16)

Além disso, em decreto de 2005 sobre a regularização desse conjunto habitacional, é afirmado que o imóvel foi desapropriado pela Prefeitura, uma das formas citadas acima de os moradores disporem da área para construção.

DECRETO Nº 45.778, DE 16 DE MARÇO DE 2005
ESTABELECE NORMAS TÉCNICAS ESPECIAIS PARA O PROGRAMA HABITACIONAL DE INTERESSE SOCIAL DENOMINADO **CONJUNTO HABITACIONAL LAPENA**.

JOSÉ SERRA, Prefeito do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, CONSIDERANDO que o artigo 12 da Lei nº 11.228, de 25 de junho de 1992, autoriza a edição de normas técnicas especiais, por ato do Executivo, para implantação de programas habitacionais de interesse social;

CONSIDERANDO que o artigo 26 da Lei nº 9.413, de 30 de dezembro de 1981, prevê o estabelecimento de características urbanísticas e edificações especiais para loteamento de interesse social, DECRETA:

Art. 1º Ficam estabelecidas as normas técnicas especiais referentes à aprovação e regularização do Plano Integrado de Loteamento e **Conjunto Habitacional Lapena**, em imóvel desapropriado pela Prefeitura do Município de São Paulo, com área de 17.470,00m² (dezessete mil, quatrocentos e setenta metros quadrados), configuradas nas plantas COHAB nº 031 - folhas 01/09 a 09/09, que, rubricadas pelo Prefeito do Município de São Paulo, passam a integrar o presente decreto. Art.

Art. 2º Fica a Secretaria Municipal de Habitação - SEHAB autorizada a proceder à emissão de alvarás, autos, certidões, certificados de conclusão, bem como de quaisquer outros documentos necessários à regularização do **Conjunto Habitacional Lapena** perante o Cartório de Registro de Imóveis competente.

Nas entrevistas, os informantes usam *mutirão* em vez de *conjunto habitacional*. Ficou marcada, na memória deles, a forma como as casas foram construídas, mais do que o fato de ser um conjunto habitacional. O regime de construção das casas acabou se tornando, no discurso dos moradores da região, o nome com que se referem ao lugar em

si, servindo como sinônimo a conjunto habitacional: “esse *Mutirão* aqui, esse conjunto aí ele começou de noventa pra cá” (ENT1, INF1, linhas 94-95).

Dessa forma, o Mutirão assume função toponímica. Podemos dizer que passou por processo de toponimização, ou seja, passou a designar nome de lugar. Murillo, em sua pesquisa, depara com fenômeno semelhante com o topônimo *represa*:

apresentamos o termo *represa*, que no universo de nosso estudo é usado pela população local de Mogi das Cruzes sem o termo específico. Entendemos que, para as pessoas daquela localidade, o acidente construído se tornou tão significativo que não é mais necessário acrescentar-lhe outras características, “tornando-se nome próprio, na fala do povo”. (2008, p. 24-25)

Também o Mutirão poderia ser um termo genérico, se houvesse um termo específico que o completasse, mas, por ser o único conjunto habitacional do Jardim Lapena, e ter sido construído em regime de mutirão, fica sendo esse o topônimo espontâneo como os moradores o conhecem, sem necessidade de outros termos.

3.6.1.6 Rua Um/travessa Gomes Cardim/rua Doutor Almiro dos Reis

A rua onde mora o sr. JR é a que teve maior número de substituições de nomes em nosso *corpus* do Jardim Lapena. O próprio informante reconhece essas várias mudanças no topônimo:

- Não, desde que criou isso aqui é *Jardim Lapena*. Só que as ruas foi mudado os nomes das ruas tudo. *Jardim Lapena* e essa rua aqui é *rua Um*.
 - Uhum.
 - Depois foram mudado os nomes e hoje está, como é o nome hoje?
 - Essa rua aqui do senhor então era *rua Um* então...
 - Era *rua Um*.
 - E depois aqui já mudou de nome?
 - Ah, já mudou umas duas ou três vezes.
- (ENT3, INF1, linhas 53-60)

Segundo ele, ao se mudar para o bairro no começo da década de 1960, a rua em que mora era a rua Um, como tantas outras ruas identificadas numérica e alfabeticamente na cidade, na época. Provavelmente, tinha esse número por ser a principal do loteamento (as transversais eram identificadas com letras), como podemos ver na figura 64, de 1974.



Figura 64. Destaque para a rua “1” e suas transversais ruas “A” e “B”. Fonte: Gegrán, 1974, folha 101.

A carta cujo detalhe destacamos é de 1974, mas, já em 1963 a rua era conhecida como travessa Gomes Cardim, como podemos observar na lei a seguir, que prevê o alargamento dessa rua e da Rafael Zimbardi:

LEI Nº 6235, DE 12 DE MARÇO DE 1963.

APROVA O PLANO DE ALARGAMENTO DA **TRAVESSA GOMES CARDIM** E RUA RAFAEL ZIMBARDI, EM SÃO MIGUEL PAULISTA, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Francisco Prestes Maia, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, faço saber que a Câmara Municipal, em sessão de 22 de fevereiro de 1963, decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - De acordo com a planta anexa nº 20.752 V-1 307, do arquivo do Departamento de Urbanismo, rubricada pelo Presidente da Câmara e pelo Prefeito como parte integrante desta lei, fica aprovado o seguinte plano de melhoramentos, no Distrito de São Miguel Paulista, necessários para a construção de um viaduto sobre a Estrada de Ferro Central do Brasil:

I - Alargamento da **Travessa Gomes Cardim**, no trecho compreendido entre a Estrada de São Miguel e a divisa da Estrada de Perro Central do Brasil, com largura variável de 17,00 a 29,00 metros, na extensão aproximada de 123,00 metros.

II - Alargamento da Rua Rafael Zimbardi, no trecho compreendido entre a rua sem nome, situada no prolongamento ideal da **Travessa Gomes Cardim**, e 180,00 metros aquém dessa rua, com largura variável de 14,00 a 23,00 metros.

Art. 2º - É aprovada, também, de acordo com a planta citada no artigo 1º, a fixação de alinhamentos da rua sem nome, situada no prolongamento ideal da **Travessa Gomes Cardim**, na extensão de 30,00 metros a partir do projetado alinhamento da Rua Rafael Zimbardi. (grifo nosso)

Na carta Emplasa (1981), já temos a indicação do topônimo travessa Gomes Cardim:



Figura 65. Destaque para a travessa Gomes Cardim. Fonte: Emplasa, 1981, folha 4435.

Muito antes disso, no entanto, na carta Sara Brasil de 1930 (figura 66), já podemos ver essa rua delineada e algumas edificações ao final dela, que supomos serem as olarias das quais já falamos neste capítulo.

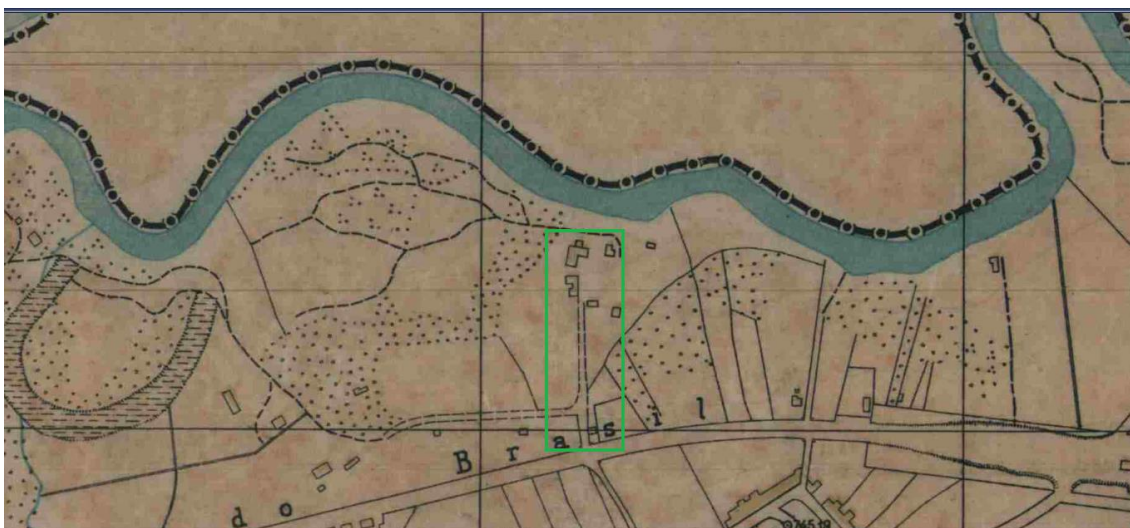


Figura 66. Contorno da atual rua Doutor Almiro dos Reis, em 1930 (em verde). Fonte: Sara Brasil, 1930, folhas 28-30.

Ainda em 1958, só havia essa rua delineada nessa parte do bairro. Não havia, ainda, nenhuma de suas atuais transversais (figura 67).



Figura 67. Atual rua Doutor Almiro dos Reis em 1958. Fonte: Geoportal – Memória Paulista, 2015.

Com relação à nomeação depois de Gomes Cardim, foram-nos dadas duas informações diferentes na entrevista com o sr. JR, uma por sua filha, convidada por ele à conversa, e outra pelo próprio informante:

- Era rua Um, primeiro era rua Um. Depois passou para Gomes Cardim aí depois foi Doutor Almiro dos Reis. [interrupção de terceiro]
(ENT3, INF2, linhas 70-71)

- Olha, antes de Gomes Cardim, me parece, agora lembrei, foi rua Um, depois se não me engano Serra da Juruoca e depois Gomes Cardim. Olha, era rua Um, depois Serra da Juruoca e depois que veio o Gomes Cardim.
(ENT3, INF1, linhas 179-181)

Pela legislação, o topônimo mudou de Gomes Cardim para Doutor Almiro dos Reis, em 1991, sem indicar-se a existência de um topônimo intermediário, Serra da Juruoca, apontado pelo sr. JR:

DECRETO Nº 30.949, DE 17 DE DEZEMBRO DE 1991.
DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOURO PÚBLICO.
LUIZA ERUNDINA DE SOUSA, Prefeita do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, na conformidade do disposto no artigo 70, item XI, da Lei Orgânica do Município de São Paulo, e à vista do constante no Processo nº 05-012.581-91*16, DECRETA:

Fica denominada RUA **DOUTOR ALMIRO DOS REIS** - código CADLOG 31.694-6 - a rua conhecida por "Travessa Gomes Cardim", oficial pelos Decretos nº 10.104 de 16 de agosto de 1972 e nº 10.832 de 8 de janeiro de 1974 (Setor 112 - Quadras 009, 008 e 791/AR-MP), que começa na Rua Rafael Zimbardi, entre a Rua Dorval Jose Zvizzero e a Rua Luiz do Couto e termina na Rua Serra do Juruoca, situada no Distrito de São Miguel - SMI. (grigo nosso)

Pedro Augusto Gomes Cardim (nascido em 1864), segundo o Dicionário de Ruas, foi advogado, escritor, jornalista e responsável por diversas obras públicas no município de São Paulo. O mesmo topônimo (no que se refere ao genérico), travessa Gomes Cardim, se faz presente no bairro do Brás, no centro da cidade. Temos registro dessa rua com esse mesmo nome em lei de 1908:

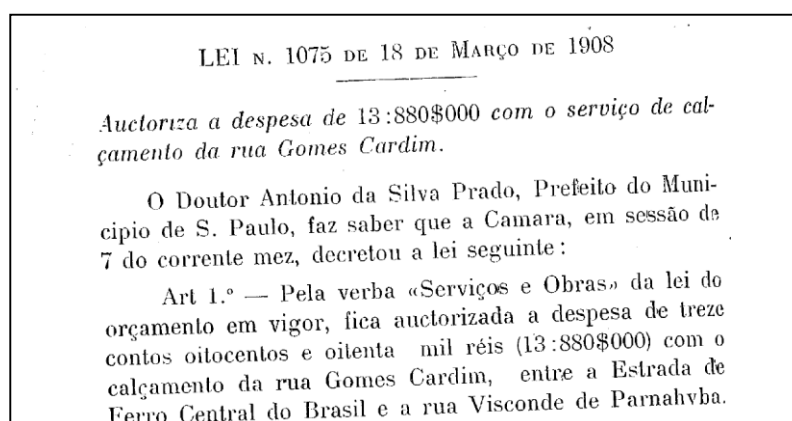


Figura 68. Lei n. 1075, de 18 de março de 1908. Fonte: Leis Municipais, 2015.

Doutor Almiro dos Reis (1902-1986), segundo o Dicionário de Ruas, foi célebre médico e charadista paulista. Por ser mais antigo o topônimo no Brás, decidiu-se mudar o de São Miguel.

Nenhum dos dois, Gomes Cardim ou Doutor Almiro dos Reis, aparentemente, tem relação com o bairro de São Miguel ou com o Jardim Lapena. No caso do segundo topônimo, acreditamos que possa ter se originado no Banco de Nomes. Já o primeiro, da travessa Gomes Cardim, nos abre a possibilidade da hipótese de não ser o mesmo Gomes Cardim da rua no bairro do Brás, tendo em vista que mesmo atualmente há vários logradouros no município de São Paulo com “Gomes Cardim” em parte do nome, o que nos faz pensar que havia muitas pessoas ilustres com esse sobrenome ou parte da mesma família:

- avenida Engenheiro Luiz **Gomes Cardim** Sangirardi (engenheiro que trabalhou na Prefeitura) – Vila Mariana

- rua **Gomes Cardim** (escritor, jornalista e responsável por obras públicas em São Paulo) – Brás
- rua Oscar **Gomes Cardim** – Itaim Bibi
- rua Pedro **Gomes Cardim** (professor) – Morumbi
- rua Professor Oswaldo Lacerda **Gomes Cardim** (professor) – José Bonifácio
- rua Professor Oswaldo Lacerda **Gomes Cardim** (professor) – Cursino
- rua Sílvio Geraldo **Gomes Cardim** (servidor público) – Rio Pequeno¹¹³

Se assim for, é possível que a rua no Jardim Lapena nem fosse homenagem à mesma personalidade, mas, dada a homonímia, tenha-se feito a substituição do topônimo.

3.6.1.7 Rua Pascoal Zimbardi

A rua Pascoal Zimbardi, a primeira transversal da rua Doutor Almiro dos Reis, foi denominada oficialmente em 1978 com o mesmo nome pelo qual, segundo o decreto, já era conhecida.

DECRETO Nº 15.605, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1978.

DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Olavo Egydio Setúbal, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do artigo 39, item XIX, do Decreto-Lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA:

Art. 1º Ficam denominados os logradouros públicos abaixo relacionados (Setor 112/AR-ME):

(...)

220 – RUA PASCOAL ZIMBARDI - código CADLOG 15.565-9 **a rua conhecida pelo mesmo nome** (Quadras: 003, 004, 005, 006, 007, 785 e 795). Começa na Rua Santa Maura e termina na Travessa Gomes Cardim, situando-se entre a Rua Rafael Zimbardi e divisa de loteamento, no 7º Distrito - São Miguel Paulista. (grifo nosso)

De fato, o antropotopônimo já aparecia na carta Gegan de 1974 (figura 69) e, segundo um de nossos informantes, o sr. JR, sempre teve esse nome: “*a outra, a Pascoal Zimbardi não mudou o nome, entendeu?*” (ENT3, INF1, linha 196).

¹¹³ Este levantamento foi feito a partir de pesquisa no site Dicionário de Ruas. Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/Introducao.aspx>>. Acesso em: 8 ago. 2015.



Figura 69. Rua Pascoal Zimbardi em 1974. Fonte: Gegrán, 1974, folha 101.

Outro informante, o sr. LRR, tem sua própria teoria sobre a motivação da nomeação dessa rua e da Rafael Zimbardi: “*Tem a Pascoal a, é, exatamente, tudo em homenagem aos Zimbardis, da família Zimbardi.*” (ENT4, INF1, linhas 204-205). Não sabemos se a teoria do sr. LRR tem embasamento ou se tem origem em etimologia popular, mas encontramos outra rua Pascoal Zimbardi em Guarulhos, do outro lado do rio Tietê, a apenas sete quilômetros da Pascoal Zimbardi no Jardim Lapena (ver figura 70), o que nos leva a pensar que ele tenha sido uma figura com alguma importância na região, apesar de não termos encontrado registros de sua biografia.

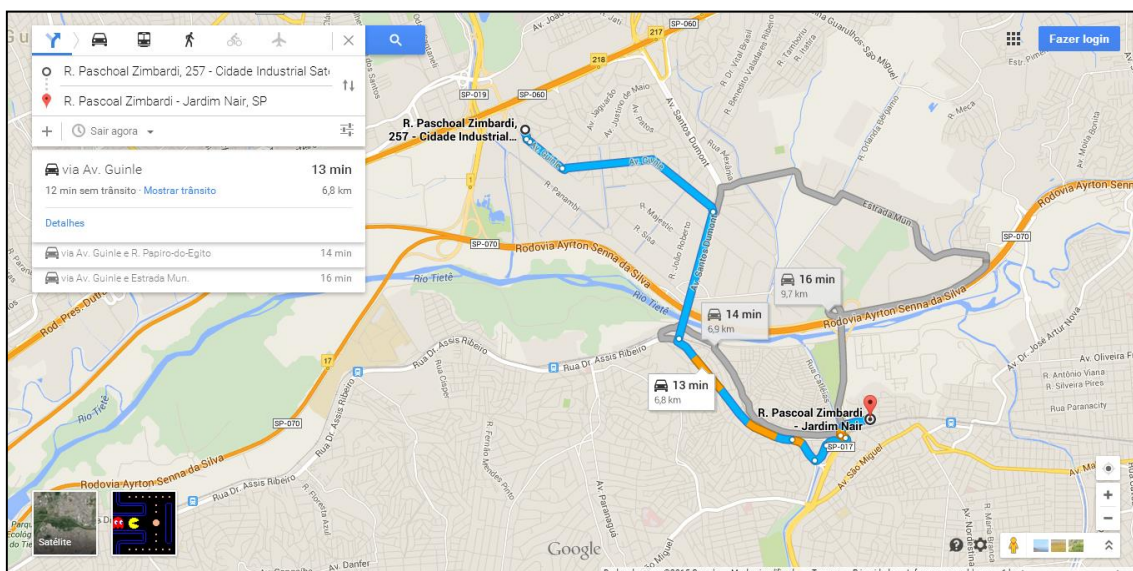


Figura 70. Caminho entre a rua Pascoal Zimbardi em São Paulo e em Guarulhos. Fonte: Google Maps, 2015.

A rua Pascoal Zimbardi é conhecida, também, por ser a rua da escola do bairro, a Escola Estadual Pedro Moreira Matos, que recebeu esse nome em 1982, conforme a lei a seguir.

LEI Nº 3532, de 30 de setembro de 1982

DÁ A DENOMINAÇÃO DE "PROF. PEDRO MOREIRA MATOS" À ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU DO JARDIM LAPENNA, DISTRITO DE SÃO MIGUEL PAULISTA, NA CAPITAL

Art. 1º - Passa a denominar - se "Prof. Pedro Moreira Matos" a Escola Estadual de 1º Grau do Jardim Lapenna, Distrito de São Miguel Paulista, na Capital.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 30 de setembro de 1982.

JOSÉ MARIA MARIN

Essa escola aparece diversas vezes nas entrevistas, como *escola*, *colégio* (palavra usada apenas pela pesquisadora) ou *grupo*, especialmente para indicar o limite entre os bairros Jardim Lapena e Vila Nair:

Agora pra lá da escola pra lá é Vila Nair.

(ENT2, INF2, linhas 52-53)

Não, a Vila Nair ela começa da escola pra lá, é.

- E ela vai até onde?

- *Do grupo pra lá. Vai até o (pausa) o viaduto, né. Aí do viaduto pra lá já começa a Vila União.*

(ENT2, INF2, linhas 152-155)

- *Não tem aquelas escolas ali?*

- Sei, o colégio.

- *Então, ali dali pra lá já é Nair.*

(ENT4, INF2, linhas 259-261)

Com duas entradas, uma pela rua Rafael Zimbardi e outra pela rua Pascoal Zimbardi (figura 71), e sendo a única escola do Jardim Lapena, esse estabelecimento de ensino se constitui num importante ponto de referência para os moradores do bairro, como vimos nas entrevistas.



Figura 71. A Escola Estadual Pedro Moreira Matos, no Jardim Lapena. Fonte: Habisp, 2008.

3.6.1.8 Outras ruas do Jardim Lapena

Além das ruas que analisamos anteriormente, tratadas mais detidamente nas entrevistas, outras ruas do Jardim Lapena foram mais brevemente citadas, especificamente, as ruas transversais à Doutor Almiro dos Reis (figura 72).



Figura 72. Ruas transversais à rua Doutor Almiro dos Reis. Fonte: Habisp, 2008.

3.6.1.8.1 Rua “A”/Isaura Fonseca

O sr. JR foi o informante que mencionou as ruas que eram anteriormente identificadas por letras no Jardim Lapena:

- *Sim, tem tinha a Rafael, a...*
- Pascoal.
- *Pascoal, depois tinha a rua A*
(ENT2, INF1, linhas 205-207)

Essa rua também aparece assim identificada na carta Gegrans, de 1974 (figura 73).



Figura 73. Localização da rua “A”. Fonte: Gegrans, 1974, folha 101.

Já na carta Emplasa (1981), ela aparece denominada como Isaura Fonseca (figura 74).



Figura 74. Localização da rua Isaura da Fonseca. Fonte: Emplasa, 1981, folha 4435.

O decreto que denomina essa rua é de 1979:

DECRETO Nº 16.192, DE 12 DE NOVEMBRO DE 1979.

DISPÕE SOBRE OFICIALIZAÇÃO E DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Reynaldo Emygdio de Barros, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do artigo 39, itens XVIII e XIX, do Decreto-lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA:

Art. 1º Passam a ter as seguintes denominações os logradouros abaixo relacionados:

(...)

3 - RUA ISAURA FONSECA - código CADLOG 60.074-1 a Passagem "A" (Setor 112 - Quadras 794, 795 e 785/AR-ME). Começa na Travessa Gomes Cardim, entre as Passagens "B" (agora denominada Rua Maria Zillio Augusto) e Pascoal Zimbardi, e termina em balão de retorno, no 7º Distrito - São Miguel Paulista.

Não há, no Dicionário de Ruas, histórico sobre esse antropotopônimo. Encontramos alguns homônimos para Isaura Fonseca, mas não há como ter certeza de que a pessoa homenageada seja alguma delas.

3.6.1.8.2 Rua "B"/Maria Zílio Augusto

A antiga rua B foi uma rua onde o sr. JR morou. Foi também a rua onde a pesquisadora morou antes de se mudar para a José Dorval Svizzero. Por isso, ela se mostrou, na entrevista, familiarizada com o nome da rua e a referência a uma moradora.

- Aí o senhor já veio morar aqui nessa casa nessa rua?
 - Não, eu vim morar aqui nessa rua aqui da dona Lula.
 - Ah, o senhor morou na rua da dona Lula?
 - Isso.
 - Como que chamava essa rua da dona Lula na época?
 - Essa aí?
 - É.
 - Era rua B.
 - Rua B. Aí agora aí depois já virou, agora acho que é, qual o nome de lá, Maria Zillio Augusto?
 - Sabe que eu não lembro?
- (ENT2, INF1, linhas 35-45)

Interessante notar que o informante, nesse trecho e nos demais em que fala das ruas antes identificadas pelo sistema alfabético, lembra das letras, mas não dos nomes atuais das ruas, todas antropotopônimos. Talvez por, na distribuição das letras, haver uma lógica, um sistema, que se perdeu na nomeação aparentemente arbitrária com os antropotopônimos.

Também essa rua aparece nos detalhes das cartas reproduzidos no item anterior, e também ela foi denominada pelo mesmo decreto que a rua Isaura da Fonseca:

DECRETO Nº 16.192, DE 12 DE NOVEMBRO DE 1979.
DISPÕE SOBRE OFICIALIZAÇÃO E DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Reynaldo Emygdio de Barros, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do artigo 39, itens XVIII e XIX, do Decreto-lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA:

Art. 1º Passam a ter as seguintes denominações os logradouros abaixo relacionados:

(...)

7 - RUA MARIA ZILLIO AUGUSTO - código CADLOG 60.742-8 a Passagem "B" (Setor 112 - Quadras 793 e 794/AR-ME). Começa na Travessa Gomes Cardim, entre as Passagens "A" (agora denominada Rua Isaura Fonseca) e "C", e termina na Rua José Goryno 7º Distrito - São Miguel Paulista.

No Dicionário de Ruas, diferente do que acontece com a rua Isaura Fonseca, em que o campo “Histórico” está em branco, no caso desta rua há uma explicação sobre o processo de denominação, esclarecendo que não há informações sobre o nome escolhido. Também nós não conseguimos encontrá-las.

Histórico:

Verificado o processo administrativo referente à oficialização da denominação do logradouro público, foi constatado que não houve a justificativa a respeito do nome escolhido, ficando prejudicada a coleta de informações¹¹⁴.

3.6.1.8.2 Rua “C”/Cabo Wagner Soares

Essa rua, na figura 75 (Emplasa, 1981), quando as ruas A e B já tinham sido denominadas com seus antropotopônimos, ainda era identificada como passagem “C”. Apenas em 1999 foi publicado seu decreto de denominação:

DECRETO Nº 38.749, DE 8 DE DEZEMBRO DE 1999.
DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOURO PÚBLICO.

CELSO PITTA, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do inciso XI do artigo 70 da Lei Orgânica do Município de São Paulo, e à vista do constante no processo nº 1993.0.002.416-7 DECRETA:

Art. 1º O logradouro abaixo relacionado (Setor 112 - AR/MP), situado no Distrito de SÃO MIGUEL PAULISTA - SMI, fica assim denominado:

1 – RUA CABO WAGNER SOARES, Código CADLOG 61.293-6, a passagem "C", oficial pelo Decreto nº 10.832, de 8 de fevereiro de 1974 (Quadras 791 e 793), que começa na Rua Dr. Almiro dos Reis, entre as Ruas Serra da Juruoca e Maria Zillio Augusto e termina aproximadamente 75 metros além do seu início, em divisa de quadra.

¹¹⁴ Problema recorrente na toponímia paulistana.

Também sobre essa rua não há informações no Dicionário de Ruas.

Na figura 75, podemos observar que essa rua está sinalizada em um local diferente daquele onde ficava a passagem “C”, que recebeu essa denominação pelo decreto.

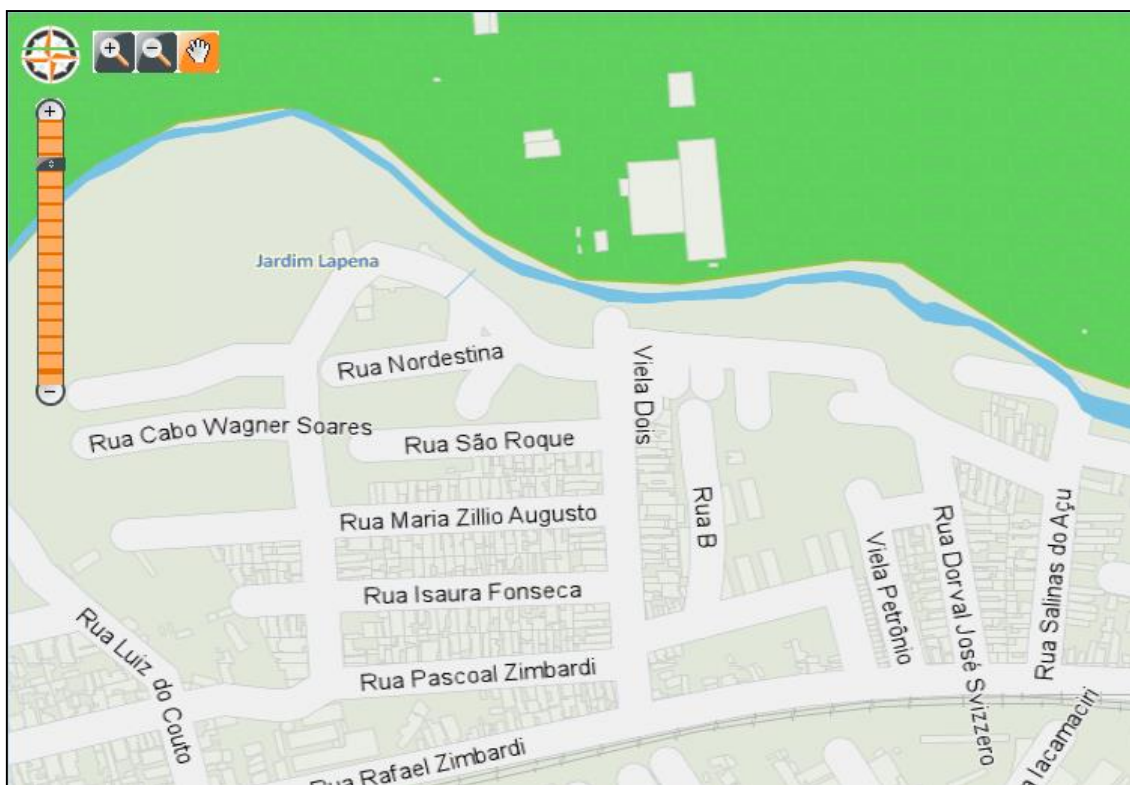


Figura 75. Localização distinta da rua Cabo Wagner Soares. Fonte: Geoportal, 2015.

Não conseguimos identificar se é esse o caso, mas é possível que a rua São Roque seja um topônimo paralelo, ou simplesmente que tenha havido um erro no momento de registro dos nomes das ruas no mapa.

3.6.1.8.2 Rua Serra da Juruoca

Essa rua foi denominada pelo mesmo decreto que denominou a rua Serra do Salitre. Inclusive, uma está na sequência da outra. Por serem ruas próximas e por a lista de logradouros do decreto estar em ordem alfabética, acreditamos que a origem desses topônimos tenha sido o Banco de Nomes.

DECRETO Nº 15.605, DE 27 DE DEZEMBRO DE 1978.
DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Olavo Egydio Setúbal, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do artigo 39, item XIX, do Decreto-Lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA:

Art. 1º Ficam denominados os logradouros públicos abaixo relacionados (Setor 112/AR-ME):

(...)

257 – RUA SERRA DA JURUOCA - código CADLOG 75.873-6 a Rua "1" (Quadra: 791). Começa aproximadamente 10,00 metros aquém da Travessa Gomes Cardim e termina em divisa de loteamento, situando-se entre a Passagem "C" e divisa de loteamento, no 7º Distrito - São Miguel Paulista.

258 - RUA SERRA DO SALITRE - código CADLOG 07.156-0 a rua conhecida por "Firmiano Pinto" (Quadras: 010 e 011). Começa na Rua Rafael Zimbardi e termina em divisa de loteamento, situando-se entre a Rua da Balsa (agora com denominação de Salinas do Açú) e divisa de loteamento, no 7º Distrito - São Miguel Paulista.

Como já tratamos anteriormente, não encontramos elementos que nos levassem a crer que a informação dada pelo sr. JR, de que a atual rua Doutor Almiro dos Reis tenha se chamado Serra da Juruoca em algum momento, tenha algum fundamento.

3.6.2 As ruas da vila União

Antes de entrarmos especificamente na análise das ruas da Vila União, há um importante preâmbulo a fazer. No *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* de 28 de outubro de 2010 foi publicada a portaria n. 367 da Secretaria de Habitação da Prefeitura de São Paulo, expedida pelo então Secretário de Habitação Luiz Ricardo Pereira Leite, na qual lemos, no início:

LUIZ RICARDO PEREIRA LEITE, Secretário Municipal de Habitação, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo parágrafo 4º do artigo 11 do Decreto 49.346 de 27 de março de 2008, CONSIDERANDO a necessidade de identificar os logradouros do Município de São Paulo, e à vista do constante no processo nº2009-0.009.964-6, RESOLVE:

1 - Os logradouros abaixo relacionados, constantes da planta proposta de Regularização do Conjunto de Interesse Social Vila Jacuí AB, situados no Distrito de Vila Jacuí, Subprefeitura de São Miguel, (setores fiscais 112 e 131) ficam assim designados:

1.1 - **Rua Delta**, CODLOG 05.779-7, o logradouro formado pelas ruas conhecidas por "Delta", "Adão Manuel da Silva" (trecho 1) e "Lourdes" que começa no logradouro conhecido por "Rua Papiro-do-Egito" (setor fiscal 131 - quadras 142 e 143) (quadras 2 e 55 da planta de parcelamento) e termina no logradouro conhecido por "Rua Catléias", agora assim designado (setor fiscal 112) (quadra 17 da planta de parcelamento). (SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO, 2010, p. 14)

Este é o começo dessa portaria que se estende por mais duas páginas. No ponto 1, há a identificação de qual será a área afetada por essa resolução e a informação geral de que os logradouros dessa região estão sendo "designados", ou seja, distinguidos dos

demais, significados, caracterizados, denominados, qualificados, determinados, marcados¹¹⁵. Nessa portaria, é especificado que, administrativamente, a parte da Vila União afetada por essas determinações pertence ao distrito Vila Jacuí, um dos distritos da Subprefeitura de São Miguel Paulista (os outros dois são Jardim Helena e São Miguel).

O ponto 1.1 é um exemplo do texto que se encontra também nos outros cento e seis pontos dessa portaria: o novo nome do logradouro, designado pela Secretaria Municipal de Habitação, o CODLOG (código do logradouro) e a indicação da delimitação da via, que inclui o(s) nome(s) pelo(s) qual(is) ela era “conhecida”, ou seja, o nome pelos quais os moradores a chamavam – e que eram também os nomes que vinham em sua correspondência – até então.

Podemos fazer um paralelo entre o que no texto jurídico em questão aparece como “conhecido” e “designado” e o que em Toponímia se chama *espontâneo* (ou *popular*) e *oficial* (ou *sistemático*), respectivamente. Os topônimos “conhecidos” são os populares, tenham eles nascido espontaneamente ou determinados por algum grupo em algum momento. Já os topônimos “designados” são os que se oficializam, são atribuídos sistematicamente.

Abaixo, apresentamos uma tabela com os nomes designados pelo poder público e aqueles pelos quais eram conhecidos esses logradouros conforme os 107 parágrafos da portaria:

“designado”	“conhecido”
rua Delta	ruas Delta, Adão Manuel da Silva (trecho 1) e Lourdes
rua Kapa	rua Kapa (ou Karpa)
rua Rio Abunã	rua Beta
rua Rio Acará	rua Adão Manuel da Silva (trecho 2)
travessa Rio Acre	rua Alarico Ribeiro
travessa Rio Açú	rua Boa Vista
travessa Rio Acuriá	rua Nazaré
travessa Rio Aguapeí	rua 12 de Outubro
travessa Rio Ailã	rua 3 de Março
travessa Rio Alonso	rua 28 de Fevereiro
travessa Rio Amapari	rua dos Pássaros
travessa Rio Andrada	rua Pinheiros
travessa Rio Aporema	rua 1º de Março
rua Rio Araçá	rua Santa Catarina
rua Rio Araújo	rua Edson Pinto e acesso 5
rua Rio Bani	rua 9 de Julho
rua Rio Belo	rua Irmã Dulce
rua Rio Benedito	rua Núbia

¹¹⁵ Essas foram algumas definições encontradas no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, 2009.

rua Rio Biá	rua projetada 20
rua Rio Biguaçu	rua Ilha Bela
rua Rio Bituva	rua 14 de Fevereiro
rua Rio Boa Esperança	rua 5 de Novembro
rua Rio Breu	rua projetada 19
rua Rio Buricá	rua projetada 18
travessa Rio Cachoeira	acesso 2 e acesso 3
rua Rio Caeté	rua Sebastião Lopes
rua Rio Caipora	rua 24 de Junho
travessa Rio Camboriú	rua projetada 27
rua Rio Camevou	rua projetada 28
rua Rio Campanha	rua Arnaud de Lima
rua Rio Campo Real	rua projetada 16
rua Rio Cantu	rua Jacobina
rua Rio Canumã	rua projetada 29
rua Rio Capiá	rua 1º de Maio
travessa Rio Capivara	rua Castelo Alves
rua Rio Carahá	rua 2 de Junho
travessa Rio Carantuva	rua Vasp
travessa Rio Carreiro	rua Tam
rua Rio Cassiporé	rua Albert Sabin
rua Rio Castelo	rua Castelo Branco
travessa Rio Chepecó	acesso 7
rua Rio Cinco Voltas	rua projetada 1
travessa Rio Conceição	rua Adoniran Barbosa
rua Rio Congonhas	rua Belo Horizonte
rua Rio Corumbataí	rua Espírito Santo
rua Rio Criciúma	rua Carlos Drummond de Andrade (trechos 1 e 2)
rua Rio Curimataú	rua Nova União
travessa Rio da Divisa	rua Grasiela Baldak Gomes (trecho 1)
rua Rio da Madre	rua Grasiela Baldak Gomes (trecho 2)
rua Rio das Garças	rua projetada 10
travessa Rio do Braço	ruas Chico Mendes e projetada 24
rua Rio dos Sinos	rua Roberto de Souza Miranda
rua Rio Embu-Mirim	rua Walter Ribeiro Sampaio
travessa Rio Encantado	rua Bonifácio Coutinho Nogueira
travessa Rio Flechal	rua Arnaud de Lima (trecho 2)
travessa Rio Floriano	rua projetada 23
travessa Rio Gavião	rua Raul Seixas (trecho 1) e 10 de Julho (trecho 1)
travessa Rio	rua Raul Seixas (trechos 2 e 3)
travessa Rio Grataú	rua 10 de Julho (trecho 2)
travessa Rio Guaíba	acesso 6
rua Rio Guarapó	rua José Ailton (trecho 1)
rua Rio Gurgueia	rua Denner
travessa Rio Iaco	ruas Santa Maria (trecho) e projetada 4
travessa Rio Içá	rua José Ailton (trecho 2)
travessa Rio Imbaú	ruas Rei do Rodeio e Santa Maria (trecho)
rua Rio Iporã	rua Eliezer
rua Rio Iqué	ruas Alfredo Guimarães e 7 de Julho
travessa Rio Itapará	rua Baquerubus (trecho 1)
travessa Rio Itimirim	rua Irineu Barbosa
rua Rio Jaboatão	rua Baquerubus (trecho 2)
rua Rio Jacarecica	rua da Vitória
rua Rio Jangada	rua Baquerubus (trecho 3)
travessa Rio Jaqueri	ruas Alfredo Martins e Lucena
rua Rio Jardim	rua Jovita de Godói
rua Rio Javaés	rua Boca Show
travessa Rio Lages	rua Baquerubus (trecho 5)

travessa Rio Leão	rua Baquerubus (trecho 6)
travessa Rio Maracá	rua da Árvore
travessa Rio Maré	rua projetada 6
rua Rio Marombas	rua das Flores
rua Rio Meriti	rua Arlindo Pascoal
rua Rio Mineiro	rua Tancredo Neves (trecho 2)
rua Rio Navio	ruas Nossa Senhora Aparecida e projetada 9
rua Rio Palheiro	rua Adão Manuel da Silva (trecho 1)
rua Rio Paranoá	rua Tancredo Neves (trechos 1 e 3)
travessa Rio Paratari	rua 28 de Setembro
travessa Rio Parnamirim	rua São Silvestre
travessa Rio Passa Cinco	rua Tiradentes
travessa Rio Pati	rua 1º de Maio (trecho 1)
travessa Rio Perimbó	rua Ulisses Guimarães
travessa Rio Pinhal	rua Floresta
travessa Rio Punaú	rua Castelo Branco (trecho 1)
travessa Rio Quati	rua das Andorinhas (trecho 1)
rua Rio Salgado	rua da Paz
travessa Rio Santa Teresa	rua das Andorinhas (trecho 2)
travessa Rio Santo Cristo	rua Novo Horizonte
travessa Rio Saudades	rua Baquerubus (trecho 4)
via de pedestre Rio Sitiá	acesso 4
rua Rio Sorocaba	ruas Dom Pedro e Caio de Almeida Prado (trechos 1 e 2)
rua Rio Soturno	rua projetada 2
rua Rio Surumu	rua projetada 3
rua Tacutu	rua Helio de Souza Carrado
travessa Rio Tijuípe	rua Padre Paulo Fontele (trechos 1 e 2)
rua Rio Tinguá	avenida Ana Costa
rua Rio Vila Nova	rua Benedito Brandão
rua Papiro do Egito	rua Papiro do Egito
rua Catleias	rua Catleias

Tabela 4. Designação de nomes de logradouros na Vila União conforme *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* de 28 de outubro de 2010 (p. 14-16).

Na coluna dos “conhecidos” estão 102 topônimos; na dos “designados” são 107, dentre os quais quatro coincidem com os “conhecidos” e os outros 103 foram mudados.

Ao comparar a primeira e a segunda coluna da tabela, nota-se uma grande diferença com relação à variedade de taxionomias encontradas. Ao observar a coluna esquerda da tabela 4 e seus cento e três hidrotopônimos, percebemos que estes, compostos na tabela na mesma ordem em que aparecem nos parágrafos do texto do *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, seguem apenas uma ordem – a alfabética – e não têm nenhuma relação com os nomes pelos quais aqueles logradouros eram conhecidos anteriormente, exceto nos quatro casos em que foram mantidos os nomes anteriores, as ruas Delta, Kapa, Papiro do Egito e Catleias, os únicos quatro que não são hidrotopônimos, provavelmente por serem das mais antigas. A rua Papiro do Egito, por exemplo, aparece em carta da 1981 (figura 76).

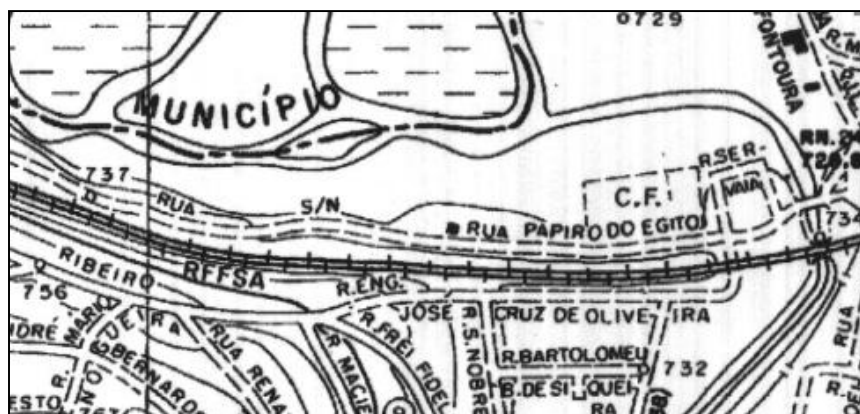


Figura 76. Rua Papiro do Egito. Fonte: Emplasa, 1981, folha 4435.

É provável que os cento e três hidrotopônimos “designados” tenham vindo do Banco de Nomes, que tenham sido os que estavam disponíveis no momento da criação da portaria. Quanto aos nomes espontâneos pelos quais os logradouros eram antes conhecidos, numa rápida consulta ao Dicionário de Ruas já se identifica que alguns não poderiam ser oficializados por serem homônimos de outros topônimos existentes no município, o que contraria a legislação com relação à nomeação de logradouros existente. É possível também que haja casos de antropotopônimos cujas pessoas ainda estejam vivas ou que não tenham comprovadamente sido importantes para a região, mas é difícil acreditar que, de todos os 102 topônimos “conhecidos”, apenas quatro se encaixassem nas condições legais para ser oficializados. Mesmo que assim fosse, a lista de hidrotopônimos em ordem alfabética mostra a impessoalidade, falta de consideração às pessoas e à história dos cidadãos e mesmo a ignorância do poder público no que se refere à nomeação dos logradouros e à importância da toponímia para a identidade de um povo. Essa postura, relacionada ao trecho inicial do texto do *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* reproduzido anteriormente, reforça a ideia do poder público agindo como dominante, exercendo poder sobre os dominados, a população. Dessa forma, por meio do discurso, da palavra em forma de lei, o poder público determinou a oficialização dos nomes das ruas, o que lhe permitirá trocar as placas¹¹⁶; mas a boca do povo leva um pouco mais de tempo para começar a falar esses novos nomes de rua impostos, como veremos a seguir, nas análises das entrevistas com moradores desse bairro.

¹¹⁶ Até a data de conclusão deste trabalho as placas com os nomes “designados” pela Secretaria Municipal de Habitação ainda não haviam sido afixadas. O que havia era algumas placas improvisadas pelos próprios moradores.

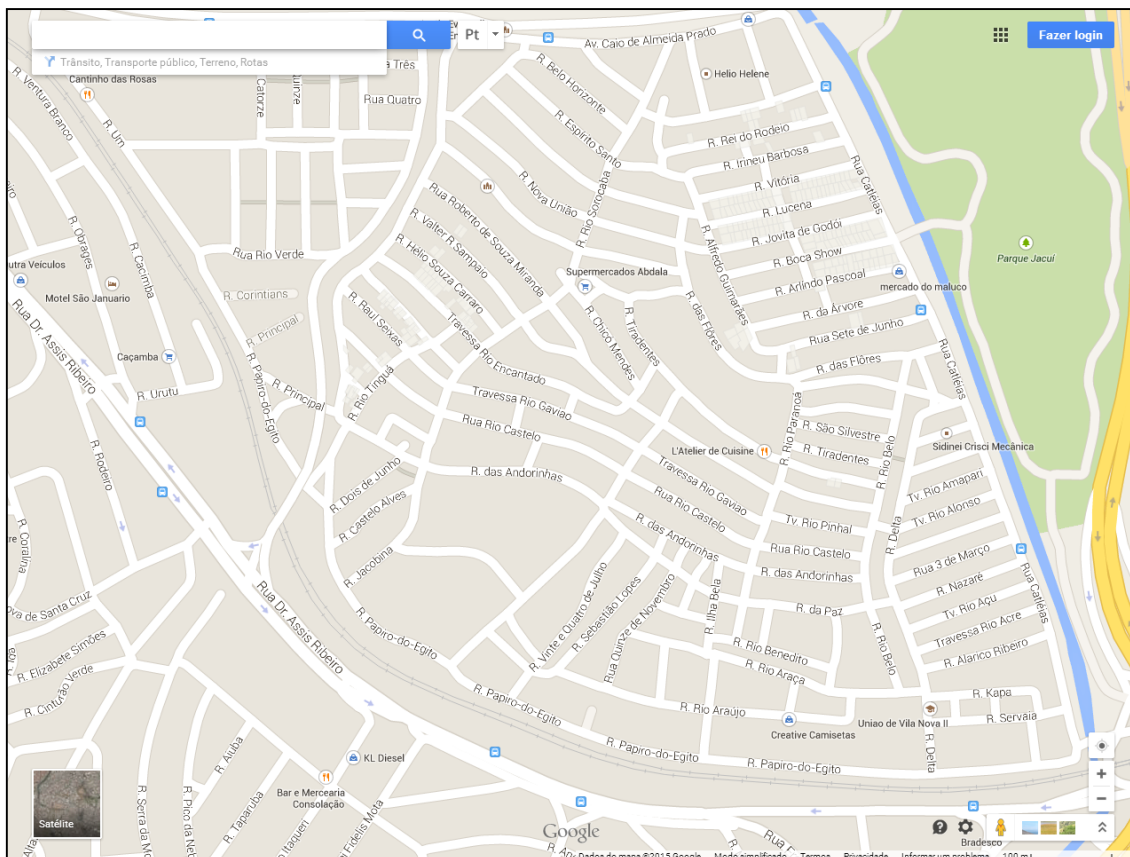


Figura 77. Mapa da Vila União com algumas ruas com os nomes antigos e outras com os nomes novos. Fonte: Google Maps, 2015.

3.6.2.1 Rua Beta / Servaia / Rio Abunã

Segundo o sr. JSM, a rua onde mora é conhecida por dois topônimos:

- *Quando eu vim pra'qui isso era rua Beta. Era o nome que vem no documento da escritura até hoje. Dos documentos das...até hoje eu vi o meu colega aqui que tem uma casa, ele deu o nome do Beta também. Poxa, vem Beta? Como nós faz? Falei, o documento vem como Beta, né.*
- *Entendi, e o senhor sabe se antes de chamar Beta tinha tido nome?*
- *Não, eu só sei que o primeiro nome daqui foi Beta.*
- *E aí agora qual que é?*
- *É Servaia.*
- *Servaia.*
- *É rua Servaia e as pessoas daqui quando vão falar dessa rua falam Beta, falam Servaia.*
- *Servaia mais?*
- *É.*
- *O senhor sabe desde quando que virou Servaia?*
- *Ah, de desde que eu entrei pra aqui eles falavam Servaia, uns falavam a aqui tinha primeiro era Beta mas quando eu entrei já era Servaia.*
- *E a plaquinha já era de Servaia?*
- *Não tinha nem placa aquele tempo, mas (?) era Servaia.*
- *Mas na escritura estava Beta?*
- *Estava Beta.*

Por essa portaria, no ponto 1.3, a rua Beta é continuação da rua Servaia. Pela fala de nosso informante, que mora na rua há vinte e um anos, os dois topônimos nomeiam a mesma rua e convivem concomitantemente, são paralelos.

De acordo com a portaria, a rua Beta – e podemos entender que, provavelmente, também a Servaia, já que não há nada específico em relação a esta –, passa a se chamar rua *Rio Abunã*. Essa informação não nos foi dada pelo sr. JSM, segundo o qual:

- E vai ter uma mudança dos nomes do nome da rua, então, né? Que o senhor estava me falando...
 - Não, aqui eles mudaram, eu acho que agora vai ficar assim mesmo.
 - Vai ficar desse jeito, Servaia?
 - É que o que tinha de mudar mudaram aí a (?) ficou quieta. Até a Santa Catarina, Irmã Dulce mudou, que é uma rua antiga, né.
 - Uhum.
 - Então eu acho que vai ficar como essa rua vai ficar com esse nome nosso mesmo. Acho que agora não muda mais não.
- (ENT5, INF1, linhas 109-116)

O sr. JSM não havia chegado a sentir, na ocasião da entrevista, os efeitos da portaria, pois não tinha informação sobre mudança de nome de sua rua. Algo diferente sucedeu a outros moradores, como trataremos a seguir.

3.6.2.2 Rua Santa Catarina/Rio Araçá e rua Núbia/Rio Benedito

A rua Santa Catarina é onde mora a sra. JMM. Também foi citada pelo sr. JSM como uma rua antiga cujo nome mudou com a portaria n. 367, de 28 de outubro de 2010: “Até a Santa Catarina, Irmã Dulce mudou, que é uma rua antiga, né.” (ENT5, INF1, linhas 113-114).

Segundo a sra. JMM, quando ela se mudou para o bairro, esse não era o nome da rua. Teria havido uma inversão com a rua Núbia:

- E essa rua Santa Catarina, ela tinha esse nome quando a senhora veio para cá ou mudou?
 - Não, não, Santa Catarina era a rua de trás que hoje é rua Núbia. Aí depois tiraram a rua Núbia puseram a Santa Catarina para frente e deixaram a rua Núbia para trás.
 - E quem foi que fez essa mudança?
 - Não sei, não, não sei. Eu sei que trocaram.
- (ENT6, INF1, linhas 47-52)

Ou seja, segundo a informante, quando ela se mudou, em 1997, a rua onde mora se chamava Núbia e a rua de trás, Santa Catarina. Depois, houve uma inversão e a rua onde mora passou a se chamar Santa Catarina e a outra, Núbia. Como não há registro

dessas ruas em cartas ou mapas da época nem legislação a respeito delas, não podemos comprovar o que disse nossa informante. No entanto, essas ruas de fato existem, ou existiam, como podemos observar no trecho da portaria n. 367, de 28 de outubro de 2010, a respeito delas:

1.14 - Rua Rio Araçá, CODLOG 50.066-6, o logradouro conhecido por “**Rua Santa Catarina**” que começa no logradouro conhecido por “Rua 05 de Novembro”, agora designado Rua Rio Boa Esperança, (quadras 57c e 71 da planta de parcelamento), e termina no logradouro formado pelas ruas conhecidas por “Delta”, “Adão Manuel da Silva”(trecho 1) e “Lourdes”, agora designado Rua Delta (quadras 7 e 55 da planta de parcelamento).

(...)

1.18 - Rua Rio Benedito, CODLOG 50.070-4, o logradouro conhecido por “**Rua Núbia**” que começa no logradouro conhecido por “Rua Ilha Bela” (trechos 1 e 2), agora designado Rua Rio Biguaçu (quadras 52d e 57d da planta de parcelamento) e termina no logradouro conhecido por “Rua Projetada 20”, agora designado Rua Rio Biá (quadras 52c e 52d da planta de parcelamento). (grifo nosso)

No Google Maps (2015), já vemos essas ruas com os novos nomes (figura 79).

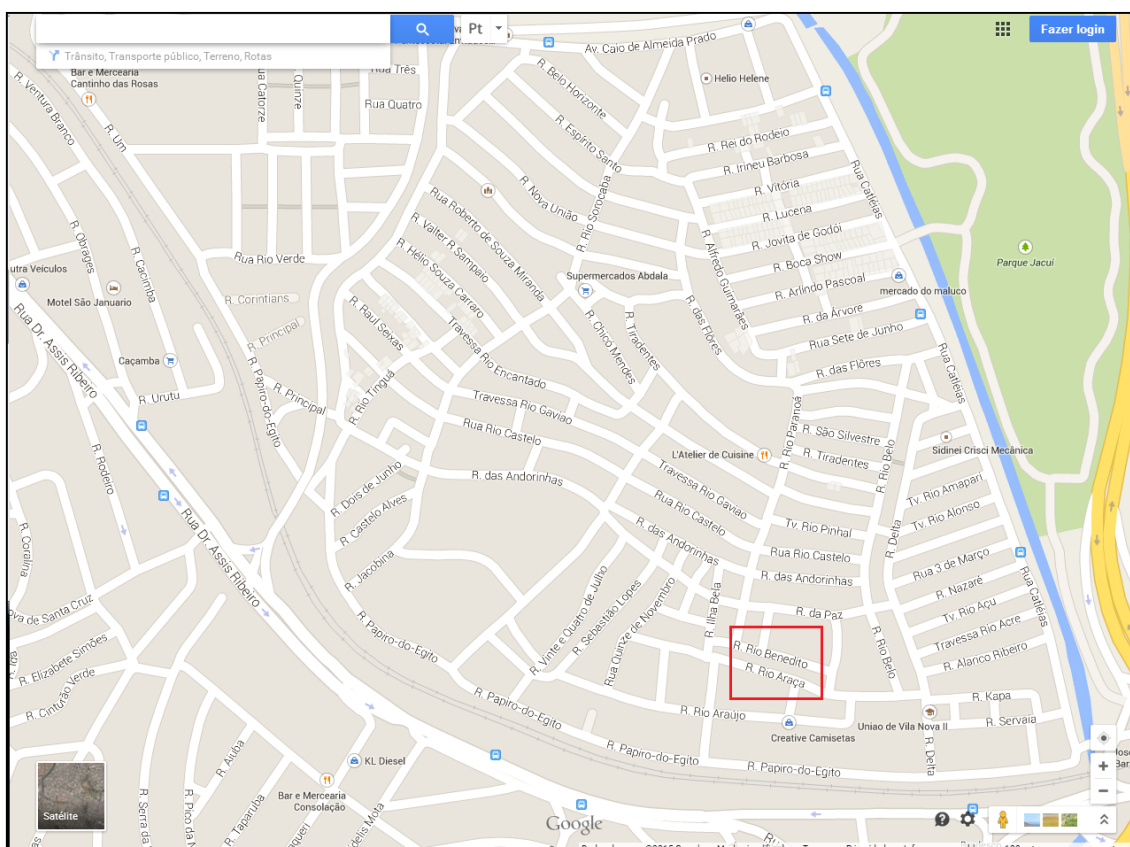


Figura 79. Destaque para as ruas Rio Benedito (antiga rua Núbia) e Rio Araçá (antiga rua Santa Catarina). Fonte: Google Maps, 2015.

A sra. JMM também nos falou a respeito do novo nome de sua rua:

- Não? E agora vai mudar de novo?
- Já mudou.
- Para que nome?
- Para rua Rio Araçá, já, já trocou os nomes.
(ENT6, INF1, linhas 56-59)

A informante declara não saber quem foi o autor da mudança e observa o que já constatamos anteriormente a respeito da taxionomia comum de todos os novos topônimos do bairro:

- E, e esse nome foram, quem foi que botou esse nome, foram os moradores? A senhora sabe?
- Ah, não sei não. Eu sei que dizem que trocaram tudo o que foi nome de de só rio aqui, né. É Rio Araçá, Rio Itapuã, parece, é Rio sei lá do quê.
(ENT6, INF1, linhas 66-69)

Ao ser questionada a respeito da mudança, a sra. JMM nos conta das providências que teve de tomar para continuar a receber sua correspondência:

- E como e que vocês ficaram sabendo da mudança?
- Ai, meu Pai. Eu não sei como é que foi que surgiu isso aí. Eu sei que falaram que ia mudar e o Correio avisou que ia mudar e as correspondências não iam chegar.
- E aí vocês tiveram esse problema?
- É. Só que a minha minhas correspondências, água de luz e telefone e água, chega normalmente com a rua antiga. Só que coisa de banco, essas coisas, sempre tem problema.
- Entendi.
- Aí eu tive que ir na prefeitura, peguei o papel da prefeitura, levei na Eletropaulo, fui na Sabesp e o telefone a gente ligou e conversou. Eu sei que está vindo como Rio Araçá agora.
(ENT6, INF1, linhas 72-82)

A moradora foi informada pelos Correios (provavelmente por um carteiro) a respeito da mudança e teve o transtorno de ter que ir pessoalmente a diversos estabelecimentos (subprefeitura, Eletropaulo e Sabesp) e telefonar para a fornecedora do serviço telefônico para que acertassem seu endereço de correspondência. Interessante perceber que, antes de ela fazer isso, chegavam correspondências com a indicação de ambas as ruas, Santa Catarina e Rio Araçá. Tudo porque a Secretaria de Habitação publicou no *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* uma portaria que até a presente data não foi publicada como decreto ou lei, o que fez com que alguns estabelecimentos

passassem a utilizar o novo endereço enquanto outros, não. Além disso, quem avisou os moradores não foi a Prefeitura ou a Secretaria de Habitação, que, pelo visto, sequer enviou uma carta aos moradores para avisar que suas ruas mudariam de nome, mas sim os Correios.

A notícia a seguir, de um veículo de comunicação da região, retrata bem o que aconteceu com os moradores do bairro:

Troca da maioria dos nomes das ruas do bairro

Contas atrasadas, aviso do nome no SPC¹¹⁷ por não pagamento de faturas, compras não recebidas, endereços não encontrados. Assim tem sido os últimos meses, um verdadeiro caos e dor de cabeça para os moradores do bairro União de Vila Nova. A razão de todo esse transtorno foi a troca da maioria dos nomes das ruas do bairro. Os moradores não foram notificados antecipadamente, apenas tiveram conhecimento dessa informação bombástica em Junho de 2014, quando notaram que suas correspondências não estavam chegando em suas casas. Porém, o que os moradores não sabiam é que a mudança dos endereços já havia sido oficializada a [há] quatro anos atrás, através da publicação realizada pelo Diário Oficial da Cidade de São Paulo no dia 28 de Outubro de 2010 pela portaria nº367/SEHAB G/2010, e à vista do constante no processo nº2009-0.009.964-6. (NUNES, LIMA, JOÁS, 9 set. 2014.¹¹⁸)

A desatenção, e mesmo descaso, por parte do poder público a esse respeito chama a atenção. Não só os moradores não foram comunicados: tampouco se procedeu à troca das placas, isso quatro anos após a publicação da portaria. As placas que lá estão afixadas foram confeccionadas pelos próprios moradores, como aponta a sra. JMM e como podemos ver no exemplo abaixo (figura 80), retirado da mesma notícia citada anteriormente.

- Não trocou a placa, mas só que lá na frente, lá no começo da rua já está escrito.
 - É uma placa oficial ou uma que os moradores fizeram?
 - Não eu acho, eu acho que foram os moradores mesmo que colocaram.
- (ENT6, INF1, linhas 61-63)



Figura 80. Foto de placa confeccionada pelos próprios moradores da Vila União. Fonte: NUNES, LIMA, JOÁS, 9 set. 2014.

¹¹⁷ Serviço de Proteção ao Crédito.

¹¹⁸ NUNES, Mara; LIMA, Rinaldo; JOÁS, Abner. *O melhor do bairro*, 9 set. 2014. Disponível em: <<http://www.omb100.com/vila-jacui/noticias/94871/troca-da-maioria-dos-nomes-das-ruas-do-bairro>>. Acesso em: 9 abr. 2015.

3.6.2.3 Rua das Andorinhas/travessa Rio Quati

A informante sra. RRS, no bairro há vinte e um anos, mora na rua das Andorinhas, da qual ela fala sem usar a preposição “das”.

- Em que rua que a senhora mora?
- *É, na rua, na rua Andorinha número setenta e seis...*
(ENT7, INF1, linhas 26-27)

- E antes de ser Andorinhas tinha outro nome ou sempre foi Andorinhas?
- *Sempre foi Andorinha.*
(ENT7, INF1, linhas 63-64)

Porém, na portaria n. 367, de 28 de outubro de 2010, diz-se que a rua é conhecida como rua *das Andorinhas*, e também é assim que este logradouro está registrado no Google Maps (figura 81).

1.93 - Travessa Rio Quati, CODLOG 50.146-8, o logradouro conhecido por “**Rua das Andorinhas**” (trecho 1) que começa no logradouro conhecido por “Rua Tancredo Neves” (trechos 1 e 3), agora designado Rua Rio Paranoá, (quadras 50 e 51 da planta de parcelamento) e termina no logradouro conhecido por “Rua Irmã Dulce”, agora designado Rua Rio Belo. (grifo nosso)

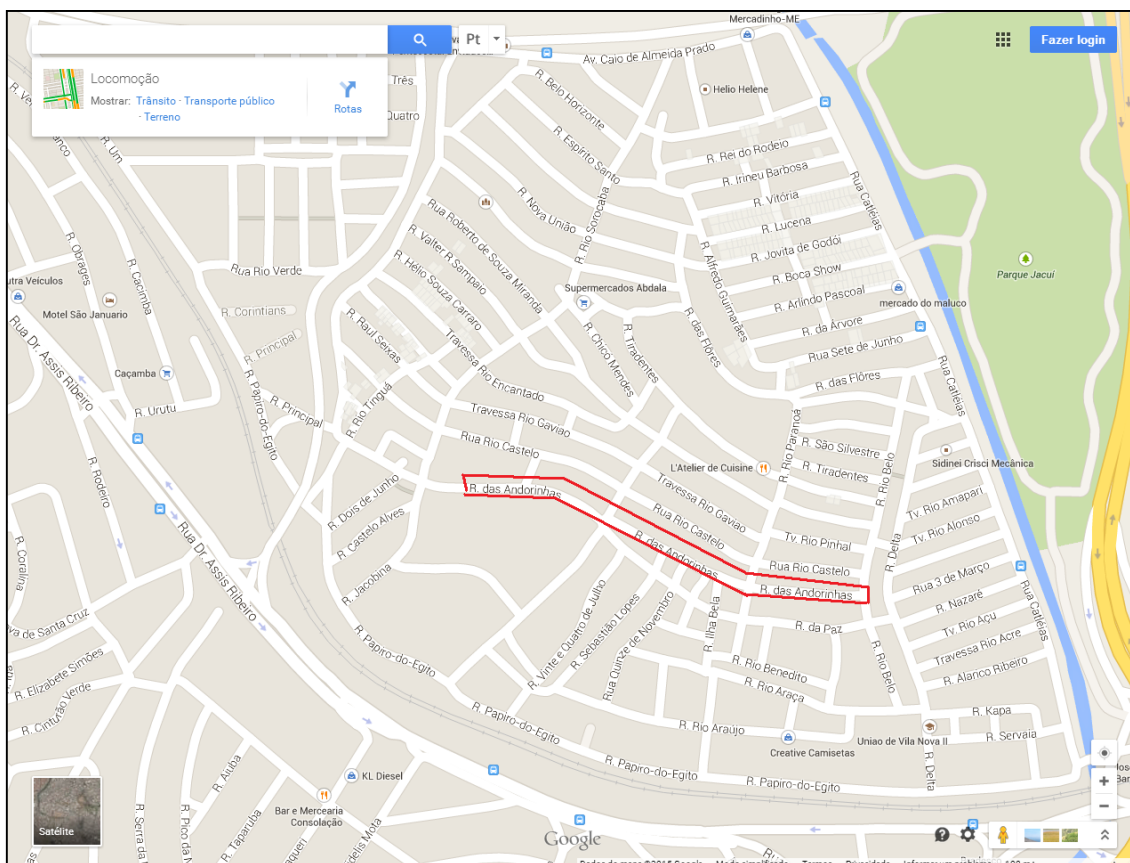


Figura 81. Destaque na rua das Andorinhas. Fonte: Google Maps, 2015.

A rua das Andorinhas, como vimos, passou a se chamar travessa Rio Quati. A sra. RRS, apesar de estar a par da mudança, se lembra apenas do topônimo anterior:

- E a rua da senhora? A senhora falou que é a rua Andorinhas...
 - *É, só que agora mudou, mudou muito nome de rua e o nome da minha rua mudou também.*
 - Para qual?
 - *Ai, Senhor...*
 - A senhora não lembra, não tem problema.
 - *Eu não lembro o nome dela, sei que mudou.*
- (ENT7, INF1, linhas 56-62)

No início da entrevista, ao ser perguntada sobre o nome da rua onde mora, a sra. RRS prontamente responde “*É, na rua, na rua Andorinha número setenta e seis*” (ENT7, INF1, linha 27). Mais adiante, quando a pesquisadora retoma o assunto reproduzindo o que ela mesma disse, a informante avisa que houve a mudança. O que está firme, em sua memória, é o nome anterior, um fenômeno que também acontece com outra informante, a sra. MRS.

3.6.2.4 Outras ruas e marcadores toponímicos da Vila União

A sra. MRS provavelmente é a moradora mais antiga da Vila União dentre nossos informantes. Ela alega estar no bairro há mais de trinta anos, ou seja, aproximadamente desde 1984. Na carta Emplasa (1981) temos alguns poucos arruamentos nas proximidades de onde hoje fica a Vila União (figura 82), e é possível que ela morasse em algum deles.

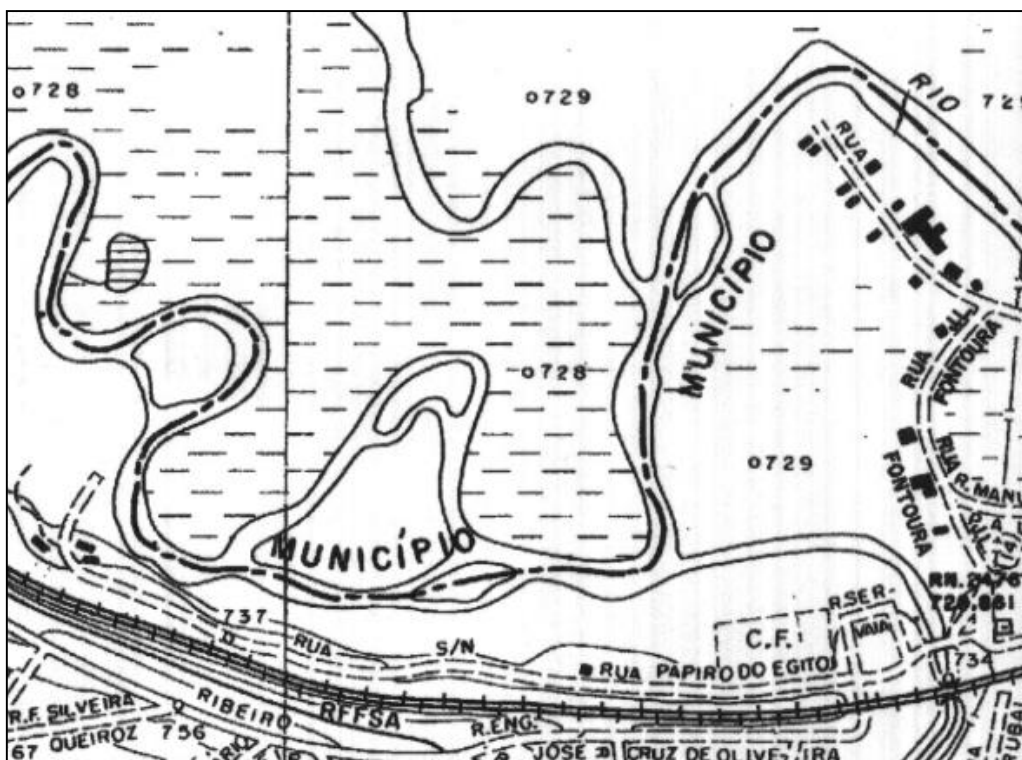


Figura 82. Arruamentos na região onde hoje é a Vila União. Fonte: Emplsa, 1981, folha 4435.

Segundo a sra. MRS, antes de morar onde mora hoje, morou, por mais de vinte anos, na rua Castelo Branco.

- E qual era o nome da rua que a senhora morava lá perto da praça Um?
 - Era Castelo... rua era aqui ó, aqui, rua Castelo Branco.
 - Castelo Branco?
 - É, rua Castelo Branco.
 - E lá a senhora morou por mais de vinte anos, então?
 - Foi, uhum.
- (ENT8, INF1, linhas 58-63)

A rua Castelo Branco também teve seu nome mudado pela portaria n. 367, de 28 de outubro de 2010:

1.40 - Rua Rio Castelo, CODLOG 50.092-5, o logradouro conhecido por “**Rua Castelo Branco**” (trechos 2, 3 e 4) que começa no logradouro formado pelas ruas conhecidas por “Dom Pedro” e “Caio de Almeida Prado” (trechos 1 e 2), agora designado Rua Rio Sorocaba, (quadras 76 e 77 da planta de parcelamento) e termina no logradouro conhecido por “Rua Tancredo Neves” (trechos 1 e 3), agora designado Rua Rio Paranoá (quadras 59 e 60 da planta de parcelamento).

(...)

1.92 - Travessa Rio Punaú, CODLOG 50.145-0, o logradouro conhecido por “**Rua Castelo Branco**” (trecho 1) que começa no logradouro conhecido por “Rua Tancredo Neves” (trechos 1 e 3), agora designado Rua Rio Paranoá, (quadras 49 e 50 da planta de

parcelamento) e termina no logradouro conhecido por “Rua Irmã Dulce”, agora designado Rua Rio Belo. (grifo nosso)

A rua ganhou dois nomes diferentes, dependendo do trecho: travessa Rio Punaú para o trecho 1 e rua Rio Castelo para os trechos 2, 3 e 4. A sra. MRS disse que morava próximo à praça Um, uma praça importante no bairro por ser referência de comércio, posto de saúde e parada de ônibus. Nas figuras abaixo, podemos ver a localização da atual rua Rio Castelo e da praça Um (figura 83).

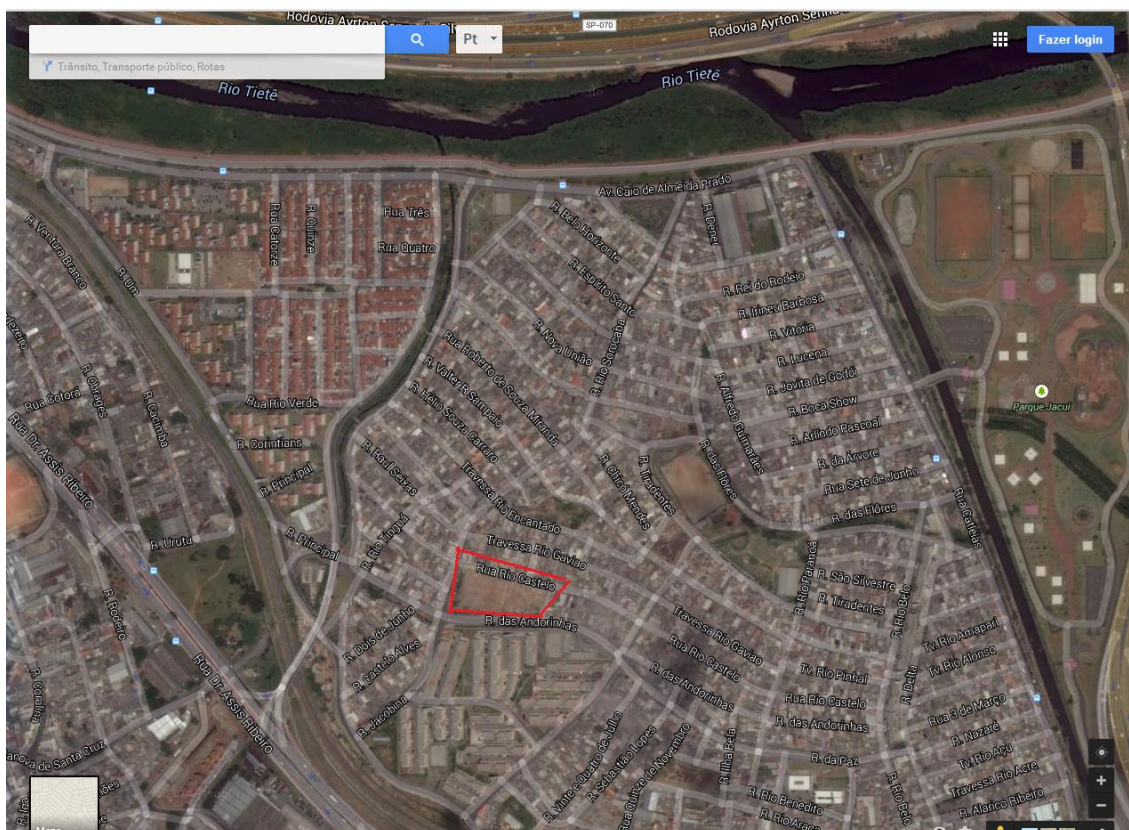


Figura 83. Destaque para a rua Rio Castelo e a praça Um. Fonte: Google Maps, 2015.

Atualmente, a sra. MRS diz morar na travessa Faria Lima, cujo nome mudou, mas ela não se lembra como ficou. Essa travessa, segundo ela, fica *nos predinhos*.

Aí o CDHU foi, tirou a casa da gente, foi uns prédio. Aí agora eu fico de uns estado de nervo n'eu, tô sempre doente, né.

- A senhora mora lá nos predinhos?
 - *Moro aqui embaixo nos predinhos, moro longe, minha filha.*
 - Qual que é o nome da rua lá?
 - *É a rua é a a Faria Lima, agora é, já é outro nome né.*
 - A senhora não lembra o nome?
 - *Hein?*
 - A senhora não lembra o nome?
 - *Não, eu esqueço o nome, antes mas era Faria Lima.*
- (ENT8, INF1, linhas 36-45)

Os *predinhos* aos quais a informante e a pesquisadora se referem são os conjuntos habitacionais construídos pela CDHU. Não encontramos a travessa Faria Lima, à qual a informante se refere, nem em cartas, nem no Google Maps nem em legislação (mesmo na portaria). Como ela não se lembra do novo nome, ficamos ainda mais limitados em nossa busca. É possível, ainda, que essa travessa fique dentro de um conjunto habitacional e, por isso, não apareça em nenhum mapa.

Considerações finais

Neste trabalho, que trata dos topônimos de três bairros (Jardim Lapena, Vila Nair e Vila União) situados na região do “lado de baixo da linha do trem”, em São Miguel Paulista, um dos primeiros desafios que se mostrou foi a dificuldade de delimitação dos bairros. Apesar de existir uma divisão distrital no município de São Paulo, não há clareza em relação aos bairros e seus limites. Os próprios moradores, quando perguntados, declararam que recebem correspondência com identificação de diferentes bairros. Nesse sentido, vimos que o bairro se determina muito mais por uma noção subjetiva que objetiva, variando de sujeito para sujeito. Além disso, ao serem questionados sobre onde começa o bairro em que vivem e onde este termina, limitando-se com outro, recebemos diferentes respostas.

Ao longo da pesquisa que realizamos, pudemos perceber que, mesmo no caso de regiões de ocupação recente – aproximadamente cinquenta anos, no caso do Jardim Lapena e da Vila Nair, e trinta, no caso da Vila União –, é difícil identificar o denominador do bairro e da rua. No caso dos topônimos espontâneos, que surgem naturalmente no seio da comunidade, isso ocorre porque a denominação não é feita por uma única pessoa, mas como um acordo tácito entre todos os integrantes do grupo, que passam a se referir a determinado lugar usando o mesmo topônimo e, por isso, não é possível identificar quem exatamente começou a utilizá-lo.

No entanto, a maior parte dos topônimos que analisamos não são espontâneos, e sim foram designados por indivíduos ou grupos externos à comunidade. Em alguns casos, segundo os informantes, por quem loteou o espaço, mas, principalmente pelo poder público, por meio de leis e decretos. Nesses casos, podemos até saber a origem, mas também não temos como identificar o denominador. No caso das leis e decretos, o mais provável é que o topônimo tenha sido proposto por uma pessoa diferente da que assina a legislação, salvo uma possível exceção que apresentamos neste trabalho, da rua Dorval José Svizzero, em que descobrimos uma possível relação entre Svizzero e o então prefeito Jânio Quadros, que foi quem assinou o decreto de nomeação do logradouro.

Com relação à motivação, em alguns casos de topônimos oficiais que foram alterados e de topônimos paralelos, apesar de não termos acesso ao denominador para saber dos aspectos subjetivos envolvidos na escolha do nome, foi possível identificar o sentido e o significado do topônimo, pelas características físicas e históricas do lugar

nomeado ou pelo que nos foi relatado pelos informantes. É o caso da rua da Balsa, por exemplo, que era um topônimo descritivo que desapareceu por uma alteração no espaço, pois a balsa deixou de existir, e por esse ser um topônimo com homônimo na cidade. Por esses motivos, foi substituído por um topônimo disponível no Banco de Nomes da Prefeitura, a grande fonte de topônimos do município.

Na maioria dos casos, porém, a razão para não conseguirmos identificar a motivação é o grande número de antropotopônimos designados, na maior parte das vezes, de forma aleatória pelo poder público. Nesses casos, a motivação é um aspecto interessante de se pensar, pois não há relação entre o topônimo designado por indivíduos externos à comunidade e o local e o grupo social que ali vive. Sendo assim, qual a motivação presente, seja por parte do denominador ou em relação à identificação do lugar? Não há, e o processo de nomeação acaba se dando de forma artificial, fugindo aos padrões espontâneos clássicos da Toponímia. É o que ocorreu no caso dos novos nomes de rua da Vila União, todos hidrotopônimos provavelmente originários do Banco de Nomes. Diante da necessidade de nomear oficialmente um bom número de ruas desse bairro – cento e sete, para sermos exatos –, em vez de recorrer à consulta à população que ali habita, o que provavelmente foi feito foi recorrer aos nomes disponíveis no Banco de Nomes criado para esse fim e nomear as ruas de forma, provavelmente, aleatória usando esses nomes. A população do bairro sequer foi comunicada oficialmente a respeito das mudanças que ocorreriam, passando por diversos transtornos devido a isso.

Assim como chama a atenção o excesso de antropotopônimos no município, inclusive no Jardim Lapena e na Vila Nair, também desperta interesse, nesse caso, a ausência deles na Vila União. Parece não ter havido interesse, por parte dos vereadores do município, em criar projetos de lei para nomear oficialmente as ruas da Vila União, dada a necessidade de recorrer ao Banco de Nomes. A Vila União não é uma área nobre, muito pelo contrário. Provavelmente por isso não houve interesse em homenagear pessoas “ilustres” nomeando essas ruas com seus nomes.

Reiteramos aqui nossa opinião a respeito da necessidade de se criar, em São Paulo e nas outras cidades brasileiras, comissões de Toponímia compostas não apenas por vereadores, mas estudiosos de Geografia, Urbanismo, História, Toponímia e moradores da região para cuidar de todas as questões que envolvam alterações toponímicas, como já há em países do exterior (como Portugal, por exemplo). Afinal,

são os habitantes da cidade que têm as melhores condições de lidar e discutir essas questões, deixando para os governantes aspectos administrativos mais urgentes e vitais.

Com relação à contribuição que pretendíamos fazer por meio desta pesquisa aos estudos que relacionam Toponímia e Memória, cremos que esta se concretizou, à medida que constatamos a permanência, na memória dos informantes, de alguns antigos topônimos que revelavam aspectos históricos da região que ainda não haviam sido registrados na História oficial, como: a existência da torneira pública, onde todos os habitantes do bairro precisavam ir para pegar água potável, já que a água dos poços que todos tinham no quintal não era própria para consumo na alimentação; o curral que ficava próximo à região com a denominação Vila Gabi; o Buraco aberto pelos próprios moradores no muro que cerca a linha do trem, em frente à rua Salinas do Açú, antiga rua da Balsa, reproduzindo o mesmo caminho que era feito, pelo menos, desde 1930 para vir de São Miguel para o rio Tietê, onde, pelo que nos foi relatado, era possível atravessá-lo, de balsa, para ir a Guarulhos. É preservar, em uma região que cada vez se urbaniza mais, aspectos rurais que se mantiveram na nomenclatura e contam, por assim dizer, a transição de cada região de São Paulo do rural ao urbano.

Além disso, durante as entrevistas, diversos topônimos paralelos e marcadores toponímicos exercendo essa função foram citados, tendo ficado, agora, registrados, para o futuro, como parte de uma época e de uma geração, pois estes desaparecerão junto com os moradores que entrevistamos e com seus contemporâneos. Por meio deles, foi possível perceber como as pessoas usam a língua para identificar e referenciar lugares na área estudada¹¹⁹.

Esta pesquisa também abriu possibilidades futuras de continuação, com temáticas e abordagens similares. Nesse sentido, este trabalho foi importante por poder apresentar, no âmbito do mestrado, a viabilidade de uma metodologia diferenciada da tradicionalmente utilizada nos estudos de Toponímia, geralmente pautada na análise das taxionomias toponímicas. Pudemos ir além, reforçando o caráter interdisciplinar dessa disciplina linguística, ao nos enveredar por outras áreas científicas. Esse é, sem dúvida, um desafio para o pesquisador, mas o mais compensador de todos, pois a sensação de que há tanto o que estudar e aprender além de nossa área de especialidade pode ser o mais motivador dos fatores.

¹¹⁹ As gravações realizadas durante esta pesquisa, assim como suas transcrições, podem ser utilizadas em outros trabalhos dentro do âmbito do projeto *Memória toponímica de São Paulo: bairro a bairro*, realizados por esta pesquisadora ou por outros pesquisadores da área que tenham interesse, pois os assuntos passíveis de pesquisa não se esgotaram neste trabalho.

REFERÊNCIAS

São Miguel e documentos históricos

ARCHIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Registro Geral da Câmara de São Paulo*. São Paulo: Typ. Piratininga, 1917. v. 1: século XVI e XVII, 1583-1636. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1891/decreto%20n.170,%20de%2016.05.1891.html>>. Acesso em: 2 set. 2013.

ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. São Paulo: Arquivo Municipal de São Paulo; Departamento de Cultura, 1914-1951. v. 1.

AZEVEDO, Aroldo Edgard de. Aldeias e aldeamentos de índios. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 33, out. 1959.

_____. Subúrbios orientais de São Paulo. 1945. 184p. Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.

AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrásio de. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1952. v. II.

BOMTEMPI, Sylvio. *O bairro de São Miguel Paulista*. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo, 1970.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Dilatação dos confins: caminhos, vilas e cidades na formação da Capitania de São Paulo (1532-1822). In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 17, n. 2, São Paulo, jul/dez 2009.

CALIXTO, Benedito. *Capitanias paulistas*. São Paulo: Casa Duprat/Casa Mayença, 1927.

CAMPOS, Eudes. A vila de São Paulo do Campo e seus caminhos. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, v. 204, 2006, p. 11-34.

CARTA DE SESMARIA, de 31 de outubro de 1580. Disponível em: <<https://plus.google.com/photos/100943906519688900393/albums/5403003774555783825?banner=pwa>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FONSECA, Manoel da (S.J.). *Vida do venerável padre Belchior de Pontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1752.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

_____. Trabalhadores da Nitro Química: as fábricas e as lutas operárias nos anos 50. Campinas, 1996, 226 f. Mestrado (História) – Universidade Estadual de Campinas.

GASPAR DA MADRE DE DEUS, Frei. *Memórias para a história da capitania de S. Vicente hoje chamada de São Paulo e notícias dos anos em que se descobriu o Brasil*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1920.

LAFER, Horácio. Sonho que se realiza. *Nitro Jornal*, n. 16, abr. 1954.

LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1956. v. 1.

MORAIS, Rubens Borba de. Contribuição para a história do povoamento de São Paulo até fins do século XVIII. *Geografia*, ano I, n. 1, São Paulo, 1935.

PETRONE, Pasquale. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo: Edusp, 1995.

REGIMENTO QUE LEVOU TOMÉ DE SOUZA GOVERNADOR DO BRASIL, Almerim, 17/12/1548 Lisboa, AHU, código 112, fls. 1-9. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/1.3._Regimento_que_levou_Tom_de_Souza_0.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2015.

RENDON, José Arouche de Toledo. Memória sobre as Aldeas de Índios da Província de São Paulo, segundo as Observações Feitas no Anno de 1798. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. IV, n. 15, Rio de Janeiro, 1842.

STELLA, Roseli Santaella. Anchieta: A Contribuição Canária na Colonização Paulista. In: do IX Colóquio de História Canário-Americana, 1992, Las Palmas. *Anais do IX Colóquio de História Canário-Americana*. Las Palmas: Casa de Colón, 1992. v. I. p. 684-704.

VIOTTI, Hélio Abranches (S.J.). Anchieta e o IV Centenário de Pinheiros. *Revista de História*, v. XXIV, n. 49, ano XIII, 1962.

Toponímia e Linguística

BOUVIER, Jean-Claude; GUILLON, Jean-Marie (Org.). *La toponymie urbaine*. Significations et enjeux. Paris: L'Harmattan, 2001.

BRIGHT, William. What IS a name? Reflections on Onomastics. In: *Language and Linguistics*, n. 4, 2003, p. 669-681.

CAMPS IGLESIA, ALINA; NOROÑA VILÁ, MARÍA TERESA. *Aproximación al estudio de la Toponímia Cubana*. La Habana: Academia de Ciencias de Cuba, Instituto de Literatura y Lingüística, 198[?]. pp. 5-24.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Caminho das águas: os hidrotopônimos em Portugal. XE "8.2 .3. CARVALHINHOS, P. J. Caminho das águas: os hidrotopônimos em Portugal. *Revista Estudos Linguísticos*, XXXII, CC66, 2003 (b). ISSN 14130939. CD ROM.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1, 2008, São Paulo. *Simpósios* (SLP 14 - Estudos de onomástica em língua portuguesa: percursos e perspectivas). Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp14/01.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

_____. *Póvoa, casal, freguesia* e outros: reflexão sobre os genéricos relativos a aglomerados humanos em Portugal. 2012. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

_____. Projeto de pesquisa Criação de um banco de topônimos paralelos na cidade de São Paulo. Fase dois: Caxingui e Butantã, Butantã, Zona Oeste, 2011. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20um%20banco%20de%20top%C3%B4nimos%20paralelos%20na%20cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo_fase%20dois.pdf>. Acesso em 15 out. 2014.

_____. *Dossiê Projeto de pesquisa Memória Toponímica de São Paulo, bairro a bairro*, 2008.

_____. Toponímia e memória: quando o passado não é utopia. In: BRAGA, R. C. G.; MACIEL, S. D. (Org.). *Memória e Utopia: experiências de linguagem*. Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2011. p. 77-114.

_____. Variantes lexicais na toponímia portuguesa: os elementos genéricos (entidades geográficas) denominados – estudo de caso: diferenças terminológicas entre português do Brasil e português europeu. In: XI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2009, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF – Léxico e Semântica. Rio de Janeiro: Cifefil, 2007. v. XI. p. 177-194.

CARVALHINHOS, P. J.; LIMA, A. Espacios públicos de São Paulo (Brasil): sus denominaciones. *Revista Trama*, vol. 10, n. 20. 2º semestre/2014. p. 46-52.

DAUZAT, Albert. *Les nomes de lieux: origine et évolution*. Paris: Librairie Delagrave, 1937.

DICK, M.V.P.A. *A dinâmica nos nomes na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

_____. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. *Investigações Lingüística e Teoria Literária*. Recife, v. 9, 1999, p. 119-148.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: [s.e.], 1990b.

FIORIN, José Luiz (Org.) *Introdução à Linguística*. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

LIMA, Adriana Tavares. Alterações toponímicas no município de São Paulo: as pontes sobre os rios Tietê e Pinheiros. *Anais do X Encontro do CELSUL: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, v. 1, p. 1-12, 2012.

MURILLO, Edelsvitha Partel. O sistema produtor do Alto Tietê: um estudo toponímico. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

REIS, Gizelly Fernandes Maia dos. *Cravícula e carcanhá: a indidência do rotacismo no falar maranhense*. In: *Revista Littera*, v. 1, n. 1, jan-jul 2010.

SAPIR, Edward. *Língua e ambiente. Linguística como ciência*. Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

VIEIRA, Zara Peixoto. Reflexos da memória social na toponímia de Socorro. V Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Estudos de Texto – tradução. Cadernos do CNLF, série V, n. 02, 2001. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2_13.htm>. Acesso em: 11 out. 2014.

História Oral, Memória e trabalho de campo

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 47, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n47/a12v1747.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2014.

_____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São paulo: Companhia das Letras, 1994.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 139-154, março/ 2002.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, A pesquisa qualitativa em debate, Bauru, 2004. *Anais...*, Bauru: SIPEQ, 2004. 1 CD.

MORAES, Marieta de (Org.). *História Oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do

Departamento de História da PUC-SP, v. 10, dez/1993. p. 7-28. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

Bairro e cidade

BARROS, Sandra Augusta Leão. A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. In: *Pós. Revista do Programa Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*. FAU-USP, São Paulo, n. 15, p. 56-74, jun. 2004.

_____. *O que são os bairros: Limites político-administrativos ou lugares urbanos da cidade? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Revisitando as definições e espacialidades acerca da denominação 'bairro': como foram e como podem ser. Os bairros centrais do Conjunto Urbano de Casa Forte no Recife*. 2011. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BEZERRA, Josué Alencar. Como definir o Bairro? Uma breve revisão. In: *Geo Temas*. Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, v. 1, n. 1, p. 21-33, jan./jun. 2011.

CAZOLLATO, José Donizete. Os bairros como instância territorial local – contribuição metodológica para o caso de São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CONTUMÉLIAS, Mário. Uma aldeia na cidade – Telheiras, o que é hoje e como se produz um bairro? 2008. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

DENIZO, Valentina. Os produtos da Política Estadual de Habitação na Região Metropolitana de São Paulo: Elementos para análise de uma política metropolitana de habitação. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

DNA PAULISTANO. São Paulo: Publifolha, 2009.

FROST, Viviane. *Projeto Pantanal: urbanização de favelas – apresentação ao Conselho Brasileiro de Construção Sustentável*. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.cbcs.org.br/userfiles/comitestematicos/projeto/Pantanal-Viviane-19-08-10.pdf>>.

HUTCHINSON, Bertram. *Mobilidade e trabalho: um estudo na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

_____. The migrant population of urban Brazil. *América Latina*, v. 6, n. 2, 1963.

LANGENBUCH, Juergen R. *A estruturação da grande São Paulo*. Estudo de geografia urbana. Rio de Janeiro:Fundação IBGE, 1971.

MIZIARA, Rosana. Por uma História do Lixo. *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, v. 3, n. 1, artigo 6, jan./abr. 2008. p. 1-17.

MUÇOUÇAH, Paulo Sérgio; ALMEIDA, Marco Antônio de. *Mutirão e autogestão em São Paulo: uma experiência de construção de casas populares*. São Paulo: Pólis, 1991. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/uploads/1013/1013.pdf>>.

NAKASHIGUE, Katia Luli. Mutirões verticalizados em São Paulo: avaliação de qualidade dos projetos e satisfação dos moradores. Dissertação. 2008. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NUNES, Mara; LIMA, Rinaldo; JOÁS, Abner. *O melhor do bairro*, 9 set. 2044. Disponível em: <<http://www.omb100.com/vila-jacui/noticias/94871/troca-da-maioria-dos-nomes-das-ruas-do-bairro>>. Acesso em: 9 abr. 2015.

OLIVEIRA, Lígia Alves de. Precariedade urbana na metrópole: União de Vila Nova em São Paulo. 2012. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

XAVIER PEREIRA, Paulo Cesar. *Espaço, Técnica e Construção*. São Paulo: Nobel, 1988.

ZANIRATO, Sílvia Helena. História da Ocupação e das Intervenções na Várzea do Rio Tietê. *Revista Crítica Histórica*, Maceió, v. II, n. 4, p.117-129, dez. 2011.

VIANA, Myrna Therezinha Rego. São Miguel Paulista – O chão dos desterrados (Um estudo de migração e de urbanização). 1982. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Dicionários

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3 ed. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1948, v. 1.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Alberto Cerqueira. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, 2009. CD-ROM.

DICIONÁRIO On-line Caldas Aulete. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em: 2 ago. 2012.

ENCYCLOPAEDIA Britannica do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004

FIGUEIREDO, Cândido de. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Venda Nova: Bertrand, 1996.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LELLO, José; LELLO, Edgar. *Lello universal – Dicionário enciclopédico luso-brasileiro em 2 volumes*. Porto: Lello & Irmãos, 1959.

SILVA, António de Moraes. *Novo dicionário compacto da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1980.

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

SEBASTIÁN YARZA, Florencio I. *Diccionario Griego-Español*. Barcelona: Ramón Sopena, 1972.

Páginas eletrônicas

DICIONÁRIO DE RUAS DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/BancoNomes.aspx>>. Acesso em: 15 out 2014.

BANCO DE NOMES. Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/BancoNomes.aspx>>. Acesso em: 15 out. 2014.

GEOPORTAL. Disponível em: <<http://geoportal.com.br/index.aspx>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

GEOPORTAL – MEMÓRIA PAULISTA. Disponível em: <<http://www.geoportal.com.br/memoriapaulista/>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

GOOGLE EARTH. Disponível em: <<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

HABISP. Disponível em: <<http://www.habisp.inf.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

LEIS MUNICIPAIS. Disponível em: <<https://www.leismunicipais.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

PORTAL DA PREFEITURA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/portal/>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

RADAR MUNICIPAL. Disponível em: <<http://www.radarmunicipal.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

REGULAMENTO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA E NUMERAÇÃO DE POLÍCIA, Concelho de Loures, 2012. Disponível em: <https://app.cm-loures.pt/web_bv/Docs/RegulMun_ToponimPolicia.pdf>. Acesso em: 15 out. 2014.

ZONA LESTE DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.zonalestedesp.com.br/mapa-da-zona-leste-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

ANEXOS

ANEXO A- Transcrições das entrevistas

Entrevista 01
Data: 23/02/2013
Informante: OPR, 75 anos
Endereço: Rua Rafael Zimbardi
Pesquisadora: MOREIRA, M. M. M.
Revisora: CARVALHINHOS, P. J.

- Qual é o nome completo do senhor?

- *OPR.*

- OPR. Qual é a data do nascimento do senhor?

- *Vinte e sete do dez do trinta e sete.*

5 - Onde que... onde que o senhor nasceu? Local de nascimento.

- *No estado foi o Rio Grande do Norte.*

- E qual o nome da cidade?

- *Parelhas.*

- Esparelhas?

10 - *Parelhas.*

- Parelhas. E tem quanto tempo que o senhor mora aqui na vila?

- *Aqui já tem uns quarenta e três anos mais ou menos, quarenta e cinco, nessa base.*

- E antes de o senhor morar aqui, o senhor veio de lá do Rio Grande do Norte, onde o senhor morou antes?

15 - *Eu vim para cá eu vim da Paraíba, do estado da Paraíba.*

- E da Paraíba o senhor veio direto morar aqui na vila?

(Provável aceno de cabeça afirmativo por parte do informante.)

- Para o senhor, qual o nome aqui do bairro?

20 - *Para mim quando eu comprei aqui o terreno era vila Central, quando eu comprei o terreno aqui era vila Central, depois começaram a misturar com Lapena, Lapena, Lapena, Lapena, Lapena, depois misturaram com Nair, aí ficou coisa danada, ninguém sabe o que é. Então às vezes vem correspondência pro Nair, vem correspondência pro Lapena, mas não para Central. Mas nós compramos o terreno como vila Central.*

- E o senhor comprou o terreno foi o que, foi um loteamento? Como foi?

- 25 - *Foi, foi loteamento, foi, foi feito loteamento.*
- Eh... e o senhor sempre morou aqui, nessa rua?
- *Não, eu já tive uns seis meses, um ano mais ou menos... não, foi mais. Agora não me lembro, eu morei de aluguel, cheguei aqui em sessenta morei de aluguel até sessenta e cinco aí no Alto Pedroso.¹²⁰*
- 30 - Ah...
- *É, foi cinco anos de aluguel.*
- Aí depois o senhor...
- *Aí vim pra cá.*
- Aí o senhor quando veio morar aqui na vila o senhor já veio morar aqui mesmo?
- 35 - *Já vim morar na minha casa.*
- O senhor construiu aqui e veio morar aqui?
- *É, construí, é verdade.*
- Eh... E como que era aqui essa rua aqui antigamente?
- *Aqui era uma chácara, uma chácara. Aqui tinha pouquinhos casas, pouquinhos. Não*
- 40 *tinha... nosso loteamento não tinha umas quatro casas (?)¹²¹ tinha umas quatro ou cinco casas.*
- E em volta era mato, era como?
- *Em volta era mato, debaixo da linha¹²² era um capinzal, criava carneiro, matava carneiro, porco, eh... essas coisas, era um curral.*
- 45 - Era um curral, então. E essa rua aqui, que o senhor mora, sempre teve esse nome?
- *Não, não, não, ela não tinha esse nome, não. Eu não me lembro, não. Eu não me lembro quando é que veio essa Rafael Zimbardi. Essa rua não tinha, não. Se tinha outro nome a gente não sabia. Fica na beira da linha. Era beira da linha.*
- Beira da linha, então.
- 50 - Beira da linha.
- Aí depois quando deu o nome...

¹²⁰ Referência ao Jardim Alto Pedroso, bairro do distrito de São Miguel, conforme tabela 2.

¹²¹ Em trechos como esse, indicados por ponto de interrogação dentro de parênteses, não foi possível compreender o que foi dito.

¹²² Referência ao “lado de baixo da linha do trem”.

- Depois veio essa Rafael Zimbardi nem me lembro quando. É.

- E, deixa eu ver aqui. E, assim, quando as pessoas passavam aqui como é que elas chamavam aqui a rua? Era rua da linha, como que era?

55 - Olha, a gente nem tem bem tem uma lembrança assim.

- Chegou a chamar de estrada?

- Não, ninguém falava sobre isso só tinha um Bu.. passava em cima da linha, aquele passava em cima da linha do ferro pra passar pra São Miguel, e, o pessoal conhecia mais o Buraco, era o Buraco, mais ou menos tipo lá no Buraco, lá do Buraco. É, não tem assim aquela especificação de nome não. É.

60

- E antigamente, logo que o senhor veio morar pra aqui, como é que funcionava? O senhor falou que tinha só umas quatro casas, o que as pessoas faziam aqui na vila? Elas se encontravam? Ou ia lá pra cima¹²³ quando ia fazer alguma coisa, como que era a vida?

65 - Era lá pra cima, aqui tem um impo..., tem um mercado aqui, um mercadinho pequeno, um emporiozinho pequeno. Tinha um empório pequenininho que era do Bezerra ele servia alguma coisa, pouquinho coisa. Depois é de uns anos lá pra cá é que botaram um mercado maior, mais aí comprava tudo em São Miguel.

- Tudo precisava ir pra lá.

70 - Tudo era comprado pra lá. Não tinha nada aqui. Aqui tinha coisinha pequenininha, mas se queria a compra do mês era São Miguel.

- E mais lá pra baixo, como que era?

- Ah, o Lapena também começou nessa época nossa aqui. O Jardim Lapena começou nessa época nossa já tinha umas casinhas, mas era poucas. Tinha mais um pouco na Nair, lá embaixo.

75

- Na Nair foi antes então do Lapena?

- Foi, a Nair foi a primeira. Lá perto do túnel. Tinha, a Nair tinha mais umas casinhas. Pro Lapena não tinha quase nada e havia também uma chácara.

- E pra lá do rio, tinha já alguma coisa?

80 - Não, ali era limpo, ali era limpo. Não tinha nada, do rio para lá não tinha nada. Não me lembro que tinha nada ali, não. Há uns anos no passado tinha o governo Quércia, foi no governo Quércia, noventa e, não sei o que, se oitenta se noventa, inventaram uma tal de Brocolândia porque tinha uns blocos, uns blocos de concreto pra construir então o pessoal diz Brocolândia.

¹²³ Referência ao “lado de cima” da linha do trem, ou seja, à parte histórica e comercial de São Miguel.

- 85 - Mas foi o governo que deu os blocos ou o povo que comprou?
 - *Foi, foi o governo que deu, aliás foi o Quércia que deu para fazer aquela vila, mutirão né.*
 - Ah, isso aqui no Mutirão...
 - *Não, esse aqui não, o outro lá, o lá depois do rio.*
- 90 - Esse já existia?
 - *Não, esse veio também agora, esse veio de noventa pra cá, é noventa, dois mil, essa base.*
 - Mesma época então esse Mutirão e...
 - *Não, o de lá foi antes. A Brocolândia foi, a Brocolândia (risos)*
- 95 - Devia ser Blocolândia, né? (risos)
 - *O pessoal já botava Brocolândia (risos). Então esse Mutirão aqui, esse conjunto aí ele começou de noventa pra cá. Invadiram a área. Eu me lembro quando invadiram a área. E depois já o... mas foi a Erundina, se não me engano foi a Erundina que prometeu a Cohab, né, prometeu material pra gente construir. E eles construíram e tão aí.*
- 100 - E me diz uma coisa, o senhor sabe o motivo que... o senhor falou que aqui cada correspondência vem de um jeito, vem Lapena, vem Nair, o senhor sabe de onde que vêm esses nomes que tem?
 - *É...*
 - Lapena, Nair, o senhor sabe por quê?
- 105 - *O Lapena foi porque me parece que o terreno era do Lapena, esse... terreno era mais ou menos da família Lapena. Então botaram Lapena. E essa Central aqui não sei porque botaram, devia ser a Central, Estrada de Ferro Central, né, mais ou menos foi isso, que antigamente aqui era Estrada de Ferro Central do Brasil. Então devia de ser a Central do Brasil, eles botaram então Central. Pode ser isso.*
- 110 - E o Nair, será que é por que?
 - *Nair não sei, foi a primeira vila, né. Vai ver foi alguma, alguma senhora Nair que tinha pra lá e botaram... (risos)*
 - E o senhor já ouviu falar Gabi também aqui?
 - *Gabi, tem Gabi. A Gabi é (pausa) não era Gabi? Vila Gabi, onde é Gabi mesmo?*
- 115 (pausa) Sabe que agora você me pegou agora, vila Gabi? Tem a Gabi. Deixa eu ver se a Neusa sabe.

- Não, mas é o que o senhor lembrar. Se o senhor não lembra não tem problema não.

- vila Gabi... (pausa) Eh... (pausa) Nair, Lapena, a nossa aqui (pausa) e a Gabi (pausa). Não, não tem correspondência com a vila Gabi, não, mas tem essa vila Gabi aqui.

120

- E ali mais pra lá, pros lados...

- Ali tem só uma rua, tem duas ruas daqui pra lá. É a rua Salinas do Açú... Ô Neusa¹²⁴, onde é a vila Gabi?

- Aqui é vila Gabi. [Interrupção de terceiro]

125

- Ah (risos) eu moro e não sei, arranjaram mais essa agora. Então quer dizer, Lapena, é... Nair, Lapena, Central que era aqui agora virou Gabi (risos)

- Tem de tudo.

- Rua da Balsa, né... (Interrupção de terceiro)

- É, rua da Balsa é lá embaixo, era lá embaixo.

130

- Lá perto da lagoa...

- É, é, aí é rua da Balsa.

- Ah...

- Gabi, de onde é que arrumaram essa vila Gabi? Não tô sabendo dessa vila.

- O senhor não conhece nenhuma Gabi, não? (risos)

135

- Não, já ouvi falar na Gabi, mas não sabia que era nossa vila não.

- E me diz uma coisa, o... aqui a Rafael Zimbardi, o senhor sabe por que é que tem esse nome? O senhor sabe quem foi esse Rafael Zimbardi?

- Não, não sei não, sei não, sei não. Eu não sei de nome de Rafael Zimbardi, não sei não. Dorval, Dorval Svizzero, Dorval Svizzero, eu na minha cabeça, eu pus na minha cabeça que era um senhor que tinha aqui na... perto do farol, chamava, a gente chamava ele de Vavá mas parece que era Dorval, e ele era muito amigo do Jânio Quadros, Jânio Quadros era muito amigo dele. E eu acho que foi Jânio Quadros que deu esse nome.

140

- Da Dorval José?

145

- Quando ele foi prefeito, por causa do Vavá. Eu acho. Pus na cabeça que era porque a gente chamava ele de Vavá, e depois eu, eu, li, como é que é, liguei as coisas, Vavá com Dorval.

¹²⁴ Filha do sr. OPR.

- Dorval.

- *É, então eu acho que foi Jânio Quadros que mandou dar esse nome pra essa rua.*

150 - E a Salinas aqui do Açú?

- *Salinas também não sei, foi o (?) arrumaram.*

- E aí quando viu de repente já tava a placa?

- *Não sei.. Ah, já tava a placa no (?)*

- Igual Rafael Zimbardi mesmo também, né?

155 - *É, é, eles resolve depois (?) a opção, (?); (??) Então acontece isso a gente não sabe das coisas.*

- Olha, era isso que eu queria perguntar...

[Fim da entrevista]

Entrevista 02
Data: 23/02/2013
Informante: OBL, 78 anos
Endereço: Rua Dorval José Svizzero
Pesquisadora: MOREIRA, M. M. M.
Revisora: CARVALHINHOS, P. J.

- Qual é o seu nome completo?

- *Meu nome completo é OBL.*

- Eh... OBL. E qual a sua data de nascimento?

- *É catorze de fevereiro de trinta e cinco.*

5 - Você nasceu onde?

- *Ceará.*

- Qual o nome da cidade?

- *É, Felizarda né, a gente chama (?) mas é Felizarda a cidade.*

- E tem quanto tempo que você mora aqui no bairro?

10 - *Aqui no bairro mesmo, aqui, nesse pedaço aqui¹²⁵, é é uns quarenta cinquenta anos viu, já, porque... eu quando eu cheguei aqui o Laércio¹²⁶ tava com quatro anos, né, nessa vila aqui. Ele, ele morreu com trinta e nove, com quarenta e nove, né.*

- Então...

- *É mais ou menos por aí...*

15 - Uns quarenta, cinquenta anos mesmo, já.

- *Uns quarenta, cinquenta anos...*

- E antes de você morar aqui na vila, você morou onde?

- *Eu morei, oia, eu morei, quando eu cheguei eu morei quase que quase aqui, só que era do outro lado. Não tinha umas casas ali da Miragaia¹²⁷ ali... na frente ainda tem.*

20 *Agora atrás não tem, não sei se tem muito mais, nem aqui ó...*

- Do outro lado da linha?

- *Do outro lado da linha.*

- Aí você morou lá?

¹²⁵ Referência ao “lado de baixo da linha do trem”, como sinônimo de “aqui no bairro mesmo” e de “nessa vila aqui”, na mesma fala.

¹²⁶ Filho da informante, falecido em 2007.

¹²⁷ Imobiliária de São Miguel.

25 - *Morei ali quando eu cheguei, né. Fiquei ali mais de um ano. Aí depois fui morar na Eduardo Pedroso¹²⁸ ali no começo da Pedroso¹²⁹, né, depois fiquei lá, o Laércio nasceu lá. Então, eu fiquei lá mais ou menos uns quatro ou cinco anos morando lá. Depois nós fomos morar na, na vila Rosário¹³⁰. Lá embaixo, perto da Nitro Operária¹³¹. Aí depois, bom, eu morei em tanto lugar, morei na Curuçá¹³², morei no Ermelino¹³³, mas assim, quem morava de aluguel né, achava uma casinha melhor já mudava. Era assim. Aí dali*
 30 *da (pausa) dali da... da vila Rosário eu vim pra casa da fábrica, que era aqui, do outro lado da linha. Tinha as casa da fábrica aqui, né, aí dali. Quando eu saí dali eu fui para a vila Nitro Química¹³⁴, casa da fábrica também, né. Aí depois foi a separação. Quando eu as, fui morar na vila Nitro Química, eu fui pro Ceará e separamos. Aí eu já fiquei, já quando eu cheguei eu já fiquei morando aqui. Aí pronto, aí foi só aqui.*

35 - Aí aqui você comprou?

- *É, aí não, aqui eu não comprei, eu fiquei morando em aluguel também. Casa da mãe, da vó da Márcia*¹³⁵*, ali. Daí de lá dessas casas lá aí eu vim morar bem aqui perto da casa da tua mãe aqui atrás, era uma casa que tinha aí. Aí dessa casa aí é que eu vim morar aqui. Aqui eu não comprei, eu casei no civil com o dono da casa, né.*

40 - A casa já tava aqui, já tava construída?

- *Já tava aqui, construída. Só que não era essa, era outra casa velha, aí o Laércio que construiu o resto (pausa). Aí foi depois também o desquite, separação, essas coisas, aí fiquei aqui com o Laércio aqui até que ele morreu.*

- E você tá aqui.

45 - *Eu tô aqui.*

- E, e pra você, OBL, qual o nome aqui do bairro? O nome do bairro, como é que chama aqui?

- *Nossa, aqui é assim, é Jardim Lapena todos, todos é Jardim Lapena, mas tem a avenida que é Rafael Zimbardi.*

¹²⁸ Referência à rua **Eduardo Prim Pedroso** de Mello, oficializada pelo decreto n. 15.605, de 27 de dezembro de 1978, mas que já era conhecida pelo mesmo nome. Fica próxima à praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, no centro histórico de São Miguel.

¹²⁹ Referência à Vila Pedroso, bairro do distrito de São Miguel, conforme tabela 2.

¹³⁰ Referência à Vila Rosária, bairro do distrito de São Miguel, conforme tabela 2.

¹³¹ Referência à Cidade Nitro Operária, bairro do distrito de São Miguel, conforme tabela 2.

¹³² Referência à Vila Curuçá, distrito pertencente à subprefeitura do Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo.

¹³³ Referência a Ermelino Matarazzo, distrito pertencente à subprefeitura de mesmo nome, na zona leste de São Paulo.

¹³⁴ Referência à Cidade Nitro Química, bairro do distrito de Jardim Helena, pertencente à subprefeitura de São Miguel, conforme tabela 2.

¹³⁵ Referência a moradora do Jardim Lapena, conhecida por ser a proprietária da padaria da rua Dorval José Svizzero.

50 - Uhum. E, e além de Jardim Lapena eles chamam aqui de outro nome? Tem, tem outros nomes ou todo mundo chama de Jardim Lapena?

- *Todos chamam de Jardim Lapena, de Jardim Lapena. Agora pra lá da escola pra lá é Vila Nair.*

- Pra lá da escola é Vila Nair?

55 - Vila Nair.

- E aqui na... como que era aqui essa região dessa rua aqui antigamente, na época que você veio morar aqui do lado de baixo da vila?

60 - *Quando eu vim morar aqui na, quando eu vim morar da casa da fábrica nós não tinha água encanada, nós não tinha asfalto. Era tudo terra né. Água encanada, não tinha um açougue ali na esquina perto do mercado? Então ali tinha uma torneira, água de rua. A minha casa tinha água encanada porque vinha da, da Nitro¹³⁶, mas não era da Nitro, era do rio Tietê, para lavar roupa, pra essas coisas, né. Água tratada de lá da Nitro eles tratavam para mandar pros funcionários. Então nós lavava a roupa essas coisas. Agora para beber, para comer nós vinha pegar ali como que você tava*
65 *carregando água pra cá.*

- Isso era em que ano mais ou menos?

- *Isso aí foi em mais ou menos em (pausa) setenta, setenta e pouco, mais ou menos por aí.*

- Essas, quando você fala dessas casas da fábrica, onde que elas ficavam?

70 - *Era... não tem a rua da Bosta, assim que o povo fala, rua da Bosta?*

- Sei...

- *Tá gravando rua da Bosta? Então, ficava lá dentro assim da Nitro mesmo.*

- Do muro da fábrica?

- *Do muro da fábrica, ela ficava lá dentro.*

75 - E aí tinha as casas que os funcionários moravam. Mas as pessoas que vieram morar aqui por aqui também era gente que trabalhava na Nitro?

80 - *Não, não, não, que morava aqui mesmo na vila Lapena era gente mesmo que vinha e comprava, né, com o Zé do Mercado¹³⁷ Zé da (?) Quando eu cheguei ele já tava, ele morava no bar mesmo. Tinha uma casinha atrás que era o açougue, que é o açougue, ali ele fez uma vendinha. Então aí dali ele foi multiplicando, multiplicando, foi comprando, que ele comprou muita terra, muito terreno aí, né. Aí ele fez o mercado, fez*

¹³⁶ Referência à empresa Companhia Nitro Química.

¹³⁷ Referência a José Bezerra, comerciante da região.

esse prédio do mercado fez casas do outro lado, fez supermercado, né. Aí montou o mercado, não era mais a lojinha, era o mercado. Mas o... vendinha, era o mercado.

85 - E, me diz uma coisa, você falou que aqui sempre, é, sempre foi Lapena ou já teve outros nomes assim?

- Não, não, quando , do tempo que eu mudei pr'aqui toda vida foi Lapena, toda vida.

- E, e você sabe por que se chama Lapena?

90 *- Ah, eu não sei, eu não sei. Nunca fiquei sabendo porque, né. Só é Lapena, né. Aí multiplicou assim, com Vila União, com o...,né. Mas é o centro aqui é vila Lapena e avenida Rafael Zimbardi.*

- E aqui a rua aqui, a José Dorval...

- É, aí tem as ruas, José Dorval, tem cada... as coisas que desce é uma rua, né...

- E sempre teve esse nome aqui ou já teve outro nome aqui a rua?

- Era passagem Particular essa rua aqui.

95 - E aí esse nome José, quem é esse José Dorval?

- Não sei quem é.

- De repente...

- Aí de repente vieram por esse José Dorval...

- E passou a chamar e...

100 *- Era passagem Particular toda a vida que a gente fazia compra era passagem Particular número quatro era o meu número, é, da casa. Agora é Dorval trinta e um.*

- E me diz uma coisa, antigamente tinha muita casa aqui, pouca casa, como que era?

105 *- Não, era pouca casa, né, porque tinha muito terreno ali pra baixo, da Deise¹³⁸, da Sônia¹³⁹ ali, tinha muito terreno, aí meu ex-marido ele tinha contato com o dono do desses terreno, sabe? Aí o dono dos terreno veio aqui e deu uma ordem pra ele vender, né. Que aí meu marido vendeu. Todos esses terreno que tinha aí ele vendeu pra o povo dali mesmo pra, pra construir. Aí era o advogado, ele vinha aqui, aí assinava e meu marido vendia. E foi vendendo como ele vendeu tudinho terreno aqui na avenida mesmo subindo tem uns lugar que ele vendeu. E quem ia depois pagar, deixar o*
110 *dinheiro, era eu ali no advogado.*

- E, e quando você fala avenida, qual avenida que é?

¹³⁸ Referência a moradora da rua José Dorval Svizzero.

¹³⁹ Referência a moradora da rua José Dorval Svizzero.

- *É a avenida é aquela a...*

- A Zimbardi?

- A Zimbardi.

115 - E, e qual era, quem era esse dono desses terrenos? Era uma pessoa? Era uma empresa?

- *Não, ele era advogado.*

- Você não lembra o nome?

- *Você sabe que eu esqueci do nome do advogado? E eles vinha muito aqui em casa. Nossa, eu esqueci do nome dele. Deve ter nas escrituras das, das casas que vendeu.*

120 - E, e como que era, era, era... você falou que era os terrenos...

- *É, era os terrenos.*

- *É já estava loteado, quando foi feita essa divisão desses terrenos?*

- *Não, tava loteado tudo, tudo. Agora tem muito paralela com eles que foi invadido, que era da prefeitura.*

125 - Ah, até onde que era terreno e qual parte que é invadida, você sabe?

- *Sabe assim, nessa rua ali pro outro lado ali onde a Márcia mora a... do outro lado, na... tem a nossa rua e tem a outra.*

- A Salinas do Açú ou a... ou a outra, do outro lado?

- *Não, do outro lado, não na avenida, na rua...*

130 - A Petrônio?

- *É, tudo foi invadido, tudo.*

- Aquela parte ali é invadida.

- *Ali embaixo foi tudo invadido.*

- Agora a...

135 - *Porque nós chamava a mulher de... que invadiu muito, fez muita casa alugou, e família dela fez casa, nós chamava ela de Erondina. É eu e o Luis Alberto¹⁴⁰ começou a chamar ela de Erondina.*

- Agora, já do lado de cá, essa rua aqui e a outra era loteada?

- *Era tudo loteada.*

¹⁴⁰ Referência ao ex-marido da informante.

- 140 - E, e pros lados ali do, do curral. Como que era?
 - *Pro lado dali foi onde o Zé que comprou tudo, sabe, e ele mesmo que vendeu.*
 - O Zé é o seu ex-marido?
 - *Não, o Zé...*
 - O Bezerra?
- 145 - *O Bezerra.*
 - O Zé Bezerra¹⁴¹. Ali já ali já foi ele que...
 - *Já ali já foi ele que comprou tudo aqueles lotes lá e ele que vendeu.*
 - Ali também foi loteado então?
 - *Foi tudo loteado.*
- 150 - E pra você assim, OBL, onde que termina o Lapena, onde começa a Vila Nair, a Vila União, pra você na sua cabeça como que é isso?
 - *Não, a Vila Nair ela começa da escola pra lá, é.*
 - E ela vai até onde?
 - *Do grupo pra lá. Vai até o (pausa) o viaduto, né. Aí do viaduto pra lá já começa a*
- 155 *Vila União*.
 - E você sabe como que foi a história lá da Vila União, se...
 - *Não, essa história aí da Vila União eu não sei, né, se foi, não sei se ela foi invadida se foi comprado lote. Só sei que quando a gente viu já tava tudo cheio de casa*
 - E isso foi em que ano mais ou menos?
- 160 - *Ah, isso aí foi mais ou menos em noventa, oitenta, mais ou menos por aí.*
 - É mais recente, né?
 - *Mais recente.*
 - Ai, obrigada, OBL...

[Fim da entrevista]

¹⁴¹ Referência a José Bezerra, comerciante da região.

Entrevista 03
Data: 23/02/2013
Informante: JR, 78 anos
Endereço: Rua Doutor Almiro dos Reis
Pesquisadora: MOREIRA, M. M. M.
Revisora: CARVALHINHOS, P. J.

- Qual que é o nome completo do senhor?

- JR.

- E qual é a data de nascimento do senhor?

- *Quinze de março de trinta e cinco.*

5 - E o senhor nasceu onde?

- *Nasci em Sergipe.*

- Qual o nome da cidade?

- *Olha, vou por, eu sou de Pedrinhas mas Pedrinhas não era nada, o registro e tudo é de Araúá.*

10 - Araúá.

- *Então põe Araúá porque o registro é de Araúá mas porque foi registrado lá Pedrinhas não tinha cartório, então registra Araúá.*

- Tá.

- *Mas nasci e me criei em Pedrinhas.*

15 - Tá, e o senhor está morando há quanto tempo aqui no bairro?

- *Aqui?*

- É.

- *Desde sessenta e setenta peraí, peraí desde sessenta e cinco.*

20 - Desde sessenta e cinco. E antes de o senhor vir morar aqui no bairro o senhor morou onde o senhor já quando o senhor veio de Sergipe o senhor veio morar aqui ou já morou em outro lugar?

- *Ah, quando eu vim de Sergipe eu fui morar ali no Nitro Operária morei setenta dias. depois fui para o Parque Paulistano¹⁴², Parque Paulistano morei dois anos. Depois vim aqui para entra essa rua, que era rua Três de São Miguel é, hoje é.. ô Eni, Êni, como que chama é a a antiga rua Três lá como é que chama ela?*

25

¹⁴² Referência ao Parque Paulistano, bairro do distrito de Jardim Helena, pertencente à subprefeitura de São Miguel, conforme tabela 2.

- Rua Três é a o, meu Deus, Arlindo Colaço¹⁴³, ah esqueci [interrupção de terceiro]
- Não tem problema não seu JR, mas era...
- A rua Três.
- Que é lá para cima da linha ali perto do centro de São Miguel?
- 30 - É, não a rua Três, a rua três de São Miguel, porque tinha a rua Três de Nitro Operária e rua Três de São Miguel.
- Entendi, aí depois de lá, depois de lá o senhor já veio para cá ou morou em outro lugar?
- De lá eu já vim aqui para o Lapena.
- 35 - Aí o senhor já veio morar aqui nessa casa nessa rua?
- Não, eu vim morar aqui nessa rua aqui da dona Lula¹⁴⁴.
- Ah, o senhor morou na rua da dona Lula?
- Isso.
- Como que chamava essa rua da dona Lula na época?
- 40 - Essa aí?
- É.
- Era rua B.
- Rua B. Aí agora aí depois já virou, agora acho que é, qual o nome de lá, Maria Zillio Augusto?
- 45 - Sabe que eu não lembro?
- Não tem problema não, não tem problema não. E me diz uma coisa, para o senhor, seu JR, qual o nome aqui do bairro aqui?
- Aqui?
- É.
- 50 - Aqui toda vida, desde que eu vim para aqui, é Jardim Lapena.
- E tem outros nomes que as pessoas chamam ou todo mundo conhece por Jardim Lapena?

¹⁴³ Rua situada no centro de São Miguel. É a antiga rua Seis, conforme decreto n. 4.963, de 10 de novembro de 1960.

¹⁴⁴ Referência à dona Lula, que tem um comércio na rua Maria Zillio Augusto.

- Não, desde que criou isso aqui é Jardim Lapena. Só que as ruas foi mudado os nomes das ruas tudo. Jardim Lapena e essa rua aqui é rua Um.

55 - Uhum.

- Depois foram mudado os nomes e hoje está , como é o nome hoje?

- Essa rua aqui do senhor então era rua Um então...

- Era rua Um.

- E depois aqui já mudou de nome?

60 - Ah, já mudou umas duas ou três vezes.

- O senhor não lembra os nomes antigos?

- Olha, era rua Um, depois foi para a rua.. Deixa eu ver... Eu tenho carta que vem ainda no endereço antigo ainda.

- Ainda tem?

65 - Tem carta que vem... Ô, Eni¹⁴⁵!

- Não, seu JR, deixa o senhor, depois eu pergunto para a Êni.

- Esse nome aqui? Porque hoje com é?

- É Gomes Cardim [interrupção de terceiro]

- Gomes Cardim.

70 - Era rua Um, primeiro era rua Um. Depois passou para Gomes Cardim aí depois foi Doutor Almiro dos Reis. [interrupção de terceiro]

- Ah, tá.

- Agora lembrei Doutor Almiro dos Reis. Viu como eu tô esquecendo?

75 - Ah, e me diz uma coisa, seu JR, na época, na época que o senhor veio morar aqui na vila, como que eram as coisas aqui? O que que tinha, o que que não tinha, tinha muita gente, como que era?

- Tinha, tinha pouquinha gente.

- Rua José Otoni¹⁴⁶, era antiga rua Três depois agora é rua José Otoni. [interrupção de terceiro]

¹⁴⁵ Luciene, filha do sr. JR.

¹⁴⁶ Rua situada no centro de São Miguel. Era a antiga rua Napoleão Laureano, conforme decreto n. 7.094, de 21 de julho de 1967.

- 80 - Aham.
- É lá.
- Ah, sei qual é.
- Como era aqui?
- É.
- 85 - Não tinha quase ninguém, menina, era pouquinha gente. Quando vim morar aqui não tinha esgoto, não tinha luz. Água para beber era poço, tinha... era difícil poço que prestava, a gente ia buscar lá onde vocês moram encostado que era a antiga torneira.
- Sim.
- A gente ia buscar água para beber lá.
- 90 - E, e aí desde sessenta e cinco que o senhor mora aqui nessa casa?
- Nessa casa.
- Lá na rua da dona Lula o senhor morou lá quanto tempo?
- Olha, morei quase uns três anos ou mais.
- E aí aqui já estava loteado nessa época enquanto o senhor já morava lá e depois loteou, como que foi?
- 95 - Não, não, aqui já estava loteado, minha filha.
- A casa já estava construída tudo ou era só o lote?
- Não, eu comprei o lote. Olha isso aqui eu conheço isso aqui... que por aqui não existia, aqui onde eu moro era uma olaria.
- 100 - Aham.
- Era cheio de olaria essas baixadas todas em sessenta, em sessenta e um sessenta e dois, era cheio, era dos Lapenas, né, então o campo São Miguel, o campo São Miguel era aí, pega a rua a rua B, essa outra rua que antigamente era C, essa rua de lá, a outra era campo São Miguel e eu tinha o Alcides e a família dele mora aí antigo, ele dava leite para nós lá na fábrica, trouxe a gente nessa sede velha aí e a gente se divertia.
- 105 - A sede era perto do campo? A sede era perto do campo?
- Pertinho do campo, o campo era aí mesmo. Até hoje está de pá encostado a escola ali aquele salão que está fechado tem aquela outra sede de lá.
- 110 - Era encostado na escola então a sede, onde hoje é a escola?

- Não, tem a escola e tem o salão, está até fechado. Esse salão que é pegado com esse depósito de gás, esse depósito de gás.

- Uhum.

115 - Quer dizer que eu vinha para aqui porque eu me divertia, o rapaz o Alcides... era diretor aí da sede e porque nós trabalhava, junto vinha um monte, vinha aqui se divertir no domingo, aqui cheio de mamoneira, cheio de olaria. Passou um tempo, o doutor Oséias chegou comprou essa área toda.

- Quem era o doutor?

120 - Era um grandão que o escritório dele era lá na Brigadeiro Luís Antônio¹⁴⁷. Então ele comprou dos Lapena essa área e loteou.

- Ele era da família Lapena?

125 - Ah, eu não sei, eu sei que ele comprou e loteou. Eu tinha até quem loteou isso aqui aproveitou até foi um colega meu ele, é até aleijadinho de um braço, o seu Abdias, seu Abdias que a mulher dele era... ele era muito conhecido, muito... cuidava muito com a minha esposa né, então o seu Abdias chegou a guardar terreno para mim sessenta dias para comprar e eu não não queria eu não quis. Não quis, morando de aluguel eu não quis. Depois foi que surgiu isso aqui e eu comprei o terreno já começado e fiz o rancho, mas aqui, quando eu vim para aqui fiquei quase dois anos aí na no candieiro, sem luz.

- Uhum.

130 - Não tinha luz, essa área aqui do Gaúcho, aqui na rua B até a rua de lá não tinha casa, era mato.

- Uhum.

- Era uma porção aqui da frente era mato também, essa casa do velho aí quando eu vim para aqui não tinha, ele comprou isso aí. Eu sei que era mais mato que outra coisa.

135 - E foi tudo loteado pelas mesmas pessoas então?

- Não, foi construído pelas pessoas que comprou porque o homem comprou e loteou, fez as ruas e a turma foi comprando os lotes, né.

- E por que que todo mundo chama aqui de de Lapena?

- Lapena?

140 - É.

¹⁴⁷ Referência à avenida Brigadeiro Luís Antônio, próxima ao centro de São Paulo.

- (Risos.) *Essa é uma pergunta muito importante. Sabe, porque chama aqui Jardim Lapena? Porque aqui era dos da família dos Lapena, e foi os Lapenas que venderam e lotearam e puseram Jardim Lapena por causa da família dos Lapena.*

145 - Tem gente aqui perto também fala de vila Gabi, de Vila Nair; e essas, o senhor sabe por quê?

- *Lá onde vocês moram toda vida o nome era vila Gabi, toda vida.*

- E por que vila Gabi, o senhor sabe?

150 - *Ah, vila Gabi, tá entendendo? E... Gabi, eu, me falaram porque tinha uns uma uns carneiros que tinha lá que aquele rapaz tinha, carneiros e ele tinha um curral aí, e por causa disso dessa matança de carneiro aí nesses matos aí tudo que hoje tá tudo loteado, tem os prédios e tudo, o nome quando eu cheguei aqui já era vila Gabi, aqui Jardim Lapena. Vila Nair já existia quando cheguei em cinquenta e nove. Em cinquenta e nove eu entrei na fábrica e uma família antiga que mora aí que o pai era o Alcides que estudou Advocacia, já aposentado, ele trabalhava comigo, quando que entrei na*
155 *fábrica ele dava leite para nós e era diretor nessa sede e trouxe eu e um monte aí e aí nós passamos a tocar isso aí para se divertir. E era nessa sede velha aí.*

- E que era na Vila Nair?

- *E que era na Vila Nair.*

- E o nome Vila Nair, porque que será que era?

160 - *Não sei menina, não sei, quando cheguei o nome já era Vila Nair, o porquê eu não sei. E nunca, Vila Nair nunca viu, nunca, olha em cinquenta e nove eu cheguei aqui não existia o Lapena aqui, em cinquenta e nove. Eu já vinha me divertir, não morava aqui mas já em cinquenta e nove, sessenta, não tinha vendido aqui. O que tinha era umas três ou quatro olarias aqui por baixo, da família Lapena.*

165 - Uhum.

- *Então eu desci para aqui e me diverti por causa desse rapaz, é o pai do Rogério, o Alcides, trabalhou, trabalhava lá comigo ele era diretor aí e trouxe nós aqui para dançar, se divertir aí. Aqui era tudo mato. Até dia de domingo, cinquenta e nove, sessenta, a gente não tinha pra onde ir lá para São Miguel nós descia uns três, quatro,*
170 *cinco passear com as namorada por aqui pelas olarias.*

- Mas era só mato, não tinha assim lugar para passear...

- *Não era loteado! As olarias, né, era cheio de olarias.*

- Aí o pessoal vinha passear?

175 - *O campo já era aí pertinho, a gente inventava que ia correr, mas mentira, a gente vinha só para andar, só para andar.*

- E me diz uma coisas, seu JR, o senhor falou que aqui era rua Um, aí a Êni lembrou que depois virou Gomes Cardim e agora Almiro dos Reis. Gomes Cardim o senhor sabe por que que mudou ? E quem, que nome é esse?

180 - *Olha, antes de Gomes Cardim, me parece, agora lembrei, foi rua Um, depois se não me engano Serra da Juruoca e depois Gomes Cardim. Olha, era rua Um, depois Serra da Juruoca e depois que veio o Gomes Cardim.*

- Gomes Cardim. E por que Serra da Juruoca?

185 - *É, então eu não sei, e Serra da Juruoca é aquela lá de baixo agora, porque depois... Era rua Um, depois Serra da Juruoca e depois Gomes Cardim, que até hoje de vez em quando chega carta porque Gomes Cardim ficou muito tempo.*

- Almiro dos Reis é mais recente?

- Hein?

- A que é agora.

- É, é mais recente, é.

190 - Quando o senhor veio morar aqui ainda era rua Um?

- Era rua Um.

- O senhor pegou todos esses nomes, então?

- Foi, rua Um.

- Mas o senhor não sabe por quê?

195 - *Quando eu vim aqui era rua Um, lá em cima da linha sabe a... até hoje não mudou nome, a outra, a Pascoal Zimbardi não mudou o nome, entendeu? Aí começava a outra, a rua C, depois rua B, entendeu?*

- E essas depois mudou os nomes né, mas aquela lá da linha então sempre foi Rafael Zimbardi?

200 - *É, sempre foi a Rafael, a outra do asfalto também sempre foi a mesma coisa.*

- Também sempre foi a mesma. E o senhor não sabe quem é esse Rafael Zimbardi aí não, né?

- Hein?

- O que deu o nome lá da rua o senhor não sabe por que não, né?

205 - *Sim, tem tinha a Rafael, a...*

- Pascoal.

- Pascoal, depois tinha a rua A, depois da rua A, C e B.

- Era A, C e B, então?

- Isso, A, C e B. E ficou muito tempo com esses nomes aqui.

210 - E aqueles lá dos lados da Vila União, seu JR, é mais novo aquilo lá, né?

- É mais novo, ô, lá é bem mais novo. Eu não sei que tempo foi, mas eu já tava aqui já, ha uns três ou quatro anos aqui que fizeram lá, venderam. Venderam, não, puseram... o povo invadiu, depois pararam aí povo continuou e pronto, hoje está uma cidade.

- É verdade.

215 - Hoje está de um jeito que o Lapena... A Vila Nair já passou na televisão, minha filha, passou na televisão ano passado, muita gente viu. A Vila Nair essa é a vila mais pobre de São Miguel, Vila Nair. Porque você acredita que quando cheguei em cinquenta e nove, descí para aqui para me divertir porque o rapaz era o diretor aí, a Vila Nair a mesma coisa. Você acredita? Ficou aí eu morando para lá, deixando o tempo vinha lá
220 uma vezinha ou outra aqui, quando chegava, a mesma coisa Vila Nair.

- Estacionou no tempo.

- Aqui, muito mais novo, aqui foi loteado se não me engano em setenta e dois parece uma coisa assim, setenta e dois ou setenta e um. O Nair, cheguei em cinquenta e nove já era mesma coisa, as casa... Olha, veio fazer algum sobradinho depois com o Lapena,
225 foi loteado, encheu de gente. Vila Nair ficou a mesma, mesma coisa.

- E me diz uma coisa, seu JR, o senhor acha que as pessoas que vieram morar para cá a maioria era porque trabalhava na Nitro ou o senhor acha que não tem nada a ver?

- Não, não tinha nada a ver com a Nitro Química. Porque tinha lá, vocês sabem porque vocês chegaram ainda tinha ainda lá pegado com a fábrica, tinha a casa dos guardas,
230 né, que era da Companhia, mas não tinha nada não, que nada. Eu tinha tanto colega aqui que nunca trabalhou na Nitro Química. Não, de jeito nenhum.

- Então não é verdade, não é que a maioria veio porque trabalhava ali que veio morar perto não é por isso não?

- Não, não, não, não. Nada disso, nada disso porque eu tinha uma porção de conhecido
235 que trabalhava na Santista¹⁴⁸, trabalhava no coisa... O Paulo aqui, o Paulo mesmo trabalhou nove anos na Santista, e a casa dele aí pegada comigo.

- Nunca trabalhou na Nitro?

- Ele trabalhou na Nitro Química.

- Ah, tá.

¹⁴⁸ Referência à fábrica Santista têxtil, que ficava no Tatuapé, bairro da zona leste de São Paulo.

240 - Mas ele trabalhou depois saiu entrou na Santista. Quando entrou na Santista comprou aqui e construiu. Quando ele construiu... Agora o pai dele assim, o pai dele trabalhou na Nitro Química. Mas eu tinha uma família de gente que saiu daqui. Que eles quando eu cheguei eles já estavam aqui. E trabalhava a família todinha deles, quase eles tudo trabalhava em Ermelino. Eles tudo trabalhava em Ermelino na... em em Ermelino.

245 - Então muita gente que veio morar aqui trabalhava em Ermelino também?

- É, muita gente trabalhava em Ermelino Matarazzo. Muita gente na Císper¹⁴⁹. Tinha um colega que... um colega até falou para mim: “JR, você não gosta lá embaixo da linha, você não se diverte lá? Compre um terreno lá!”. Digo: “Que nada, vou comprar terreno lá de nada!” “Lá é bom, rapaz, eu comprei!”. E ele não, e ele não trabalhava na Nitro Química, não. Ele trabalhava na Goodyear¹⁵⁰ e depois da Goodyear ele saiu e foi lá não sei para onde, né. Ah, tinha muita gente que não era aqui da Nitro Química não, de jeito nenhum. Menina, vou te falar... o Lapena eu não sei não, tinha muita olha, tinha muita gente que falava assim, muita gente dizia: “Vocês são doidos, vocês são doidos? Comprar terreno á embaixo com o gás da Nitro Química?”. Ah, aqui, olha, muitas vezes eu mesmo não queria falar que morava aqui no Lapena porque a Nitro Química era manjada para danar por causa do gás. Ih, minha filha, ó, eu vou falar. Eu tava lá em cima, lá em cima no Itaim¹⁵¹, lá pra os lados da Pires do Rio¹⁵², lá para cima. Tinha um baile lá, uma casona lá, a gente ia tudo para lá. Ah, foi um monte. “Vocês onde moram? Vocês tá doidos? Morrer lá naquele gás?” A gente às vezes perguntavam onde a gente morava a gente inventava para dizer que não morava aqui, por causa do gás da Nitro, porque o gás da Nitro... minha esposa aqui, meus filhos eram pequenos, eu trabalhando de noite. Muitas vezes ela saiu coitada doidinha lá para a portaria achando que eu tava morrendo porque quando a ilha funcionava, quando estouravam um disco estourava e explodia DUMMMM saía todo mundo para fora, aquela aquele fogão. Aí, ali pronto, dava um gás danado aqui nessa baixada, viu, e ninguém queria descer, uma porção, Deus me livre, não queria nem de graça. Tinha gente que vocês onde mora, para não mexer com a gente. Olha, ele não quer saber. Aqui, minha filha, muita gente não queria morar aqui não, por causa do gás da Nitro.

- Seu JR, era isso que...

270 [Fim da entrevista]

¹⁴⁹ Fábrica de produtos de vidro localizada entre as estações Ermelino Mararazzo e Engenheiro Goulart da CPTM, na zona leste de São Paulo.

¹⁵⁰ Empresa que fabricava pneus e saltos de sapato no bairro do Belenzinho, na zona leste de São Paulo.

¹⁵¹ Referência ao bairro do Itaim, no distrito de Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo.

¹⁵² Referência à avenida Pires do Rio, em São Miguel Paulista.

Entrevista 04
Data: 13/04/2013
Informante: LRR, 73 anos
Endereço: Rua Dorval José Svizzero
Pesquisadora: MOREIRA, M. M. M.
Revisora: CARVALHINHOS, P. J.

- Eu vou começar então, seu LRR. Qual o nome completo do senhor?

- L.

- L o quê?

- RR.

5 - LRR. E qual a data de nascimento do senhor?

- A minha?

- É.

- Oito do dez de mil novecentos e trinta e nove.

- Onde o senhor nasceu?

10 - *Nasci em... no município de França, estado da Bahia.*

- Ah, tá. É, e tem quanto tempo que o senhor mora aqui no bairro?

- *No bairro tem uns cinquenta, deixa eu ver. Espera, espera um pouco. Setenta e poucos, setenta e quatro cheguei aqui com vinte e quatro cheguei com menos. Eu casei com trinta anos. Cheguei tô com... é, mais ou menos cinquenta anos.*

15 - Cinquenta anos?

- É.

- Antes de morar aqui o senhor morou onde?

- *Então, antes eu morei mais no Brás¹⁵³ mesmo, para ser sincero eu morava no Brás. E trabalhava na numa empresa de Duratex¹⁵⁴, conhece a Duratex? Duratex tu conhece?*

20 *Essas folhas Duratex. O que que é Duratex é essas você já trabalhou em obra cê já usou Duratex para alguma coisa, essas placas de Duratex enorme assim¹⁵⁵.*

- E aí o senhor, aí o senhor morava lá no Brás perto da firma?

- É, eu trabalhei pra firma...

- Aí depois...

¹⁵³ Bairro na zona leste de São Paulo, próximo ao centro da cidade.

¹⁵⁴ Empresa de folhas de madeira para construção.

¹⁵⁵ O informante começou a conversar com o pai da pesquisadora, que estava na sala no momento.

- 25 - *Eu morava aí eles me cederam um uma parte lá da da propriedade pra eu ficar morando. Depois eu fui transferido por essa mesma propriedade, mesmo, mesmo dono para a Vinte e Cinco de Março¹⁵⁶ e na Vinte e Cinco de Março eu fiquei morando é na Consolação¹⁵⁷.*
- Aham.
- 30 - *Na rua Consolação durei, durei mais ou menos oito dez anos morando na Consolação.*
- Aí depois o senhor veio pra cá.
- *Depois eu vim pra São Miguel Paulista.*
- Aí já aqui pro lado debaixo da linha do trem?
- 35 - *Eu morava ali na praça onde hoje é chamado de antes era chamado de (pausa) quer ver, do lado da praça, até era dono de uma imobiliária. (pausa) Peraí (pausa) aonde que eu conheci minha esposa, como é que eu fui lembrar esquecer agora? (pausa) Eu vou perguntar pra ela agorinha. Você vai gravar isso aí tá?*
- Tá. Vou parar aqui. [pausa] Hã?
- 40 - *Vila Miragaia, fica ali na praça.*
- Ah sim, Miragaia.
- *Sabe onde é, né?*
- Sei, sei.
- *Sabe ali Miragaia, ali do lado da praça. Ali eu morei muitos anos.*
- 45 - Aí depois o senhor já veio morar aqui nessa casa?
- *Depois eu me casei, era a minha esposa, depois a gente se casou e vive e viemos pra cá. Ela, eu me casei com ela ali na casa onde era do outro lado da pista. Depois eu, eu fiquei morando lá, eles vieram morar aí aí eu me casei com ela aí e aí a gente se (?). Aí eu comprei essa casa aqui, nos fundos.*
- 50 - Ah, e pro senhor, seu LRR, qual que é o nome aqui do bairro?
- *Aqui pra ser sincero é Jardim Lapena mesmo, né. Jardim Lapena, mas esse Jardim Lapena, esse espaço que a gente tá contando aqui dessa rua Particular era vila Central, antiga vila Central. Essa rua chamava rua Particular.*
- Uhum.

¹⁵⁶ Referência à rua Vinte e Cinco de Março, na região central de São Paulo.

¹⁵⁷ Referência à rua da Consolação, na região central da cidade.

- 55 - *Da vila Central.*
- E hoje em dia, tem outros nomes que é chamada qui?
- *Hoje é rua Dorval, na não, aqui ali vila Gabi antigamente era um um, era um local de matadouro de curral de de matadouro de animais de cabrito, de (?) de tudo, eles viviam. Aquele rapaz aquele gordão¹⁵⁸ que mora lá é parente do fundador daquela*
- 60 *região ali que tinha currais e tal.*
- Uhum.
- *Ele tinha até um time, o Gabi, como que é o nome daquele time lá, o time que tem o, o carneirão, o bode?*
- Do, do Silvinho?
- 65 - *Do Silvinho, então, é esse.*
- Sei. E aí pro senhor Gabi é ali então.
- *Ali é Gabi. A verdadeira vila Gabi é ali.*
- Aqui é Lapena?
- *Aqui é Jardim Lapena.*
- 70 - Tá.
- *Jardim Lapena.*
- E, e como que era a rua aqui quando o senhor veio morar aqui?
- *Aqui era um, era uma rua particular, uma travessa particular. Não era nem rua. Passagem particular, era uma passagem porque não tinha asfalto, não tinha água não*
- 75 *tinha nada disso, aqui era uns poço, aqui era um quintal enorme, todas as casas era assim. O quintal, uma casinha lá nos fundos e um quintal com poço, com poço.*
- Uhum.
- *Então a gente ia buscar água no, na torneira. Ali na na na antiga passarela que tinha ali onde tinha onde fizeram um açougue, ali era do José Bezerra. Ali chamava o Zé, o*
- 80 *Zé da Torneira, era o Zé, José Bezerra. Então o apelido ficou sendo Zé da Torneira. Então a gente buscava água pra beber lá. E a água que a gente pra consumo para lava de roupa a gente puxava do chão mesmo.*
- Uhum.

¹⁵⁸ Referência ao Silvinho, morador do bairro.

85 - Era trazida aqui colocava uma bomba e puxava a água do chão aqui do subsolo, né, e levava pra caixa d'água e aquela água que saía era pra uso, pra tomar banho para lavar roupa essas coisas, né.

- E, e lá embaixo, era o quê?

90 - Aí continuava até uma certa altura ali aquela, aquela rua que tá hoje bem movimentada agora, a única que tem ali que sai lá na Sociedade¹⁵⁹ é, é Berigan travessa Roland Berigan.

- Hum.

95 - Ali num tinha rua nenhuma mão, ali é é um era a beira do do rio Tietê. Então, o rio Tietê ele quando quando lotava de água ele vinha com água até ali em cima, o Tietê, que ali passava o rio Tietê. Onde está esse córrego aí atualmente, ali era o rio Tietê. Era parte do rio Tietê que passava lá pra Nitro Química e ia embora. Depois foi com a foi sá, é retirado daí, né, o Tietê e ficou o córrego, até antigamente aquele local lá que hoje chamam de União de Vila Nova, Vila União, mas ali não era, não era assim, ali era o Pantanal. Próximo à lagoa Verde, beira do rio Tietê então passava o rio Tietê até
100 Matarazzo que era ponte que vai lá.

- Sei.

- Então isso era aí então enchia tudo de água, era um lamaçal tremendo aí...

- E a lagoa era ali perto?

- A lagoa logo depois tinha a lagoa Verde, a famosa lagoa Verde.

105 - E aí o senhor falou, seu LRR, que aqui antes era rua Particular...

- Era passagem Particular.

- Logo que...

- Nos meus documentos quando eu comprei foi quando eu tenho os documentos que prova disso aí quando adquiri o terreno aqui era passagem Particular.

110 - E, e aí logo quando mudou, mudou pra esse nome que tem agora?

- É, aí veio o, o asfalto, tudo e aí foi, foi mudado o nome da rua da rua oficial como rua Roland Berig..., não, não, essa nossa aqui, Dorval José Svizzero.

- E, e o senhor sabe porque que mudou o nome? Quem foi esse...

115 - Mudou porque o Dorval era o Vavá o dono de um de um comercio que tinha ali na na avenida aqui São Miguel ali na próximo à Doutor Américo¹⁶⁰ ali em cima e tudo tinha

¹⁵⁹ Referência à Sociedade dos Amigos do Jardim Lapena, local de reunião dos moradores do bairro.

uma padaria e ele tinha um comércio muito forte, o Vavá e o nome dele era Dorval Svizzero. Durval José Svizzero. Em homenagem a ele porque ele contribuiu bastante com ajuda, com o pessoal aqui da região e tudo, assim, com a sociedade e tudo ele ajudou dando prefer... dando ajuda. Porque aqui a passagem era ali ó, passava por cima da linha, ali não, não tinha os ônibus, não tinha aquela passarela ali, ali passava carro, tudo por ali, a ali era a passagem oficial, chegou a ser atropelado carros ali uma época ali, uma perua uma vez, matou umas quatro pessoas de uma família, uma Kombi né. Então a passagem de, de todos nós era por ali. E aqui também ao lado nós tinha o chamado buraco. Essa passagem que sai da praça, a praça Padre Aleixo e descia pra aqui. E a rua principal de São Miguel era essa rua da Balsa, que é essa rua do lado aqui.

- A aqui que agora é a Salinas do Açú?

- Salinas do Açú.

- Que chamava rua da Balsa?

130 - Rua da Balsa oficialmente que ele ali até a balsa ali a gente passava de balsa em cima do Tietê.

- Pra ir lá pra Guarulhos?

- Pra ir lá pro outro lado, é, pra Guarulhos.

- Olha só, isso eu não sabia...

135 - Passava por uma balsa, é uma balsa mesmo. Ela, ela ficava boiando em cima de um negócio assim... boiando a balsa ficava ali em cima.

- E isso em que ano mais ou menos?

140 - Antes disso havia até balsa também de remo. Antes de de nós vir pra aí porque isso era de uma região de indígenas que morava aqui na região, por isso que tem também os nomes anteriores.

[interrupção]

- Então aqui era, era só isso, porque só essa rua que era oficial. As outras era tudo era passagem Particular.

145 - E como é que as pessoas falavam? Ah, eu moro na passagem Particular? Ou, ou tinha outro jeito de falar?

- Não, era passagem Particular. Chamavam de rua Particular mas era passagem Particular.

- E aí as pessoas falavam assim: Ah, onde você mora? Eu moro na...

¹⁶⁰ Referência à rua Doutor Américo Sugai, onde se situa o Mercado Municipal de São Miguel.

- 150 - Na Gabi, antes essa ficou chamada, conhecida como [interrupção] Era conhecido como vila Gabi porque era o único nome próximo. Mas depois foi transferido pra vila, pra Jardim Lapena, em homenagem aos Lapenas, porque eles tinham propriedades aqui. Tanto é que existe aí, aí não sei se você viu um monte de mato aí...
- Uhum.
- 155 - Que ali era tudo assim, até lá era assim, onde fizeram esse Mutirão aí esse negócio aí também, tudo era matagal aí, só mato. Então ali pertenceu aos Lapenas e foi adquirido pelo governo para fazer esse conjunto habitacional aí, então é homenagem aos Lapenas.
- E quando o senhor comprou aqui era lote ou já tinha casa construída?
- Eu comprei já tinha uma casa construída nos fundos.
- 160 - Uhum.
- Aqui quando eu comprei, quando a me, a minha sogra comprou ali também na frente tinha uma casinha nos fundos. E na minha também já existia uma casinha aqui nos fundos.
- 165 - E, e antigamente seu LRR como que eram as coisas aqui on... o que que as pessoas faziam? Tinha algum ponto de encontro? Algum lugar que as pessoas iam?
- Não, aqui nós não tinha nada pra pra pra...
- Passear?
- 170 - Pra fazer passeios aqui num porque não tinha como. Então a diversão das das pessoas aqui a maior parte era no cine Lapena que era onde é essas igrejas aí na praça, na praça Padre Aleixo, e a Nitro Química tinha... descendo da Nitro Química uma um salão de bailes que era aos sábados, todos sábados a gente frequentava bailes e, e lá embaixo tinha um clube da, clube da (pausa) como é o nome da empresa aí, da Nitro, clube da Nitro Química, era um clube com salão de festas e um campo de futebol. Então as pessoas frequentavam lá com essa finalidade. Nós mesmos dançávamos lá de
- 175 domingo, era uma diversão tremenda. Só lá, a gente ia até a pé, andava todo mundo andando a pé porque não tinha muito movimento.
- Isso em que ano mais ou menos, seu LRR?
- Ah, eu me casei com, eu me casei com trinta anos...
- É, então de trinta e nove, o senhor, o senhor casou em sessenta e nove então.
- 180 - É, eu me casei em mil novecentos e setenta na verdade mesmo, trinta e um anos então. Eu me casei em mil novecentos e setenta. E a minha esposa casou com nove anos, dez anos menos que eu.

- Uhum. E aí foi nessa época, logo que vocês vieram pra cá já já tinha esse movimento então, a diversão era essa.

185 - *Já e a gente ia pra lá todos namorando, tudo, a gente já ia fazer aqueles passeios, né, porque não existia outro. Tinha o cinema, o Cine Lapena¹⁶¹, que era uma diversão tremenda aí.*

- E o senhor falou que a rua de cá era a rua da Balsa?

- Rua da Balsa.

190 - Que agora é Salinas do Açú. E a de lá qual que...

- *Não, essa ruazinha não tem a rua ainda lá do lado ainda, é um nomezinho agora...*

- Não tinha ainda, que agora é Petrônio?

- Petrônio.

- Isso.

195 - Petrônio também é homenagem a um Petrônio.

- Que morou lá?

- *Não, ele é da região que devia ter casa aí ou ou, né, na época esse pessoal era mais destacados né porque tinha poucos moradores e donos de propriedades aqui na região, então foi por isso que botaram. E aí tem esse... essa rua principal aí também que é homenagem a um ex, um ex morador da região.*

200

- Que é a Rafael Zimbardi?

- *Zimbardi é da família Zimbardi.*

- Que tem a Pascoal Zimbardi também né, a do colégio?

- *Tem a Pascoal a, é, exatamente, tudo em homenagem aos Zimbardis, da família Zimbardi.*

205

- E a que se desenvolveu primeiro? Foi esse lado de cá ou foi aquele depois daquela rua da feira lá?

- *A principal foi aí porque nós tínhamos a pa... a outra passagem oficial que era o túnel. E nós tinha uma sociedade amigos ali embaixo, tem da da Nair, a sociedade...*

210 - A, o, Narinho¹⁶²?

¹⁶¹ Cinema que ficava na praça Padre Aleixo Monteiro Mafra. Foi transformado em uma igreja neopentecostal.

- Não, Nair.

- Outra?

215 - *Era outra. Narinho foi outro caso que aqui depois foi montado essa aí, mas lá embaixo nós frequentamos inclusive tinha festas de casamento, eles alugavam pra pra festas e tudo assim né, e aniversários e a formaturas, tudo né e era era lá embaixo tinha até fotógrafo, faziam a reportagem na época e eu fiz muita reportagem ali também.*

- Então lá era mais movimentado do que aqui?

- Era mais, era mais.

- Agora já lá na União já é mais recente, né?

220 - *União foi, foi o seguinte. Uma, a igreja católica tinha um padre muito amigo do povo aí, esqueci até o nome dele. E ele, ele frequentou a... os moradores lá e fez uma reunião com o grupo e fez uma solicitação pro governo ceder aquela área lá para eles fazerem um... uma união de vila nova. Um grupo que iriam começar a morar lá. Aí tinha uma quantidade não lembro nem o total de pessoas que foram nomeadas mas era muita gente, famílias...*

225

- Isso foi quando?

- Ah, esqueci também.

- Década de oitenta? Noventa?

230 - *Por aí, uns oitenta e pouco, por aí. Aí foi feita a União de Vila Nova pra cá, não lá continuação não, depois aí não parou mais, o pessoal começou...*

- Pra cá o senhor diz pra cá do rio ou depois do rio?

- Depois do rio.

- Depois do rio?

235 - *Depois do rio ali era aquelas primeiras casas ali são oficializadas, porque depois foi liberada a área e o governo com certeza né, recebeu alguma coisa em troca né...*

- Agora já mais pra lá...

- *Pra lá aí não não aí não deu, deu a continuidade do crescimento que é comum mas aí já se trata mais de invasão porque não existia, não existia vila residencial ali não.*

- E pra lá ainda é Vila União ou já é outro nome?

¹⁶² Referência a um antigo morador do bairro, falecido recentemente, que foi por muito tempo presidente da Sociedade de Amigos do Jardim Lapena. Comumente, se usava o nome dele para se referir à Sociedade.

- 240 - *Ficou, né, conhecido como União, Vila União, tanto é que passam peruas aí vai pra União, vai tudo pra lá, e cheio de comércio e igrejas, essas igrejas que estão produzindo aí, né...*
- E pro senhor, seu LRR, o senhor falou da vila Gabi, falou do Lapena, falou da Vila Nair e falou da União. Pro senhor, onde começa um e termina o outro? Na cabeça do
- 245 senhor como funciona? A Gabi vai de onde até onde? O Lapena de onde até onde, a Nair de onde até onde?
- *Não, a Gabi ela, ela encerra aqui nessa rua.*
- Na nossa, aqui?
- *Não, não.*
- 250 - Na, na...
- *Na outra rua.*
- Na Salinas do Açú?
- *Dali pra cá não é mais Gabi, é Lapena.*
- Aham.
- 255 - *Daí dessa rua, dessa rua daí pra cá é Lapena.*
- Aham.
- *E a Lapena vai até na direção da divisa com a Gabi que é próximo às escolas lá.*
- Aham.
- *Não tem aquelas escolas ali?*
- 260 - Sei, o colégio.
- *Então, ali dali pra lá já é Nair.*
- Já é Nair. E a União?
- *União é depois do túnel.*
- Aí passa o primeiro ou segundo túnel?
- 265 - *Até o túnel, o primeiro túnel, até o primeiro túnel ali é até até passar o ga,, não tem o riacho ali?*
- Aham.
- *Então, ali pra cá tudo é da Vila Nair, pertence à Vila Nair, agora depois que ali não existia residencial ali era e, ali era mato, matagal, pessoal passava de... é mas ali era,*

270 *era o pessoal que fazia plantações, tinha aquelas chacrazinhas assim né. Mas não era terreno de moradias não. Era moradias do proprietário e do espaço né, mas não era rua, não eram ruas oficializadas não, né. Agora hoje você viu que está cheio de ruas lá né?*

- Sim.

275 *- E desenvolveu muito mais do que aqui que... tem prédios, tem sobrados, tem tudo cresceu bastante ali.*

- Sim.

- E faltava, né, esses espaços pra morar...

- Sim.

280 *- Que até eu queria falar com ele é, é não tem esse espaço aqui vazio que tem essas ,
essas frutas, essas frutas ali aquelas manga, aqueles negócios, caqui tudo? Isso aí
podia o governo devia entrar nessa história e desfazer esse pessoal daí e vender esses
essa esses terrenos pra fazer conjunto habitacional, não era melhor do que esse espaço
aí tudo ocupado por, por uma tudo de muro você as famílias moram lá dentro e pronto
285 e muita gente precisando de espaço para morar, então o governo podia se interessar
por isso...*

- Seu LRR, eu vou...

[Fim da entrevista]

Entrevista 05
Data: 16/10/2014
Informante: JSM, 72 anos
Endereço: Rua Servaia
Pesquisadora: MOREIRA, M. M. M.
Revisora: CARVALHINHOS, P. J.

- Qual é o nome completo do senhor?

- É *JSM*.

- Qual a data de nascimento do senhor?

5 - *Eu nasci no dia , no no dia vinte e três de janeiro de mil novecentos e quarenta e dois, eu fiz setenta e dois anos agora em janeiro.*

- O senhor nasceu onde

- *Eu nasci em Minas Gerais lá em, lá em Santana do Manhuaçu.*

- Tá, e há quanto tempo que o senhor mora aqui no bairro?

- *Aqui tá passando já vai para vinte e um anos que eu moro só aqui*

10 - Nessa casa?

- *Agora que eu comecei a fazer casa aqui já tem uns vinte e quatro anos, tem uns três anos fazendo casa que eu morava em Cumbica¹⁶³.*

- Ah, e o senhor veio para São Paulo quando?

- *Eu vim para São Paulo em noventa, mas eu vim para Cumbica.*

15 - Ah tá, aí o senhor morou um tempo em Cumbica.

- *É, e compramos aqui ficamos fazendo casa aqui mas eu morava na Cumbica.*

- Ah, o senhor trabalha construindo casa?

- *Não.*

- Trabalhava, né.

20 - *Não, não trabalhava com casa não, os outros que fez para mim. Eu era borracheiro, trabalhava em prensa de borracha.*

- Ah, entendi.

- *Era prensista.*

- Entendi.

¹⁶³ Bairro do município de Guarulhos.

- 25 - *Eu não fazia casa, não sei fazer nada de casa, eu falo que tô fazendo uma casa agora em Itaquá¹⁶⁴, até seu pai trabalhou lá, você soube?*
- Ah, a minha mãe falou.
- *Ah, é, não sei fazer casa isso aí faz melhor do que eu.*
- O senhor faz as casas para alugar, é isso?
- 30 - *Não, eu tô fazendo só essa agora que tinha uns dinheiro por aí eu tirei, mas não quero saber de muita casa não. E eu gostei de lá também que às vezes deu vontade de morar lá né.*
- Entendi.
- *E algum tempo eu quero ver de morar nesse lugar lá em Itaquá.*
- 35 - Ah, entendi. E seu JSM, é, para o senhor qual que é o nome do bairro aqui, dessa casa onde o senhor mora?
- *Ah, você fala o nome do bairro aqui? Aqui eles falam assim que aqui é Vila Nair e já fala União de Vila Nova mas diz que União de Vila Nova é para baixo né, mas aqui é tudo União de Vila Nova, né.*
- 40 - Fala para baixo onde?
- *Agora nos documentos de conta de luz vem como Vila Nair.*
- Vila Nair.
- É.
- E o pessoal fala que União de Vila Nova é a partir de onde?
- 45 - *Eles falam que é mais para baixo aí mais na invasão.*
- Entendi.
- *Entendeu, né?*
- E, assim, desde que o senhor veio morar aqui no bairro, o senhor veio já para essa rua aqui, né?
- 50 - *Foi, nessa casa e nessa rua. Nunca saí daqui.*
- Qual que era o nome dessa rua?
- *Quando eu vim pra'qui isso era rua Beta. Era o nome que vem no documento da escritura até hoje. Dos documentos das...até hoje eu vi o meu colega aqui que tem uma*

¹⁶⁴ Referência a Itaquecetuba, município da Região Metropolitana de São Paulo.

- 55 *casa, ele deu o nome do Beta também. Poxa, vem Beta? Como nós faz? Falei, o documento vem como Beta, né.*
- Entendi, e o senhor sabe se antes de chamar Beta tinha tido nome?
 - *Não, eu só sei que o primeiro nome daqui foi Beta.*
 - E aí agora qual que é?
 - *É Servaia.*
- 60 - Servaia.
- *É rua Servaia e as pessoas daqui quando vão falar dessa rua falam Beta, falam Servaia.*
 - Servaia mais?
 - *É.*
- 65 - O senhor sabe desde quando que virou Servaia?
- *Ah, de desde que eu entrei pra aqui eles falavam Servaia, uns falavam a aqui tinha primeiro era Beta mas quando eu entrei já era Servaia.*
 - E a plaquinha já era de Servaia?
 - *Não tinha nem placa aquele tempo, mas (?) era Servaia.*
- 70 - Mas na escritura estava Beta?
- *Estava Beta.*
 - Entendi.
 - *Nos documentos da casa aqui que vem para pagar o imposto vem como Beta.*
- 75 - E quando o senhor veio morar aqui como que era o bairro? Era muito diferente do que é hoje?
- *Ih... isso aqui até parente meu desanimava de vir aqui, era uma lagoa. A gente ia aterrando isso aqui. Ninguém sabe o que é isso aqui hoje. Você só via sapo gritando, aqui falava” olha, estou morando na roça mas o que é?”.*
 - Não tinha asfalto, né?
- 80 - *Não tinha água, não.*
- Água encanada?
 - *Água era nós por água aqui foi clandestino.*

- Foi clandestino?

- É.

85 - Hoje em dia já está tudo legalizado?

- Normalizado tudo. A água aqui era clandestino. A luz que eu pus na minha casa aqui era do vizinho ali, agora nem sei se a dele era clandestino, só sei que eu peguei de lá dele. Não era não, já era luz paga mesmo. Eu pagava metade, né?

- Ahan, entendi. E o senhor sabe por que que chama aqui de União de Vila Nova?

90 - Isso aqui chama União de Vila Nova e eu não sei por que... não porque toda vida chamou, mesmo quando era sem casa eles falavam.

- Quando não tinha casa nenhuma já falavam?

- É (?) União de Vila Nova.

- E Vila Nair que o senhor falou que vem nos documentos, já sabe por quê?

95 - É, Vila Nair pertence do lado de lá, né, uma metade que é onde você mora ali é Vila Nair, metade para cá né, e os documentos vêm como Vila Nair quer dizer que nós pertence um pouco que ela Vila Nair lá (?)

- Para o senhor o que que divide o que é a Vila Nair para um lado e União de Vila Nova para o outro?

100 - Ah, não sei porque todo mundo fala que a Vila Nair é do ribeirão para lá e não é não. Tem umas ruas aqui que vem.

- E no documento, né?

- Não é, vem como Vila Nair quer dizer que não é isso, nós pertence né? Nós pertence a Vila Nair.

105 - E o senhor sabe por que que esse nome esse bairro, o que que significa, quem foi que deu esse nome, o senhor sabe?

- Não, isso aí não, isso aí eu não sei por conta de que que deram esse nome. Aí eu estou fora.

110 - E vai ter uma mudança dos nomes do nome da rua, então, né? Que o senhor estava me falando...

- Não, aqui eles mudaram, eu acho que agora vai ficar assim mesmo.

- Vai ficar desse jeito, Servaia?

- É que o que tinha de mudar mudaram aí a (?) ficou quieta. Até a Santa Catarina, Irmã Dulce mudou, que é uma rua antiga, né.

- 115 - Uhum.
- *Então eu acho que vai ficar como essa rua vai ficar com esse nome nosso mesmo. Acho que agora não muda mais não.*
- Tá certo, obrigada seu JSM.
- [pausa]
- 120 - Seu JSM, o senhor falou para mim agora que, quando o senhor veio morar aqui há vinte anos, como que era? Quantas casas que tinha aqui na rua?
- *Aqui, aqui tinha sete casas, aquele lá de baixo e lá de cima aqui.*
- Nessa rua?
- *Nessa ruinha aqui nessa ruinha pequenininha.*
- 125 - Sei.
- *Aí você vai pegá ali acaba aqui perto da escola.*
- Sim.
- *Tinha umas sete casas.*
- Só isso?
- 130 - É.
- E como o senhor falou que fazia para entrar em casa?
- *Ah, ali eu quando chovia que em dia sem ser de chuva não ficava assim tão molhado, né. Virava aquele brejo você via sapo gritando igual na roça aqui, aí eu pegava fazia uma carreira de tábua aquele de chuva que eu aterrei só aqui no rumo da casa para cima e fiz a casa né, aí eu fazia aquele pinguela para mim não passar dentro do barro. E eu saía para trabalhar amarrava um uma uns plásticos no pé, certo, até chegar ali na frente para passar (?). Era, era muito ruim mesmo.*
- 135
- Isso foi em noventa e quatro mais ou menos?
- *Não, isso isso aqui eu entrei dentro em noventa e três.*
- 140 -Noventa e três, vinte e um anos.
- *Quando chovia. Quando tava sem chuva ficava seco, mas chovia virava aquela lagoa, um brejo.*
- E quando foi, o senhor falou que tinha umas sete casas, e quando foi que veio o pessoal e construiu? Porque agora tá tudo construído aqui né?
- 145 - *Ah, acho que já tinha mais de cinco anos já tava gente entrando aí para baixo*

- Mas então por um bom tempo ficou com poucas casas aqui a rua então?

- Ficou, é. Eu ainda lembro que a gente passava aqui só tinha umas chácaras ali na frente ali.

- Onde?

150 - Lá onde mora o Haroldo, já ouviu falar?

- Não.

- Ali onde mora o Haroldo na rua (?) ali lembro tinha uma chácara, pra baixo ali era Pantanal, não tinha nada não.

- Não tinha ninguém morando?

155 - Não, ainda lembro.

- E assim, e outras ruas, porque as primeiras casas foram nessa rua aqui ou já tinha outro pessoal morando?

160 - Não, quando começou a coisa aqui endoidou a fazer casa começou a invadir tudo, entrou essa gente meio mandão, sabe, que tem uma gente diferente que não dá para falar muito. Entrou aí e só deixou o terreno de jeito, não mexeram não. Essa gente errada aí não mexeu com terreno não.

- Isso foi quando?

- Isso quando antes de eu mudar pra aqui já tavam invadindo aí para (?) quando eu fiz casa aqui já tinham umas casinhas já era (?)

165 - Mas aqui o senhor invadiu ou tinha já a escritura quando o senhor veio?

- Não, aqui foi comprado.

- O lote?

- É, isso aqui era (?) aqui não foi invadido não. Não tem a (?) lá de baixo?

- Sei.

170 - Ali já começa a União de Vila Nova. Dali para baixo é (?), pra cima tem documento. Pra você entendeu como é que é?

- Entendi, entendi. Tá certo então, obrigada.

[Fim da entrevista]

Entrevista 06
Data: 28/10/2014
Informante: JMM, 60 anos
Endereço: Rua Santa Catarina
Pesquisadora: MOREIRA, M. M. M.
Revisora: CARVALHINHOS, P. J.

- Qual que é o nome completo da senhora?

- *JMM.*

- E qual a data de nascimento?

- *Quatorze do onze de cinquenta e quatro.*

5 - Onde que a senhora nasceu?

- *Nasci em Recife.*

- E tem quanto tempo que a senhora mora aqui no bairro?

- *Trinta anos. Aliás no bairro aqui tem dezessete anos, mas tem trinta anos que eu estou aqui em São Paulo.*

10 - Antes de morar aqui a senhora morou onde?

- *No Recife.*

- Ah tá, mas a senhora falou que aqui em São Paulo tem trinta anos.

- *Tem trinta anos.*

- Tem dezessete aqui no bairro.

15 - *Aqui no bairro.*

- E onde que a senhora morou depois que veio para São Paulo?

- *No Ermelino Matarazzo.*

- A senhora morou lá em Ermelino por treze anos?

- *É.*

20 - E depois veio para cá?

- *Vim para cá.*

- E pra senhora... aliás, em que rua que a senhora mora?

- *Santa Catarina.*

- Ah, é essa rua aqui atrás?

- 25 - *Aqui, é.*
- E para a senhora aqui o bairro como que ele chama?
- *É União, para mim é União de Vila Nova.*
- A senhora conhece como...
- *Mas o povo, é, o povo fala que é Pantanal, Pantanal que eu sei é lá no Itaim, aqui é*
- 30 *União de Vila Nova.*
- Tá, e a senhora mora, sempre morou desde que a senhora veio aqui para o bairro a senhora sempre morou aqui na rua Santa Catarina?
- *Na mesma casa, construí minha casa com dificuldade, ainda nem terminei ainda. Mas*
- 35 *to aí, estou esperando a oportunidade que Deus me de a minha oportunidade que é*
- para mim poder terminar minha casinha.*
- E quando a senhora veio para cá como que era a rua, era igual está hoje em dia ou era diferente?
- *Não, hoje está uma maravilha porque antes era barro, né, meus filhos estudavam lá*
- 40 *no Pedro Nunes¹⁶⁵ eu tinha que sair daqui para o Pedro Nunes, muita gente falava*
- assim que por que que eu não trocava de escola, mas se eu morava no Ermelino eles*
- tinham que estudar no Pedro Nunes.*
- Sim.
- *Então eu nunca desisti, eu sempre levava de manhã, ia buscar de onze horas,*
- voltava...*
- 45 - Morando aqui?
- *Morando aqui. Numa dificuldade. Ia a pé, voltava a pé.*
- E essa rua Santa Catarina, ela tinha esse nome quando a senhora veio para cá ou mudou?
- *Não, não, Santa Catarina era a rua de trás que hoje é rua Núbia. Aí depois tiraram a*
- 50 *rua Núbia puseram a Santa Catarina para frente e deixaram a rua Núbia para trás.*
- E quem foi que fez essa mudança?
- *Não sei, não, não sei. Eu sei que trocaram.*
- E a senhora sabe por que que esse nome ou, por que que Santa Catarina, por que a origem desse nome?

¹⁶⁵ Referência ao Jardim Pedro José Nunes, bairro do distrito de Jacuí, pertencente à subprefeitura de São Miguel, conforme tabela 2.

- 55 - *Ah, não sei.*
- Não? E agora vai mudar de novo?
- *Já mudou.*
- Para que nome?
- *Para rua Rio Araçá, já, já trocou os nomes.*
- 60 - Mas não trocou a placa ainda?
- *Não trocou a placa, mas só que lá na frente, lá no começo da rua já está escrito.*
- É uma placa oficial ou uma que os moradores fizeram?
- *Não eu acho, eu acho que foram os moradores mesmo que colocaram. Só que eu já, já corri atrás da Prefeitura para atualizar os dados, né, e graças a Deus já atualizei*
- 65 *agora não sei se vai ficar essa rua mesmo.*
- E, e esse nome foram, quem foi que botou esse nome, foram os moradores? A senhora sabe?
- *Ah, não sei não. Eu sei que dizem que trocaram tudo o que foi nome de de só rio aqui, né. É Rio Araçá, Rio Itapuã, parece, é Rio sei lá do quê.*
- 70 - E tem quanto tempo que mudou? É recente?
- *É recente.*
- E como e que vocês ficaram sabendo da mudança?
- *Ai, meu Pai. Eu não sei como é que foi que surgiu isso aí. Eu sei que falaram que ia mudar e o Correio avisou que ia mudar e as correspondências não iam chegar.*
- 75 - E aí vocês tiveram esse problema?
- *É. Só que a minha minhas correspondências, água de luz e telefone e água, chega normalmente com a rua antiga. Só que coisa de banco, essas coisas, sempre tem problema.*
- Entendi.
- 80 - *Aí eu tive que ir na prefeitura, peguei o papel da prefeitura, levei na Eletropaulo, fui na Sabesp e o telefone a gente ligou e conversou. Eu sei que está vindo como Rio Araçá agora.*
- Entendi. É, e a senhora sabe por que, a senhora falou que a senhora conhece aqui como União de Vila Nova. A senhora sabe o motivo do nome do bairro?
- 85 - *Não sei.*

- Na época que a senhora chegou já era assim?

- *Já era, era o povo falava que era Pantanal. Aí eu falava, mas o Pantanal não é lá no Itaim? Porque Pantanal é aqui? E eu não sei.*

90 - Entendi, entendi. E assim, para a senhora, por que aqui tem outros bairros aqui... Tem União de Vila Nova, aí tem Vila Nair...

- *Tem Vila Nair, tem lá o Lapena...*

- E para a senhora onde que onde que começa um e acaba o outro? Para a senhora União de Vila Nova acaba aonde?

95 - *Eu acho que o uni..olha, o União de Vila Nova não pode começar aqui e terminar na Vila Nair porque a Vila Nair é aqui perto.*

- Hum.

- *Eu acho que termina lá no final.*

- No final onde? Lá na, na pista?

- *É lá no fim mesmo. Eu acho, não sei.*

100 - Mas a senhora diz no fim onde? Na pista? No rio, aqui? Onde?

- *Não, lá no, depois do Lapena.*

- Ah, para a senhora é tudo União de Vila Nova?

- *É, para mim é União de Vila Nova agora, não sei.*

- Então para a senhora Nair, Lapena é nome que nem tem...

105 - *Não, Nair tem, Nair, a Vila Nair eu sei que tem e a vila Lapena eu sei que tem.*

- Tá.

- *Agora a União de Vila Nova aí eu acho que é tudo.*

- É tudo? Tá certo, obrigada então, deixa eu finalizar aqui..

[Fim da entrevista.]

Entrevista 07
Data: 28/10/2014
Informante: RRS, 71 anos
Endereço: Rua das Andorinhas
Pesquisadora: MOREIRA, M. M. M.
Revisora: CARVALHINHOS, P. J.

- Qual é o nome completo da senhora?

- É RRS.

- A data de nascimento?

- A data de nascimento é de quarenta... dezessete de quarenta e três.

5 Dezessete de que mês?

- Dezesseis de ja... dezesseis de janeiro de quarenta e três.

- Tá. E onde que a senhora nasceu?

- Nasci no Ceará, Nova Olinda, Ceará.

- Nova Olinda?

10 - É, Nova Olinda, Ceará.

- E tem quanto tempo que a senhora mora aqui no bairro?

- Tem vinte e um anos.

- E antes de a senhora vir para cá a senhora veio direto do ceará veio morar aqui ou morou outro lugar?

15 - Não, eu nasci no Ceará, me criei no Ceará fui embora pro pro o Maranhão, lá eu me casei, tive meus filhos lá meus filhos são tudo maranhenses, né. Aí eu vim embora para cá.

- Aí a senhora já veio direto para morar aqui?

- Já vim direto pra morar aqui porque (?) veio na frente, moravam todos aqui.

20 - Entendi, eles moram aqui no bairro também?

- Não, foram embora.

- Ah tá, mas na época moravam?

- Na época moravam.

- Em que rua que a senhora mora?

25 - É, na rua, na rua Andorinha número setenta e seis...

- E desde que a senhora veio para cá é nessa mesma casa que a senhora mora?

- *É nessa mesma casa que eu comprei ela e hoje que mora minha filha e eu moro com minha filha.*

- Entendi. E para a senhora, qual que é o nome desse bairro aqui?

30 - *Filha, eu não sei, quando eu cheguei aqui eram, aqui era Pantanal. Depois de, agora, é, mudou União de Vila Nova, antes eu não sei o que era.*

- E tem quanto tempo deixou de ser Pantanal e passou a ser União de Vila Nova, a senhora sabe?

35 - *Eu acho que tem uns seis anos, por aí eu não sei muito bem, mas acho que tem uns seis anos.*

- E por que que chamava Pantanal?

- *É porque aqui, dizem que aqui era uma... era uma é uma lagoa. Isso aqui é mato.*

- Uhum.

40 - *A história que eu sei daqui, né. E então, e o banco comprou aqui o lugar, mas aí depois o pessoal invadiram, foram invadindo, foram invadindo, foram invadindo. Até que tornou agora do jeito que tá. Quando eu cheguei aqui era, Virgem!, era muito perigoso (?) Mas eu continuei, continuei, não vendi minha casa sabe a casa (?) construí em cima, to morando com minha filha, graças a Deus aqui está muito bom, mudou muito, eu vivo feliz.*

45 - E a senhora acha que essa mudança do nome do bairro tem a ver com a melhoria do bairro?

- *Eu acredito que tem.*

- E quem que deu esse nome novo União de Vila Nova?

- *Não sei, isso é coisa de de político.*

50 - A senhora não sabe quem foi que começou?

- *Não sei.*

- E por que será que esse nome? Tem um significado? Será que...

- *União de Vila Nova não sei também, não sei te que falar.*

- E a rua da senhora? A senhora falou que é a rua Andorinhas...

55 - *É, só que agora mudou, mudou muito nome de rua e o nome da minha rua mudou também.*

- Para qual?

- *Ai, Senhor...*

- A senhora não lembra, não tem problema.

60 - *Eu não lembro o nome dela, sei que mudou.*

- E antes de ser Andorinhas tinha outro nome ou sempre foi Andorinhas?

- *Sempre foi Andorinha.*

- E a senhora sabe por quê? Tinha alguma andorinha por lá?

65 - *Devo devo devo... nessa época ela era cheia de de de pássaros, né, que era só árvore e capim.*

- Aham.

- *Nessa época era cheio tinha muito pássaro, né, e acho que colocaram o nome de Andorinha por causa disso.*

- Mas quando a senhora chegou já tinha o nome, né?

70 - *Já tinha o nome já.*

- E a senhora não sabe quem é que deu o nome?

- *Não sei quem foi que deu esse nome dessa Andorinha.*

- Tá. E assim, aqui tem aqui a União de Vila Nova e tem outros bairros aqui do lado de baixo da linha do trem, qual que é, a senhora lembra os nomes?

75 - *Tem, não lembro não. De nenhum.*

- A senhora não não... Lá depois do rio como que chama a senhora não lembra?

- *Não lembro porque assim eu tô para falar. Eu tô aqui fazendo tratamento, tive mal pra caramba, tive depressão, entendeu, me deu um negócio na cabeça. Eu não sei nem, eu tô falando isso, tudo o que eu tô falando aqui é certo viu?*

80 - Aham.

- *Tô certo, só que eu não sei o nome das ruas tudo.*

- Ok, o que importa a senhora ser sincera. Obrigada, dona RRS.

[Fim da entrevista.]

Entrevista 08
Data: 28/10/2014
Informante: MRS, 72 anos
Endereço: Rua Porto do Sol
Pesquisadora: MOREIRA, M. M. M.
Revisora: CARVALHINHOS, P. J.

- Qual é o nome completo da senhora?

- *Meu nome é MRS.*

- E qual que é a data de nascimento da senhora?

- *Eu sou do.. de quarenta e dois.*

5 - A senhora lembra que dia e que mês?

- *Dia vinte e seis de setembro.*

- De mil novecentos e quarenta e dois?

- *É.*

- E onde que a senhora nasceu?

10 - *Nasci em Garanhuns, Pernambuco.*

- Pernambuco.

- *E, lá fiquei de novinha.*

- E tem quanto tempo que a senhora mora aqui no bairro?

15 - *Ih, tem muitos anos, tenho uma filha de tenho uma filha de quarenta de ó, filha de quarenta, eu tenho uma filha que mora aqui ela tá com trinta e dois anos, tem outra que mora aí nos predinhos está com vinte e dois anos e outra que mora aí com vinte e quatro anos.*

- Essa de trinta e dois quando a senhora veio para cá ela já era nascida?

- *Que nada.*

20 - Nasceu aqui.

- *Não, eu casei aqui em São Paulo.*

- Então tem mais de trinta anos que a senhora mora aqui no bairro?

25 - *Tem, fora no Paraná que eu morei. Eu morei no Paraná uns cinco anos, depois meu pai de criação, que meu pai mora na Bahia né, aí ele de cada mulher ele tinha um filho né? Aí meus tios que me criou. Aí agora estou com setenta e três anos, tem muitos anos que eu moro aqui*

- E a senhora veio para cá nova...

- *É, vim novinha.*

- Então tem já mais de trinta anos que a senhora mora aqui?

30 - *Ih, mais, tem mais, minha filha. Quando vim morar aqui que eu casei com meu marido. Casei não, tô junta, eu era viúva, aí casei no civil com um baiano e bebia muita pinga e depois morreu. Morava lá, lá em Jacuí, lá pra cima.*

- Entendi.

35 - *Aí depois eu saí de lá né, aí eu arrumei, conheci esse rapaz no Brás esse que mora aí. Aí o CDHU foi, tirou a casa da gente, foi uns prédio. Aí agora eu fico de uns estado de nervo n'eu, tô sempre doente, né.*

- A senhora mora lá nos predinhos?

- *Moro aqui embaixo nos predinhos, moro longe, minha filha.*

- Qual que é o nome da rua lá?

40 - *É a rua é a a Faria Lima, agora é, já é outro nome né.*

- A senhora não lembra o nome?

- *Hein?*

- A senhora não lembra o nome?

- *Não, eu esqueço o nome, antes mas era Faria Lima.*

45 - Mas quando alguém pede o endereço da senhora a senhora fala, a senhora fala Faria Lima?

- *Não, agora mudou a rua, né.*

- Ah, tá.

- *A rua já é outra.*

50 - Só que a senhora não lembra?

- *É.*

- Tá, e tem quantos anos que já tem esses predinhos?

- *Cinco anos que eu tô aí.*

- Ah, é pouco tempo então, né?

- 55 - *Pouco tempo. Que eu mudei praí é. Mas que o CDHU... que eu morava lá pra perto da praça Um, aí depois o CDHU foi lá e tirou as casas da gente.*
- E qual era o nome da rua que a senhora morava lá perto da praça Um?
- *Era Castelo... rua era aqui ó, aqui, rua Castelo Branco.*
- Castelo Branco?
- 60 - *É, rua Castelo Branco.*
- E lá a senhora morou por mais de vinte anos, então?
- *Foi, uhum.*
- Entendi, e para a senhora, dona MRS, esse bairro aqui qual que...
- *Mas eu ando por todo canto, ando de noite, ando de dia, não tenho medo de andar,*
- 65 *não.*
- Que bom. E para a senhora qual que é o nome do bairro aqui?
- *Aqui é São Miguel Paulista, né.*
- Mas aí a vila aqui não tem outro nome?
- *Então, aqui é Vila União.*
- 70 - Vila União.
- *É, Vila União União de Vila Nova.*
- E tem outro nome que eles chamam aqui?
- *É tem, tem, ó tem, tem a Castelo Branco aí, a Dez de Junho tem, tem a... ixe tem tanta rua aqui!*
- 75 - Não, não, mas não a rua, o bairro, por que chama de Vila União, mas tem algum outro nome que chama além de Vila União?
- *Não.*
- Não? É Vila União?
- *É Vila União de Vila Nova.*
- 80 - E quando a senhora veio morar aqui, como que era aqui o bairro? Era igual tá hoje? Mudou muito?
- *O nome dela era...*
- Não, mas não só o nome, o bairro em si, teve muita mudança?

85 - *Teve, era... tinha muito... morreu muita gente, morreu muita gente, era muita matarada. Aí nesse tempo quando nós vimo pra aqui morava de aluguel em São Miguel né, lá, aí depois meu marido foi fazendo um barraquinho, né, aí depois foi crescendo, crescendo, aí agora virou uma cidade lá.*

- Uhum, e lá nos predinhos é Vila União igual aqui no PROCEDU?

- *É, a mesma coisa.*

90 - Tá certo, obrigada, dona MRS.

[Fim da entrevista.]

ANEXO B – Quadro-resumo das informações sobre os informantes

Nº da entrevista	Informante	Idade	Naturalidade	Endereço	Bairro declarado	Tempo no bairro	Local da entrevista	Duração da entrevista
1	OPR	75	Parelhas-RN	Rua Rafael Zimbardi	Jardim Lapena	43 anos	residência do informante	09 min 27 seg
2	OBL	78	Felizarda-CE	Rua Dorval José Svizzero	Jardim Lapena	50 anos	residência da informante	13 min 49 seg
3	JR	78	Araúá-SE	Rua Doutor Almiro dos Reis	Jardim Lapena	48 anos	residência do informante	23 min 23 seg
4	LRR	73	França-BA	Rua Dorval José Svizzero	Jardim Lapena	50 anos	residência do informante	17 min 48 seg
5	JSM	72	Santana do Manhuaçu-MG	Rua Servaia	União de Vila Nova / Vila Nair	21 anos	residência do informante	08 min 59 seg
6	JMM	60	Recife-PE	Rua Santa Catarina	União de Vila Nova	17 anos	PROCEDU	06 min 00 seg
7	RRS	71	Nova Olinda-CE	Rua das Andorinhas	União de Vila Nova	21 anos	PROCEDU	04 min 50 seg
8	MRS	72 anos	Garanhuns-PE	Rua Porto do Sol	Vila União	30 anos	PROCEDU	04 min 24 seg

ANEXO C – Questionário semiestruturado

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Roteiro de questões – Questionário aberto – entrevista com moradores**(Millyane Magna Moura)**

1. *Nome completo*
2. *Data de nascimento*
3. *Local de nascimento*
4. *Há quanto tempo mora no bairro?*
 - a. *Onde morou antes de vir para o bairro?*
5. *Qual é o nome do bairro?*
 - a. *Há outro(s) nome(s)?*
6. *Sempre morou nesta rua?*
 - a. *Como era a rua antigamente?*
 - b. *Ela sempre teve este nome?*
 - c. *Qual era o nome anterior?*
 - d. *Como as pessoas usualmente denominavam a rua (estrada, avenida, praça, etc.)?*
7. *Como era o bairro antigamente?*
 - a. *Ele tinha outro(s) nome(s)?*
 - b. *Onde as pessoas se encontravam (pontos de interesse social), locais de comércio e compras, igreja, locais de passagem, atividades de lazer, escolas, trabalho.*
8. *Conhece o motivo do nome do bairro?*
9. *Por que sua rua tem esse nome? (Quem era a pessoa que originou a denominação?)*
10. *Nome anterior de outros locais?*

Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – sala 04
Cidade Universitária – CEP 05508-900
Tel.: (011) 3091 – 4294 – Fax: (011) 3091 – 5035

ANEXO D - Modelo de autorização de uso de gravação

 <p>FFLCH</p>	<p>UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS</p>
<h3>AUTORIZAÇÃO</h3>	
<p>Autorizo a transcrição e utilização de meu depoimento dentro do âmbito do Projeto Memória Toponímica de São Paulo, bairro a bairro, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Patrícia de J. Carvalhinhos e apoiado pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, e da pesquisa de mestrado de Millyane Magna Moura, do qual participei espontaneamente na qualidade de informante.</p>	
<p>Reconheço que as informações dadas em meu depoimento poderão ser utilizadas integral ou parcialmente, e declaro abrir mão de posteriores requisições.</p>	
<p>São Paulo, de de 200.....</p>	
<p>Nome do informante:</p>	
<p>Assinatura:</p>	
<p>Documento de Identidade:</p>	
<p>CPF:</p>	
<p>Pesquisador:(mestranda)</p>	
<p>Revisor:(prof. Responsável-coordenador do Projeto)</p>	
<hr/> <p>Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – sala 04 – Cidade Universitária – CEP 05508-900 Tel.: (011) 3091 – 4294 – Fax: (011) 3091 – 5035</p>	

ANEXO E – Modelo de ficha lexicográfica-toponímica

MODELO DE FICHA (CAMPOS GERADOS)	
Topônimo	Entidade Geográfica
Bairro	SD-BT
Estrutura do sintagma:	
Lat./long.....	
Denominação (ões) anterior (es).....	data de alteração:
Leis e decretos/fonte:	
Topônimos paralelos relacionados:	
Histórico (oficial da Prefeitura)	
Contexto (Transcrição: trecho ENT 1_INF1, linhas ... a ...)	
.....	
.....	
.....	
Abonações.....	
.....	
.....	
Análise linguística (morfológica, entrada lexical).....	
Taxionomia:.....	
Fonte:	
Pesquisador	data.....
Revisor	data.....